

Padres Népticos

FILOCALIA

VOLUME IV

PEDRO DAMASCENO A MACÁRIO O EGÍPCIO

Tradução do grego

Jacques TOURAILLE

Abbaye de BELLEFONTAINE

Sob supervisão do

Pe. Boris BOBRINSKOY

Tradução

Luis KEHL

MMXII

*A todos os mestres,
para retribuir e para transmitir.*

***AMARRA TEU BARQUINHO
NO NAVIO DE TEUS PAIS.***

PEDRO DAMASCENO

LIVRO PRIMEIRO

Pedro Damasceno

Nosso bem-aventurado Padre Pedro, que foi bispo de Damasco, viveu sob o reino de Constantino Coprônimo, ao redor do ano 770. Primeiramente ele levou sua vida na solidão e na anacorese, e numa pobreza tal que ele não possuía sequer um livro, como ele mesmo diz, recebendo de outros monges os livros do Antigo e do Novo Testamentos, dos doutores da Igreja e dos Padres népticos e teóforos. Ele se dedicou de tal maneira às penas da ascese que, estudando dia e noite a Lei do Senhor, irrigado pelos próprios rios da vida, ele foi em verdade, como diz o Salmo, uma árvore que se elevou até os céus, plantada às margens das águas do Espírito, da qual se diz que produz um único fruto quando chega o tempo.

Mas não é o que acontece com ele. Todo o tempo, continuamente e regularmente em flor, ele produziu frutos espirituais, belos de se ver, doces ao paladar, bons de sentir, nutrindo todos os sentidos do corpo e da alma, a mesma doçura do perfume de imortalidade que exalam. Em sua vida ele produziu os grandes e numerosos frutos amadurecidos nas penas de sua ascese, e maiores e mais numerosos ainda com sua morte, quando recebeu a coroa do martírio (pois, por haver denunciado a heresia dos árabes e dos maniqueus, Walid, o filho de Isim e príncipe dos árabes o exilou na Arábia, depois de cortar-lhe a língua. Foi lá que ele morreu.). E depois de sua morte ele continua a dar frutos em abundância, cada vez mais numerosos e maiores. Ele nos deixou, como uma herança paterna inalienável, este livro belíssimo e transbordante de virtudes, que redigiu com cuidado e com graça indescritível: busca comum de todas as virtudes para bem da alma, tesouro das contemplações, comunhão dos carismas do Espírito, montanha sagrada de beatitudes, cadinho das ações do corpo, finíssima análise das paixões, cornucópia da

ascese, lugar de conhecimento e de sabedoria divina, numa palavra, recapitulação da santa nepsis, sobriedade e vigília.

Sabendo nós de nosso parentesco com o presente livro, e o quanto ele contribui para conduzir a um fim que também é o nosso, acreditamos ser possível adaptá-lo àquilo que nos é mais necessário. Alguém poderá dizer em tom de brincadeira: adaptar um círculo a um círculo, uma grande filocalia a outra maior, uma mais vasta a uma mais concentrada. Pois não nos pareceu correto separar do coração divino dos santos népticos este livro que é uma massa de tantos frutos espirituais, truncar assim a obra, que exige necessariamente o concerto das vozes, e finalmente privar os irmãos de tal bem. Pois o bem é tanto maior quanto mais benefícios traz. Assim, se alguém, em seu desejo, aspira a tomar as asas de pomba que um dia Davi procurou sem achar, que se dê ao trabalho de abrir este livro. Pois nele encontrará maravilhado toda a prata da ação e todo o ouro da contemplação. E por meio dos dois, erguido acima de todo o terrestre, ele voará para as alturas azuis e habitará nos ninhos do alto, como uma pomba, e repousará na beatitude celeste.

*

Nicodemo o Hagiorita identifica Pedro Damasceno a Pedro, bispo de Damasco em 775, morto mártir na Arábia e citado no Sinaxário bizantino em 9 de Fevereiro. Mas esta identificação é contradita pelas datações de dois antigos manuscritos de nosso autor¹, que o situam, um no século XII e outro no século XI. É preciso acrescentar aqui duas observações: de uma parte, Pedro Damasceno menciona

¹ Cod. Par. Gr. 1134 (XV e seg.) e Cod. Vat. Pal. 210 (XIII e seg.)

Simeão Metafrastes, que viveu na segunda metade do século X; de outra, ele próprio não foi influenciado pela obra decisiva de Simeão o Novo Teólogo (940-1022), cujo nome e influência ignora.

Talvez então convenha, como propõe o Padre Staniloae, situar Pedro Damasceno no século XI, depois de Simeão Metrafastes, mas antes que irradiassem por todo o Oriente o testemunho e o exemplo de Simeão o Novo Teólogo. Problema menor, a bem dizer, na medida em que a Filocalia, assim como a Sagrada Escritura, mais do que um registro documental de uma história datada, constituem na transmissão de um sentido último.

Pedro Damasceno é assim um desses homens-chave dos quais nada sabemos, e que define a si mesmo como uma ninguém. Monge no sentido estrito: um homem só, enfurnado no buraco negro da nada da criatura. Mas homem apenas diante de Deus, que acumulou conhecimento por toda sua vida e que aqui nos dá seu mel, talvez um pouco misturado com cera, mas sempre perfumado de uma feliz eternidade.

A obra é a imagem do homem: singular e comum. Nem fonte, nem rio, antes lago no qual as leituras (sobretudo a Bíblia, João Clímaco, Isaac o Sírio, João Crisóstomo e Gregório o Teólogo), o testemunho da Liturgia bizantina e a experiência da vida monástica vêm embalar as águas. A vida hesiquiasta é aqui menos voltada para seu objetivo do que desenvolvida nas condições de sua manutenção. A escrita não é a espiral rápida que faz cair todo pensamento ante a prece do coração. Ela é larga, aberta, oferecida. Pedro Damasceno ama se estender: ele tem gosto pelas vastas meditações, pelas longas enumerações, pelas séries, as escalas vivas. Aparentemente estamos longe dos rigorosos apotegmas dos Padres do deserto e bem aquém do testemunho extremo e do refinamento de Simeão o Novo Teólogo

e dos hesiquiastas dos séculos XIII e XIV. Mas apenas em aparência. Pois entre a ascese do tempo e a graça da eternidade acontece o mesmo combate espiritual. Na articulação entre o primeiro e o segundo milênio Pedro Damasceno medita sobre a aquisição da esperança evangélica e, sem dizê-lo (pois com toda evidência ele não teve a experiência da visão de Deus, e mesmo evita buscá-la), expõe as condições desta visão dada aos corações puros: antes de tudo e no fundo de tudo (“sob a criação”, diz ele) a mais profunda humildade, e acima de tudo a graça do mais alto discernimento.

Tal como nos foi transmitida na Antologia de Nicodemo, a obra é dividida em dois livros. O primeiro, precedido de um longo exórdio, é uma soma de meditações, dadas conforme vêm, sobre as modalidades da ascese, o sentido das beatitudes, as “contemplações espirituais”, as virtudes. O segundo livro, que evidentemente prolonga e confirma o primeiro, é mais estruturado. Ele se apresenta como uma série de vinte e quatro meditações (segundo as letras do alfabeto grego), todas terminadas por uma doxologia. Estas vinte e quatro meditações (logoi ou “discursos”, à maneira de Isaac o Sírio) retomam uma após outra o encaminhamento das virtudes.

Mas é preciso buscar o coração da obra na exposição das oito “contemplações” ou “gnoses” apresentadas no primeiro livro. Pedro Damasceno nos representa aí seu modelo – o próprio modelo – da vida espiritual: um duplo movimento de descida e ascensão. Primeiro a descida: as meditações do mal, do pecado, da morte. Depois, no mais baixo grau da descida, no próprio coração da história, a lembrança da vida de Cristo e dos santos. Enfim a subida, pela experiência da natureza e da contemplação do mundo criado, até a inteligência dos anjos e o conhecimento de Deus, que é a teologia. Duas coisas neste modelo são capitais:

1) a descida se faz pela oração, e nosso Padre dá o exemplo: as três primeiras “contemplações” (sobre o mal, o pecado e a morte) não passam de longas preces, com muitas palavras emprestadas tais e quais da Liturgia bizantina; e

2) na lembrança de Cristo, a subida se faz do agora até o cosmos: o criado, o cósmico, não são apropriados pelo homem nem suprimidos do campo divino, mas colocados no seu verdadeiro lugar, entre o Filho e o Pai, no próprio sopro do Espírito Santo, e são o lugar de nosso combate e de nosso maravilhamento. Assim, o conhecimento do mundo não se perde no vazio: ele remete a Deus. E a lembrança de Cristo não se fecha sobre nós mesmos: ela envia ao Pai. A lição hoje é de grande importância. Onde a inteligência do mundo se volta cada dia mais para a descida ao inferno, a Filocalia coloca a contemplação do criado, e de nossa “encarnação litúrgica” (o que Pedro Damasceno chama de “sete ações do corpo”) ela faz o caminho real de outro conhecimento que permite às nossas vidas bater às portas da eternidade, grávidos de Deus. É o prêmio de uma bela leitura.

Pedro Damasceno foi muito lido no Oriente, inclusive na Rússia, onde uma edição de sua obra o tornou conhecido no século XIX, malgrado sua exclusão parcial da Filocalia eslavônica de Païssy Velitchkovsky e sua total ausência da Filocalia russa de Teófano o Recluso. Mas ele não fez escola em seu tempo, como Simeão o Novo Teólogo ou Gregório o Sinaíta. No entanto ele soube transformar a seiva das raízes num dos mais belos frutos da árvore. Deixando de lado alguns abismos – como as inenarráveis enumerações dos vícios e das virtudes no final do primeiro capítulo (que não são feitas para serem lidas, mas para serem vistas como abismos do bem e do mal no qual mergulham nossas vidas) – a linguagem é delicada, os pensamentos são profundos, embora

sempre simples e diretamente compreensíveis. Esta obra devotada aos extremos é assim, pela amplitude de sua visão e pela sua beleza formal, um modelo de bom senso e equilíbrio.

DE NOSSO SANTO PADRE TEÓFORO PEDRO DAMASCENO

EXÓRDIO

Infeliz que recebi de Deus tantas graças e jamais fiz algo de bom, temo que a inércia e a negligência me façam esquecer tais dons, as benesses de Deus e minhas próprias faltas, e que eu nem sequer esteja mais aberto ao meu Benfeitor nem seja mais reconhecido a ele. Assim, para provar minha pobre alma, eu escrevi esta memória e transcrevi expressamente os escritos dos santos Padres – as vidas e as sentenças – que pude encontrar, a fim de tê-los para me lembrar de suas palavras, ainda que parcialmente.

Eu não possuo nenhum livro, jamais possuí, mas, como tudo o que contribui para as necessidades do corpo, recebi os textos de fiéis que amam a Cristo, li-os atentamente e os devolvi. Assim eu li os antigos e os novos, o Antigo Testamento, o Saltério, os quatro Livros dos Reis, os seis livros da Sabedoria, os Profetas, os Paralipômenos, os Atos dos Apóstolos, os santos Evangelhos e as interpretações de todos esses. Li também todos os escritos e os ensinamentos dos Padres e dos grandes Doutores: Denis, Atanásio, Basílio, Gregório o Teólogo, João Crisóstomo, Gregório de Nice, Antônio, Arsênio, Macário, Nilo, Efrém, Isaac, Marcos, João Damasceno, João Clímaco, Máximo, Doroteu, Filemon, as Vidas e as sentenças de todos os santos.

Pude assim, em minha indignidade, examinar todos os livros com toda a liberdade e a atenção necessárias, e buscar o princípio da salvação e da perdição do homem, ver se tudo o que decidimos empreender, ou o que nos dedicamos a fazer, salva ou não, e que coisa é esta que todos procuram, e como os antigos e os novos

pediram a Deus, na riqueza e na pobreza, em meio à multidão dos pecadores e no deserto, no casamento e na virgindade, numa palavra, como, em todo lugar e em todo gesto, encontramos a vida e a morte, a salvação e a perdição, enfim como, entre nós os monges descobrimos também diferentes estados, refiro-me à submissão de corpo e de alma a um pai, a hesíquia que purifica a alma, e ainda o conselho espiritual em lugar da submissão, os encargos de abade e os encargos episcopais.

Em todas as situações encontramos quem se salva e quem se perde. E não era apenas disto que eu me admirava, mas também como no céu o antigo anjo em sua natureza imaterial, dotado de sabedoria e de toda virtude, se tornou subitamente um diabo, cheio de trevas e ignorância, princípio e fim de todo vício e de toda malícia. Depois, como Adão, que havia recebido tamanha honra, que desfrutava dos bens, que vivia na intimidade Deus, adornado de sabedoria e virtude, sozinho com Eva no Paraíso², foi subitamente banido, exposto ao sofrimento e à morte, condenado ao trabalho, às penas, à fadiga, ao suor e a uma grande aflição³. E como, sendo dele nascidos Caim e Abel, únicos irmãos sobre toda a terra, pode a inveja se interpor causando a morte, a maldição e o terror⁴. Como, em seguida, pela multitude de faltas de seus filhos, sobreveio o dilúvio⁵. E ainda como, em seu amor pelo homem, Deus os salvou na arca, mas um deles se tornou maldito, Canaã filho de Cam, que havia pecado⁶, pois para não abolir a bênção de Deus o justo Noé maldisse o filho em lugar do pai.

² Cf. *Gênesis*, 2: 8.

³ Cf. *Gênesis* 3: 17-19.

⁴ Cf. *Gênesis* 4: 11-12.

⁵ Cf. *Gênesis* 6: 5-6.

⁶ Cf. *Gênesis* 9: 25-27.

Como vieram depois disto os construtores da torre, os Sodomitas, os Israelitas, Salomão, os Ninivitas, Giezi, Judas⁷, todos os que receberam bens e se voltaram para a malícia. Como o Deus bom, que está além de toda bondade, aceitou, em sua imensa compaixão, que venham ao mundo tantas tentações e tão diversos tormentos. Ele quis conceder uns para que fossem como penas do arrependimento, vale dizer, a fome, a sede, o luto, a privação do necessário, a abstenção dos prazeres, o esgotamento do corpo pela ascese, as vigílias, as fadigas, as penas, a abundância e a amargura das lágrimas, os gemidos, o temor da morte, as peças de acusação, a sentença, a permanência no inferno com os demônios, o dia terrível do Juízo, a vergonha que recai sobre toda a criação, o terror, a amarga condenação dos atos, das palavras e dos pensamentos, a ameaça, a cólera, a diversidade e a eternidade dos tormentos, a inútil dó e as lágrimas contínuas, as trevas sem luz, o temor, o sofrimento, a queda, a tristeza, a angústia, o sufocamento da alma no século presente e no futuro; depois os perigos no mundo, os naufrágios, todas as enfermidades possíveis, os relâmpagos, o trovão, a geada, os tremores de terra, as fomes, as inundações, as mortes prematuras, todas as infelicidades que nos acontecem sem que queiramos, e que Deus concede.

Mas existem males que Deus não quer, e que provêm de nós e dos demônios, como os combates, as paixões, as múltiplas formas do pecado, cujos nomes foram revelados à passagem da palavra, depois a demência até o desespero e a total perdição, a agressão dos demônios, as guerras, a tirania das paixões, os constrangimentos, as perturbações, as revoluções da vida, as cóleras, as calúnias, todos os sofrimentos que nos auto-infligimos voluntariamente e que infligimos aos demais, e que Deus não quer. E ainda, em meio a

tantos males, nenhum pode impedir que muitos tenham sido salvos. Mas muitos também se perderam sem que Deus o quisesse.

Todas estas coisas das divinas Escrituras e muitas outras, eu tive dificuldade em compreender. A alma quebrantada, escoando como água⁸, fui muitas vezes reduzido à impotência. E ainda seria preciso que eu sentisse aquilo de que falo, pois se o sentisse, já não poderia permanecer nesta vida cheia de malícia e desobediência a Deus, que engendra todos os males presentes e futuros.

Mas a graça respondeu ao desejo de minhas perguntas, e entre os Padres encontrei o discernimento.

O princípio de todo bem é o conhecimento natural que nos é dado pelo próprio Deus, ou pelas Escrituras por intermédio de um homem, ou por meio de um anjo; ou ainda pelo que nos é dado no batismo divino para guarda da alma de cada fiel, a que chamamos também de consciência, a lembrança dos divinos mandamentos de Cristo. É por meio deles, para quem os observa, que o batizado guarda a graça do Espírito Santo. Depois do conhecimento vem, com efeito, a livre decisão do homem. Aí se encontra o princípio da salvação: o homem abandona suas vontades e seus próprios pensamentos e cumpre as vontades e os pensamentos de Deus. E se ele conseguisse cumpri-los, não se encontraria em toda a criação nada, nenhum gesto, nenhum lugar capaz de impedir aquilo que Deus quer que seja desde o princípio: um ser à sua imagem e semelhança⁹, um Deus por adoção, segundo a graça, impassível, justo, bom e sábio, seja ele rico ou pobre, vivendo a virgindade ou o casamento, quer tenha o poder e a liberdade, quer seja escravo e cativo, numa palavra, em todos os tempos, todos os lugares e todas as coisas. É por isso que

⁷ Cf. *Gênesis* 11: 1-7; 19: 4-5; *Números* 14: 22-23; *I Reis* 11: 9-11; *Jonas* 1: 2; *II Reis* 5: 20-21; *Mateus* 26: 24.

⁸ Cf. *Salmo* 21 (22): 15.

⁹ Cf. *Gênesis* 1: 26.

encontramos tantos justos antes da lei como sob a lei, ou na ordem da graça. Pois todos preferiram o conhecimento de Deus e de sua vontade aos seus próprios pensamentos e quererem. Reciprocamente vemos que nas mesmas épocas, engajados nos mesmos gestos, muitos se perderam: pois eles preferiram seus próprios pensamentos e seus próprios quererem aos de Deus.

Assim são as coisas. Os lugares e as buscas são diferentes. E devemos poder discernir, seja pela humildade dada por Deus, seja interrogando aqueles que possuem o carisma do discernimento. Pois sem o discernimento nenhuma das coisas que nos acontecem é boa, mesmo que a julguemos assim em nossa ignorância. Mas quando aprendemos com o discernimento aquilo que devemos fazer com seu próprio poder, a coisa começa a agradar a Deus.

Entretanto, dissemos, devemos em tudo renunciar às nossas próprias vontades a fim de atingir o objetivo divino, onde quer Deus que cheguemos em nossa busca. Caso contrário, não temos como ser salvos. Pois, depois da transgressão de Adão, todos nós, os passionais, fomos acostumados às paixões, já não queremos o bem com alegria, não buscamos o conhecimento de Deus nem o fazemos por amor, como os impassíveis. Antes amamos as paixões e a malícia, não desejamos fundamentalmente o bem senão por necessidade, por medo dos castigos. Só o querem aqueles que, com uma fé segura e uma boa disposição, receberam a palavra. Quanto a nós outros, não é o que queremos. Sem considerar as aflições da vida e os castigos por vir, estamos de toda nossa alma submetidos às paixões. Alguns sequer sentem sua amargura. Eles buscam por necessidade, e contra sua vontade, as penas e as virtudes. Em nossa ignorância, desejamos aquilo que é digno de aversão. Pois assim como os doentes se servem das ablações e das cauterizações para recuperar a saúde perdida, também nós nos servimos das tentações,

das penas do arrependimento, do temor da morte e dos castigos para restabelecer a saúde original de nossa alma e rejeitar a doença provocada por nossa própria loucura. Daí para frente, quanto mais o médico de nossas almas nos prescrever penas, quer as queiramos quer não, mais graças devemos lhe dar por seu amor pelos homens, e mais devemos recebê-las com alegria. Com efeito, é para nosso bem que ele multiplica as coisas dolorosas de que precisamos para nos conduzirmos voluntariamente ao arrependimento, ou, malgrado nossa vontade, cairmos nas tentações e nos tormentos, a fim de que aqueles que por si mesmos queiram viver em meio às aflições sejam libertos das enfermidades e dos castigos futuros e até mesmo dos presentes, e que os que estejam na ignorância sejam curados pela graça do médico, mesmo que por meio dos tormentos e da multiplicidade das tentações. Mas os que amam a doença e permanecem com ela atraem sobre si mesmos os castigos eternos. Eles se parecem aos demônios e com eles receberão o que lhes é devido, os castigos eternos que estão preparados¹⁰ para eles na medida em que escolheram ignorar o Benfeitor.

Pois nem todos acolhemos as benesses da mesma maneira. Se recebemos o fogo do Senhor¹¹ – sua palavra –, uns pelo trabalho se tornam macios como a cera em seu coração, mas outros, por inércia, se tornam mais endurecidos do que a argila e se tornam pedras. Do mesmo modo, se não a recebemos, a palavra não obriga ninguém. Ela é como o sol que envia seus raios e ilumina o mundo inteiro. Quem quiser vê-lo é por ele visto. Mas quem não quiser vê-lo não é obrigado a isso. Ninguém é provado da luz, senão por si mesmo, se não a quiser ver. Pois Deus fez o sol e o olho, e deu ao homem o poder de contemplar.

¹⁰ Cf. *Mateus* 25: 41.

¹¹ Cf. *Isaías* 66: 16; *Jeremias* 20: 9.

O mesmo acontece aqui. Deus envia sobre nós, como raios, a luz do conhecimento. Depois do conhecimento ele nos dá o olho da fé. Quem escolhe receber o conhecimento certo pela fé guarda sua memória pelas obras, e Deus lhe concede a partir daí a boa vontade, o conhecimento e a força. Naquele que o escolhe, o conhecimento natural dá nascimento à boa vontade; da boa vontade advém a força de agir. Pela ação se guarda a memória. E a memória produz logo a ação, de onde nasce mais conhecimento. Desta sabedoria do intelecto, como é chamado, nasce a temperança nas ações e a paciência nos infortúnios, de onde provém a consagração a Deus e a experiência dos dons divinos e de nossas próprias faltas, donde a gratidão, o temor a Deus que conduz à observação dos mandamentos, vale dizer, o luto, a doçura, a humildade, de onde nasce o discernimento, do qual provém a clarividência, que nos faz prever nossas faltas futuras e nos afasta delas antes, graças à experiência e à memória que nos dá a pureza do intelecto das coisas do passado e das coisas presentes que nos sobrevêm de surpresa; Daí a esperança, daí a impassibilidade e o amor perfeito.

A partir daí este homem não quer absolutamente nada senão a vontade de Deus. Ele abandona esta vida passageira com alegria, por amor a Deus e ao próximo. Pois ele recebeu a sabedoria e a adoção, e o Espírito Santo habita nele. Ele é crucificado, enterrado, ressuscitado, elevado com Cristo a quem imita em seu intelecto, ainda que continue levando sua vida no mundo. Numa palavra, a graça faz dele um Deus por adoção. Ele recebe as garantias da beatitude do além, como diz Gregório o Teólogo¹². Quanto aos oito pensamentos¹³, ele se torna impassível, justo, bom e sábio. Ele tem a Deus em si, conforme o próprio Cristo o afirmou, e assim observa a

¹² Cf. Gregório de Nazianze, *Discurso* XXIX, 19 e XLV, 53.

¹³ Talvez as oito contemplações espirituais de que Pedro Damasceno falará adiante. Ver também Evagrio o Pôntico, *Sobre os Pensamentos*.

ordem dos mandamentos¹⁴, do primeiro ao último.

Mais adiante explicarei como deveremos trabalhar os mandamentos. Mas depois de termos falado a respeito do conhecimento das virtudes, devemos agora falar das paixões.

O conhecimento vem como o sol. Por incredulidade ou por preguiça o insensato fecha os olhos, ou seja, a resolução. A inércia, que provém da negligência, logo o faz esquecer o conhecimento. Da falta de sentido provém a negligência, daí a inércia, daí o esquecimento, do qual provém o egoísmo, que é o amor por nossas próprias vontades e nossos próprios pensamentos, o amor aos prazeres e o que se chama o amor pela vanglória. Daí o amor ao dinheiro, raiz de todos os males¹⁵. Daí vem o divertir-se com as coisas da vida. Daí a total ignorância dos dons de Deus e de nossas próprias faltas. A partir daí todas as demais paixões habitam em nós, os oito vícios fundamentais, ou seja, a gula, dela a prostituição, depois o amor ao dinheiro e a cólera quando não se deseja o que se quer ou quando se é impedido de realizar uma vontade. Da cólera provém a tristeza, da qual nasce a acídia, daí a vanglória, enfim o orgulho. Quem é devorado por estes vícios acaba no desespero, na perdição total, no banimento para longe de Deus, e termina por se assemelhar aos demônios, como eu disse.

O homem está, assim, no cruzamento de duas vias, a justiça e o pecado. Ele pode escolher o caminho que quiser e o seguirá. A partir daí, a via que o acolher e aqueles que ali o conduzirão, ou bem anjos e homens de Deus, ou bem demônios e homens maliciosas, o levarão até o fim, ainda que ele não queira. Os homens da bondade o levarão para Deus e o Reino dos céus. Os homens do pecado o levarão ao

¹⁴ Cf. *João* 14: 23; 15: 10.

¹⁵ Cf. I *Timóteo* 6: 10.

diabo e aos castigos eternos. A única causa de nossa perdição é sempre nossa própria vontade. Deus é o Deus da salvação. Junto com a existência ele nos concedeu existir no bem, nos concedeu o conhecimento e o poder, coisas que o homem não tem como obter fora da graça de Deus. Mesmo o diabo não tem nenhum poder para nos perder. Ele não tem resolução contrária, fraqueza, ignorância involuntária, nem seja lá o que for, por meio de quê ele possa forçar o homem. Ele não faz mais do que sugerir-lhe a lembrança do mal.

Aquele que trabalha pelo bem deve render graças a Deus que nos deu tudo desde a existência. Mas quem escolhe e faz o contrário, considere-se como o único responsável. Pois, como Deus o criou livre, ninguém pode atraí-lo pela força. Ele será digno dos louvores de Deus quando Deus o ver preferir o bem como toda a sua vontade, e não pela necessidade da natureza, como os seres irracionais e sem alma que participam do bem. Pois ele escolhe o bem como convém a um ser racional, e de acordo com a honra que recebe de Deus.

Ora, nós, voluntária e unanimemente, preferimos fazer o mal que o inventor da malícia nos ensinou. Mas o Deus imensamente bom não nos constrange, para que, forçados e indóceis, não incorramos numa grande condenação. Aquele que em todo bem nos concedeu a liberdade não nô-la tira. Mas quem quiser fazer o bem, que peça a Deus na oração, e logo receberá o conhecimento e o poder, a fim de que a graça de Deus lhe apareça justamente. Pois aquilo que ele recebeu pela oração ele também poderia receber sem ela. Mas assim como quem respira o ar para viver não retira disto nenhum mérito, por saber que sem ele não poderia viver, mas ao contrário deve render profundas graças Àquele que criou o ar e que lhe deu narinas para respirar e saúde para receber este ar e viver, também nós devemos agradecer a Deus por ter criado em sua graça a oração, o conhecimento, o poder e as virtudes, e a nós mesmos e tudo o que

nos cerca.

Não apenas ele criou tudo o que existe como ele não cessa de mover tudo para vencer nossa malícia e nossos inimigos, os demônios. Pois o diabo perdeu o conhecimento de Deus. Sua arrogância e seu orgulho o colocaram na condição de ignorante. Ele não consegue saber por si próprio o que deve fazer, mas ele vê o que Deus faz para nos salvar. Em sua malícia ele se informa da obra divina e inventa meios de contra-atacar para nos levar à perdição, pois ele inveja a Deus. Não podendo enfrentá-lo ele nos combate, a nós que somos a imagem de Deus¹⁶. E se ele percebe que nos sujeitamos à sua vontade, ele pensa assim se vingar de Deus, como diz são João Crisóstomo. Vendo que Deus havia criado Eva para vir em auxílio de Adão¹⁷, o diabo se serviu dela para que trabalhasse com ele pela desobediência e a transgressão. Deus dera uma ordem a Adão para que ele observasse e guardasse a lembrança de seus grandes dons, dando graças por eles a seu Benfeitor. Mas o diabo fez desta ordem uma fonte de desobediência¹⁸ e de morte. Ele suscitou os falsos profetas em lugar dos profetas, os falsos apóstolos em lugar dos apóstolos, a iniquidade em lugar da lei, os vícios em lugar das virtudes, as transgressões em lugar dos mandamentos, as heresias impuras no lugar da justiça. Em seguida, vendo a Cristo descer com sua extrema bondade, como ele dissera, para os santos mártires e os padres bem-aventurados, e aparecer ele mesmo, ou através de seus anjos, ou por alguma outra inefável economia, o diabo se pôs também a manifestar em alguns diversas ilusões, para fazê-los perder-se.

É por isso que os Padres, que possuíam o discernimento, escreveram

¹⁶ Cf. *Gênesis* 1: 26.

¹⁷ Cf. *Gênesis* 2: 18.

¹⁸ Cf. *Gênesis* 3: 5; *Romanos* 7: 8.

que não devemos receber essas manifestações, venham elas de imagens, de uma luz, de um fogo ou de qualquer outra ilusão. Pois o diabo é engenhoso em nos enganar, tanto durante o sono como no estado de vigília. Se recebemos a ilusão, ela permite ao intelecto, por presunção ou ignorância, representar para si próprio formas ou cores onde ele julga que lhe apareceram Deus ou um anjo. Acontece muitas vezes que, no sono ou no estado de vigília, ele nos mostra os demônios aparentemente vencidos. Mas no fundo isto não passa da engenhosidade do demônio para levar à perda aqueles que se deixam persuadir. E então se perde a esperança. É o que dizem os santos Padres: no momento da prece, devemos ter o intelecto livre de toda forma, sem luz, sem fogo, sem nada, seja lá o que for. Ao contrário, devemos com toda força enclausurar a reflexão apenas nas palavras ditas. Pois aquele que ora apenas com a boca, ora para o ar e não para Deus. Deus está atento ao intelecto, não à linguagem, como os homens. Foi dito: “Devemos adorar a Deus em espírito e em verdade¹⁹”. E: “Prefiro dizer cinco palavras com a minha inteligência, do que dez mil com a língua²⁰”.

Mas então o diabo, colocando tudo isto em dúvida, nos leva ao desespero pelo pensamento de que os tempos eram outros e outros eram os homens nos quais Deus realizou as maravilhas que fundaram a lei, e que hoje já passou o tempo em que deveríamos nos carregar de pensa. Mas somos todos cristãos e todos carregamos o batismo. Foi dito que aquele que crê e for batizado será salvo²¹. Que mais precisamos? Ora, se nos deixamos persuadir, se permanecemos no estado em que nos encontramos, ficaremos vazios e só seremos cristãos no nome. Ignoramos que quem crê e é batizado deve observar todos os mandamentos de Cristo e dizer, quando tiver

completado com sucesso: “Eu sou um servidor inútil²²”, como o Senhor afirmou aos apóstolos quando lhes ensinou a observar “tudo o ou que eu lhes ordenei²³”. Com efeito, todo batizado renuncia, quando diz: “Eu renuncio a Satanás e a todas as suas obras, e me uno a Cristo e a todas as suas obras”. Ora, onde está nossa renúncia, se não deixamos para trás todas as paixões e pecados que o diabo quer? Será realmente do fundo da alma que desprezamos o diabo e amamos a Cristo observando seus mandamentos? E como observar seus mandamentos se não renunciarmos a toda vontade própria e a todo pensamento: É preciso dizer, estas vontades e estes pensamentos se opõem às ordens de Deus.

Existem alguns que frequentemente, por hábito ou temperamento, amam o bem em certas coisas e odeiam o pior. Mas estes bons pensamentos, que as divinas Escrituras testemunham, devem ser submetidos ao discernimento daqueles que têm experiência. Pois sem discernimento, mesmo aquilo que cremos estar bem pode não ser bom. Agimos inoportunamente, ou contra o dever – vale dizer, indignamente – ou meditando no que nos é dito, mas sem nada saber daquilo. Pois se o que interroga e o que é interrogado não estão ambos atentos não apenas à Escritura, mas também à questão colocada, eles se afastam do sentido das palavras e não é possível superar o mal em pauta. Mesmo eu, quando interrogava ou era interrogado, fui muitas vezes testado. Eu compreendia corretamente o que era dito, mas ficava surpreso em constatar que, apesar de as palavras se corresponderem bem, seus respectivos sentidos se distanciavam completamente uns dos outros.

Devemos assim, em todas as coisas, discernir o que fazer para cumprirmos as vontades de Deus. Pois ele é o Criador do universo, e

¹⁹ Cf. *João* 4: 24.

²⁰ *I Coríntios* 14: 19.

²¹ *Marcos* 16: 16.

²² *Lucas* 17: 10.

²³ *Mateus* 28: 20.

conhece exatamente nossa natureza. Ele próprio ordenou aquilo que é bom para nós, e nos deu as leis que não são estranhas à nossa natureza, mas que lhe são próprias, salvo talvez as virtudes que levam à perfeição os que querem por si sós se elevar a ele sobrenaturalmente, como a virgindade, a desposseção, a humildade, mas não o reconhecimento, que é uma virtude natural. A humildade é uma virtude sobrenatural. Pois o humilde procura todas as demais virtudes. Ele não deve nada, mas se considera devedor de todos e inferior a todos. Quem expressa seu reconhecimento é devedor e confessa que deve. O mesmo acontece com o compassivo: ele é compassivo com tudo o que tem. Mas nisto ele não ultrapassa a natureza, como aquele que se despoja de tudo. Aquele que se casa tampouco ultrapassa a natureza, como o que vive a virgindade. Este último carisma é sobrenatural. É por isso que será salvo o primeiro, que renunciou às suas próprias vontades e cumprir as de Deus; o outro, porém, receberá de Deus a coroa da paciência e da glória. Pois ele não apenas abandonou o que é proibido pelas leis, mas, no coração da lei e da própria natureza, com a ajuda de Deus, ele amou com toda sua alma o Senhor que está além de toda natureza e, na medida do possível, imitou sua impassibilidade. Mas nós, nós ignoramos a nós mesmos, ignoramos o que fazemos, ignoramos o objetivo de nossas obras e aquilo que todos buscam. É por isso que nos parece que as divinas Escrituras e as palavras dos santos não estão em acordo com os antigos, os Profetas e os Justos, nem como os novos, os santos Padres. Da mesma forma, aqueles que hoje querem ser salvos estão em desacordo uns com os outros, o que é impossível.

Possamos expor aqui em poucas palavras que, pela própria natureza das coisas, nada, nem o tempo, nem o lugar, nem a ação, pode ser obstáculo para o homem que quer ser salvo, com a condição de que ele não busque aquilo que quer fazer, mas que tenda com todo seu

pensamento, com correção e discernimento, para o objetivo divino. Pois não existe aí necessidade no que acontece. Tudo provém daquele por intermédio de quem as coisas acontecem. Nós não pecamos malgrado nós; não pecamos se primeiro não concedemos por nós mesmos o assentimento ao pecado, e se não caímos cativos. É o próprio pensamento que leva o cativo a pecar apesar de si e contra sua vontade. Do mesmo modo as faltas cometidas por ignorância provêm do que se se faz com conhecimento de causa. Se não nos embriagamos de vinho nem de desejo, não o ignoramos. Mas uma vez que nos embriagamos, o intelecto começa primeiro a se entenebreecer, depois a tombar e enfim a morrer. Assim é que a morte não chega sem que se saiba. Mas a embriaguez, com nosso conhecimento, nos leva à morte pela ignorância. Poderíamos encontrar muitos exemplos disso, considerando como caímos onde não queremos por causa do que fazemos voluntariamente, e como caímos no que fazemos por causa da ignorância a partir do que fazemos conscientemente.

Mas para que as primeiras ações nos pareçam leves e doces, partimos para as segundas sem o querer e sem o saber. Pois, se desde o começo tivéssemos querido guardar os mandamentos e permanecer tal como éramos quando fomos batizados, não chegaríamos a estas coisas, nem tampouco precisaríamos dos trabalhos e das penas do arrependimento. Entretanto, uma vez mais, se quisermos, a segunda graça de Deus – o arrependimento – pode nos conduzir à antiga beleza. Mas se não o quisermos, seremos como os demônios, que não se arrependem; queiramos ou não, iremos com eles para o castigo eterno. Pois Deus não nos criou para nos lançar na cólera, mas para nos salvar²⁴, a fim de que desfrutemos de seus bens e sejamos plenos de ações de graça e de reconhecimento para com nosso Benfeitor. Mas nossa negligência em conhecer seus dons nos

²⁴ Cf. I *Tessalonicenses* 5: 9.

leva à irresponsabilidade; esta nos conduz ao esquecimento, e a ignorância passa a reinar sobre nós.

Quando queremos iniciar um retorno para o ponto onde caímos, precisamos encarar muitas penas. Porque não queremos abandonar nossas vontades, e pensamos poder satisfazê-las com Deus, o que é impossível. O próprio Senhor disse: “Eu não vim fazer a minha vontade, mas a do Pai que me enviou²⁵”. Entretanto, não existe senão uma única vontade do Pai, do Filho e do Espírito Santo, assim como só existe uma natureza indivisível. Mas ele disse isto por nós. Ele falava da vontade da carne. Com efeito, se a carne não é reabsorvida, se o homem inteiro não é conduzido pelo Espírito de Deus²⁶, ele não faz a vontade de Deus a menos que seja forçado a isto. Mas quando reina em nós a graça do Espírito, a coisa muda de figura, e tudo o que acontece passa a ser a vontade de Deus. É então que encontramos a paz, e podemos ser chamados de filhos de Deus²⁷. Pois estes querem a vontade do Pai, assim como o Filho de Deus, que é ele também Deus.

Pois ninguém pode alcançar este estado se não observar os mandamentos que o separam de todo prazer, de toda vontade própria, de toda dor, e se não tiver a necessária paciência quando sofrer por causa dessas vontades. É da falta de sentido que provêm, dizem, o prazer e a dor. Pois o insensato é egoísta: ele não é capaz de amar nem a seus irmãos, nem a Deus. Ele não tem temperança nos prazeres, em seu desejo de fazer o que quer, e não tem nenhuma paciência na dor. Mas ele tanto infla de orgulho e prazer quando obtém suas vontades quanto desaba tiranizado pela dor e afunda na mesquinharia, sufocando sua alma, coisas que no fundo constituem a

certeza da Geena.

Do conhecimento, ou seja, da sabedoria do intelecto, nascem a temperança e a paciência. Pois o homem sábio retém sua própria vontade e suporta o sofrimento que isto traz. Considerando a si mesmo como indigno da mansidão, ele se enche de reconhecimento pelo Benfeitor e lhe rende graças, temendo que por todos os bens que Deus lhe deu no século presente ele não seja provado no século futuro. Assim é que, por meio da temperança, ele trabalha as demais virtudes. Ele se considera devedor de todas elas. Ele não encontra nada com que retribuir ao Benfeitor. E ele pensa que mesmo as virtudes não fazem senão aumentar sua dívida, pois ele recebe sem ter o quê dar em troca. Ele não pede nada além de ser considerado digno de dar graças a Deus. Que Deus possa receber sua ação de graças, pensa ele, é o que o torna ainda mais devedor. Perseverando em sua ação de graças, ele faz sempre o que é bom, sempre devedor, humilhando-se abaixo de todos, regozijando-se em Deus que o cumula de bens, e ele exulta e treme²⁸, aproximando-se do infalível amor divino, e aceita com humildade tudo aquilo que sofre. Ele se acha merecedor deste sofrimento, como de tudo o que lhe acontece. Ele se regozija por lhe ser dado, por pouco que seja, afligir-se no século presente. Ele recebe até um alívio quando pensa nos numerosos tormentos que o esperam no século futuro. E, como ele reconhece em tudo sua própria fraqueza e não se orgulha de nada, porque lhe foi dado conhecer estas coisas e perseverar na graça de Deus, ele chega ao desejo divino.

Pois a humildade é filha do conhecimento, e este, filho das tentações. Àquele que conhece a si mesmo é dado o conhecimento de tudo. Quem se submete a Deus sujeita a si mesmo todos os cuidados da carne. Depois tudo lhe será submetido, quando a

²⁵ João 6: 38.

²⁶ Cf. Romanos 8: 14.

²⁷ Cf. Mateus 5: 9.

²⁸ Cf. Salmo 2: 11.

humildade reinar em seus membros. É o que dizem são Basílio e são Gregório²⁹: quem vê a si próprio como um intermediário entre a grandeza e a baixeza, com sua alma intelectual e seu corpo mortal e terrestre não se orgulha nem se desespera jamais. Mas, honrando a natureza intelectual da alma, se afasta de tudo o que o desonra. Conhecendo sua própria fraqueza, foge de todo orgulho.

Assim, aquele que, por meio das numerosas tentações e das paixões da alma conhece sua própria fraqueza, sabe do poder infinito de Deus. Sabe que este liberta os humildes que clamam de todo coração nas penas da prece, e que esta se torna então uma delícia para ele. Ele sabe que, sem Deus, nada pode³⁰. Em seu temor de cair, ele se esforça por se agarrar a Deus. Ele se maravilha ao pensar que Deus o salvou de tais tentações, de tantas paixões. Ele dá graças Àquele que o libertou e une à ação de graças a humildade e o amor. Ele não ousa julgar a ninguém, sabendo que do mesmo modo como Deus o ajudou ele pode ajudar a todos os seres quando quiser. É o que diz são Máximo³¹. Ele sabe também que podemos combater muitas paixões e vencê-las, se confessarmos nossa própria fraqueza. Pois então Deus virá mais depressa, para que sua alma não se perca totalmente. Mesmo que seu pensamento seja presa de outras paixões ainda mais numerosas, quem conhece sua própria fraqueza não tomba jamais. Mas é impossível chegar a este ponto sem que se tenha sofrido numerosas tentações do corpo e da alma e sem que se tenha aprendido pela experiência a se submeter pacientemente ao poder de Deus.

Este homem não ousará fazer nada por sua própria vontade, nem permanecer num pensamento sem interrogar os que têm experiência.

²⁹ Gregório de Nazianze, *Discurso XLV*, 7.

³⁰ Cf. *João* 15: 5.

³¹ Máximo o Confessor, *Sobre o amor*, II, 39.

Pois que via se deve seguir quando não se quer fazer ou pensar nada, para viver em seu corpo ou ser salvo em sua alma? Se não soubermos qual vontade ou qual pensamento abandonar, é melhor se abster e dominar toda ação e todo pensamento. Assim é possível experimentar o tipo de perturbação que eles trazem consigo. Pois eles são um mal que se torna prazer e impede a dor, e que é preciso desprezar antes que se torne inveterado e tenhamos trabalho em vencê-lo quando percebermos o prejuízo que nos causa. Digo isto de toda ação e todo pensamento sem os quais é impossível viver num corpo e agradar a Deus. Pois o hábito inveterado recebe a força da natureza; mas se não lhe dermos nada ele se esgota, e se perde pouco a pouco. Seja bom ou mau, o tempo o alimenta como a matéria alimenta o fogo. É por isso que devemos com toda força buscar o bem e praticá-lo, para que se torne um costume. O costume trabalha sozinho e sem esforço nas coisas ordinárias. É assim que os Padres venceram as grandes coisas por meio das pequenas.

Aquele que não liga para as necessidades básicas do corpo, mas as afasta para seguir o caminho estreito e doloroso³², como poderá jamais amar as riquezas? Este amor às riquezas não consiste apenas em ter muito; ele pode provir também de algo pelo quê estamos apaixonados, contra seu uso próprio ou além deste uso. Dentre os antigos santos, muitos possuíam muito, como Abraão³³, Jó³⁴ e Davi³⁵ dentre outros. Mas entre eles não existia nenhum desejo desmesurado: eles possuíam as coisas como vindas de Deus, e tentavam agradá-lo por meio delas.

Mas o Senhor que está acima de toda perfeição e que é a própria

³² Cf. *Mateus* 7: 14.

³³ Cf. *Gênesis* 12: 16; 13: 2.

³⁴ Cf. *Jó* 1: 3.

³⁵ Cf. *II Samuel* 7: 2; *I Crônicas* 12: 40.

sabedoria cortou a raiz: ele deu por lei aos que o seguem não apenas não possuir dinheiro ou posses, a fim de imitar a extrema virtude, mas ainda desprezar a própria alma³⁶, ou seja, não possuir nem vontade nem pensamento próprio. Pois nenhum deles jamais fez a própria vontade. Uns submeteram seu corpo e não tinham outra fonte de pensamento que seu Pai espiritual, que era para eles como o próprio Cristo. Outros, nos desertos, fugiram irremediavelmente dos homens, tendo por mestres o próprio Deus, por quem, em sua resolução, suportariam até a morte. Outros seguiram o caminho real, vivendo na hesíquia, como se deve, com um ou dois irmãos³⁷ e se aconselhando mutuamente com toda bondade para agradar a Deus. Os que estavam sob a tutela de um Padre logo eram chamados a iniciar outros irmãos, e os conduziam à mesma submissão. Eles mantinham as tradições de seus Padres, e toda obra era bela.

Mas hoje, quer vivamos na submissão, quer estejamos em situação de comandar, não queremos abandonar nossas próprias vontades. Por isso não progredimos. Não resta mais, se é que ainda é possível, a fuga para longe dos homens e das coisas desta vida: seguir a via real, viver na hesíquia, com um ou dois irmãos e se dedicar noite e dia aos mandamentos de Cristo e à Escritura, a fim de que, experimentados em todas as coisas, pela consciência e a atenção, pela leitura e a oração, cheguemos ao primeiro mandamento, ao temor a Deus, que provém da fé e do estudo das divinas Escrituras, por meio dos quais se alcança o luto, depois os mandamentos de que fala o Apóstolo, a fé, a esperança e o amor³⁸. Quem crê no Senhor teme o castigo. Quem teme o castigo observa os mandamentos. Quem observa os mandamentos suporta as aflições. Quem suporta as aflições coloca sua esperança em Deus. A esperança afasta o intelecto de toda

tendência passional; afastada a paixão, ele colocará seu amor em Deus.

Se tivermos vontade de agir assim, seremos salvos. A hesíquia – que é o princípio da purificação da alma – prepara, sem esforço, para quem a escolhe, o caminho de todos os mandamentos. “Fuja, cale-se, viva na hesíquia, já foi dito; aí estão as raízes da impecabilidade”. E também: “Fuja dos homens e será salvo³⁹”. Pois as relações humanas não permitem ao intelecto ver suas próprias faltas e as intrigas dos demônios, para que o home possa se proteger, e também não permite ver as benesses e a providência de Deus, que nos fazem adquirir o conhecimento divino e a humildade.

É por isso que aquele que pretende seguir a via curta para Cristo – a impassibilidade e o conhecimento – e atingir a alegria da perfeição, que não se dirija para a esquerda nem para a direita, mas siga diligentemente em sua conduta o caminho real. Com toda força, fuja dos excessos e das faltas. Pois tanto uns como outros suscitam o prazer. Que a abundância de alimentos e de relações não escureça seu intelecto, e que não se torne cego por causa dos divertimentos. Que o jejum prolongado e as vigílias tampouco perturbem sua reflexão. Mas que, trabalhando bem e com paciência as sete formas – ou seja, as sete ações do corpo – ele se eleve como numa escada. Que de uma vez por todas ele traga em si continuamente estas sete formas. Ele se dirigirá para a ação moral por meio da qual Deus concede as contemplações espirituais a quem crê, como disse o Senhor⁴⁰. Pois toda Escritura é inspirada e nos auxilia⁴¹.

Ninguém pode impedir aquele que quer ser salvo. E ninguém tem

³⁶ Cf. Lucas 14: 6.

³⁷ Cf. João Clímaco, *A escada santa*, I, 45.

³⁸ Cf. I Coríntios 13: 13.

³⁹ *Sentenças dos Padres do Deserto*, Arsênio I.

⁴⁰ Cf. Mateus 13: 11-12.

⁴¹ Cf. II Timóteo 3: 16.

poder sobre nós, senão Deus que nos criou e que está pronto para socorrer e proteger de toda tentação aos que o chamam e querem fazer sua santa vontade. Sem ele, com efeito, ninguém pode fazer nada que preste⁴². Ninguém pode sofrer um mal indesejado, se Deus não o conceder para instruí-lo quando ele estiver em falta e para salvar sua alma. As más obras são nossas obras, nascidas de nossa negligência e da cumplicidade dos demônios. Todo conhecimento, toda virtude, toda força, assim como todas as demais energias, são graças de Deus. Pela graça ele nos permite ter o poder de nos tornarmos filhos de Deus⁴³, observando os mandamentos divinos. Estes mandamentos nos protegem grandemente e são graças de Deus. Pois sem sua graça não temos forças para observar os mandamentos, nem temos nada a lhe oferecer, senão termos em nós a fé, a resolução e simplesmente todos os dogmas retos recebidos na certeza da fé e do entendimento; sem sua graça não podemos começar o trabalho solidamente, como nos instruímos na escola, e não poderemos aprender assim com atenção pondo mãos à obra nas sete ações em causa, que apresentamos a seguir.

⁴² Cf. *João* 15: 5.

⁴³ Cf. *João* 1: 12.

LIVRO PRIMEIRO

Declaração necessária e bela sobre as quatro virtudes do corpo.

A primeira é a hesíquia: uma conduta que não se deixa distrair, que afasta todos os cuidados do mundo⁴⁴, a fim de que, pelo afastamento dos homens e dos divertimentos, seja possível fugir daquele que, através das circunstâncias e dos cuidados desta vida, ronda como um leão rugindo que busca nos devorar⁴⁵. A partir daí o monge não tem senão um pensamento: como agradar a Deus, como preparar a alma para que ela chegue à hora da morte sem ser condenada, como aprender com toda a atenção necessária as intrigas do demônio, o quanto suas faltas são mais numerosas do que a areia do mar e o quanto são ignoradas da maioria por serem mais finas que a penugem dos pássaros. Chorando sempre, ele se aflige pela natureza humana, mas em seu reconhecimento ele é consolado por Deus, ele é acalmado por chegar a ver aquilo que não esperava contemplar, ele que jamais saía de sua cela. Ele conhece sua própria fraqueza. Ele teme e espera o poder divino a fim de não tombar pela ignorância, por estar demasiado seguro de si mesmo, e para não desesperar caso alguma adversidade lhe acontecer, esquecendo-se do amor de Deus pelo homem.

A segunda ação é o jejum regrado: comer uma vez por dia, sem jamais se saciar. Não comer senão comidas simples, destas que encontramos sem distrair da vida e sem que a alma comece a procurar por outra. Aprender assim a vencer a gula, a glotoneria, a concupiscência e a não se deixar distrair. Mas aprender também a

⁴⁴ Cf. *Lucas* 21: 34.

⁴⁵ Cf. *I Pedro* 5: 8.

não descartar nenhum tipo de alimento rejeitando como um mal aquilo que foi criado por Deus, e a não comer tudo de uma vez, sem continência e pelo prazer. E alternar, comer para cada dia, com moderação, um tipo de comida, usar de tudo para a glória de Deus, não descartar nada como se fosse um mal, como o fazem os malditos hereges. Beber vinho quando for o tempo. Quando se é velho, quando se está doente, quando se tem frio, o vinho é útil, mas mesmo assim devemos beber pouco. Quando somos jovens, quando está quente, quando temos boa saúde, a água é melhor. Mas também aí, devemos fazer o possível para beber pouco. Pois a sede é a mais forte das ações do corpo.

A terceira é a vigília regrada: dormir a metade da noite e passar a outra metade salmodiando e rezando, gemendo e chorando, a fim de que, por meio do jejum e da vigília o corpo se torne dócil à alma, fique são e pronto para as boas obras⁴⁶, e para que a alma receba a coragem e a luz e possa ver e fazer o que convém.

A quarta é a salmodia, a prece corporal que passa pelos cantos dos salmos e as genuflexões, para que o corpo se esgote, para que a alma se humilhe, para que fujam os demônios nossos inimigos, para que nos assistam os anjos que combatem conosco, para que saibamos de onde nos vem o socorro e para que a ignorância não nos conduza ao orgulho nos levando a pensar que as obras são nossas. Caso contrário, seremos abandonados por Deus para que conheçamos nossa própria fraqueza.

A quinta é a prece espiritual que vem pelo intelecto e afasta todo pensamento. O intelecto se cala diante do que ela diz e se prosterne diante de Deus, inefavelmente quebrantado. Ele não busca senão fazer a vontade divina em todas as suas ações, em todas as suas

meditações. Ele não recebe nenhum pensamento, nenhuma forma, nenhuma cor, nenhuma luz, nenhum fogo, nem nada semelhante. Ele se mantém sob o olhar de Deus e só com ele conversa. Ele permanece fora de toda imagem, toda cor, toda forma. Assim é a prece pura, que convém àquele que ainda é ativo. Quanto ao contemplativo, ele recebe coisas ainda maiores.

A sexta é a leitura das sentenças e das vidas dos Padres. Mas nada sobre doutrinas estrangeiras ou outras opiniões, em particular as heréticas. Assim o monge aprende das divinas Escrituras e do discernimento dos Padres como vencer as paixões e adquirir as virtudes. Ele preenche seu intelecto com as palavras do Espírito Santo. Ele esquece daquilo que pode ter imprópriamente dito ou pensado um dia, e daqui que ouviu quando estava fora de sua cela. Dedicado à prece e à leitura, ele chega por meio delas a conceber pensamentos benfazejos. Pois a leitura na hesíquia auxilia a oração, e a prece pura auxilia a leitura, quando se está atento ao que é dito e quando não se lê ou canta superficialmente. Mas seu poder é impossível de ser compreendido corretamente quando se está entenebrecido pelas paixões. Muitas vezes nós nos iludimos por presunção, sobretudo os que pensam ter a sabedoria deste mundo e ignoram que oramos para obter um conhecimento ativo que nos permita compreender essas coisas, e que aquele que pretende aprender a conhecer a Deus não é auxiliado apenas por aquilo que entende. Pois uma coisa é o que entendemos, outra o que fazemos. Do mesmo modo como não nos tornamos experientes apenas por termos ouvido um ensinamento, do mesmo modo como não adquirimos sua arte apenas com o tempo, mas à força de fazer e ver, de erramos e sermos corrigidos pelos mais experimentados, de sermos pacientes e sufocarmos nossas vontades próprias, também o conhecimento espiritual não vem apenas do estudo, mas é uma graça de Deus dada aos humildes. É provável que quem lê as Escrituras

⁴⁶ Cf. *Tito* 3: 1.

conheça-as em parte. Não é de se espantar, sobretudo se for um ativo. Mas este homem não tem o conhecimento de Deus: ele apenas entende as palavras daqueles que têm o conhecimento. Dos que escreveram a Bíblia muitos tinham o conhecimento de Deus, como os Profetas. Mas ele ainda não o tem, assim como eu não o tenho. Eu extraí meu bem das divinas Escrituras, mas não me foi dado entender o Espírito: eu apenas aprendi daqueles a quem ele se deu a conhecer. Eu sou como um homem que ouviu falar de uma cidade ou de alguém da boca das pessoas que os tenham visto.

A sétima consiste em interrogar os que têm experiência a respeito de toda palavra e de toda ação, a fim de que cessando de pensar e de fazer por ignorância ou autossuficiência uma coisa pela outra, deixemos de nos enganar, como acontece com frequência, e de cair na presunção, imaginando conhecer quando nada sabemos, como diz o Apóstolo⁴⁷.

Além dessas ações do corpo, é preciso ter paciência em tudo o que nos acontece e que Deus concede para que aprendamos, experimentemos e conheçamos nossa própria fraqueza. O que quer que aconteça de bom ou de ruim, não devemos extrair disto nem segurança nem desespero. Mas devemos rejeitar todo sonho, toda palavra e obra vãs. E, em todo tempo, todo lugar, toda coisa, sempre meditar no nome de Deus mais profundamente do que respiramos. Prosternarmo-nos diante dele com toda nossa alma, reunir o intelecto longe de todos os pensamentos do mundo e não buscar senão uma coisa: que se faça a vontade de Deus. Então o intelecto começará a ver suas faltas como a areia do mar. Está aí a origem da iluminação da alma, este é o sinal de sua saúde. Simplesmente, a partir daí, a alma estará quebrantada, o coração humilhado⁴⁸, e ela se considerará

em verdade abaixo de tudo e de todos. Ela começará a compreender as benesses de Deus, particulares e universais, que se encontram nas divinas Escrituras, e suas próprias faltas. Ela guardará também em sua consciência todos os mandamentos, desde o primeiro até o último. Pois o Senhor os dispôs como numa escada, e é impossível pular um para chegar ao seguinte. Como numa escada, devemos subir do primeiro para o segundo, deste ao terceiro, até que eles façam do homem um Deus pela graça Daquele que os deu àqueles que os assumem.

Que aquele que quer observar os mandamentos deve começar pelo temor a Deus, para não tombar no caos.

Se quisermos progredir, primeiro devemos mostrar ardor em viver os mandamentos. E que nada nos venha de fora, pois do contrário cairemos no abismo e mesmo no caos. Acontece com as beatitudes do Senhor o mesmo que acontece com os sete carismas do Espírito. Se não começarmos pelo temor, é impossível acessar dos demais. “O começo da sabedoria, diz Davi, é o temor ao Senhor⁴⁹”. E outro Profeta, quando se refere a estas coisas, diz, inspirado do alto: “Espírito de sabedoria e de inteligência, Espírito de conselho e de força, Espírito de conhecimento e de piedade, Espírito de temor a Deus⁵⁰”. O próprio Senhor fez seu ensinamento partir do temor, quando disse: “Bem-aventurados os pobres de espírito⁵¹”.

Devemos estar sempre dobrados sob o temor de Deus, a alma inefavelmente quebrantada. O Senhor fez deste mandamento o fundamento. Ele sabe que sem este mandamento, ainda que vivamos

⁴⁷ Cf. I Coríntios 8: 2.

⁴⁸ Cf. Salmo 50 (51): 19.

⁴⁹ Salmo 110 (111): 10.

⁵⁰ Isaías 11: 2-3.

⁵¹ Mateus 5: 3.

no céu, isto de nada serviria. Pois teríamos a loucura do orgulho, por cuja causa o diabo, Adão e tantos outros tombaram. É por isso que quem quiser observar o primeiro mandamento – este temor – deve estar profundamente atento aos eventos da vida de que falamos mais acima, e às benesses inumeráveis e insondáveis de Deus, às coisas que ele fez e faz conosco através do visível e do invisível, os mandamentos e os dogmas, as ameaças e as promessas, guardando, nutrindo, provendo, dando a vida, livrando dos inimigos visíveis e invisíveis, curando por meio das orações e da intercessão de seus santos as doenças suscitadas pela nossa desordem, sofrendo sempre com paciência por nossos pecados, nossas impiedades e nossas injustiças. Quantas coisas fizemos, fazemos e faremos, das quais sua graça nos liberta. Quanto o provocamos com nossas obras, nossas palavras, nossos pensamentos. Não apenas ele nos suporta, como também por si mesmo, por seus anjos, pelas Escrituras, pelos justos e os profetas, pelos apóstolos e mártires, pelos doutores e os santos Padres, ele nos cumula de grandes benesses.

Compreendendo os esforços de uns, os combates de outros, depois admirando a descida de nosso Senhor Jesus Cristo no meio de nós, sua vida no mundo, sua santa Paixão, a cruz, a morte, a sepultura, a Ressurreição, a Ascensão, a vinda do Espírito Santo, os milagres inefáveis que não cessam de acontecer a cada dia, o Paraíso, as coroas, a adoção que nos foi dada, tudo o que está contido nas divinas Escrituras, e considerando tantas outras coisas ainda, o monge se maravilha de compreender o amor que Deus tem pelos homens, ele treme, ele admira sua longanimidade, sua paciência para conosco, e ele se aflige pela perda sofrida por nossa natureza – falo da impassibilidade angélica, do paraíso, de todos os bens de que nos privou a queda – e, concebendo os males nos quais tombamos – falo dos demônios, das paixões e dos pecados – sua alma se aquebranta por sondar quantos males foram suscitados por nossa malícia e pela

engenhosidade dos demônios.

Do segundo mandamento. Que o temor engendra o luto.

É assim que Deus nos deu o bem-aventurado luto, o segundo mandamento. Foi dito: “Bem-aventurados os aflitos⁵²”, referindo-se àquele que chora por si e pelo próximo, por amor e compaixão. Ele chora como se fosse pelos mortos, antes mesmo da morte, diante do pensamento terrível daquilo que acontece depois da morte. Do fundo de seu coração sobem os gemidos, as lágrimas amargas e dolorosas, o pranto inefável. Ele não liga para a honra ou a desonra, despreza esta vida. As penas do coração e o pranto contínuo o fazem esquecer até de comer.

Assim, a graça de Deus, a Mãe comum a todos nós, lhe concede a mansidão, o começo da imitação de Cristo, ou o terceiro mandamento: “Bem-aventurados os mansos⁵³”, como disse o Senhor. Ele se torna como uma pedra fincada que ninguém move, nem os ventos nem as vagas da vida. Ele permanece sempre igual a si mesmo, na abundância e na carência, na facilidade e na dificuldade, na honra e na desonra. Simplesmente, em todo tempo e em todas as coisas ele sabe discernir que tudo passa, tanto o agradável como o doloroso, que esta vida é um caminho para o século futuro, que mesmo que não queiramos o que tiver que acontecer acontecerá, que nos preocupamos em vão⁵⁴, que perdemos a coroa da paciência, e que tudo se passa como se nos opuséssemos à vontade de Deus, pois tudo o que Deus faz é muito bom⁵⁵ e nós ignoramos isto. Mas está

⁵² Mateus 5: 4.

⁵³ Mateus 5: 5.

⁵⁴ Cf. Salmo 38 (39): 7.

⁵⁵ Cf. Gênesis 1: 31.

dito que ele conduzirá os mansos até o julgamento⁵⁶ e, para além disto, ao discernimento das coisas.

Mesmo em ocasiões de cólera, este homem manso não se perturba. Antes ele se regozija por encontrar aí uma oportunidade de progredir e de amar a sabedoria, considerando que a tentação não chegou sem causa. Talvez ele tenha, por ignorância ou conscientemente, afligido a Deus, ou ao seu irmão, ou a outros ainda. Mais ainda, ele considera que existe aí uma fonte de perdão: pela paciência, de se fazer perdoar por suas numerosas faltas. Pois se ele não perdoa as dívidas a quem lhe deve, o Pai não lhe perdoará aquilo que ele mesmo deve⁵⁷. Para atingir a remissão dos pecados não existe via mais curta do que esta virtude, ou este mandamento. Pois foi dito: “Perdoem, e lhes será perdoado⁵⁸”.

É isto que é dado conhecer e fazer a quem, imitando a Cristo, se torna manso pela graça do mandamento. Ele se aflige por seu irmão, a quem o inimigo comum vem tentando por meio de seus pecados, mas que se tornou um remédio para a cura de sua doença. Pois toda tentação é concedida por Deus como um tratamento para curar a alma do enfermo. Ela permite a remissão das faltas passadas e presentes e se torna um obstáculo diante dos males por vir. Mas não devemos louvar nisto nem o diabo, nem aquele que o tenta, nem o que é tentado. De fato, o diabo, que faz o mal, é digno de aversão, pois ele faz o mal sem jamais se afligir. Aquele que tenta é digno de piedade por parte do que é tentado, não por que tenha agido por amor, mas por que foi um joguete e se encontra acabrunhado. E, para ser considerado digno de louvor, quem é tentado de carregar a aflição por suas próprias faltas e não pelas faltas do outro. Pois ele

⁵⁶ Cf. *Salmo* 24 (25): 9.

⁵⁷ Cf. *Mateus* 6: 15.

⁵⁸ *Mateus* 6: 14.

também não é livre de pecado. E mesmo que fosse, o que é impossível, ele deveria aguardar com esperança as recompensas e o temor do castigo. Esta é a sorte comum. Mas Deus, que não tem em si nenhuma falta e que trabalha pelo bem de todos, é digno de nossa ação de graças. Pois ele suporta pacientemente o diabo e a malícia dos homens, e retribui todo bem, antes e depois do pecado, para os que se arrependem.

Aprendendo assim todo o discernimento, aquele a quem foi dado guardar o terceiro mandamento cessa de ser um joguete com conhecimento de causa ou por ignorância. Ele recebe o carisma da humildade. Ele considera a si mesmo como nada. Pois a mansidão é a própria matéria da humildade, e esta é a porta da impassibilidade. É por esta porta que penetra no amor infalível e perfeito aquele que conhece sua própria natureza, aquilo que era antes de nascer e o que se tornará após a morte. Pois o homem não passa desta pequena imperfeição que se perde a qualquer instante. Ele é pior do que o resto da criação. Nenhuma outra criatura, inerte ou animada, jamais contraria a vontade de Deus, como o faz a natureza humana, que recebeu tantas benesses e que sempre provoca a cólera de Deus.

É por isso que o quarto mandamento foi dado, o desejo de adquirir as virtudes. Foi dito: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça⁵⁹”. O homem está como que sedento e faminto de toda justiça, da virtude do corpo e da virtude moral, que é a da alma. Quem não provou disto ignora o que lhe falta, disse Basílio o Grande. E quem provou quer mais. Quem experimentou a doçura dos primeiros mandamentos e sabe que eles lavam pouco a pouco à imitação de Cristo, sente um grande desejo de adquirir os outros, e por causa disto chega até a desprezar a morte. Ele percebe os menores mistérios de Deus ocultos nas divinas Escrituras, e tem uma

⁵⁹ *Mateus* 5: 6.

grande sede em compreendê-los. Mas quanto mais conhecimento ele recebe, mais a sede o abrasa, como se ele bebesse de uma chama. Pois o divino é incompreensível, e permanecemos sempre com sede.

O que a saúde e a doença representam para o corpo, a virtude e o vício são para a alma, e o conhecimento e a ignorância para o intelecto. Quanto mais nos dedicamos à piedade ou à ação, mais a inteligência se ilumina com o conhecimento. Então podemos ser considerados dignos da misericórdia através do quinto mandamento, em que o Senhor diz: “Bem-aventurados os misericordiosos⁶⁰”. O misericordioso é aquele que sente compaixão pelo próximo e o ajuda com aquilo que ele próprio recebeu de Deus, seja dinheiro, comida, força, palavra de alento, oração. Com todo seu poder, em sua compaixão ele se abre a quem lhe pede, e se considera seu devedor. Pois ele recebeu muito mais do que o que lhe foi pedido. Cristo lhe concedeu no século presente e no século futuro, em meio a toda a Criação, ser chamado compassivo como Deus. Através do irmão, foi o próprio Deus que precisou dele e foi seu devedor. Mesmo sem aquilo que lhe foi pedido, o pobre pode viver. Mas sem a compaixão que sente por ele tanto quanto lhe é possível, ele próprio não pode viver, nem ser salvo. Se ele não é compassivo com sua própria natureza, como pode ele pedir que Deus tenha piedade de si? Considerando estas coisas e muitas outras, aquele a quem foi dado viver os mandamentos dá não só o que possui, mas ainda toda a sua alma pelo seu próximo. Esta é a compaixão perfeita, aquela pela qual Cristo sofreu a morte por nós, mostrando-se diante de todos como modelo e imagem, a fim de que saibamos morrer uns pelos outros, e não apenas por nossos amigos, mas também pelos inimigos, quando o tempo requerer.

Pois não é necessário que tenhamos um objeto para com ele sermos

⁶⁰ *Mateus 5: 7.*

compassivos aparentemente. Esta necessidade seria uma fraqueza, isso sim. Quando não temos um objeto específico para nos compadecermos, abrimos nosso coração a todos. Podemos então ajudar os que precisam, permanecendo desinteressados quanto às coisas desta vida, e profundamente voltados para os homens. Mas, por causa da vaidade, não devemos ensinar, a menos que tenhamos praticado. O que pretender ajudar as almas dos fracos apenas com as aparências se tornará muito mais enfermo do que aqueles a quem pretende socorrer. Com efeito, tudo necessita de tempo e discernimento, para que nada aconteça intempestivamente, ou contra aquilo que se deve fazer.

Para os fracos, o melhor é fugir de tudo. A desposseção extrema é melhor do que a piedade, pois é por meio do desinteresse que seremos considerados dignos do sexto mandamento, em que o Senhor diz: “Bem-aventurados os puros de coração⁶¹”, aqueles que, por suas santas meditações praticaram com sucesso todas as virtudes e chegaram a ver as coisas na sua natureza. Assim se entra na paz dos pensamentos. Está dito: “Bem-aventurados os pacificadores⁶²”, os que pacificam a alma e o corpo submetendo a carne ao espírito, a fim de que a carne pare de desejar contra o espírito⁶³, mas que a graça do Espírito Santo reine na alma e a conduza do modo como ela deseja, dando-lhe o conhecimento divino por meio do qual o homem de paz suporta a perseguição, o ultraje e a maledicência por causa da justiça⁶⁴, e se regozije, pois sua recompensa será grande nos céus⁶⁵.

Com efeito, todas as beatitudes fazem do homem um Deus segundo

⁶¹ *Mateus 5: 8.*

⁶² *Mateus 5: 9.*

⁶³ *Cf. Gálatas 5: 17.*

⁶⁴ *Cf. Mateus 5: 10-11.*

⁶⁵ *Cf. Mateus 5: 12.*

a graça. O homem se torna manso. Ele deseja toda a justiça. Ele se torna misericordioso, impassível, pacificador. Ele suporta todos os sofrimentos com alegria, por amor a Deus e ao próximo. As beatitudes são dons de Deus. E nós lhe devemos imensamente dar graças por elas e pelas recompensas dadas: no século futuro o Reino dos céus, e aqui a consolação, a plenitude de todos os bens e de toda graça vinda de Deus, e sua revelação ao contemplarmos os mistérios ocultos nas divinas Escrituras e em todas as criaturas, e a grande recompensa que receberemos nos céus⁶⁶ quando trazemos sobre a terra a imagem de Cristo e a beatitude de cada mandamento, esta recompensa que é o cume dos bens, o fim de tudo o que desejamos. De fato, segundo o Apóstolo, somente Deus é realmente bem-aventurado, ele que habita a luz inacessível⁶⁷. Nós temos o dever de guardar os mandamentos, e mais até, de sermos guardados por eles. Mas àquele que partindo do mandamento crê nele, Deus, que ama o homem, dará recompensas aqui e além.

Tudo provém do bem-aventurado luto. Dele o intelecto recebe um alívio das paixões. E pela amargura e a abundância das lágrimas derramadas pelos pecados ele se reconcilia com Deus. Ele se crucifica com Cristo pela ação moral, ou seja, pela observância dos mandamentos, como foi dito, e pela guarda dos cinco sentidos, a fim de que estes não façam nada contra seu uso.

Uma vez que pode conter impulsos irracionais, o intelecto começa a colocar rédeas nas paixões que o cercam, o ardor e a concupiscência. A partir daí, pelo relaxamento da concupiscência ele apazigua o ardor fanfarrão, e pela austeridade do ardor ele adormece a concupiscência. Ele entra em si mesmo e conhece sua própria dignidade, que consiste em se dominar. Ele recebe a visão das coisas

em suas naturezas. Pois então se abre o olho esquerdo⁶⁸ que, sob o império das paixões, o diabo havia cegado. Então é concedido ao homem ser enterrado com Cristo em seu intelecto longe das coisas do mundo. Ele deixa de ser cativo da beleza das formas exteriores. Ele sabe que o ouro, a prata, as pedras preciosas que ele vê provêm da terra, como a madeira e as pedras, como toda coisa inerte. Ele sabe que o homem também não passa de podridão, um pouco de pó no túmulo após a morte. Ele considera como nada todas as delícias desta vida, e sempre vê suas mudanças com esta grande resolução é o conhecimento traz. Com alegria ele morre para o mundo e o mundo morre para si⁶⁹. Ele não traz em si nenhuma violência, apenas repouso e ausência de paixão.

Pela pureza da alma também lhe é concedido ressuscitar com Cristo em seu intelecto. Ele recebe a força de ver impassivelmente a beleza exterior das coisas e de glorificar através dela ao Criador do universo. Ele contempla o que está nas criaturas sensíveis, o poder e a providência de Deus, a bondade e a sabedoria de que fala o Apóstolo⁷⁰. Ele vê os mistérios que estão ocultos nas divinas Escrituras. Então é concedido ao seu intelecto elevar-se com Cristo pela contemplação das criaturas inteligíveis, vale dizer, pelo conhecimento das potências intelectuais. Todas as lágrimas que a consciência e a alegria o fazem derramar o ajudam a compreender o invisível a partir do visível⁷¹, e o eterno a partir do efêmero. E ele considera que se este mundo que passa, do qual é dito ser o exílio e a condenação dos que transgrediram o mandamento de Deus⁷², é tão bom, quanto mais o serão os bens eternos e incompreensíveis que

⁶⁶ Cf. *Mateus* 5: 12.

⁶⁷ Cf. I *Timóteo* 6: 15-16.

⁶⁸ O olho que vê as coisas do mundo como elas são.

⁶⁹ Cf. *Gálatas* 6: 14.

⁷⁰ Cf. *Romanos* 1: 20-21.

⁷¹ Cf. *Romanos* 1: 20.

⁷² Cf. *Gênesis* 3: 23.

Deus preparou para os que o amam⁷³. E se estes bens são por excelência incompreensíveis, quanto mais será o próprio Deus, que criou tudo do nada.

Pois se repousarmos de tudo, se nos ligarmos às ações do corpo e da alma que os Padres chamam de piedade, se desconfiarmos de todo sonho e de toda ideia própria que não seja atestada pela Escritura, se fugirmos de toda relação vã para não ouvir nem ler nada que seja estéril, em particular as coisas que tocam a heresia, então seremos cumulados pelas lágrimas da consciência e da alegria. Poderemos bebê-las, de tão abundantes. E entraremos na outra prece, a prece pura, própria dos contemplativos. Pois assim como deveremos ter então outras leituras, outras lágrimas, também outra será nossa prece daí por diante. Pois o intelecto penetrou nas contemplações espirituais. É por isso que a partir daí devemos ler sem temor nas divinas Escrituras as palavras difíceis de discernir, como fazem os que ainda são ativos e os fracos por sua ignorância. Quando com o tempo conduzimos o combate das ações do corpo e das ações morais, somos de fato crucificados com Cristo, somos enterrados pelo conhecimento das coisas, em sua natureza e em suas transformações, e ressuscitamos pela impassibilidade e pelo conhecimento dos mistérios de Deus nas suas criaturas sensíveis. Depois nos elevamos acima do mundo, pelo conhecimento do intelecto e dos mistérios ocultos nas divinas Escrituras. Do temor, atingimos a piedade, de onde provém o conhecimento, depois a resolução, ou o discernimento, que dá a força, da qual nasce a compreensão. E então alcançamos a sabedoria.

Por meio de todas essas ações e de todas essas contemplações de que falamos, nos são dadas a prece pura e perfeita que provém da paz e do amor de Deus, e a morada do Espírito Santo em nós. É como se

⁷³ Cf. I *Coríntios* 2: 9.

diz: é preciso adquirir a Deus em si mesmo, descobrir em nós a presença e a morada de Deus, segundo João Crisóstomo, quando o corpo e a alma, como o corpo e a alma de Cristo, abandonam o pecado, na medida em que isto é possível ao homem. É preciso manter o intelecto em meditação em Cristo, pela graça do Espírito e da sabedoria, que é o conhecimento das coisas humanas e divinas⁷⁴.

Das quatro virtudes da alma

Existem quatro formas de sabedoria. A castidade, ou o conhecimento daquilo que se deve e que não se deve fazer, e o despertar da inteligência. A temperança, ou a arte de manter a salvo o que está no espírito, de modo a poder se manter fora de toda obra, toda palavra, todo pensamento, que não agradem a Deus. A coragem ou força, e a paciência nas penas conforme a Deus e nas tentações. E a justiça, ou a partilha, que atribui a todos a mesma coisa.

Estas quatro virtudes gerais nascem das três potências da alma. Do pensamento ou do intelecto nascem duas, a prudência e a justiça, ou o discernimento. Do desejo nasce a castidade, e do ardor a coragem.

Cada virtude é um meio entre duas paixões contra a natureza. A prudência se situa entre a presunção e a hesitação. A castidade entre a estupidez e o deboche. A coragem entre a temeridade e a preguiça. A justiça entre os sentimentos de inferioridade e de superioridade.

As quatro virtudes são a imagem do homem celeste. E as oito paixões⁷⁵, a imagem do homem terrestre⁷⁶.

⁷⁴ Cf. IV *Mac.* 1: 16 (apócrifo)

⁷⁵ Os quatro pares de paixões que cercam as quatro virtudes.

Deus conhece todas estas coisas exatamente, assim como conhece o passado, o presente e o futuro. Aquele que pela graça aprende dele as obras que Deus produz as conhece em parte, e a este é concedido se tornar a sua imagem e semelhança⁷⁶. Mas quem pretende saber apenas por ter ouvido falar⁷⁷, este se engana. Pois o intelecto do homem jamais pode se elevar aos céus sem Aquele que o conduz. Quem não subiu [aos céus] nem contemplou não pode falar do que não viu.

Mas se entendemos uma palavra da Escritura, não devemos repetir senão esta palavra com reconhecimento por havê-la entendido, e confessar o Pai do Verbo, disse Basílio o Grande. E sem pretender possuir o conhecimento de nada, devemos permanecer abaixo do desconhecido. Presumir, diz são Máximo, não nos permite tornarmos-nos aquilo que presumimos⁷⁹. Existe, com efeito, um desconhecimento louvável, como diz são João Crisóstomo, quando sabemos o quanto ignoramos. Mas também existe uma ignorância além do desconhecimento, quando não sabemos o quanto ignoramos. E existe um conhecimento enganoso, quando, segundo o Apóstolo, acreditamos saber quando, na verdade, não sabemos nada⁸⁰.

Do conhecimento ativo

Existe um conhecimento verdadeiro, e existe um conhecimento total. Mas o melhor de todos é o conhecimento ativo. Pois de que serve a

um homem ter todo o conhecimento, e mesmo recebê-lo de Deus por graça como Salomão⁸¹ – que nisto não tem igual – e depois ser atirado ao castigo eterno? De que lhe serve ter o conhecimento se, por meio das obras e de uma fé segura, o testemunho da consciência não lhe der a certeza de estar livre do castigo futuro por não condenar a si próprio de ter negligenciado o que poderia ter feito na medida do possível, como disse João o Teólogo: “Se nosso coração não nos condena, sentiremos confiança ao nos dirigirmos a Deus⁸²”.

Mas a consciência não nos condena, disse são Nilo, por que ela foi enganada, maltratada pela cegueira das paixões. É o que também afirma João Clímaco⁸³. Mas se é apenas a malícia que entenebrece o intelecto, diz Basílio o Grande, se é a presunção que o cega e não permite que aconteça o que se presume, que dizer então dos que estão submetidos às paixões e que acreditam ter a consciência pura, sobretudo quando vemos o Apóstolo Paulo, que tinha em si a Cristo, dizer em atos e palavras: “É verdade que a minha consciência de nada me acusa, mas isso não significa que eu seja inocente⁸⁴”.

É por isso que somos profundamente insensíveis, que a maior parte de nós acredita ser alguma coisa, quando na verdade não somos nada. “Quando eles falarem de paz, diz o Apóstolo, será então que a ruína desabará sobre eles⁸⁵”. Pois eles não possuem a paz, diz João Crisóstomo, mas falam dela, insensíveis que acreditam possuí-la. São Tiago, Irmão de Deus, diz também a respeito que eles se esqueceram⁸⁶ de seus próprios pecados. Muitos orgulhosos se

⁷⁶ Cf. I Coríntios 15: 49.

⁷⁷ Cf. Gênesis 1: 26.

⁷⁸ Cf. I Coríntios 8: 2.

⁷⁹ Máximo o Confessor, *Sobre o Amor* III, 81.

⁸⁰ Cf. I Coríntios 8: 2.

⁸¹ Cf. I Reis 3: 12.

⁸² I João 3: 21.

⁸³ *A escada santa* V, 44.

⁸⁴ I Coríntios 4: 4.

⁸⁵ I Tessalonicenses 5: 3.

⁸⁶ Cf. Tiago 1: 25.

iludiram pensando possuir a impassibilidade, diz João Clímaco⁸⁷. Eu mesmo, tremendo de medo de ser possuído por estes três gigantes do diabo de quem fala são Marcos o Asceta⁸⁸ – a negligência, o esquecimento e a ignorância – e com temor de que em minha ignorância eu me visse fora do caminho, como disse santo Isaac⁸⁹, reuni estas poucas sentenças. Quem detesta ser convencido do erro mostra que a paixão do orgulho o marcou, diz João Clímaco⁹⁰. Mas quem prossegue além da reprovação se livra de seus laços. Salomão o diz: “Quando o insensato coloca uma pergunta sobre a sabedoria, ela passa por sábio⁹¹”.

No início eu citei os nomes dos livros e dos santos, a fim de não alongar meu discurso referindo de quem é cada sentença. Os próprios santos Padres muitas vezes transcreveram as palavras das divinas Escrituras. Também Gregório o Teólogo transcreveu as palavras de Salomão. Muitos outros agiram da mesma maneira. Simeão Logoteta o Metafraste falava assim a respeito de João Crisóstomo: “Não seria justo deixar de lado suas palavras para utilizar as minhas”. E no entanto ele poderia. Pois todos os Padres receberam do mesmo Espírito Santo. Mas tanto eles dizem de quem são as sentenças que ornamentam seus discursos, por humildade, preferindo as palavras das Escrituras, tanto as deixam anônimas, por tão numerosas que são, para não sobrecarregar o que é dito.

Que as virtudes do corpo são instrumentos das virtudes da alma

⁸⁷ *A escada santa* VI, 10 e XXII, 29.

⁸⁸ *Carta ao Monge Nicolas*.

⁸⁹ *Obras espirituais*, pg. 107.

⁹⁰ *A escada santa* XX, 11 e 14.

⁹¹ *Provérbios* 17: 28.

Como é melhor do que apelar para as numerosas citações de memória, começarei por transcrever a maior parte das coisas que foram ditas e que não provêm de mim, mas que são as palavras e o discernimento das divinas Escrituras e dos santos homens.

João Damasceno disse que as virtudes do corpo, ou antes, que os instrumentos das virtudes são necessários quando os buscamos com humildade e conhecimento espiritual⁹². Pois sem as virtudes do corpo as virtudes da alma não existem. Mas se as virtudes do corpo não trazem em si as da alma, se elas são reduzidas a si mesmas, elas já não servem para nada, como plantas sem frutos. Se não nos consagramos a Deus, se não rompemos com nossas vontades próprias, é impossível aprendermos de forma sábia e segura qualquer arte. Além da ação, temos necessidade de conhecimento, da contínua consagração a Deus longe de tudo e do estudo das divinas Escrituras, sem o que é impossível adquirir as virtudes. Aquele a quem foi dado consagrar-se total e continuamente a Deus, este descobriu o bem supremo. Mas quem não chegou até aí não seja negligente, ainda que de forma parcial. Bem-aventurado o que chega à consagração total, seja por se submeter a um monge ativo que vive solitário e conforme a razão, seja por ele próprio viver na hesíquia e na ausência total de cuidados e longe de tudo, rigorosamente submetido à vontade divina e confiado ao conselho dos que têm experiência em tudo o que se relaciona às palavras e aos pensamentos. Bem-aventurados sobretudo os que querem atingir além de todo esforço a impassibilidade e o conhecimento espiritual pela total consagração a Deus, como ele próprio falou pelo Profeta: “Rendam-se e reconheçam que eu sou Deus⁹³”.

⁹² *Discurso útil à alma*.

⁹³ *Salmo* 45 (46), 11.

Os homens votados a esta vida, refiro-me aos homens segundo este mundo, e nós que nos dizemos monges, devemos ainda que parcialmente nos consagrar a Deus como os antigos Justos, para sondar nossa pobre alma antes da morte e suscitar sua correção ou humildade, e não a perdição irreparável para a qual conduzem a ignorância total e as faltas conhecidas e desconhecidas. Davi era rei, mas todas as noites, sentindo a presença do divino, ele molhava de lágrimas seu leito⁹⁴. E Jó disse: “Meus cabelos estão eriçados⁹⁵”, etc. Também nós, ainda que por uma pequena parte do dia ou da noite, como os homens votados a esta vida, consagremo-nos a Deus e vejamos o que responderemos ao justo Juiz no dia terrível do Juízo. Acima de tudo, inquietemo-nos com este Juízo, como com algo necessário, com temor ao castigo eterno, e não preocupados como vamos viver se formos pobres ou como poderemos enriquecer sendo caridosos. Colocamos tolamente todo o nosso cuidado nas coisas desta vida, disse o divino Crisóstomo. É preciso trabalhar, mas não nos inquietarmos nem nos agitarmos com um monte de coisas⁹⁶, como disse o Senhor a Marta. O cuidado com esta vida jamais deixou alguém cuidar de sua alma e saber o que ela é, como faz aquele que se consagra a Deus e que está atento a si mesmo, como está escrito na Lei: “Guarde-se⁹⁷”, etc. E o grande Basílio escreveu a partir destas palavras um discurso admirável e cheio de sabedoria⁹⁸.

Que é impossível ser salvo de outro modo que não a atenção rigorosa e a guarda do intelecto

⁹⁴ Cf. *Salmo* 6: 7.

⁹⁵ *Jó* 4: 5.

⁹⁶ Cf. *Lucas* 10: 41.

⁹⁷ *Deuteronômio* 15: 9.

⁹⁸ Homilia sobre *Attende tibi ipsi*, “Guarda a ti mesmo”.

Sem a atenção e a vigília do intelecto nos é impossível ser salvos e libertos do diabo que gira ao nosso redor como um leão que ruge buscando o que devorar⁹⁹, disse João Damasceno. É por isso que o Senhor sempre dizia a seus discípulos: “Vigiem e rezem, por que vocês não sabem¹⁰⁰”, etc. Ele falava da lembrança da morte. E através dos seus discípulos ele nos prescreveu a todos para que estejamos prontos a dar, por meio de nossas obras e de nossa atenção, uma resposta que possa ser recebida.

Pois, disse santo Hilário, os demônios imateriais não dormem, e colocam todo seu empenho em nos combater¹⁰¹, em perder nossas almas pela palavra, pelas obras e pelo pensamento. Nós não somos com eles. Estamos sempre cuidando, seja das delícias e da glória passageira, seja das coisas desta vida, e de tantas outras. Só não cuidamos, mesmo em parte, daquilo que queremos possuir para sondar nossas vidas, a fim de que o intelecto possa adquirir o hábito, e permanecer sem descanso e frequentemente atento a si mesmo. Pois como disse Salomão, você caminha em meio a muitas armadilhas¹⁰². João Crisóstomo descreveu estas armadilhas com grande clareza e total sabedoria.

O Senhor, querendo nos afastar de toda inquietude, nos ordenou desprezar alimentos e vestes para não termos senão um único cuidado – como ser salvos, como libertar o gamo da rede e o pássaro da armadilha¹⁰³ – e para podermos enxergar com o olhar penetrante do gamo e a voar como o pássaro nas alturas. É verdadeiramente

⁹⁹ Cf. *I Pedro* 5: 8.

¹⁰⁰ *Mateus* 24: 42; 26: 41.

¹⁰¹ João Clímaco, *A escada santa* I, 42.

¹⁰² *Eclesiástico* 9: 13.

¹⁰³ Cf. *Provérbios* 6: 5.

admirável que Salomão tenha dito isso. Pois ele era rei, assim como seu pai, que havia falado e agido como ele. Em meio a numerosos combates, eles levavam com grande atenção uma vida de sabedoria e virtude. Mas depois de terem recebido tantos carismas e a própria manifestação de Deus, eles foram vencidos pelo pecado. Um teve que chorar um adultério e uma morte¹⁰⁴. O outro caiu em inúmeros males¹⁰⁵. Não existem aí motivos, para nós que temos inteligência, para nos encher de temor e de horror, como disseram João Clímaco¹⁰⁶ e Filemon o Asceta¹⁰⁷? Como não tremer e não fugir do emaranhado desta vida, por causa de nossa fraqueza, nós que nada somos, ao invés de permanecermos insensíveis como os animais irracionais? Miserável que sou, possa eu ao menos guardar minha natureza, como os animais. Pois um cão é melhor do que eu, etc¹⁰⁸.

Que aqueles que querem ver onde se encontram não têm outra coisa a fazer do que fugir de suas próprias vontades, pela submissão e a hesíquia, sobretudo os que são presa das paixões.

Se quisermos ver a nós mesmos e aprender o quanto nosso estado traz consigo a morte, fujamos de nossas próprias vontades e das coisas desta vida. Fugindo para longe de tudo, consagremo-nos com esforço ao recolhimento bem-aventurado diante de Deus, cada qual buscando sua alma no estudo das divinas Escrituras, na perfeita submissão da alma e do corpo se ainda estamos sob a força das paixões, ou na hesíquia, esta vida de anjos tão decantada, se já conseguimos conter nossos desejos, pequenos e grandes.

¹⁰⁴ Cf. II Samuel 11: 12.

¹⁰⁵ Cf. I Reis 11: 9.

¹⁰⁶ A escada santa II, 12 e XV, 650.

¹⁰⁷ Sobre o abade Filemon.

¹⁰⁸ Sentenças dos Padres do Deserto, anon. 1434.

Foi dito: “Permaneça na sua cela e ela lhe ensinará tudo¹⁰⁹”. E também, conforme o grande Basílio: “A hesíquia é o começo da purificação da alma¹¹⁰”. Também Salomão disse: “Deus permitiu que os filhos dos homens fossem arrastados à vaidade por causa de sua agitação perniciosa¹¹¹”, para que o ócio selvagem e passional não os levasse a algo ainda pior.

Quem foi liberto destes dois abismos pela graça de Deus, aquele a quem foi permitido se tornar monge, vestir o hábito angélico e monástico, e revelar por suas palavras e suas obras tanto quanto possível apenas a imitação de Deus, como disse o grande Denis¹¹², como não verá como seu dever estar sempre consagrado a Deus, manter seu intelecto atento a todas as suas ações e continuamente meditar perante Deus sobre o estado alcançado? É o que os santos Padres, Efrém e outros, diziam aos iniciantes. Um dizia que aqueles a quem ainda não fora dado atingir a contemplação – vale dizer, o conhecimento – tivessem sempre nos lábios um salmo, ou um esticárion, ou que mantivessem o intelecto atento aos salmos e aos tropários, a fim de nunca permanecer sem estudo, no trabalho, nos caminhos, no leito antes de dormir. Mas uma vez que se segue uma regra recebida, é preciso concentrar o intelecto no estudo, para que o inimigo não nos encontre de mãos vazias e longe da lembrança de Deus e nos atazane com seus males. Isto é verdade para todos.

Quando, depois de numerosos combates – vale dizer, pelas virtudes do corpo e da alma – podemos, pela graça de Cristo, nos elevarmos em espírito até a obra espiritual – a obra do intelecto – e chorarmos

¹⁰⁹ Cf. Sentenças dos Padres do Deserto, Moisés 6.

¹¹⁰ Carta II, 2.

¹¹¹ Eclesiastes 1: 13.

¹¹² Hierarquia Eclesiástica VI, 1, 3 e III, 2.

nossas almas, devemos guardar como a menina dos olhos o pensamento que traz as lágrimas dolorosas, disse João Clímaco¹¹³, até que a economia divina faça vir o fogo e a água, a fim de deter a presunção. O fogo é a pena do coração, a fé ardente. A água são as lágrimas. Elas não são dadas a todos, disse o grande Atanásio, mas aos que são dignos de ver os tormentos que precedem e se seguem à morte, pela lembrança contínua que eles têm na hesíquia, como disse Isaías: “O ouvido de quem vive na solidão escuta coisas extraordinárias¹¹⁴”. E também: “Detenham-se, e conhecerão¹¹⁵”.

Pois somente a hesíquia engendra o conhecimento de Deus. Somente ela pode ajudar os passionais e os mais fracos, permitindo-lhes viver sem distração e fugir dos homens, das conversas e dos cuidados que obscurecem o intelecto, e não apenas dos cuidados desta vida, mas também das menores coisas que nos parecem estranhas ao pecado. Como disse João Clímaco: “o menor fio de cabelo perturba o olho¹¹⁶”, etc. E santo Isaac: “Não pense que a avareza consiste apenas no fato de possuir ouro ou prata. Ela é também o pensamento do dinheiro, quando este se agarra a nós¹¹⁷”. Também o Senhor disse: “Onde estiver seu tesouro, aí estará seu coração¹¹⁸”. Seja nas coisas e pensamentos divinos, seja nas coisas e pensamentos terrestres. É por isso que somos chamados à ausência de cuidados e à consagração a Deus. Parcialmente, para aqueles que ainda estão ligados às coisas desta vida, como foi dito, para que cheguem pouco a pouco à prudência e ao conhecimento espiritual. Ou totalmente, para os que podem se consagrar e colocar todo seu empenho em

agradar a Deus, para que Deus veja sua resolução, lhes conceda o repouso por meio do conhecimento espiritual e os faça chegar ao estudo da primeira contemplação, no qual eles irão adquirir a inefável contrição da alma e se tornarão pobres em espírito¹¹⁹.

Conduzindo-os assim paulatinamente às demais contemplações, ele lhes concederá a guarda das beatitudes, até que atinjam a paz dos pensamentos, que é o lugar de Deus, como disse são Nilo¹²⁰ se referindo ao Saltério: “Seu lugar é na paz”.

Das oito contemplações do intelecto.¹²¹

Existem oito contemplações do intelecto, em minha opinião. Sete pertencem a este século, e a oitava pertence ao século futuro, como disse santo Isaac¹²².

A primeira é o conhecimento das aflições e das tentações desta vida, disse são Doroteu¹²³. Ela chora por todo o mal que a natureza humana sofre por causa do pecado.

A segunda é o conhecimento de nossas faltas e das benesses de Deus. É o que dizem João Clímaco¹²⁴, santo Isaac e muitos outros Padres.

A terceira é o conhecimento dos tormentos que precedem e se

¹¹³ *A escada santa* VI, 11-12.

¹¹⁴ Trata-se de João Clímaco, *A escada santa* XXVII, 28, citando *Jó* 4, 12.

¹¹⁵ *Salmo* 45 (46): 11.

¹¹⁶ *A escada santa* XXVII, 52.

¹¹⁷ *Obras espirituais*, pg. 230.

¹¹⁸ *Mateus* 6: 21.

¹¹⁹ Cf. *Mateus* 5: 3.

¹²⁰ Evagro, *Da oração* 58, citando o *Salmo* 75 (76): 3.

¹²¹ As contemplações – também chamadas de “gnoses” ou conhecimentos – são aqui colocadas como os estágios da vida espiritual.

¹²² *Obras espirituais*, pgs. 377-378.

¹²³ *Instruções espirituais* XIII, §148.

¹²⁴ *A escada santa* XXV, 35 e 38.

seguem à morte, como está nas divinas Escrituras.

A quarta é o conhecimento da vida que neste mundo levou nosso Senhor Jesus Cristo, e das obras e palavras de seus discípulos e de outros santos, dos mártires e dos Padres.

A quinta é o conhecimento da natureza e da transformação das coisas. É o que dizem os santos Padres, Gregório o Teólogo e João Damasceno.

A sexta é a contemplação dos seres, ou seja, o conhecimento e a compreensão das criaturas sensíveis de Deus.

A sétima é a compreensão das criaturas inteligíveis de Deus.

A oitava é o conhecimento de Deus, a que chamamos teologia.

Estas são as oito contemplações. As três primeiras convêm a quem ainda é ativo, a fim de que este possa, sob a abundância e a amargura das lágrimas, purificar sua alma de todas as paixões. Depois ele receberá as demais pela graça.

As cinco contemplações seguintes convêm ao contemplativo, ou àquele que sabe, para que ele possa sempre observar e levar a cabo as ações do corpo e as ações morais, ou seja, as ações da alma. É por meio delas que lhe será dado sentir as primeiras, na ordem visível como na ordem do intelecto. Desde a primeira contemplação, o monge ativo recebe, com efeito, o começo do conhecimento e se dedica ao trabalho. Ele estuda os pensamentos que lhe são dados e progride por meio deles, até os fazer seus. O conhecimento seguinte virá por si só ao intelecto. O mesmo acontecerá com todos os demais.

Mas para que tudo fique bem claro, mesmo que não me seja possível dizer algo, falarei mais precisamente de cada contemplação, mostrando o que se deve compreender e dizer, para que encontremos em cada contemplação um meio de saber o que devemos fazer, quando a graça começar a abrir-nos os olhos da alma ajudando-nos a entender, ajudando-nos a sermos profundamente tocados pelos pensamentos e as palavras que poderão fazer habitar em nós o temor de que já falamos, e que é a contrição da alma.

Declaração necessária ao primeiro conhecimento.

De como devemos começar.

O primeiro conhecimento abre todos os demais para aquele que se engajar. Aquele a quem foi dado penetrar neste conhecimento deve fazer o seguinte: colocar-se a Oriente, como outrora Adão. Pensar que naquele tempo Adão habitava lá, e chorava em face das delícias do Paraíso. Ele batia com as mãos no próprio rosto dizendo: “Compassivo, tenha piedade de mim que caí¹²⁵”. E também este outro verso: “Adão, vendo o anjo que o expulsava e lhe fechava o portão do jardim de Deus, gemeu profundamente, dizendo: Compassivo, tenha piedade de mim que caí”. Depois ele compreendeu o que lhe acontecera. Ele implorou, suspirou com toda sua alma e pendeu a cabeça. E na dor de seu coração ele disse:

“Pecador, o que me aconteceu? O que era eu, e no que me tornei? O que perdi e o que encontrei? Em lugar do Paraíso, este mundo corruptível. Em lugar de Deus e da vida angélica, o diabo e os demônios impuros. Em lugar do repouso, o trabalho. Em lugar da

¹²⁵ O tema e as numerosas passagens desta “lamentação de Adão” são extraídas da liturgia bizantina (domingo da Queda de Adão, na tríade da Grande Quaresma)

felicidade e da alegria, a aflição do mundo e a tristeza. Em lugar da paz e da contínua felicidade, o temor e as lágrimas dolorosas. Em lugar da virtude e da justiça, a iniquidade e os pecados. Em lugar da bondade e da impassibilidade, a malícia e as paixões. Em lugar da sabedoria e da intimidade de Deus, a ignorância e o exílio. Em lugar da total ausência de cuidados e em lugar da liberdade, a vida inquieta e a pior servidão”.

“Oh! Oh! Como fui eu criado rei? Como em minha loucura me tornei escravo das paixões? Infeliz de mim, o miserável. Como, pela transgressão, transformei a vida em morte? Ah! Ah! Infeliz, o que me aconteceu por causa de minha imprudência? Que fazer? Aqui lutas, ali confusões. Aqui enfermidades, ali tentações. Aqui perigos, ali naufrágios. Aqui medos, ali tristezas. Aqui as paixões, ali os pecados. Aqui as amarguras, ali as angústias. Infeliz de mim, o miserável. Que fazer? Para onde fugir? Estou oprimido por todos os lados¹²⁶, como disse Suzana. Eu não sei o que pedir. Se peço viver, temo as tentações da existência, suas mudanças, seus acidentes. Vejo Satanás, o Anjo que se ergue pela manhã como a estrela que traz a aurora¹²⁷, tornado naquele a quem chamamos de diabo. Vejo a primeira criatura exilada¹²⁸: Caim, assassino de seu irmão; Canaã maldita; os Sodomitas queimados pelo fogo; Esaú decaído; os Israelitas submetidos à cólera; Giezi e o apóstolo Judas caídos, vítimas da avareza; o Rei, o grande Profeta, chorando seu duplo pecado; Salomão decaído¹²⁹, malgrado toda sua sabedoria; aqueles que tombaram dentre os sete diáconos e os quarenta mártires, como disse o grande Basílio. O príncipe do mal se regozija de capturar

Judas o covarde dentre os doze; do coração do Éden, o homem; dentre os quarenta, aquele que recuou. É preciso chorar por ele, e dizer ainda: é vão e digno de piedade aquele que fracassou nas duas vidas. Pois ele foi destruído pelo fogo e partiu para o fogo que não se extingue. E quantos outros, incontáveis, tombaram, não apenas entre os descrentes, mas muitos dentre os Padres, que suaram tantos suores”.

“Com efeito, que sou eu, eu que sou pior, mais insensível e mais fraco do que todos? Que dizer de mim mesmo? Pois Abraão disse de si próprio ser ele terra e cinzas¹³⁰. Davi disse de si mesmo que era um cachorro morto, o mais ínfimo de Israel¹³¹. Salomão disse de si que era como uma criança que não distinguia a direita da esquerda¹³². Os três adolescentes disseram ter se tornado vergonha e opróbrio¹³³. O profeta Isaías disse: “Ó infeliz que sou eu¹³⁴”. E o profeta Habacuque: “Eu sou uma criança¹³⁵”. O Apóstolo disse de si ser o primeiro dos pecadores¹³⁶. Todos os santos disseram ser nada. Que fazer? Onde me esconder de todos os meus males? Que me tornar, eu que nada sou, e que sou ainda pior que o que é menos que nada? Aquele que é ninguém não pecou, mas também não recebeu nenhum bem como eu recebi. Oh, como vou terminar o tempo que me resta a viver? Como farei para fugir das armadilhas do demônio? Os demônios não dormem, eles são imateriais, a morte se aproxima, eu sou fraco. Senhor, ajude-me! Não deixe que sua criatura se perca. Pois você vela sobre o miserável que sou eu. Faça com que eu conheça a via sobre a qual devo caminhar, pois a você elevo minha

¹²⁶ Cf. *Daniel* 13: 22.

¹²⁷ Cf. *Isaías* 14: 12.

¹²⁸ Cf. *Gênesis* 3: 23.

¹²⁹ Cf. *Gênesis* 3: 23; 4: 8; 9: 25; 19: 24-25; 25: 32-35; *Números* 14: 34; *II Reis* 5: 26-27; *Mateus* 26: 15-24; *II Samuel* 11: 12 e *Salmo* 50 (51); *I Reis* 11: 9-10.

¹³⁰ Cf. *Gênesis* 18: 27.

¹³¹ Cf. *I Samuel* 18: 23 e 24: 15.

¹³² Cf. *I Reis* 3: 7.

¹³³ Cf. *Daniel* 3: 23.

¹³⁴ *Isaías* 6: 5.

¹³⁵ Trata-se na realidade de *Jeremias* 1: 6.

¹³⁶ Cf. *I Timóteo* 1: 15.

alma¹³⁷. Não me abandone, Senhor meu Deus. Não se retire de mim, venha em meu auxílio, Senhor da minha salvação¹³⁸”.

A alma será partida por essas palavras, se ela puder senti-las. E se ela perseverar, se adquirir o temor divino, o intelecto começará a compreender e a meditar nas palavras da segunda contemplação.

Da segunda contemplação

Oh, miserável, que fazer? No que me tornar? Eu pequei tanto! Eu recebi tantos bens. E sou tão fraco. As numerosas tentações e a negligência me oprimem. O esquecimento me entenebrece e não me permite ver a mim mesmo, nem ver a multidão dos meus males. A ignorância é má, a transgressão consciente é pior ainda, a virtude difícil, as paixões numerosas, os demônios ativos, o pecado fácil, a morte próxima, o julgamento amargo. Pobre de mim! Que fazer? Para onde fugir? Sou eu mesmo a causa de minha perdição. Eu recebi a honra da liberdade, e ninguém pode me constranger. Fui eu que pequei, que peço sempre e que passo negligentemente ao largo de toda boa obra. Ninguém está lá para me obrigar. A quem posso responsabilizar? Deus é bom e ama o homem. Ele não deseja mais do que o retorno para ele e o arrependimento. Os anjos me amam e guardam. Também os homens torcem pelo meu progresso. Os demônios não podem obrigar a quem não quer se perder, nem por negligência nem por desespero. Quem então é responsável, senão eu mesmo, miserável que sou?

Eu vejo minha alma se perder e nada faço para me engajar numa vida de piedade. Porque, ó minha alma, você não vigia a si mesma?

Porque, quando você peca, não se envergonha diante de Deus e de seus anjos, como se envergonharia diante dos homens? Ó infeliz, que não me envergonho diante de seu Criador e Mestre, mas me envergonho diante de um homem. Pois diante dos homens eu não posso pecar. Eu me empenho em mostrar que todos os meus atos são justos. Mas diante de Deus eu não me envergonho de dizer e pensar o que é mau. Ó loucura minha! Quando eu faço o mal, eu não temo a Deus que está me vendo. E, para me corrigir, eu não posso dizê-lo a um homem. Pobre de mim! Pobre de mim! Eu conheço o castigo, mas não quero me arrepender.

Eu amo o Reino celeste, mas não adquiero a virtude. Eu creio em Deus, e desobedeço todos os dias aos seus mandamentos. Eu odeio o diabo, mas não deixo nunca de fazer o que lhe agrada. Se eu rezo, é com negligência, e permaneço insensível. Se jejuo me vanglorio, e me condeno a partir daí. Se velo, faço cara de ocupado, e isto não me serve para nada. Se leio, insensível, logo caio em um de dois males: ou leio para saber muitas coisas e por vã ambição, e afundo ainda mais nas trevas; ou entendo e não faço nada, e me condeno mais ainda. Se pela graça de Deus paro de pecar em ato, nem por isso deixo de pecar por palavras. E se a graça de Deus me cala, infeliz, eu ainda provoço a Deus em meus pensamentos. Oh, que fazer? Onde quer que eu vá, só encontro pecados. Os demônios estão por toda parte. O desespero é pior do que tudo. Eu provoquei a cólera de Deus, entristeci seus anjos, feri e escandalizei os homens.

Eu quis com minhas lágrimas apagar o manuscrito das minhas faltas, Senhor, e passar a agradá-lo com meu arrependimento pelo resto de minha vida. Mas o inimigo me engana e combate minha alma. Senhor, antes que eu me perca inexoravelmente, salve-me.

¹³⁷ Salmo 142 (143): 8.

¹³⁸ Salmo 37 (38): 22-23.

Pequei contra você, Senhor, como o filho pródigo¹³⁹. Pai, receba-me, a mim que estou arrependido. Deus, tenha piedade de mim.

Eu clamo por você, Cristo Salvador, como o publicano¹⁴⁰. Deus, purifica-me como a ele, tenha piedade de mim¹⁴¹.

Que será de mim ao final? Que advirá no fim? Oh, infeliz, quem derramará água sobre sua cabeça? Quem dará aos meus olhos a fonte das lágrimas¹⁴²? Quem me tornará digno de chorar? Pois não consigo fazê-lo por mim mesmo. Venham, montanhas, cubram a este miserável. Oh, que poderei dizer? Quantos bens me fez Deus, que só ele conhece, e quantos males suscitou minha ingratidão! Por minhas obras, minhas palavras e meus pensamentos, eu constantemente irrito o Benfeitor. Quanto mais paciente ele é, mais presunçoso me mostro, miserável que sou, e me torno mais insensível do que as pedras sem alma. Entretanto eu não desespero, pois reconheço seu amor pelo homem.

Eu não adquiri nem o arrependimento, nem as lágrimas. Eu lhe suplico então, Salvador, faça-me retornar antes do fim e dê-me o arrependimento, para que eu seja livre do castigo.

Senhor meu Deus, não me abandone. Pois eu não sou nada diante de você. Eu sou inteiro pecador. Onde encontrarei os meios para sentir meus grandes males? Eu nada faço para isto. Aí está minha grande condenação. Para mim foram criados o céu e a terra, para mim os quatro elementos e tudo o que deles saiu, como disse Gregório o

Teólogo¹⁴³. E calarei sobre o demais. Pois não sou digno de falar a respeito, por causa da multidão de meus males. Quem poderá compreender, ainda que lhe fosse dada a inteligência angélica, as inumeráveis benesses que recebi? Mas eis que, recusando o arrependimento, infeliz, estou votado a fracassar em tudo.

Meditando nestas coisas chegará um tempo em que você alcançará o terceiro conhecimento, se continuar a implorar.

Da terceira contemplação.

Oh, que combate, quando a alma se separa do corpo! Que lágrimas! E ninguém pode ajudá-la ainda que se compadeça. Ela volta os olhos para os anjos, mas suplica em vão. Ela estende as mãos aos homens, mas ninguém pode socorrê-la¹⁴⁴.

Eu choro e sofro quando pensa na morte e vejo nos túmulos nossa beleza criada à imagem de Deus jazendo sem forma, sem glória e sem aparência. Ó milagre! Qual é o mistério que nos cerca? Como fomos atirados à corrupção? Como nos misturamos à morte? Em verdade, foi por ordem de Deus, como está escrito¹⁴⁵. Oh infeliz, que farei à hora da morte, quando os demônios cercarem minha pobre alma, trazendo por escrito o mal que eu fiz conscientemente ou por ignorância, em palavras, atos e pensamentos, quando exigirem de mim que eu preste conta de todas as minhas faltas? Mas, fora de todo pecado, eu já fui condenado por não ter guardado os mandamentos.

¹³⁹ Cf. *Lucas* 15: 11-32.

¹⁴⁰ Cf. *Lucas* 18: 9-14.

¹⁴¹ Os últimos três versos foram extraídos da liturgia bizantina.

¹⁴² Cf. *Jeremias* 3: 19.

¹⁴³ *Discurso* XIV 2, 3.

¹⁴⁴ Texto da liturgia bizantina.

¹⁴⁵ Cf. *Gênesis* 3: 19.

Ó minha pobre alma, diga-me agora: onde estão os compromissos do batismo? Onde a adesão a Cristo? Onde a rejeição a Satanás? Onde a guarda dos mandamentos de Deus? Onde a imitação de Cristo pelas virtudes do corpo e da alma? Onde estão as coisas pelas quais somos chamados de cristãos? Onde a profissão monástica? Eu poderia talvez alegar alguma enfermidade do corpo, mas onde está a fé que não se preocupa senão com Deus e que pode mover as montanhas, ainda que a tenhamos do tamanho de um grão de mostarda¹⁴⁶? Onde o arrependimento total, que nos separa de toda obra e palavra más? Onde a alma quebrantada e o luto extremo? Onde a doçura, a compaixão, o coração puro de pensamentos de malícia, a temperança em todas as coisas, guardando imóveis – salvo necessidade – todos os membros do corpo, todo pensamento e toda vontade, para salvação da alma e da vida corporal? Onde a paciência que suporta todas as aflições pelo Reino dos céus? A ação de graças em todas as coisas? A prece incessante? O pensamento da morte, as lágrimas da tristeza, se eu sequer derramo aquelas do amor? A prudência conforme a Deus, que protege a alma das armadilhas do inimigos e dos que nos combatem? A castidade, que nos separa de tudo que não é fato ou pensamento de si mesmo em Deus? A coragem, que, pela esperança, nos faz suportar as infelicidades e enfrentar os inimigos? A justiça, que partilha entre todos a mesma coisa? A humildade, que nos faz reconhecer nossa própria fraqueza, nossa ignorância e o amor de Deus pelo homem, que deveria nos livrar de todas as intrigas do inimigo? Onde a impassibilidade e o amor perfeito, a paz que ultrapassa toda inteligência¹⁴⁷, pela qual eu deveria ser chamado de filho de Deus¹⁴⁸?

Pois tudo isso, e sem que seja preciso usar a força do corpo, aquele

¹⁴⁶ Cf. *Mateus* 17: 20.

¹⁴⁷ Cf. *Filipenses* 4: 7.

¹⁴⁸ Cf. *Mateus* 5: 9.

que o deseja pode obter por uma simples resolução. Mas o que tenho eu a dizer? Infeliz, que faço eu? Pois eu sequer receio a minha incerteza. Eu negligenciei totalmente o que deveria fazer quando me era possível, e agora irei para o inferno, como disse o grande Atanásio. Ó infelicidade minha! O que fiz por mim? Não apenas porque pequei, mas acima de tudo por que não quis me arrepender. Se eu tivesse me arrependido, como o filho pródigo¹⁴⁹, o Pai, com sua afeição, teria me recebido de volta. E se eu tivesse tido a nobreza do publicano¹⁵⁰, condenando a mim próprio e nunca a outrem, também poderia ter recebido de Deus a remissão dos pecados, sobretudo se, como ele, houvesse implorado com toda a minha alma. Mas agora ainda estou longe de me ver assim. E temo permanecer no inferno com os demônios, temo o Juízo que virá, lá onde correm os rios de fogo, onde estão os tronos, onde são abertos os livros¹⁵¹, onde os anjos nos precedem, onde a natureza humana ficará inteiramente exposta. Tudo ficará nu e descoberto¹⁵² diante do temível e justo Juiz.

Oh, como suportarei a acusação, a indignação do temível Juiz incorruptível, a afluência dos inumeráveis anjos, a exigência e a terrível ameaça, a sentença sem retorno, o pranto incessante e as lágrimas inúteis, as trevas sem luz e o verme que não dorme, o fogo que não se extingue¹⁵³, os tormentos, a queda para fora do Reino, a separação dos santos, o distanciamento dos anjos, o exílio para longe de Deus, a angústia e a morte eternas, o medo, as penas, a tristeza, a vergonha, a tortura da consciência? Oh, pecador, que me esperará? Porque esta cruel perdição? Eu ainda tenho tempo de me arrepender.

¹⁴⁹ Cf. *Lucas* 15: 17-18.

¹⁵⁰ Cf. *Lucas* 18: 13-14.

¹⁵¹ Cf. *Daniel* 7: 9-10 e *Apocalipse* 20: 11-12.

¹⁵² Cf. *Hebreus* 4: 13.

¹⁵³ Cf. *Marcos* 9: 48.

O Mestre me chama, recuarei? Até quando, minha alma, persistirá você em suas faltas? Até quando irá procrastinar o arrependimento? Pense no Juízo que virá. Chame por Cristo Deus: você que conhece os coração, eu pequei. Antes de me condenar, tenha piedade de mim. Que não ouçamos Cristo dizer na hora deste temível evento: “Eu não os conheço¹⁵⁴”. Pois é em você, o Salvador, que colocamos toda nossa esperança, mesmo que em nossa negligência não façamos o que eu nos foi ordenado. Mas nós lhe rogamos: proteja nossas almas. Infeliz de mim, Senhor, por que o afligi sem sentir. Mas sua graça me fez sentir, ainda que pouco, e já não sei o que fazer, infeliz. Minha pobre alma treme.

Mas viverei ainda o bastante para chorar amargamente e lavar minha carne e minha alma manchada? Ou ainda, se eu tomar o luto por um momento, conseguirei me deter, eu que sou sempre tão insensível? E se quiser fazer algo, obterei o esforço contínuo da alma? Jejuarei, vigiarei? Mas sem a humildade, isto não me servirá de nada. Cantarei apenas com a minha boca, lerei? Mas as paixões entenebreçaram meu intelecto, e não compreendo o poder daquilo que é dito. Prosternar-me-ei diante d’Aquele que concede todos os bens? Mas não tenho coragem. Minha vida é desesperançada. Perdi minha alma! Senhor, venha em meu auxílio e receba-me como ao publicano. Pequei contra o céu e perante você¹⁵⁵, como o filho pródigo e a prostituta em lágrimas¹⁵⁶, da qual se disse: sua vida era desesperançada. Todos conheciam sua conduta. Mas ela veio diante de você, trazendo a mirra, e disse: “Você que nasceu da Virgem, não me rejeite por eu ser prostituta. Alegria dos anjos, não recuse minhas lágrimas, mas receba a mim que me arrependo. Em sua grande

piedade, Senhor, não afaste de você aquela que pecou¹⁵⁷”.

Infeliz, também eu estou desesperançado por causa de meus numerosos pecados, mas me coloco diante de seu inefável amor pelo homem e no oceano infinito de suas compaixões no qual atirei o desespero de minha alma, e ousou reunir meu intelecto em sua santa memória. Se me dirijo a você é para pedir com grande temor e tremor que me seja concedido, apesar de minha indignidade, tornar-me seu servidor, de guardar por sua graça meu intelecto longe de toda imagem, de toda forma, de toda cor, de toda matéria, de me prosternar diante de você, o Deus único e Criador do universo, como antes Daniel diante do seu anjo, de joelhos e em suas mãos, e de apresentar diante de você minha ação de graças, e depois minha confissão.

Assim, miserável, eu começo por implorar sua santíssima vontade, rendendo graças pelos bens que você me concedeu, a mim que sou terra, poeira e cinzas. Todo meu ser é terrestre, mas me foi dado dirigir-me a você apenas pelo intelecto. E diante do pensamento que eu sou visto por você, com toda a minha alma eu clamo e digo: Mestre cheio de amor, eu lhe dou graças, ei o glorifico, eu o celebro, eu o adoro. Eu sou indigno, e no entanto você me permitiu nesta hora agradecê-lo e estar inteiramente à escuta daquilo que você fez e faz todo o tempo conosco por sua graça, estas maravilhas e esta bondade presentes nas obras da alma e do corpo, inumeráveis e insondáveis, visíveis e invisíveis, que conhecemos e que ignoramos. Eu não escondo suas benesses. Eu evoco suas compaixões, eu o confesso, Senhor meu Deus, de todo meu coração. Eu glorifico seu nome por toda a eternidade. Pois sua piedade é grande para comigo¹⁵⁸. E sua atenção e sua paciência são inefáveis diante da

¹⁵⁴ *Mateus* 25: 12.

¹⁵⁵ Cf. *Lucas* 15: 18-21.

¹⁵⁶ Cf. *Lucas* 7: 37-38.

¹⁵⁷ Texto da liturgia bizantina.

¹⁵⁸ Cf. *Salmo* 85 (86): 13.

multidão das minhas iniquidades e dos meus pecados, das minhas impiedades e das minhas faltas, daquilo que eu fiz, que faço constantemente e que farei, conscientemente ou por ignorância, em palavras, atos e pensamentos, todas essas coisas das quais me libertou sua graça, aquilo que você sabe desde meu nascimento até o fim da minha vida, Senhor que conhece os corações; e apesar disto tudo, infeliz, eu não ousou confessá-lo.

Eu pequei, eu fui iníquo e ímpio¹⁵⁹, fiz o mal diante de você¹⁶⁰, e não sou digno de contemplar e de ver as alturas celestes. Mas, confiando em seu inefável amor pelo homem, em sua bondade e sua misericórdia que ultrapassam a inteligência, eu me prosterno e imploro: tenha piedade de mim, Senhor, por que sou fraco¹⁶¹. Perdoe a multidão dos meus males. Não me deixe pecar mais nem me desviar do caminho reto, não me deixe mais ferir nem afligir ninguém. Refreie em minha toda malícia, todo mau hábito, todo impulso selvagem da alma e do corpo, do ardor e do desejo. Ensine-me a fazer a sua vontade. Tenha piedade dos meus irmãos e dos meus pais espirituais, de todos os monges e de todos os padres em todo lugar, dos meus pais, meus irmãos e minha família, daqueles que nos servem e daqueles a quem servimos, dos que oram por nós, dos que nos pediram que rezássemos por eles, dos que nos odeiam e dos que nos amam, dos que abençoaram e dos que afligiram, dos que me afligiram e dos que me afligirão, e de todos os que creem em você. Perdoe-me todo pecado, voluntário ou involuntário. Proteja nossa vida e nossa saída deste mundo dos espíritos impuros e de todas as tentações, de todo pecado e de toda malícia, do orgulho e do desespero, da descrença e da perdição, da presunção e da negligência, da ilusão e da desordem, das mentiras e das armadilhas

¹⁵⁹ Cf. *Daniel* 9: 5. 15.

¹⁶⁰ Cf. *Salmo* 50 (51): 6.

¹⁶¹ *Salmo* 6: 3.

do diabo. Conceda-nos o que é bom para nossas almas no século presente e no século futuro, conforme agradar ao seu amor pelo homem. Conceda o repouso aos nossos pais e irmãos que nos deixaram. Pelas orações de todos os que se compadecem de minha miséria tenha piedade de minha perdição, veja como tudo me oprima, corrija minha conduta, dirija minha vida e meu fim para a paz. Faça de mim o que quiser e como quiser, queira eu ou não. Mas que eu não deixe de estar à sua direita no dia do Juízo, Senhor Jesus Cristo, meu Deus, ainda que eu seja o último dos servidores resgatados. Dê paz a seu mundo, tenha piedade de todos. E torne-me digno de receber seu corpo puro e seu sangue precioso para a remissão dos pecados, pela comunhão do Espírito Santo, como garantia da vida eterna com você e com seus eleitos, pelas orações da Mãe puríssima, das santas Potências celestes e de todos os Santos. Pois você é bendito pelos séculos dos séculos. Amém.

Santíssima e Soberana Mãe de Deus, todas as Potências celestes dos santos Anjos e Arcanjos e de todos os Santos, intercedam por mim, o pecador.

Deus nosso Mestre, Pai que domina o universo, Senhor Filho único Jesus Cristo e Espírito Santo, etc.

Logo, para cortar pela raiz os próprios pensamentos, dizemos três vezes: “Venham, adoremos e prostremo-nos diante de nosso Rei e Deus¹⁶²”. Então, começamos os salmos, tomando como antífona o Trisságio e reunindo o intelecto em torno do que é dito. Ao final, quarenta Kyrie eleison a cada antífona, prosternando-se e dizendo esta prece: “Pequei, Senhor, perdoe-me”. Levantando, estendemos as

¹⁶² Começo da oração das Horas. A longa prece que precede é também inspirada diretamente ou extraída tal qual da liturgia bizantina.

mãos e dizemos: “Deus, purifique a mim, pecador¹⁶³”. Em seguida repetimos a primeira oração: “Venham, adoremos...”, e rezamos outra antífona.

Entrementes, a cada vez que a graça nos amansa o coração, devemos guardar o intelecto nas águas da compunção, mesmo que a boca continue a cantar e que o pensamento seja levado cativo, neste bom cativo de que fala santo Isaac¹⁶⁴. Pois este é o tempo de colher, não o de plantar¹⁶⁵. Devemos permanecer nestes pensamentos, a fim de que o coração se enteneça e dê seu fruto, as lágrimas de Deus. Você será colhido pela compunção, ainda que por uma única palavra, como disse João Clímaco: permaneça nela¹⁶⁶. Pois todas as energias do corpo, ou seja, o jejum, a vigília, a salmodia, a leitura, a hesíquia e as demais, só existem para purificar o intelecto. Mas o intelecto não pode se purificar sem o luto. Então ele se une a Deus por intermédio da prece pura que o arrebatava a todos os pensamentos e o torna sem imagem e sem forma. Pois tudo o que é bom devido a essas energias pode se tornar bom, mas pode também se tornar o seu contrário. Para ser bem feita, toda coisa necessita de discernimento.

Sem o discernimento, não temos como conhecer a natureza das coisas. E talvez a maior parte de nós fique escandalizada por ver contradição entra as palavras e os atos dos santos Padres. Assim é que a Igreja recebeu o canto dos tropários com sua melodia, e numerosos hinos. Mas João Clímaco, ao louvar os que vivem no luto segundo Deus, diz que estes homens não têm que proclamar sua alegria cantando hinos¹⁶⁷. E santo Isaac, quando fala dos que

possuem a prece pura, diz que acontece muitas vezes reunirem seu intelecto na oração e caírem então de joelhos, como o profeta Daniel, com as mãos estendidas e os olhos contemplando a cruz de Cristo. Os pensamentos de tais homens se transformam e seus membros relaxam desde que um sentido novo entra por si só em seu intelecto¹⁶⁸.

Sobre estas coisas muitos dos santos Padres escrevem também que não apenas pelo arrebatamento do intelecto eles ultrapassaram os cantos e as salmodias, como ainda esqueceram, como disse são Nilo¹⁶⁹, o próprio intelecto.

Por causa da fraqueza de nosso intelecto, a Igreja recebeu os cantos e os tropários como algo bom e que agrada a Deus, a fim de que, pela doçura da melodia, nós, que não temos o conhecimento, celebremos a Deus apesar disso. Mas os que possuem o conhecimento e compreendem o que dissemos, alcançam a compunção. Nós então nos elevamos como que sobre uma escada para atingir os pensamentos bem-aventurados de que fala João Damasceno. E quanto mais progredirmos no costume desses pensamentos divinos, mais o desejo de Deus nos levará a compreender, mais atingiremos a adoração do Pai em espírito e em verdade¹⁷⁰, como disse o Senhor. É o mesmo que diz o Apóstolo: “Eu prefiro dizer cinco palavras com minha inteligência do que dez mil com a língua¹⁷¹”, etc. E também: “Quero que em toda parte os homens elevem aos céus mãos santas, sem cóleras nem disputas¹⁷²”. Assim a salmodia é o remédio da fraqueza, e a prece pura a perfeição do intelecto. A questão fica

¹⁶³ Cf. Lucas 18: 13.

¹⁶⁴ *Obras espirituais*, pg. 200.

¹⁶⁵ Cf. *Eclesiastes* 3: 2.

¹⁶⁶ *A escada santa* XXVIII, 11.

¹⁶⁷ *Ibidem* VII, 75.

¹⁶⁸ *Obras espirituais*, pgs. 202 e 108, citando *Daniel* 10: 9.

¹⁶⁹ Evagro, *Sobre a oração*, 120.

¹⁷⁰ Cf. *João* 4: 24.

¹⁷¹ *I Coríntios* 14: 19.

¹⁷² *I Timóteo* 2: 8.

assim resolvida. Tudo é bom a seu tempo¹⁷³. Mas tudo parece intempestivo e contraditório aos que ignoram o tempo de cada coisa. Como disse Salomão: “Existe um tempo para tudo¹⁷⁴”.

Entretanto, quando alcançamos as meditações bem-aventuradas, devemos permanecer rigorosamente atentos em guardar em nós estas contemplações, para não sermos abandonados pela graça se cairmos na negligência e na presunção, como disse santo Isaac¹⁷⁵. Pois se os pensamentos divinos crescem na alma do homem e o levam a uma maior compunção, a uma maior humildade, devemos sempre agradecer a Deus confessando-lhe a graça que ele nos concedeu para conhecermos estas coisas. Mas devemos sempre nos considerar indignos. E se estas coisas nos deixam, se outra vez a reflexão se obscurece e rejeita o temor e o luto, devemos profundamente nos afligir e nos humilhar em atos e palavras, vendo a graça nos abandonar, a fim de conhecermos nossa fraqueza, adquirir a humildade e nos aplicarmos em nossa correção, como disse o grande Basílio¹⁷⁶. Pois se vigiássemos para guardar o luto diante de Deus, jamais ficaríamos privados de lágrimas no momento em que ele nos chama. Por isso devemos sempre reconhecer nossa fraqueza e a graça de Deus, e jamais desesperar, aconteça o que acontecer, mas também não devemos estar seguros de que sejamos alguma coisa. Antes devemos sempre esperar humildemente em Deus. É o que deve fazer em atos e palavras aquele que busca a abundância de lágrimas, pois a ele foi dada esta graça, e ele não aguardou a presciência de Deus, por causa da negligência e da presunção passada, presente ou futura a que nos referimos.

¹⁷³ Cf. *Eclesiástico* 39: 34.

¹⁷⁴ *Eclesiastes* 3: 1.

¹⁷⁵ *Obras espirituais*, pg. 277.

¹⁷⁶ Cf. São Basílio, *Pequenas Regras* 16 e 80.

A quem desleixa tais carismas – o luto, as lágrimas, os pensamentos luminosos – que lhe restará, senão “Oh! Pobre de mim!”? Pois ninguém no mundo é mais insensato do que ele. Foi-lhe concedido deixar o que é contra a natureza para esperar pela graça as coisas sobrenaturais, as lágrimas da consciência e do amor. E por causa de coisas insignificantes, por causa de pensamentos estranhos e por causa de suas próprias vontades ele se voltou para a ignorância dos animais, como o cachorro que volta ao seu próprio vômito¹⁷⁷. E, no entanto, se ele quiser novamente, se ele se consagrar a Deus na leitura das divinas Escrituras com atenção e preocupação com a morte, se, na medida do possível ele proteger seu intelecto dos pensamentos vãos durante a prece, ele poderá reencontrar o que perdeu, sobretudo se ele não afligiu ninguém, se, mesmo tendo sofrido de alguém os maiores males ele não se deixou afligir, mas com toda sua força cuidou do seu agressor por palavras e obras. O intelecto, liberado da perturbação do ardor, encontrará certamente a maior alegria com isto. Este homem aprenderá pela experiência a jamais negligenciar sua alma, por medo de que ela novamente seja abandonada. O temor o protegerá da queda. Vertendo lágrimas de arrependimento e luto, ele não descansará sem derramar lágrimas de amor e de alegria, por meio das quais, pela graça de Cristo, ele encontrará a paz dos pensamentos. É isto que acontecerá.

Mas nós, que ainda somos passionais e temos o coração pesado, devemos sempre nos ater às palavras do luto e nos examinarmos a cada antes da regra¹⁷⁸, durante e depois dela, nos aplicando, se ainda formos fracos, ao repouso conforme Deus e à detenção de todas as coisas, como disse santo Isaac. Ou, se nossos olhos não dormem, se nossa reflexão é sóbria e vigilante, permanecendo sem nada fazer, como disse João Clímaco. Vigie por encontrar aí seu progresso. É

¹⁷⁷ Cf. I *Pedro* 2: 22.

¹⁷⁸ Conjunto de orações que era dado a cada monge em particular.

preciso que nossa alma se feche e comece a chorar, disse são Doroteu. Isto vale para tudo o que dissemos das três primeiras contemplações, a fim de que possamos chegar às demais e, em primeiro lugar, à quarta.

Da quarta contemplação.

Devemos compreender aqui o que foi a descida de nosso dulcíssimo Salvador Jesus Cristo entre nós, o que foi sua vida no mundo, e depois, pouco a pouco, esquecer este mesmo alimento, como disse o grande Basílio. É isto que ouvimos também dizer o bem-aventurado Davi. Ele se esqueceu de comer seu pão, diz João Clímaco¹⁷⁹, quando sua reflexão foi arrebatada para as maravilhas de Deus num grande êxtase. E ele não sabia como deveria agradecer, disse Basílio o testemunho do céu¹⁸⁰: “Como agradeceremos ao Senhor por tudo o que nos fez?”¹⁸¹.

Deus veio aos homens por nós. Por causa de nossa natureza corrompida o Verbo se fez carne e habitou entre nós¹⁸². Para os ingratos, ele é o Benfeitor. Para os cativos, o Libertador. Para os que vagavam nas trevas¹⁸³, o Sol de justiça¹⁸⁴. Sobre a cruz, ele é o Impassível. No inferno, a Luz. Na morte, a Vida. Para os que tombaram, ele é a Ressurreição. Cantemo-lo: “Nosso Deus, glória a ti!”. E João Damasceno: “O céu se maravilhou e os confins da terra foram agitados, admirando que Deus se revelasse num corpo dentre

os homens, e que seu seio foi mais vasto do que os céus. Mãe de Deus, as ordens dos anjos e dos homens a exaltam”. E ainda: “Tudo o que é capaz de compreender treme diante da misteriosa descida de Deus entre nós. O Altíssimo quis descer até tomar um corpo. Ele se fez homem no seio virginal. Fiéis, nós exaltamos a puríssima Mãe de Deus. Venham, povos, tenham confiança. Subam na Montanha celeste. Habitemos fora da matéria na Cidade do Deus vivo. E contemplemos pelo intelecto a imaterial Divindade do Pai e do Espírito irradiando no Filho único. Você me arrebatou pelo desejo, ó Cristo. Você me transformou com seu amor divino. Agora consuma meus pecados no fogo imaterial e permita-me ser cumulado das delícias que estão em você, a fim de que, em minha alegria, ó bom Deus, eu exalte suas duas vindas. Salvador que é inteiro doçura, inteiro desejo e tensão inesgotável, você é inteiro beleza maravilhosa”.

Aquele que, pelas virtudes do corpo e da alma, recebeu o conhecimento dessas coisas e os mistérios ocultos nas palavras dos santos homens e das divinas Escrituras, em especial dos santos Evangelhos, nem por isso se detém em desejar e verter lágrimas que dele brotam por si sós. Também nós, que não fazemos senão ouvir as Escrituras, devemos sempre nos aplicar e nos exercitarmos para que, com o tempo, o desejo de Deus fique gravado em nossos corações. É o que diz são Máximo e o que fizeram os Padres, antes de receber o conhecimento interior.

Todo o desejo dos mártires estava voltado unicamente para o Mestre. Eles se uniam a ele por meio do amor e cantavam, como diz João Damasceno dos três adolescentes: “Os bem-aventurados Filhos da Babilônia se expuseram ao perigo por causa das leis paternas. Eles recusaram a ordem insensata do tirano. Eles foram atirados ao fogo, mas não foram consumidos. E eles cantaram o hino digno d’Aquele

¹⁷⁹ *A escada santa* VII, 4, citando o *Salmo* 101 (102): 5.

¹⁸⁰ Em grego: *ouranophantor*, “aquele que faz aparecer o céu”.

¹⁸¹ São Basílio, *Grande Regra* 2, citando o *Salmo* 115: 3 (116: 12).

¹⁸² Cf. *João* 1: 14.

¹⁸³ Cf. *Isaías* 42: 7.

¹⁸⁴ Cf. *Malaquias* 3: 20.

que os guardava”. Em tempo: quando alguém sente as maravilhas de Deus, sai inteiramente de si mesmo e esquece até desta vida passageira, pois compreende as divinas Escrituras, disse santo Isaac¹⁸⁵. Porém, não como nós, que recebemos talvez das Escrituras um pouco desta compunção que nos alquebra, mas que a nossa negligência, esquecimento e ignorância nos conduzem às trevas, e nossa insensibilidade nos conduz às paixões. Mas quem foi purificado das paixões pelo luto sente os mistérios ocultos em todas as Escrituras. Todos estes mistérios o viram pelo avesso, em especial as obras e as palavras do santos Evangelho: como a sabedoria de Deus torna fáceis as coisas mais difíceis e paulatinamente transforma um homem em Deus. Ela o torna tão bom como alguém que é capaz de amar seus inimigos. Compassivo, como o Pai é compassivo¹⁸⁶. Impassível, como Deus é impassível. Cheio de todas as virtudes e perfeito, como o Pai é perfeito¹⁸⁷. Numa palavra, a própria santa Bíblia ensina ao homem aquilo que convém a Deus, para que, por adoção, o homem se torne Deus.

Como não admirar a obra do santo Evangelho? Pela simples resolução ele concede o repouso e todas as honras tanto no século presente quanto no século futuro, como disse o Senhor: “Quem se rebaixar será elevado¹⁸⁸”. Aqui Pedro é testemunha, abandonando as redes e ganhando as chaves do céu¹⁸⁹. Também os demais apóstolos testemunharam ter cada qual abandonado o pouco que possuíam para receber em mãos o mundo inteiro no século presente e no futuro. Eles receberam o que o olho não pode ver, o que o ouvido não pode

ouvir, o que não chega ao coração do homem¹⁹⁰.

E estas coisas não aconteceram apenas aos apóstolos, mas a todos os que as assumiram até hoje, como disse um dos Padres: “Se eles penaram no deserto, é certo que receberam também um imenso repouso”. Ele se referia à vida sem perturbações e sem inquietações. Que nos parece isto? Quem recebe mais descanso, aquele que se consagra a Deus e age de acordo, ou o que passa seu tempo no tumulto dos tribunais e nas preocupações desta vida? Aquele que está sempre voltado para Deus pelo estudo das divinas Escrituras, a prece constante e as lágrimas, ou o que se dedica ao mal e vela sobre as fraudes e as iniquidades em que fracassará quando não lhe restarem mais do que o sofrimento e a morte dupla? Deste modo sofremos a morte mais penosa e a desonra, sem nada ganharmos com isto. Por causa desta perdição alguns fizeram à própria alma um mal imenso. Penso nos ladrões, nos piratas, nos debochados, nos guerreiros, nos que não quiseram ser salvos, receber o repouso, a honra e o prêmio. Mas quanta cegueira! Sofremos a morte por nos termos perdido. E, para sermos salvos, sequer amamos a vida.

Mas se preferimos a morte ao Reino dos céus, que fazemos de mais do que o ladrão, o profanador ou o guerreiro que, apenas pelo pão, tantas vezes sofreram a morte futura com a morte presente? Caso contrário, devemos ver em Cristo o objetivo primeiro pelo qual o Reino dos céus é dado aos que o assumem: a tudo rejeitar pelo intelecto, a tudo dominar, reinar no século presente não apenas sobre as coisas, mas sobre os corpos, desprezando-os, e sobre a morte pela audácia da fé, e reinar eternamente no século futuro com Cristo no corpo pela graça da ressurreição comum. A morte vem igualmente para o pecador e para o justo. Mas a diferença é grande. Os dois morrem como mortais, não há com que se espantar. Mas um não

¹⁸⁵ *Obras espirituais*, pgs. 61 e 434.

¹⁸⁶ Cf. *Lucas* 6: 36.

¹⁸⁷ Cf. *Mateus* 5: 48.

¹⁸⁸ *Lucas* 14: 11; 18: 14.

¹⁸⁹ Cf. *Mateus* 16: 19.

¹⁹⁰ Cf. *I Coríntios* 2: 9.

recebe recompensa e é sem dúvida condenado, enquanto que o outro é bem-aventurado no século presente e no século futuro.

Que vantagem existe em adquirir dinheiro? Aquele que acredita possuir será constrangido a abandoná-lo, não apenas na hora da morte, mas muitas vezes também antes da morte, e não sem muita confusão, fadiga e sofrimento. É também por causa do dinheiro que alguns sofreram a morte em meio às inumeráveis tentações da riqueza, vale dizer, o medo, a preocupação, a tristeza contínua, a perturbação, quisessem ou não. Mas o santo mandamento¹⁹¹ liberta o homem de todas estas coisas. Ele concede a ausência de todas as preocupações, de todo medo, e também a alegria inefável dos que por si mesmos escolhem a despossessão. O que pode haver de mais feliz do que ser impassível, inteiramente desembaraçado do ardor e do desejo que as coisas deste mundo podem inspirar? O que pode haver de mais feliz do que considerar como nada aquilo que tanto cobiça a maioria, do que estar acima de tudo, do que viver como quem está no Paraíso, ou até no céu, acima de toda obrigação, na ausência de preocupações e na consagração a Deus? Pois se este homem suporta os acontecimentos com alegria, tudo o que lhe acontece o descansa. Se ele ama a todos os seres, ele é amado por todos. Se ele despreza tudo, ele está acima de tudo. Ele recusa possuir aquilo pelo quê os outros lutam, e fica triste se fraqueja e condena a si mesmo se obtém o que eles cobiçam. É pelos mandamentos que aquele que deseja algo se liberta de todos os males no século presente e no futuro. Pois recusar aquilo que não se possui é digno de todo descanso, e está além da riqueza. Mas cobiçar o que não se possui é o maior castigo que pode haver antes do castigo eterno. Este homem é escravo, ainda que aparentemente seja um rei muito rico. Qual é este peso de que falam os mandamentos do Senhor? Infeliz, é o de nada fazer gratuitamente e com fervor.

¹⁹¹ Cf. *Romanos* 7: 12.

Portanto, aquele que pode conhecer em parte a graça do santo Evangelho e aquilo que ele contém, vale dizer, os atos e os ensinamentos do Senhor, seus mandamentos e sua doutrina, as ameaças e as promessas, sabe quais tesouros inesgotáveis encontrou, mesmo que não possa falar adequadamente deles, uma vez que as coisas do céu são inefáveis. De fato, Cristo está oculto no Evangelho, e quem o quiser encontrar deve primeiro vender tudo o que possui¹⁹² e adquirir o Evangelho, a fim de poder não apenas encontrar a Cristo pela leitura, mas também recebê-lo em si pela imitação de sua vida no mundo. Pois aquele que procura Cristo, diz São Máximo, não deve buscá-lo fora, mas em seu próprio coração¹⁹³. De corpo e alma, ele deve ser como foi Cristo, sem pecado tanto quanto é possível a um homem, e guardar com toda sua força o testemunho de sua consciência¹⁹⁴, a fim de reinar sobre toda vontade própria, de dominá-la pelo desdém, ainda que para o mundo ele seja pobre e desonrado. Pois de que serve a um homem ser rei em aparência se ele for tiranizado neste século pelo ardor e pelo desejo e se ele encontrar no século futuro o castigo eterno, por não ter guardado os mandamentos divinos? Que loucura! Como podemos não querer os bens eternos em troca de pequenas coisas passageiras? E no entanto, nós rejeitamos estes bens, e buscamos o seu contrário.

O que pode haver de mais simples do que beber um copo de água fresca ou um pedaço de pão, ou de nos abstermos de nossas vontades próprias e de nossos pequenos pensamentos? É por meio destes gestos que recebemos o Reino dos céus, pela graça d'Aquele que disse: "Eis que o Reino de Deus está dentro de vocês"¹⁹⁵. Pois o

¹⁹² Cf. *Mateus* 13: 44.

¹⁹³ *Sobre a Teologia* II, 35.

¹⁹⁴ Cf. *II Coríntios* 1: 12.

¹⁹⁵ *Lucas* 17: 21.

Reino não está longe, nem fora, diz João Damasceno. Ele está dentro. Queira simplesmente dominar as paixões, e pronto, você vive como agrada a Deus, e tem o Reino em si. Mas se você não quiser nada, você não obterá nada. Pois o nome do Reino de Deus, dizem os Padres, é a vida que agrada a Deus, é a primeira descida do Senhor e também a segunda. A segunda vinda de Cristo é anunciada no Evangelho com palavras de luto. Mas quem, pela graça, recebe em si a primeira vinda, deve dizer, sentindo-o com toda sua alma e com grande maravilhamento: “Grande é o Senhor, e maravilhosas as suas obras¹⁹⁶”. Nenhuma palavra será bastante para cantar suas maravilhas, Mestre dulcíssimo; diante de você estou seu, seu servidor sem voz, sem obras, imóvel diante de sua face. Eu espero a iluminação do conhecimento que vem de você, pois você disse: “Sem mim vocês nada podem¹⁹⁷”. Ensine-me o que provém de você. É por isso que eu ousou me sentar aos seus puríssimos pés, como a irmã de Lázaro¹⁹⁸, seu amigo, para que também eu possa ouvir em meu intelecto alguma coisa de você, senão sobre sua incompreensível divindade, ao menos sobre sua vida corporal no mundo, e ainda para que eu possa sentir um pouco o que você disse no santo Evangelho de sua graça, como você viveu entre nós, doce e humilde de coração¹⁹⁹, aquilo que sua santa boca nos ordenou aprendêssemos, a pobreza em que você escolheu viver, você, tão rico em misericórdia²⁰⁰ e que, conhecendo voluntariamente o sofrimento e a sede, deu à Samaritana a água da vida²⁰¹, conforme você disse, Senhor: “Quem tem sede venha a mim e beba²⁰²”. Pois você é a fonte dos remédios; quem poderá cantar a vida no mundo?

¹⁹⁶ *Eclesiástico* 11: 4.

¹⁹⁷ *João*, 15: 5.

¹⁹⁸ Cf. *Lucas* 10: 39.

¹⁹⁹ Cf. *Mateus* 11, 29.

²⁰⁰ Cf. *Efésios* 2: 4.

²⁰¹ Cf. *João* 4: 10.

²⁰² *João* 7: 37.

Eu não passo de terra e cinzas, poeira, transgressor, assassino de mim mesmo. Já pequei tanto, e continuo pecando. No entanto, você me concedeu conhecer profundamente alguns de seus atos e de suas palavras, e ousar interrogá-lo a respeito deles. Você é invisível para toda a criação. Mas pela fé eu penso poder vê-lo, perdoe-me a audácia. Pois, Senhor que conhece os corações, você sabe que eu não o ignoro indiscretamente, mas que eu procuro aprender. Eu acredito que, se sou digno do conhecimento que vem de você, em seu amor pelos homens você também me dará, como aos que o desejam, a força para trabalhar em sua obra, tanto quanto me for possível, imitando sua vida na carne, pela qual eu recebi a graça de ser chamado cristão. Embora ninguém possa, como os discípulos, sofrer a morte pelos inimigos, nem reencontrar o que foram sua pobreza e sua virtude, e a pobreza e a virtude deles, cada um de nós o pode, ainda que em parte, por sua resolução. Ainda que morramos a cada dia por você, jamais poderemos pagar-lhe o que lhe devemos. Pois, Senhor, você é Deus perfeito e Homem perfeito. Você levou uma vida sem pecado neste mundo e a tudo sofreu por nós. Nós, mesmo que soframos alguma coisa, é por nós mesmos e por nossos pecados que o fazemos.

Quem não se admira ao compreender sua inefável descida entre nós? Você é o Deus incompreensível e todo-poderoso. Você mantém o universo, habita acima dos Querubins²⁰³, dos quais se dizem que distribuem a sabedoria. Do alto dos céus você se humilhou por nós, que provocáramos sua cólera desde o início. Você aceitou nascer e crescer entre nós, ser perseguido, lapidado, ridicularizado, injuriado, espancado, esbofeteado. Nós nos divertimos com você, nós cuspiamos em você. Depois você conheceu a cruz e os pregos, a esponja e os espinhos, o fel e o vinagre, e outras coisas que não sou

²⁰³ Cf. *I Samuel* 4: 4; *Salmo* 79 (80): 1.

digno de ouvir. Depois a lança perfurou seu flanco tão puro, donde verteu por nós a vida eterna: seu sangue precioso e a água.

Eu celebro seu nascimento e aquele que o deu à luz, a quem você conservou Virgem tanto depois como antes do nascimento. Eu o adoro envolto em panos na caverna e na manjedoura. Eu o glorifico fugindo para o Egito com a Virgem puríssima, sua Mãe, depois indo morar em Nazaré submisso a seus pais na carne: seu pai presumido e sua verdadeira Mãe. Eu o canto, Senhor, batizado no Jordão pelo Precursor. Canto o Pai que deu testemunho de você e o Espírito Santo que o revelou. Canto seu batismo e o Batista, João o profeta, seu servidor. Eu o glorifico, jejuando por nós, voluntariamente tentado, vencedor do inimigo no corpo que você recebeu de nós, dando-nos a vitória sobre ele pela sabedoria inefável, e depois indo viver com seus discípulos, purificando os leprosos, endireitando os paralíticos, levando sua luz aos cegos, a palavra e a audição aos mudos e aos surdos, abençoando os pães, caminhando sobre o mar como se fosse terra firme, ensinando a os tolos como agir e contemplar, anunciando as coisas do Pai e do Espírito Santo, predizendo as ameaças e as promessas que nos esperam assim como tudo o que nos conduz à salvação, prevenindo-nos contra o inimigo e desenraizando as paixões com seu sábio ensinamento, instruindo os tolos e confundindo os hábeis com sua infinita sabedoria, ressuscitando os mortos com seu poder inefável e expulsando os demônios com seu poder, pelo Deus do universo. E não apenas você fez essas coisas por si próprio, como ainda concedeu aos seus servidores o poder de fazer ainda maiores²⁰⁴, para que a partir daí estejamos sempre nos admirando por você, Senhor, como você o disse. Pois por você seus santos operaram maravilhas.

Mestre, Senhor, Jesus Cristo, Filho e Verbo de Deus, dulcíssimo

²⁰⁴ Cf. *João* 14: 12.

nome de nossa salvação, grande é a sua glória, grandes são as suas obras, maravilhosas as suas palavras, mais doces do que a cera²⁰⁵. A você a glória, Senhor, a você a glória. Quem poderá glorificar e cantar sua descida entre nós, sua bondade, seu poder, sua sabedoria, sua vida no mundo, seu ensinamento? O modo como seus santos mandamentos nos ensinam naturalmente a viver facilmente as virtudes? Como você mesmo disse, Senhor: “Perdoem e serão perdoados²⁰⁶”. E ainda: “Busquem e encontrarão. Batam e se abrirá para vocês²⁰⁷”. “O que vocês quiserem que os homens façam por vocês, façam-no por eles²⁰⁸”. Que, ao tomar consciência de tais mandamentos e de outras palavras, não seria tocado ao compreender sua infinita sabedoria? Você é a sabedoria de Deus, a vida do universo, a alegria dos anjos, a luz inefável, a ressurreição dos mortos, o bom Pastor que dá sua vida por suas ovelhas²⁰⁹. Eu canto sua transfiguração, sua crucificação, seu enterramento, sua ressurreição, sua ascensão, seu assento à direita de Deus Pai, a vinda do Espírito Santo, e sua segunda descida em poder e glória imensa e incompreensível.

Eu me esvazio, meu Senhor, diante das suas maravilhas. E, na impotência em que me encontro, quero fugir para o silêncio. Mas não sei o que fazer. Se me calo, sou abatido. Se ousar dizer alguma coisa, fico cada vez mais fora de mim. Não sou digno de considerar os céus e a terra. Sou sim digno de todo castigo, não apenas por meus pecados, mas mais ainda pelas benesses que recebi, miserável, em minha ingratidão. Pois você acumulou minha alma de todos os bens, Senhor infinitamente bom. Eu aprendi uma parte de suas obras,

²⁰⁵ Cf. *Salmo* 18 (19): 11.

²⁰⁶ *Mateus* 6: 14.

²⁰⁷ *Mateus* 7: 7.

²⁰⁸ *Mateus* 7: 12.

²⁰⁹ Cf. *João* 10: 11.

e minha inteligência está fora de si²¹⁰. Eu não valho nada, tudo o que faço é olhar o que é seu, Mestre. Não é meu o conhecimento, não é minha a obra, só existe a sua graça. É por isso que levo a mão à boca, como o fez Jó²¹¹, e, na dificuldade em que me encontro, infeliz, eu me refugio aos pés dos seus santos.

Boa Soberana do mundo, você sabe que nós, os pecadores, não temos nenhuma garantia diante do Deus a quem você deu nascimento. Mas somos seus servidores e nos confiamos a você, nos prosternamos diante do Mestre e lhe oferecemos sua mediação, pois você tem toda a liberdade diante dele, seu Filho e nosso Deus. Em você eu creio, e em minha indignidade a você me dirijo, Soberana, e peço que me seja dado sentir as graças que você e os demais santos conheceram, e pelas quais receberam tantas virtudes. Só o fato de que tenha você dado à luz o Filho de Deus atesta ser você mais elevada do que todos os seres. Aquele que conhece todas as coisas antes que aconteçam, o Criador do universo, em você encontrou um cálice digno de sua moradia. E ninguém pode interroga-la sobre seus mistérios que ultrapassam a natureza, o intelecto e a razão. Salvos pela sua intercessão, nos a confessamos Mãe de Deus, Virgem pura, e a exaltamos juntamente com o coro dos anjos. Pois é impossível aos homens ver a Deus, a quem sequer as ordens dos anjos ousam contemplar. Mas por seu intermédio, toda Pura, o Verbo encarnado se revelou aos mortais. Nós a exaltamos junto com as potências celestes e a chamamos bem-aventurada. Como poderemos chamá-la, ó cheia de graça? Céu, etc. Mãe de Deus, é você a vinha verdadeira que trouxe o fruto da vida. Nós lhe suplicamos, gloriosa Soberana, interceda juntamente com os apóstolos e todos os santos, para que ele tenha piedade de nossas almas que a confessam na ortodoxia Mãe de Deus e a chamam sempre bem-aventurada, Soberana, como

²¹⁰ Cf. *Habacuque* 3: 2.

²¹¹ Cf. *Jó* 40: 4.

você mesma profetizou²¹². Por todas as gerações a chamamos bem-aventurada, única Mãe de Deus, mais venerável que os Querubins e mais gloriosa que os Serafins. Eu sou incapaz de compreender os seus mistérios.

Mas eu proclamarei também minha admiração diante dos outros santos. Como viveu você no deserto, Batista o Precursor do Senhor? Como o chamaremos? Profeta? Anjo, apóstolo ou mártir? Anjo, por que viveu como um incorpóreo. Apóstolo, pois apanhou as nações em sua rede. Mártir, por que por Cristo teve a cabeça cortada. Suplica-lhe que salve nossas almas. Pois disse Salomão: “A memória dos justos seja bendita²¹³”. Mas a você, Precursor, basta o testemunho do Senhor.

Santos apóstolos e discípulos do Salvador, que viram os mistérios, que pregaram Aquele que não se pode ver e que não teve começo. Vocês disseram: “No princípio era o Verbo²¹⁴”. Vocês que não nasceram antes dos anjos nada tinham a aprender dos homens, mas da sabedoria do alto. Então a vocês pedimos, a vocês que têm esta liberdade, intercedam por nossas almas. É admirável seu amor por Deus, como dizem os antigos tropários: “Senhor, os apóstolos nada desejavam sobre a terra senão você. Para merecê-lo, e apenas a você²¹⁵, eles consideraram tudo o mais como inútil. Por você eles entregaram seus corpos à violência. Glorificados, eles intercedem por nossas almas. Como nós, vocês foram homens em sua carne de argila. Como é possível que tenham mostrado tantas virtudes, ao ponto de sofrer a morte nas mãos daqueles que o mataram? Como, sendo tão poucos, conquistaram o mundo inteiro? Como, sendo

²¹² Cf. *Lucas* 1: 48.

²¹³ *Provérbios* 10: 7.

²¹⁴ *João* 1: 1.

²¹⁵ Cf. *Filipenses* 3: 8.

simples e iletrados²¹⁶, venceram os reis e os poderosos? Como, sem armas, nus e pobres, na fraqueza de sua carne, dominaram os demônios invisíveis: Que força era esta, ou que fé era esta, por meio da qual receberam o poder do Espírito Santo, vocês e os santos mártires que combateram o bom combate²¹⁷ e foram coroados? Intercedam junto ao Senhor, para que ele tenha piedade de nossas almas”, apóstolos, mártires, profetas, hierarcas, santos monges.

Quem não se admira de ver, santos mártires, o bom combate que vocês conduziram? Como, estando em um corpo, venceram o inimigo incorpóreo? Vocês confessaram a fé em Cristo. A cruz foi a sua armadura, e vocês expulsaram os demônios e combateram os bárbaros. Orem sem cessar para que sejam salvas nossas almas. Como os três adolescentes que se foram antes de vocês, vocês tampouco sofreram o martírio na esperança de uma recompensa, mas por amor a Deus, conforme foi dito: “Mesmo que ele não nos liberte, não o renegaremos por não nos haver salvado²¹⁸”.

Três santos adolescentes, sua humildade extrema é admirável. Em meio às chamas, tudo o que diziam era não saber como dar graças: “Já não há neste tempo nem príncipe, nem profeta, nem guia²¹⁹”. Suas almas estavam quebrantadas e seus espíritos humilhados. Eu admiro o poder de Deus que veio sobre vocês e sobre o profeta Elias, como disse João Damasceno: “Da chama você fez brotar o orvalho sobre seus santos²²⁰, e inflamou na água o sacrifício do Justo²²¹. Ó Cristo, que fez tudo isto por sua simples vontade”.

²¹⁶ Cf. Atos 4: 13.

²¹⁷ Cf. II Timóteo 4: 7.

²¹⁸ Daniel 3: 18.

²¹⁹ Daniel 3: 38-39.

²²⁰ Daniel 3: 49.

²²¹ Cf. I Reis 18: 38.

Mas que devo eu agora considerar? A obra do santo Evangelho, ou os atos dos santos apóstolos? Os combates dos santos mártires, ou as lutas dos santos Padres? As ações dos antigos santos, homens e mulheres, ou as dos de agora? As vidas e as sentenças de todos, ou sua interpretação e seu discernimento? Eu não sei, a tal ponto tudo isto me ultrapassa.

Mas eu lhe peço, Senhor que ama o homem, não permita que eu seja condenado por causa da maneira indigna e ingrata com que eu considero tantos mistérios que você revelou aos seus santos, e por intermédio deles a mim pecador, seu servidor indigno. Pois eis que seu servidor está diante de você, Mestre, em tudo estéril e sem voz, como um morto que não ousa dizer outra coisa nem refletir impudentemente. Mas como sempre eu me prosterno e chamo do fundo da minha alma: “Mestre, em seu grande amor²²²”, e oro a oração. É preciso acrescentar as demais preces e salmos, vigiar por guardar a alma e o corpo nos seus devidos caminhos, a fim de acessar a experiência dos pensamentos divinos. Poderemos então perceber e sentir profundamente os mistérios e as coisas extraordinárias que estão nas divinas Escrituras, enfim, maravilhados pelos dons de Deus, chegar a amar apenas a ele e por ele sofrer com alegria, como todos os santos. Pois as divinas Escrituras são uma fonte de maravilhas e encantamento, disse o divino Salomão²²³.

Dentre outras maravilhas eu admiro o poder de Deus relativo ao maná. Pois em sua forma o maná não podia ser guardado para o dia seguinte. Ele se dissolvia e se enchia de vermes²²⁴, para que não cuidássemos do dia seguinte em nossa falta de fé, mas se conservava

²²² Prece final das Grandes Completas no Ofício Bizantino.

²²³ Eclesiástico 23,: 23-28.

²²⁴ Cf. Êxodo 16: 20.

sempre intacto no interior do vaso que ficava dentro da tenda. E mais: cozido ao fogo ele não fervia, mas se dissolvia ao menor raio de sol, para que os insaciáveis não juntassem nada além do necessário. Que maravilha ver o modo como Deus opera em toda parte para a salvação dos homens, como disse o Senhor ao falar da Providência divina: “Meu Pai continua trabalhando até agora, e eu também trabalho²²⁵”. Aquele que se dedica a esta obra consagrando-se a Deus recebe então por meio dos sentidos o ensinamento das divinas Escrituras, e por meio do intelecto o ensinamento da providência de Deus. Ele então começa a ver as coisas em sua natureza, como disseram Gregório de Nazianze e João Damasceno. Ele não é mais absorvido pelo encanto exterior das coisas deste mundo, ou seja, pela beleza, a riqueza, a glória passageira, etc. Ele não é mais seduzido pelas sombras que elas projetam, como os que ainda são passionais.

Do quinto conhecimento.

O profeta chama de conselho²²⁶ este quinto conhecimento que, como foi dito ao final das beatitudes, nos permite conhecer a natureza e as transformações das criaturas sensíveis. Elas provêm da terra e retornam à terra, como diz o Eclesiastes: “Vaidade das vaidades, tudo é vaidade²²⁷”. João Damasceno diz a mesma coisa: “Tudo o que é humano, tudo o que cessa de existir depois da morte, é vaidade. A riqueza não permanece. A glória não nos acompanha. Todas essas coisas desaparecem quando chega a morte”. E também: “Tudo é verdadeiramente vaidade. É em vão que o homem nascido da terra²²⁸

se agita sobre a terra, como diz a Escritura. Mesmo que ganhemos o mundo, não habitaremos senão a cova, onde são iguais reis e pobres”.

Do sexto conhecimento

Ao alcançarmos a impassibilidade recebemos o sexto conhecimento, que se chama força²²⁹. Então começamos a olhar impassivelmente para a beleza das criaturas sensíveis.

Todos os pensamentos têm três estados: o humano, o demoníaco e o angélico²³⁰. O estado é humano quando no coração surge o simples pensamento das criaturas. Pensamos num homem, no ouro ou em qualquer criatura sensível. O estado demoníaco é uma mistura de pensamento e paixão. Pensamos num homem, mas este pensamento se mistura com um amor irracional, e a relação com o amado não passa por Deus, mas pela prostituição. Ou ainda o pensamento vem misturado com uma raiva confusa, com rancor e reprovação. Da mesma forma, pensamos no ouro misturando a ele a avareza, o roubo, a cobiça, etc., ou a aversão e a blasfêmia em relação às obras de Deus. Em ambos os casos, trabalhamos na nossa perdição. Pois “se não amamos as coisas em sua relação com o divino, se as preferimos ao amor a Deus, em nada nos distinguimos dos idólatras”, disse são Máximo²³¹. E também: “Se nós as odiamos, se não consideramos que elas sejam boas²³²”, nós provocamos a cólera de Deus.

²²⁵ João 5: 17.

²²⁶ Cf. Isaías 11: 2.

²²⁷ Eclesiastes 1: 2.

²²⁸ Cf. Salmo 38 (39), 6 e 12.

²²⁹ Cf. Isaías 11: 2.

²³⁰ Ver Evagro, *Sobre o discernimento das paixões* 7.

²³¹ *Sobre o amor* I, 7.

²³² Cf. Gênesis 1: 31.

O estado angélico consiste na contemplação impassível das coisas. Este é o verdadeiro conhecimento, o verdadeiro caminho do meio entre dois abismos, que guarda o intelecto e permite separar o justo fim das sei armadilhas do diabo que o cercam, as armadilhas que estão acima e abaixo, à esquerda e à direita, no interior e no exterior do justo fim, que é o verdadeiro conhecimento situado como que no centro destas seis armadilhas. Os anjos terrestres o ensinam àqueles que morrem voluntariamente para o mundo para tornar impassível o intelecto e ver as coisas como convém, sem ultrapassá-las, nem acima do justo fim, por orgulho de imaginar compreender baseando-se no próprio discernimento; nem abaixo, pela ignorância que impede de alcançar a perfeição; nem à direita, pela rejeição e a aversão pelas coisas; nem à esquerda, pelo amor irracional, o desejo passional; nem no interior do justo fim, pela ignorância total e a preguiça; nem no exterior, pela atividade excessiva e a pressa irracional que provêm da indiferença ou da malícia. Mas é preciso receber o conhecimento na certeza da fé, com paciência, humildade e boa esperança, a fim de que o conhecimento parcial que temos de determinada coisa nos conduza ao *eros* divino. A ignorância que nossa pobreza nos impõe ao próprio conhecimento nos permite adquirir a humildade e atingir, pela esperança e a fé pacientes o fim daquilo que buscamos, a nada desprezando como se fosse mal e a nada amando sem razão.

Mas é preciso compreender o homem admirando como o intelecto é a imagem ilimitada do Deus invisível, e também, embora ele esteja no momento limitado pelo corpo, como ele pode alcançar os confins de sua forma, conforme Deus previu para o mundo. Pois o intelecto é capaz de se transformar em qualquer coisa e de se colorir à imagem da coisa que concebeu. Mas quando lhe é dado penetrar em Deus que não tem forma nem figura, ele se torna também fora de

toda forma ou figura²³³.

Devemos a seguir admirar como ele é capaz de guardar toda ideia, como os últimos pensamentos não modificam os primeiros, e também como os primeiros pensamentos não conseguem alterar os últimos. Mas a reflexão contém tudo, sem esquecimento, como um tesouro. Quando quer, o intelecto exprime pela língua não apenas os pensamentos recentes como também aqueles que guarda há muito tempo. Também devemos nos admirar como o intelecto não cessa de se expressar em palavras e mesma assim jamais se vê limitado. E ainda, considerando o corpo, como os olhos, as orelhas e a língua recebem do exterior sua utilidade tendo em vista a vontade da alma. Um recebe pela luz, os outros pelo ar, mas nenhum dos sentidos impede o outro, nem pode fazer nada contra a finalidade da alma.

Devemos enfim nos admirar de como o corpo sem alma foi por ordem de Deus unido à alma dotada de intelecto e de razão, que o Espírito Santo criou quando lhe foi dado o sopro, como diz João Damasceno²³⁴. Isto é o que ignoram os que dizem que esta criação possui a natureza da Divindade mais alta que o ser, o que é impossível. Com efeito, diz João Crisóstomo: “Para que o intelecto humano não considere que ele próprio é Deus, Deus lhe impôs o esquecimento e a ignorância, para que ele obtenha a humildade”. E também: “A vontade do Criador colocou uma separação nesta mistura natural”. “A alma dotada de razão, diz João Clímaco, parte para o alto, para o céu, ou para baixo, para o inferno. E o corpo terrestre retorna à terra, de onde ele foi tirado²³⁵”. E mais: “Pela graça de nosso Salvador Jesus Cristo, o que estava separado foi reunido em sua segunda descida, a fim de que cada um de nós receba

²³³ Máximo o Confessor, *Sobre o amor* III, 97.

²³⁴ *A fé ortodoxa* II, 12.

²³⁵ *A escada santa* XXVI, 91.

segundo suas obras”. Que milagre! Quem sente este mistério, por pouco que seja, e não se maravilha? Deus ressuscita o homem da terra, depois de todo o mal que este fez desprezado os mandamentos, e lhe concede a imortalidade que antes ele tinha, mesmo que ele não tenha guardado o mandamento que o protegia da morte e da corrupção, e que tenha atraído sobre si a morte por seu orgulho.

O homem que foi ensinado em sua inteligência pelo movimento angélico fica pasmo de admiração diante dessas coisas e de muitas outras que lhe dizem respeito. Ele considera ainda a beleza do ouro e sua utilidade. Ele se admira de como este ouro nos vem da terra, a fim de que os fracos o prodigalizem compadecidos, e para que os que não querem se compadecer sejam ajudados a dividi-lo contra a sua vontade por meio das tentações, para que sejam salvos. Suportando a tudo com boa vontade, uns e outros serão salvos. Mas os que preferem a despossessão serão coroados, como os que vivem na virgindade, pois seu gesto é sobrenatural. Na medida em que uma coisa é corruptível e terrestre este homem não a preferirá ao mandamento de Deus. Mas na medida em que for uma criatura de Deus, ou que sirva para a vida do corpo e para a salvação, ele não a desprezará, mas usará de temperança e de amor.

Considerando com simplicidade a beleza das coisas, e considerando impassivelmente sua utilidade, aquele que recebeu a luz deseja apenas o Criador. Ele discerne todo o sensível, as criaturas do alto e de baixo, ou seja, o céu, o sol, a lua, as estrelas, as nuvens, as tempestades, as chuvas, a neve, a geada e o modo como a água congela mesmo com calor, e o trovão, os raios, os ventos, o ar, suas variações, as estações, os anos, os dias, as noites, as horas, os minutos, a terra, o mar, os inumeráveis animais, os quadrúpedes, as feras e as serpentes, as numerosas espécies de pássaros, as fontes e os rios, a infinita variedade das plantas e das ervas cultivadas e

selvagens. Em tudo ele vê a ordem, o estado, a grandeza, a beleza, o ritmo, a conexão, a harmonia, a utilidade, a concórdia, a diversidade, as delícias, a estabilidade, o movimento, as cores, as formas, as espécies, sua perpetuação, seu enfraquecimento e sua permanência. Esta simples consideração de todas as criaturas sensíveis o derruba. Ele se admira de que o Criador, pelo simples fato de haver ordenado, tenha suscitado do nada quatro elementos, e como, pela sabedoria de Deus os seres contrários não se destroem mutuamente, enfim, o modo pelo qual ele fez por nós o mundo inteiro, e como tudo isto é pouco perto da descida de Cristo entre nós, e também diante dos bens que estão por vir, segundo Gregório o Teólogo.

Ele considera ademais a bondade e a sabedoria de Deus ocultas nas criaturas, o poder e a providência que se encontram nas artes, como ele próprio disse a Jó²³⁶, e também a sabedoria que reside nas palavras e nas letras, e como, por meio desta tinta ínfima e sem alma nos foram revelados tantos e tão grandes mistérios através das Escrituras. De resto, é também admirável que tenha sido necessário tanto sofrimento e amor de Deus pelos santos profetas e pelos apóstolos para que alcançassem semelhantes bens diante de Deus, enquanto que nós aprendemos pela simples leitura. Pois as Escrituras inspiradas nos falam de coisas profundamente paradoxais. Quem as conhece acredita que não há nada demais nem de mal na criação em si, mas que Deus transforma maravilhosamente em bens o que é feito contra a vontade divina. Assim é que a queda do diabo não foi vontade de Deus, mas serviu aos que depois foram salvos. Pois Deus permitiu ao diabo tentar os eleitos conforme a força de cada um, a fim de que, como disse santo Isaac²³⁷, ele fosse combatido pelos homens semelhantes a anjos e vencido com a ajuda de Deus não apenas pelos homens, como ainda por numerosas mulheres, por meio

²³⁶ Cf. Jó 38-39.

²³⁷ *Obras espirituais*, pg. 289.

de sua paciência e de sua fé n'Aquele que os conduziu no combate e de que eles receberam, em sua graça e amor pelo homem, as coroas da incorruptibilidade. Pois ele venceu e vence sempre a Serpente impudente que destrói o homem.

Quem recebeu o carisma do conhecimento espiritual sabe que tudo é muito bom²³⁸. Quem se encontra apenas nos umbrais do conhecimento de Deus deve reconhecer humildemente que ignora isto, e como ordena João Crisóstomo, confessar em todas as coisas: eu não sei. Pois ele disse: “Se alguém afirmar que conhece a altura do céu, eu afirmarei – e certamente estarei dizendo a verdade – que eu não sei, e que ignoro inclusive se este homem se engana acreditando saber, ou se, como diz o Apóstolo, ele de fato não sabe²³⁹”.

É por isso que, com uma fé segura e sempre interrogando os mais experientes, devemos receber a doutrina da Igreja e o discernimento dos mestres em relação a tudo o que diz respeito às divinas Escrituras e às criaturas sensíveis e inteligíveis, para que não tombemos rapidamente por seguir nossa própria inteligência, como disse são Doroteu²⁴⁰. Em tudo devemos descobrir nossa própria ignorância, a fim de que, buscando e desconfiando dos próprios pensamentos, tenhamos o desejo de conhecer, e, guardando-nos de conhecer demasiado, aprendamos com a sabedoria infinita de Deus nossa própria ignorância.

A inteligência, por ser de natureza intelectual, recebe certamente o

²³⁸ Cf. *Gênesis* 1: 31.

²³⁹ I *Coríntios* 8: 2.

A respeito desta passagem, ver João Crisóstomo, *Sobre a incompreensibilidade de Deus* II.

²⁴⁰ *Instruções espirituais* V, 61.

sentido que lhe é próprio ao se purificar diante de Deus: é o que diz Gregório o Teólogo. Devemos apenas, diante deste conhecimento, temer ainda encontrar uma má doutrina escondida na alma, e capaz de fazê-la se perder independente de qualquer pecado, como diz são Basílio²⁴¹. É por isso que não devemos, por negligência ou vã resolução, correr para esta contemplação antes do tempo. Devemos ao contrário, sem distração e em ordem, trabalhar nos mandamentos de Cristo e nas contemplações de que já falamos. Somente depois de ter lavado a alma pela paciência e pelas lágrimas do temor e do luto, depois de chegar a ver naturalmente e de ter a experiência destas primeiras visões que, conduzido em espírito pelos anjos, o intelecto chega por si mesmo a tais contemplações.

Mas se alguém é bastante audacioso para pretender atingir as coisas segundas antes das primeiras, saiba que não apenas lhe será impossível atingir o objetivo que agrada a Deus, como também provocará em si numerosas guerras, em especial quando contemplar o homem, como aprendemos a propósito de Adão. Pois aos que ainda são passionais de nada adianta fazer as obras ou conceber os pensamentos dos impassíveis, assim como o alimento sólido não convém às criancinhas, embora seja útil aos adultos²⁴². Ele deve desejar e recusar com discernimento, considerando-se indigno, sem jamais rejeitar a chegada da graça, por desespero ou preguiça, nem ter a presunção de buscar as coisas antes do tempo, a fim de evitar que, por buscá-las antes que venham a seu tempo, como diz João Clímaco, deixe de obtê-las mesmo quando chegarem²⁴³. Pois então é possível que se perca, e nenhum homem, nem a Escritura, poderá reencaminhá-lo. Com efeito, se alguém tem seu objetivo em Deus, com humildade e paciência diante das tentações que lhe advierem,

²⁴¹ *Pequena regra* 20.

²⁴² Cf. *Hebreus* 5: 14.

²⁴³ *A escada santa* VII, 63.

ele poderá tanto buscar uma coisa por ignorância quanto nela se perder, que receberá o perdão de Deus da mesma maneira. Com grande confusão e alegria este homem retornará e encontrará o caminho dos Padres. Pois é aquilo que nos acontece por causa de Deus, não o que acontece por qualquer razão, diz João Clímaco, que devemos considerar como um bem proveniente da graça, mesmo que o que nos aconteça não seja em si muito bom²⁴⁴.

Se não agirmos assim, se não tivermos paciência e humildade, sofreremos o que muitos sofreram. Sua loucura os pôs a perder. Eles confiaram em seus próprios pensamentos e acreditaram caminhar pela boa via sem guia e sem a experiência que só a paciência e a humildade fornecem. Com efeito, a experiência não conhece nem aflição, nem tentação, e talvez sequer o combate. Se o monge experiente deve ainda combater um pouco, esta tentação se torna para ele causa de uma grande alegria e de um grande benefício. Pois Deus permite isto para que ele aprofunde sua experiência e para que se arme de coragem contra os inimigos. Os sinais desta experiência são as lágrimas, a contrição da alma diante de Deus, a fuga para a hesíquia, o refúgio em Deus pela paciência, o estudo esforçado das Escrituras, o desejo de atingir o objetivo de Deus com toda a fé. Os sinais da desorientação de que falamos primeiro são o contrário: duvidar da ajuda de Deus, ter vergonha de perguntar humildemente, fugir da hesíquia e da leitura, amar a distração e as relações, acreditar que estas coisas tragam repouso – o que é impossível. Ao contrário, é nestes momentos que se enraízam ainda mais as paixões, que as tentações se tornam mais fortes, que de tanta ignorância crescem a mesquinha, a ingratidão e a acídia. De fato, uma é a tentação dos filhos quando se instruem e aprendem o ensinamento que lhes é dado, e outra a tentação dos inimigos, que conduzem à perdição, sobretudo quando nos tornamos joguetes do orgulho. Pois

²⁴⁴ *Ibid.* VI, 32 e XXVI, 114.

Deus se opõe aos orgulhosos, mas concede sua graça aos humildes²⁴⁵.

Toda aflição suportada com paciência é boa e útil. Mas sem a paciência, ela afasta de Deus e não serve para nada. Se não for curada pela humildade, nenhum outro remédio o fará. Quando é afligido, o humilde se culpa e acusa a si mesmo, nunca a outro. É desta maneira que ele pede a Deus para alcançar a libertação. Quando ele a encontra ele se alegra e persevera dando graças. Daí em diante ele passa a ter experiência dessas coisas e recebe o conhecimento. Conhecedor de sua própria enfermidade e de sua ignorância, ele se esforça por encontrar o médico e acaba por encontrar a cura que busca, como o próprio Cristo afirmou. Tendo recebido a cura, ele a deseja, e a deseja sempre mais. Purificando a si mesmo tanto quanto lhe é possível, ele se esforça por dar lugar em si Àquele a quem deseja. E Àquele, encontrando aí lugar, aí permanece, como diz o *Gerontikon*. Permanecendo nele, ele protege esta casa e começa a iluminá-la com a luz. Quem é assim iluminado passa a conhecer, e, conhecendo, é conhecido, como diz João Damasceno.

Devemos guardar estas coisas e as que dissemos antes, bem como sua ordem. É preciso trabalhar naquilo que nos é possível compreender. E é preciso dar graças em silêncio pelas coisas que não compreendemos, como disse santo Isaac²⁴⁶, e não crer impudentemente sermos capazes de penetrá-las. Com efeito, disse ele citando Provérbios: “Quando você encontra mel, coma com moderação, não exagere, para não vomitar²⁴⁷”. Como disse Gregório o Teólogo, uma contemplação sem freios arrisca provocar uma

²⁴⁵ Cf. *Provérbios* 3: 34; *Tiago* 4: 6.

²⁴⁶ *Obras espirituais*, pg. 157.

²⁴⁷ *Provérbios* 25: 16.

queda no abismo²⁴⁸. É o que acontece quando buscamos coisas que ultrapassam a medida, negando que Deus conhece estas coisas. E eu, que sou eu? É preciso também crer que Aquele que fez as montanhas e as baleias também perfurou o ferrão da abelha, como disse o grande Basílio²⁴⁹.

Quem é forte o suficiente para alcançar a compreensão conhece o inteligível a partir do sensível, e o invisível e eterno a partir do visível e temporal. Ele compreende pela graça o mistério das Potências do alto, a saber, que o mundo inteiro não é digno de um único justo. “Considera, diz João Crisóstomo, que o justo é maior do que muitas nações e línguas, que o anjo é bem maior do que o homem, que a contemplação de um só basta para nosso maravilhamento, e também o que Daniel, semelhante aos anjos, soube quando viu o Anjo²⁵⁰”.

Do sétimo conhecimento

Aquele a quem foi dado o sétimo conhecimento admira a multidão das Potências incorpóreas, os Poderes, os Tronos, as Dominações, os Serafins e os Querubins, os nove Coros que encontramos em todas as Escrituras divinas, e cuja natureza, força e outros bens que neles podemos contemplar são conhecidos de Deus, seu Criador. Ele também admira como eles se desenvolvem segundo sua ordem. Mas as Potências do alto têm ainda outras qualidades, das quais fala João Crisóstomo: Senhor Sabaoth²⁵¹ se traduz por Senhor das Potências,

as quais transmitem umas às outras a luz que recebem. Os Anjos, diz ele, iluminam os homens; eles próprios recebem a luz dos Arcanjos, que a recebem dos Principados. É assim que cada ordem recebe da outra a luz e o conhecimento. Ele diz ainda que a raça dos homens é um cordeiro que Deus não perdeu, mas que se perdeu sozinho, e que os Anjos são os noventa e nove outros²⁵².

Considerando a sabedoria e o poder do Criador, e as multitudes criadas por uma simples ordem sua, Gregório o Teólogo diz que pela multitudes devemos em primeiro lugar entender as Potências angélicas²⁵³, etc. “Entrando pelo intelecto no interior do santuário, do outro lado do véu nos tornamos imateriais”, diz santo Isaac. O templo exterior é o signo do mundo; o véu, a porta do santuário, é o signo do firmamento do céu. O Santo dos Santos simboliza o que está para além do mundo, o lugar onde os anjos incorpóreos e imateriais não cessam de cantar a Deus e rogar a ele por nós, segundo o grande Atanásio. Entramos assim na paz dos pensamentos e nos tornamos folhos de Deus pela graça, conhecendo os mistérios escondidos nas divinas Escrituras, como diz João Damasceno: “O véu divino do Templo rasgou-se quando o Criador foi crucificado, revelando a verdade escondida na letra aos fiéis que dizem: Você é bendito, Deus de nossos Pais”. São Como o Melódio diz igualmente: “O primeiro dos mortais provou o fruto da Árvore e habitou na corrupção. Condenado a perder a vida na maior das desonras, em seu corpo perecível ele transmitiu a perdição a toda a raça como a chaga de sua doença. Mas nós que nascemos da terra encontramos a cruz que nos chama e dizemos: Seja Deus louvado acima de tudo”, etc.

Do oitavo conhecimento

²⁴⁸ *Discurso XXXIX*, 8.

²⁴⁹ *Homilia sobre o Hexameron IX*, onde na realidade se fala do escorpião.

²⁵⁰ *Sobre a incompreensibilidade de Deus III*, citando *Daniel* 10: 5-6.

²⁵¹ *Ibid.* Cf. *Isaías* 6: 3.

²⁵² Cf. *Mateus* 18: 12-14.

²⁵³ *Discurso XLV*, 5-6.

Este oitavo conhecimento eleva à contemplação de Deus por intermédio da prece segunda – a prece pura – que é própria do contemplativo. Assim o intelecto é transportado neste impulso da prece pelo desejo divino e já nada mais sabe deste mundo, como dizem Máximo²⁵⁴ e João Damasceno. Não apenas o intelecto esquece tudo, como esquece até a si mesmo. Com efeito, diz são Nilo²⁵⁵ que tem consciência daquilo que ele é, ele não está em Deus apenas, mas também em si mesmo. Mas quando Deus lhe aparece, diz são Máximo, ele se torna teológico, e lhe é dado receber o Espírito Santo²⁵⁶.

Quando aprendemos a conhecer a Deus, não acreditemos por ignorância que Deus é aquilo que vemos ao seu redor, a bondade, a doçura, a justiça, a santificação, a luz, o fogo, a essência, a natureza, o poder, a sabedoria e as demais qualidades de que fala o grande Denis²⁵⁷, nem nada do que o intelecto possa abarcar. Pois o divino não pode ser definido nem descrito, e a teologia não fala daquilo que ele é em si mesmo, mas daquilo que está ao seu redor, como disse o grande Denis a são Timóteo, reportando o testemunho de são Hieroteu²⁵⁸. Seria mais justo dizer que Deus é o incompreensível, o inexplicável, o insondável, o que não é possível definir. Pois Deus está além da inteligência e do entendimento. Ele só é conhecido por si mesmo, único, em três hipóstases, sem começo, sem fim, acima de toda bondade e de todo louvor. O que é dito dele na divina Escritura exprime nossa impotência e foi dito para que saibamos que Deus é, mas não o que ele é. Pois ele é incompreensível a toda e qualquer

natureza dotada de razão e de intelecto.

Devemos portanto, e da mesma maneira, admirar a encarnação do Filho de Deus e sua união em sua própria hipóstase, como disse são Cirilo: de que modo, segundo o grande Basílio, a carne que ele recebeu de nós estava fundamentada em sua Divindade. Pois a união é como o ferro e o fogo, para que conheçamos o Cristo único em duas naturezas, como disse João Damasceno à Mãe de Deus: “Puríssima, você gerou a hipóstase única em duas naturezas, o Deus encarnado ao qual cantamos: Deus seja bendito”. E também: “Aquele a quem nada pode limitar não se alterou. Em você, Santíssima, ele se uniu à carne pela hipóstase, em sua misericórdia, seja bendito”.

Que as divinas Escrituras não se contradizem

Quem já recebeu um pouco de luz, quando considera simplesmente toda leitura ou toda salmodia, encontra a contemplação e a teologia, e cada Escritura atestada por outra Escritura. Mas aquele cujo intelecto ainda não foi iluminado crê que as divinas Escrituras se contradizem. Nada há na Bíblia que não agrade a Deus. Pois dentre as divinas Escrituras, umas testemunham outras Escrituras, outras têm por causa o tempo ou a pessoa. Toda palavra escrita é isenta de erro. Tudo o que está fora destes modos é obra de nossa ignorância. Nada existe a acrescentar às Escrituras. Devemos nos esforçar para guardá-las como são. Não podemos considerá-las como cada um de nós quiser, como o fazem os gregos e os judeus, que não aceitam confessar que não sabem do que se trata, mas que, por presunção e autossuficiência começaram a reescrever as Escrituras e a interpretar a natureza das coisas como bem lhes aprouvesse, e não segundo a vontade de Deus. Assim eles se enganaram e se voltaram para a

²⁵⁴ *Sobre o amor* I, 10.

²⁵⁵ Evagro, *Sobre a oração* 120.

²⁵⁶ *Sobre a Teologia* I, 39.

²⁵⁷ *Nomes Divinos* I, 6.

²⁵⁸ *Ibid.* I, 2.

completa malícia.

Pois quem quer que busque o fim da Escritura não deve lhe dar sua própria interpretação, nem boa nem má. Mas, como dizem o grande Basílio e João Crisóstomo, deve ter por mestre a própria divina Escritura e não os ensinamentos do mundo, a fim de recolher o que Deus colocou nos corações puros sem pensamentos, como também encontramos testemunhado nas divinas Escrituras, como disse o grande Antônio. Pois somente devem ser recebidos os significados que vêm por si próprios ao intelecto dos hesiquistas, que, independentes de qualquer pensamento, repousam em Deus, como diz santo Isaac. Mas a pesquisa e o pensamento se tornam vontade própria e ciência corporal, sobretudo se forçamos a Escritura como um ladrão para extrair dela alguma alegoria, como disse João Crisóstomo. Neste caso, não estaremos entrando pela porta da humildade, mas por algum outro lugar²⁵⁹. Pois quem força o objetivo da Escritura ou que encontra aí onde reescrever para colocar seu próprio conhecimento, ou antes, sua ignorância, é o mais insensato que pode existir sobre a terra.

Qual é esta ciência que nos permite definir ao bel prazer o sentido da Escritura e ousar alterar suas palavras? Sábio é quem considera que as palavras são imutáveis e que descobre pela sabedoria do Espírito os mistérios ocultos testemunhados nas divinas Escrituras. É exatamente o que fizeram estes três grandes luminares que são Basílio, João Crisóstomo e Gregório, que sempre extraíram seu testemunho de uma ou outra palavra da Escritura. E quem quer contradizer não tem nada a acrescentar. Pois os três não trazem um testemunho do exterior, para que se possa dizer existir aí um sentido que lhes é próprio, mas trazem o testemunho em cima do tema de que tratam, ou sobre alguma outra Escritura que trata do mesmo

²⁵⁹ Cf. João 10: 1.

tema. E com toda justiça. Com efeito, é o Espírito Santo que lhes permite compreender e falar. E eles foram dignos disto. Toda coisa da qual não se pode atestar ser boa se torna duvidosa: não devemos nem fazê-la nem submetê-la ao pensamento. Que necessidade temos de abandonar uma coisa clara sabidamente boa e agradável a Deus, para fazer outra, que pode ou não ser boa? Isto certamente tem suas raízes na paixão. É exatamente assim.

Distribuição da prece por todos os conhecimentos

Em relação aos oito conhecimentos, devemos saber que para os quatro primeiros devemos dizer o que está escrito em cada qual. Para os demais, basta orar “Senhor, tem piedade” em tudo e por tudo, como foi dito a respeito de são Filemon²⁶⁰, e ter todo o tempo o intelecto livre de qualquer pensamento. Tal deve ser a conduta daquele que se aplicar a tal. Ele deve ter o intelecto voltado tanto para a contemplação do sensível quanto para o conhecimento do inteligível e o que é sem forma, e logo novamente para uma meditação da Escritura e para a prece pura. O próprio corpo deve estar tanto absorvido na leitura quanto na oração, logo nas lágrimas que vertemos por nós mesmos ou por alguém pela compaixão diante de Deus, e no trabalho, no auxílio prestado a um irmão enfermo em sua alma ou corpo, a fim de em tudo fazermos a obra dos santos anjos, sem nenhuma preocupação com as coisas deste mundo.

Deus, que elegeu este homem e o colocou à parte para viver com ele e que lhe deu esta doutrina, esta ausência de preocupações, logo cuidará dele e o alimentará em sua alma e em seu corpo. Com efeito, foi dito: “Entregue ao Senhor suas preocupações e ele o

²⁶⁰ Sobre o abade Filemon.

alimentará²⁶¹”. Quanto mais este homem colocar sua esperança em Deus para tudo o que se refere à sua alma e ao seu corpo, mais ele descobrirá o quanto Deus cuida dele. Ele receberá assim de Deus em sua alma e em seu corpo tanto mais dons visíveis e invisíveis quanto mais se considerar abaixo de todas as criaturas. Ele se sente tão devedor e fica tão confuso diante das benesses de Deus, que não consegue se prevalecer de ninguém. Quanto mais ele dá graças a Deus e violenta a si próprio, mais Deus o aproxima de suas graças e quer lhe conceder o repouso e fazê-lo preferir a hesíquia e a desposseção a todos os reinos da terra, no aguardo da recompensa no século futuro.

Com efeito, os santos mártires sofreram sob os ultrajes dos inimigos, mas o desejo pelo Reino e o amor a Deus eram mais fortes do que os seus sofrimentos, e este poder que eles receberam para vencer os adversários era para eles um grande consolo e uma recompensa. Muitas vezes eles sequer sentiram a morte que lhes foi dada para sofrer por Cristo. Da mesma forma, os santos Padres violentaram a si mesmos desde o início por meio de todas as asceses e nos combates a que os levaram os espíritos de malícia. Mas o desejo e a esperança da impassibilidade superaram a tudo. Pois depois das penas, a impassibilidade não conhece mais cuidados: ela venceu as paixões.

O passional pode até pensar que tudo vai bem, mas é por causa de sua cegueira. Somente quem se vangloria de combater conhece sempre o sofrimento e a guerra, pois ele quer vencer as paixões e não consegue. A este homem é concedido ser vencido pelos que o combatem, a fim de adquirir a humildade. É por isso que ele deve conhecer sua própria fraqueza e fugir daquilo que o prejudica mais, a fim de esquecer seu antigo costume. Pois se ele não foge primeiro da distração e não adquire primeiro o silêncio perfeito ele não poderá

alcançar seja lá o que for impassivelmente e dizer sempre o que é bom. Assim é que em todas as coisas convém em primeiro lugar fugir inteiramente da distração a fim de não ser atraído pelo antigo costume. Entretanto, ninguém, em sua ignorância, apenas por ter ouvido falar em humildade, impassibilidade e outras virtudes análogas, devem pensar possuí-las. Mas deve buscar os seus sinais em todas as coisas, e as encontrar em si mesmo.

Da humildade

Estes são os sinais da humildade: ter em si todas as virtudes do corpo e da alma e considerar ser indigno, considerar ser tão mais devedor quanto mais graças receber de Deus.

Se uma tentação lhe vier dos demônios ou dos homens, o humilde pensa merecê-la, e merecer muitas outras mais, a fim de que, quitando ainda que um pouco sua dívida, ele possa encontrar no Juízo um alívio aos castigos que tanto teme. Não ter em si este sofrimento o aflige e atormenta. Ele tenta encontrar o que o levará a violentar a si próprio. Quando ele o alcança, ele recebe a coisa como um dom de Deus, e se humilha novamente. Pois ele jamais poderá devolver ao Benfeitor aquilo que lhe deve. Ele trabalha todo o tempo, e cada vez se considera mais devedor.

Da impassibilidade

Este é sem dúvida o sinal da impassibilidade: encarar tudo sem se perturbar e sem medo, por haver recebido pela graça de Deus “tudo poder”, segundo o Apóstolo²⁶², até não ter mais nenhum cuidado

²⁶¹ *Salmo* 54 (55): 23.

²⁶² “Tudo posso naquele que me fortalece” (*Filipenses* 4: 13).

com o corpo. Na medida da violência que fizemos a nós mesmos, chegaremos ao repouso do estado impassível. Novamente damos graças e novamente nos violentamos, para nos mantermos sempre combatendo e vencendo com humildade.

Tal é o progresso do homem. O que nos advém sem que tenhamos que nos violentar não é nossa obra, como diz santo Isaac, mas um dom. Se nos vem o repouso logo depois do primeiro sofrimento, este é o prêmio de uma derrota, e nada temos para nos glorificar. Pois não devemos louvar aqueles que recebem um salário, mas os que se violentam e trabalham sem nada receber. Que podemos dizer? Quanto mais agimos e damos graças ao Benfeitor, mais devedores somos, e cada vez mais. Pois a ele nada falta, de nada ele necessita, enquanto que sem ele nada somos e nada de bom podemos fazer²⁶³.

Aquele a quem foi dado cantar a Deus tem um prêmio: ele recebeu um grande e admirável carisma. Quanto mais ele canta, mais devedor se torna. Com conhecimento de Deus, em ação de graças, com humildade, com amor, ele não encontra nem fim nem ruptura. Pois estas coisas não são deste século para terem um fim. Elas pertencem ao século infinito que não terminará jamais. Elas correspondem ao crescimento dos conhecimentos e dos carismas. Quem as recebeu pelas obras e pelas palavras se liberta de todas as paixões. Mas para chegar até aí ele deve permanecer em Deus, não ter nenhuma preocupação com este século, não ter medo de nenhuma tentação. É a partir daí que ele progredirá, que subirá sempre e mais até um grau mais elevado, não por meio de sonhos maus ou bons em aparência, nem por meio de pensamentos de malícia ou de bem, nem pela tristeza ou por uma alegria afetada, nem pela presunção ou pelo desespero, pela profundidade ou pela altura, pelo abandono ou pela assistência ou força externas, nem pela negligência ou pelo

²⁶³ Cf. *João* 15: 5.

progresso, nem pelo desleixo ou por uma falsa resolução, uma impassibilidade aparente ou uma grande paixão.

Devemos guardar nossa vida na hesíquia, fora de toda distração, com humildade, acreditando que ninguém pode nos prejudicar se não o quisermos. Por causa do orgulho que sempre nos impede de nos refugiar em Deus, devemos nos atirar diante dele, buscando em tudo que seja feita a sua vontade, e dizendo a todo pensamento que nos ocorra: eu não sei quem você é. Deus sabe se você é bom ou não. Eu mesmo me atirei e me atiro sempre em suas mãos. E ele cuida de mim²⁶⁴. Pois assim como ele me criou do nada, também ele me salvará por sua graça, se assim o quiser: seja feita sua vontade, tanto neste século como no século futuro. Que tudo se faça como ele quiser e quando ele quiser: quanto a mim, não tenho vontade. Eu só sei de uma coisa: eu pequei tanto, eu recebi tantos benefícios, eu sou incapaz, mesmo fazendo tudo o que me é possível por palavras e obras, de dar graças por sua bondade. Ele pode e quer salvar todos os seres, e a mim junto com todos, segundo a sua vontade. Mas eu não passo de um homem. Como saber se ele me quer assim ou de outro modo? Por medo de pecar, fugi. Cheguei aqui. Por causa de meus pecados, de minhas numerosas fraquezas, permaneço inerte em minha célula, como os que estão enfermos na prisão, e aguardo a sentença do Mestre.

Ainda que se veja inerte e perdido o monge não deve temer. Se ele não abandonar sua cela, ele alcançará a contrição da alma e as lágrimas dolorosas. E se novamente ele se decidir com grande resolução por uma grande obra espiritual e pelas lágrimas, mesmo assim não deve se regozijar, mas se entregar ao arrebatamento e se preparar para o combate. Ele deve simplesmente desprezar todas as coisas, sejam boas ou contrárias, a fim de permanecer sem se

²⁶⁴ Cf. *I Pedro* 5: 7.

perturbar por nada, repousando e lutando na medida do seu possível, e fazendo tudo o que aprendeu, caso tenha tido um conselheiro. Se teve, agora ele tem a Cristo, a quem interrogar por meio da prece pura sobre toda ação e todo pensamento, do fundo do coração, com humildade, sem jamais pensar ter se tornado um monge experiente até reencontrar Cristo no século futuro, como disseram João Clímaco²⁶⁵ e o abade Agatão. Se o seu objetivo é o de agradar a Deus, o próprio Deus lhe ensinará sua vontade. Em seu intelecto, por meio de um homem, por intermédio da Escritura, ele o cumulará de certeza. Se ele afastar de si toda vontade própria, Deus lhe permitirá atingir a perfeição numa alegria inefável. Ele pode não saber, mas ele vê, e se admira profundamente de como de todos os lados começa a brotar a felicidade e o conhecimento. E Deus reina nele. Pois ele já não tem vontade própria e se submete à sua santa vontade. Ele se torna como um rei. O que ele deseja lhe é concedido sem esforço e imediatamente por Deus que vela por ele. Esta é a fé da qual o Senhor falou: “Se vocês tiverem fé, etc.”²⁶⁶. Segundo o Apóstolo, é sobre esta fé que as demais virtudes são edificadas²⁶⁷. É por isso que o inimigo trabalha para separar o homem da hesíquia e para fazê-lo cair em tentação. Se por um acaso ele perde a fé de um modo ou de outro, contando com sua própria força ou com sua própria sabedoria, total ou parcialmente, o inimigo se aproveita disto para vencê-lo e capturá-lo, o infeliz.

Quem conhece isto e abandonou as delícias e o conforto do mundo se esforça, sabendo-o, por alcançar a ausência de preocupações, seja por meio da submissão – pois uma vez que seu pai espiritual representa para ele o papel de Cristo, ele lhe entrega todos os seus pensamentos, palavras e atos, a fim de nada ter de si próprio – seja

por meio da hesíquia assumida através de uma fé segura, fugindo de tudo: então Cristo toma para ele o lugar de tudo. Como dizem João Crisóstomo e João Damasceno, Cristo em pessoa se torna tudo para ele neste século e no século futuro, dando-lhe o alimento, as vestes, a alegria, a prece, a felicidade, o repouso, o ensinamento, a luz. Numa palavra, assim como velava por seus discípulos, Cristo velará por ele, mesmo que ele não tenha que sofrer como eles. Mas ele possui a fé firme, por meio da qual ele não se preocupa consigo mesmo como os demais homens. No temor dos espíritos, como os apóstolos que temiam os judeus²⁶⁸, ele permanece em sua célula e aguarda seu Mestre, a fim de que, por meio da verdadeira contemplação – ou seja, pelo conhecimento de suas criaturas – este o levante em seu intelecto, longe das paixões, e lhe conceda a paz como aos apóstolos, com as portas fechadas²⁶⁹, como diz são Máximo²⁷⁰.

Sobre as sete ações do corpo. Excelente discernimento.

Devemos sempre nos lembrar do que foi escrito no início deste estudo sobre as sete ações do corpo, e nada perder nem acrescentar.

A juventude, ou o transbordamento da força, é o tempo do combate corporal. Temos então necessidade de uma ascese extrema. Quando ficamos doentes devemos fazer uma pequena pausa, mas não cessar a ascese. Pois uma parada total da ascese pode prejudicar até mesmo os impassíveis, como disse santo Isaac. A pausa deve ser conforme a necessidade, como um remédio para a doença. Quando fica sem meios, a alma tende a relaxar a tensão. Ora, se desejamos uma pausa com toda nossa alma, já não há mais ascese. Diz-se que a pausa é

²⁶⁵ *A escada santa* IV, 95.

²⁶⁶ *Mateus* 21: 21.

²⁶⁷ Cf. *Colossenses* 1: 23; *Hebreus* 11.

²⁶⁸ Cf. *João* 20: 19.

²⁶⁹ *Ibidem*.

²⁷⁰ *Sobre a teologia* II, 46.

normalmente prejudicial aos jovens e aos que se portam bem. Os santos Padres Basílio e Máximo acrescentam que, para curar a fome e a sede, somente o pão e a água são úteis. Mas para a saúde e a força do corpo, Deus nos deu todo o resto, em seu amor pelo homem. Para que o fraco não sinta nenhuma aversão por ter que comer sempre o mesmo tipo de alimento, é bom comer um alimento diferente depois de outro, como já dissemos. Pois é a abstinência e a intemperança que influenciam os fracos. Mas a temperança e a mudança cotidiana de alimentação mantêm a saúde, a fim de que o corpo se mantenha sem dor e sem doença e contribua para a aquisição das virtudes.

Isto vale para aqueles que combatem, como foi dito. Mas os impassíveis, em sua infância em Cristo, passam frequentemente muitos dias sem comer, esquecendo-se de seus corpos, como são Sisão que, depois de comer, pedia para comungar dos Santos Mistérios²⁷¹, pois ficava fora de si por amor a Deus e para o bem de muitos, como disse o Apóstolo: “Se ficamos fora de nós, é por Deus; se somos sábios, é por vocês²⁷²”.

O grande Basílio e muitos outros disseram a mesma coisa de outros Padres. Quando eles comiam com os irmãos, eles não sentiam os alimentos que lhes eram dados, mas permaneciam como se não tivessem comido. Pois seu intelecto não estava em seu corpo. Eles já não sentiam nem a pausa nem a pena. Isto é muito evidente em muitos Padres e santos mártires, como este santo de que fala são Nilo. Ele conta que um velho monge que vivia no deserto estava mergulhado na prece do intelecto, quando um dia Deus permitiu, para seu bem e de muitos outros, que os demônios o tomassem pelas mãos e pelos pés e o projetassem no ar, recolhendo-o em seguida

sobre uma rede, para não ferir seu corpo que caía do alto. Eles fizeram isto muitas vezes, para ver se seu intelecto descia dos céus, mas não tiveram sucesso²⁷³. Será que um homem assim sentiria a comida ou a bebida, ou qualquer outra coisa corporal?

Mais este: santo Efrém, depois de ter, pela graça de Cristo, vencido todas as paixões da alma e do corpo, a fim de não se encontrar desocupado no combate contra o inimigo e não ser condenado por isto, conforme pensava em sua inefável humildade, pedia que dele fossem retiradas a graça e a impassibilidade. Este fato espantou João Clímaco, que escreveu que alguns, como este sírio, eram mais impassíveis que os impassíveis²⁷⁴.

Do discernimento

Em todas as coisas necessitamos do discernimento, para podermos julgar cada obra a seu tempo. Pois o discernimento é uma luz, que mostra a quem o tem o tempo, a ação, a execução, a força, o conhecimento, a idade, a potência, a fraqueza, a resolução, o ardor, a contrição, o estado, a ignorância, o vigor e o temperamento do corpo, a saúde e a fadiga, a maneira, o lugar, a conversão, a educação, a fé, a disposição, o objetivo, a conduta, a liberdade, a ciência, a sabedoria natural, o esforço, a vigilância, a lentidão, etc. Ele mostra ainda a natureza das coisas e sua utilidade, a quantidade, o gênero, o objetivo de Deus nas divinas Escrituras, a inteligência de cada palavra. Como nestas palavras do Evangelho segundo são João: quando os gregos pediram para ver o Senhor, este disse: “A hora é chegada²⁷⁵”, etc. É claro que as nações seriam chamadas daí por

²⁷¹ A referência é confusa, mas deve se tratar de *Sentenças dos Padres*, Sisão 4.

²⁷² II *Coríntios* 5: 13.

²⁷³ Evagro, *Sobre a oração* 111.

²⁷⁴ *A escada santa* XXIX, 7.

²⁷⁵ *João* 12: 23.

diante. O tempo da Paixão começara, e ele deixou ali o sinal.

O discernimento explica não apenas todas essas coisas, mas também a finalidade da interpretação dos Padres. O que procuramos de fato, diz São Nilo, não são as coisas que acontecem, mas a via pela qual elas nos chegam. Se agirmos sem o conhecimento de tudo o que mencionamos sem dúvida nos esforçaremos muito sem chegar a nenhum resultado, como disseram o grande Antônio²⁷⁶ e santo Isaac dos que lutam para adquirir as virtudes do corpo e negligenciam a obra do intelecto, que, entretanto, é a que deveria ser buscada. São Máximo diz: dê ao seu corpo tanto trabalho quanto puder, e dirija todo o combate para a inteligência. Pois quem trabalha apenas como o corpo, como dissemos, pode ser vencido pela gula, pelo excesso de sono, a distração, a falação, e seu intelecto fica obscurecido. Mas o jejum prolongado, a insônia, as fadigas excessivas também podem perturbar a reflexão. Ao contrário, aquele cujo intelecto é aplicado contempla, ora, se torna teólogo e pode alcançar todas as virtudes²⁷⁷.

É por isso que o homem sábio se esforça judiciosamente para diminuir tanto quanto possível as necessidades do corpo, para ter poucas preocupações – melhor ainda, nenhuma – e para se consagrar à observação dos mandamentos. É o que disse o Senhor: “Não se preocupem, etc.”²⁷⁸. Quando temos muitas preocupações, não nos é possível nem nos enxergar. Como poderemos então enxergar as armadilhas que o inimigo tem preparadas há tanto tempo? Pois não é costume do inimigo guerrear abertamente contra nós, diz João Crisóstomo. Se ele nos atacasse de frente, muitos não cairiam facilmente em suas armadilhas, e o Senhor não teria dito: “Poucos

serão salvos²⁷⁹”. Quando o diabo quer lançar alguém nas grandes faltas, ele começa por fazê-lo negligenciar as pequenas coisas que não aparecem: antes do adultério, o olhar enviesado e impudico; antes do assassinato, as pequenas cóleras; antes das trevas da reflexão, as pequenas distrações; e antes da cegueira, as aparentes necessidades do corpo.

É por isso que o Senhor, que é a Sabedoria do Pai²⁸⁰ e conhece tudo por antecipação, previu as artimanhas do diabo e ordenou aos homens que cortassem imediatamente as raízes do mal. Do contrário, imaginando ser fácil suportar as pequenas coisas, eles tombariam impiedosamente na desgraça dos grandes pecados. O Senhor afirma: “Foi dito aos antigos, aos que viviam sob a Lei, tal e tal. Mas eu lhes digo²⁸¹”, etc. Assim, aquele que foi ensinado pelo santo Evangelho deve estar atento ao que lhe ensina o Senhor, trabalhar para se livrar das armadilhas do inimigo, colocar sua toda honra em seguir os mandamentos e considerar que eles lhe fazem um bem imenso, pois por meio deles ele pode adquirir uma grande sabedoria e salvar sua alma. Os mandamentos são justamente os dons de Deus. “Toda boa graça, todo dom perfeito vêm do alto²⁸²”, disse o irmão de Deus. Também João Damasceno diz: “Dê-nos a mediadora que ninguém pode confundir, aquela que o gerou, ó Cristo. Por suas orações, conceda-nos a compaixão do Espírito e nos dê a bondade que por seu intermédio provém do Pai”.

Aquele que recebeu o carisma de estar atento às divinas Escrituras, como dizem os Padres, encontra todos os bens que nelas estão

²⁷⁶ *Sentenças dos Padres*, Antônio 8.

²⁷⁷ *Sobre o amor* IV, 63-64.

²⁷⁸ *Mateus* 6: 25.

²⁷⁹ *Lucas* 13: 23.

²⁸⁰ Cf. *I Coríntios* 1: 24.

²⁸¹ *Mateus* 5: 21-22.

²⁸² *Tiago* 1: 17. Irmão de Deus é o nome dado no Oriente a São Tiago, primeiro bispo de Jerusalém, que o Novo Testamento chama de irmão (primo) do Senhor.

ocultos, conforme a palavra do Senhor: “Aquele que é instruído no Reino dos céus²⁸³”, etc. Vale dizer que este é instruído por sua consagração a Deus e pela leitura das divinas Escrituras. Pois um é o rosto que a Escritura revela ao resto dos homens, mesmo que eles acreditem conhece-la, e outro é o que ela revela ao homem que se consagrou à prece incessante, ou seja, que pensa em Deus todo o tempo, tanto quanto respira, ainda que ao mundo pareça inculto e sem o conhecimentos dos ensinamentos dos homens, como afirma o grande Basílio.

Também João Clímaco afirma que Deus se revela à simplicidade e à humildade²⁸⁴, mais do que aos sofrimentos e à sabedoria inerte. Deus rejeita esta última, se ela não for humilde, Segundo o Apóstolo, mais vale nada saber do que não conhecer²⁸⁵, pois o conhecimento espiritual é um carisma. Mas a ciência da palavra é um ensinamento humano, como os outros ensinamentos deste mundo. Ela em nada contribui para a salvação da alma, como fica evidente entre os gregos. Nos que sabem por experiência tudo o que é dito, a leitura exercita a memória. Nos que não possuem a experiência, ela é um ensinamento. Mas quando o Senhor encontra o coração puro de todas as coisas e de todos os ensinamentos deste mundo, disse são Basílio, então ele inscreve suas próprias instruções nele como num livro no qual nada ainda tenha sido escrito²⁸⁶.

Digo estas coisas para que não sejam lidas as coisas que não agradam a Deus. Caso alguém tenha tido um dia, por ignorância, uma leitura destas, que se esforce por apaga-la da memória pela leitura espiritual das divinas Escrituras, em especial das que

contribuem para a salvação da alma, na medida do estado que tenha alcançado. Se ele ainda for ativo, que leia as vidas e as sentenças dos Padres. Se a graça já o conduziu até o conhecimento divino, que leia nas Escrituras, tanto quanto lhe for possível, aquilo que for capaz de derrubar, segundo o Apóstolo, as alturas levantadas contra o conhecimento de Deus²⁸⁷ e de proteger de toda desobediência e de toda transgressão, por meio da observação estrita e do verdadeiro conhecimento dos divinos mandamentos e dos ensinamentos de Cristo. Fora disto, nada leia. Qual a necessidade de se receber um espírito impuro em lugar do Espírito Santo? Qualquer que seja o discurso estudado, busquemos encontrar o espírito deste discurso, ainda que isto não pareça difícil como ela é para os que não têm experiência.

Da leitura divina

A leitura divina impede o intelecto de andar às tontas. Este é o começo da salvação. O inimigo, diz Salomão, odeia o eco da certeza²⁸⁸. Quando a reflexão começa a rodar, diz santo Isaac, aí começa o pecado. Quem quer fugir perfeitamente deve permanecer o máximo possível em repouso em sua cela. Se for tomado pela acídia, deve trabalhar um pouco, coisa que também deve fazer o monge impassível e que possui o conhecimento, para prestar serviço aos outros e ajudar os fracos, coisa que fizeram também os maiores amigos dos Padres, inclinando-se para aqueles que estavam propensos às paixões e assimilando-se a eles por pura humildade. Pois estes eram capazes de ter a Deus em si próprios e se consagrar à contemplação em Deus, mesmo trabalhando com suas mãos ou indo ao mercado. Quem atingiu a mais alta perfeição, disse o grande

²⁸³ *Mateus* 13: 52.

²⁸⁴ *A escada santa* XXVI, 35.

²⁸⁵ Cf. *II Coríntios* 11: 6.

²⁸⁶ *Carta* II, 2.

²⁸⁷ Cf. *II Coríntios* 10: 5.

²⁸⁸ *Provérbios* 11: 15.

Basílio, podem permanecer sozinhos e com Deus, mesmo em meio à multidão.

Quem ainda não atingiu este ponto mas quer se libertar da acídia deve rejeitar toda relação humana e todo sono excessivo, e deixar a acídia consumir seu corpo e sua alma até que ela se esgote por completo e o deixe, vendo sua perseverança na consagração contínua a Deus, na leitura e na prece pura. Aqueles que nos combatem, se percebem que podem obter o que querem, continuam a combater. Do contrário, eles se vão, seja momentaneamente, seja em definitivo. É por isso que quem pretende dominar seus adversários deve se manter paciente. Quem perseverar até o fim será salvo²⁸⁹. É justo, diz o Apóstolo, que os que nos acuam sejam afligidos, e que nós, que estamos aflitos, sejamos aliviados²⁹⁰.

Nada do que se faz por Deus e com humildade é mau. Mas as coisas e as obras podem diferir. Tudo o que se faz contra o uso necessário, ou seja, tudo o que não contribui para a salvação da alma e para a vida do corpo, constitui um obstáculo para aquele que quer ser salvo. Não é o alimento que é prejudicial, é a gula. Não é o dinheiro, mas a paixão por ele. Não é a palavra, é o falatório. Não são as doçuras do mundo, mas a intemperança. Não é o amor pelos nossos, mas o obstáculo que este amor pode criar em relação ao amor a Deus. Não são as vestimentas que usamos para nos cobrir e nos proteger do frio e do calor, mas o supérfluo, os ornatos preciosos. Não são as casas que, também elas, servem para nos proteger das intempéries e para nos guardar dos animais e dos homens que podem ser nocivos a nós, mas as moradias de dois e três pavimentos, grandes e custosas. Não é o possuir seja lá o que for, mas o usar esta coisa incorretamente.

²⁸⁹ *Mateus* 10: 22.

²⁹⁰ Cf. *II Tessalonicenses* 1: 6-7.

Quando nos despojamos de tudo, não é possuir livros que é mau, mas é não os ter para a leitura divina. Não é ter amigos, mas é não os ter para o bem de nossa alma. Não é mulher que é má, mas a prostituição. Não é a riqueza, é a avareza. Nem o vinho, mas a embriaguez. Nem o ardor natural que nos foi dado para castigar o pecado, mas o ardor com que nos voltamos contra os homens, nossos semelhantes. Nem a autoridade, mas o amor ao poder. Nem a glória, mas a ambição, e pior ainda, a vaidade. Não é adquirir a virtude, mas presumir-se virtuoso. Nem o conhecimento, mas pretender-se sábio, e pior ainda, ignorar sua própria ignorância. Não é o verdadeiro conhecimento que é mau, mas o falso.

Não é o mundo que é mau, são as paixões. Não é a natureza, mas o que é contra a natureza. Não é a concórdia, mas a unanimidade nas malfetorias que impedem a salvação da alma. Não são os membros do corpo, mas seu mau uso. Pois a visão não nos foi dada para que desejemos o que não nos convém, mas para que, vendo as criaturas, nelas glorifiquemos o Criador e alcancemos o bem de nossa alma e de nosso corpo. Da mesma forma, o ouvido não nos foi dado para escutar bobagens e ultrajes, mas para escutar a palavra de Deus e todas as linguagens, a dos homens, dos pássaros e de todas as criaturas, e para nisto glorificar o Criador. O órgão do olfato não nos foi dado para que a alma amoleça sob os perfumes e relaxe sua tensão, disse o Teólogo, mas para respirar, receber o ar que nos foi dado por Deus, e para glorificar a Deus por esta coisa sem a qual ninguém, nem homem nem animal, poderia viver em um corpo.

É admirável como o Benfeitor, em sua sabedoria, concedeu a todos encontrar com facilidade as coisas mais necessárias, ou seja, o ar, o fogo, a água e a terra. Ele não apenas nos deu estas coisas como ainda tornou mais fáceis as que podem salvar a alma e mais difíceis as que a levam para a perdição. É assim que a pobreza tende em

primeiro lugar a salvar a alma, mas a riqueza é um obstáculo para a maioria. A primeira, qualquer homem a encontra; mas a segunda não está em nós. Cada um pode encontrar em si a desonra, a humildade, a paciência, a obediência, a submissão, a temperança, o jejum, a vigília, a rejeição à vontade própria, a fraqueza corporal, a ação de graças por todas as coisas, a tentação, os prejuízos, a privação do necessário, a ausência de doçuras, a nudez, a paciência, todas estas obras feitas por Deus e que não podemos impedir nem combater, mas que Deus permite aos que as assumem quando elas advêm, sejam voluntárias ou não.

Mas aquilo que leva à perdição não é fácil de ser encontrado: assim é com a riqueza, a glória, o orgulho, a rejeição aos outros, o poder, a autoridade, a intemperança, a gulodice, o excesso de sono, fazer o que se tem vontade, a saúde e a força do corpo, a vida tranquila, as vantagens, ter tudo o que se deseja, a fruição das delícias, ter muitas roupas e ornamentos, preciosos, etc. É preciso lutar muito para se obter estas coisas, e o que se encontra é bem pouco, o ganho é passageiro. Elas trazem muitas penas e pouco regozijo, pois atormentam os que as possuem e os que não as têm desejam obtê-las. No entanto, nenhuma delas é má em si: o mal está no abuso delas, como já dissemos. Os pés e as mãos não nos foram dados para roubar, pilhar, espancar, mas para podermos trabalhar nas obras de Deus. Os que têm a alma mais fraca se compadecem dos pobres, para seu próprio aperfeiçoamento e para o socorro daqueles que precisam. Mas os que são mais fortes de corpo e de alma dedicam-se eles mesmos à pobreza, à imitação de Cristo e dos santos discípulos, para glorificar a Deus e admirar a sabedoria oculta em nossos membros: o modo como, pela providência de Deus, estas mãos e dedos, malgrado sua pequenez, estão dispostas para toda ciência e todo trabalho, para a escrita, para todas as obras de onde vêm o conhecimento das artes e das inúmeras Escrituras, da sabedoria e dos

remédios, da diversidade das línguas e das letras.

Simplesmente, tudo o que foi, que é e que será nos foi dado na maior bondade e nos é sempre concedido para que nossos corpos vivam e para que nossas almas sejam salvas, se nos portamos em relação a todos os seres tendo em vista o objetivo de Deus, e se através deles o glorificamos com todo nosso reconhecimento. Caso contrário, cairemos e nos perderemos: e não apenas os seres nos atormentarão no século presente, como já foi dito, como ainda nos levarão ao castigo eterno no século futuro.

Do discernimento verdadeiro.

Aquele que, pela graça de Deus, recebeu o carisma do discernimento deve, com toda sua força e grande humildade, guardar este carisma. Ele não deve fazer nada imponderadamente, para não falhar por negligência. Com seu conhecimento, ele se condenaria daí por diante. Mas quem não recebeu este carisma não deve pensar nada, nem dizer, nem fazer sem interrogar, sem confiar tudo à fé constante e à prece pura, fora das quais não se pode alcançar o discernimento. Pois o discernimento nasce da humildade. Em quem o possui, ele engendra a clarividência, como disseram Moisés e João Clímaco²⁹¹. Este homem prevê as armadilhas ocultas do inimigo e suprime suas causas antes de chegado o momento. É o que disse Davi: “Meus olhos viram dentro de meus inimigos²⁹²”.

São os seguintes os sinais do discernimento: Conhecer sem se enganar o bem e seu contrário e saber qual a vontade divina em tudo o que se faz. E estes são os sinais da clarividência: conhecer suas

²⁹¹ *A escada santa* XXV, 68; XXVI, 173.

²⁹² *Salmo* 53 (54): 9.

próprias faltas antes que elas aconteçam, saber o que acontece quando os demônios nos capturam, conhecer os mistérios ocultos nas divinas Escrituras e nas criaturas sensíveis.

A humildade, mãe do discernimento e da clarividência, também é marcada por um sinal, como já foi dito. Ela pode ser reconhecida assim: quando se é humilde, pode-se possuir todas as virtudes e ainda assim crer-se em verdade o maior devedor de todos, abaixo de toda a criação. Quando não estamos neste estado, é certo sermos piores do que o resto da criação, ainda que acreditemos levar uma vida angelical. Pois até o anjo que possuía tantas virtudes e sabedoria, por não ter humildade não pode agradar ao Criador. Que dirá então a fonte de todos os seres e bens futuros, de quem não é humilde e se quer anjo?

É da humildade que provém o discernimento que ilumina os confins do mundo. Sem ela, tudo são trevas. Pois ela é a luz e se chama luz. É por isso que antes de qualquer palavra ou obra temos necessidade desta luz para nos maravilhar quando vemos o resto das coisas. Nós nos maravilhamos de ver que Deus, no primeiro dos dias, no dia soberano, criou primeiro a luz²⁹³ para que as coisas que viessem depois dela não permanecessem invisíveis como se não existissem, disse João Damasceno²⁹⁴. O discernimento, como dissemos, é a luz, e a clarividência que ele engendra é o mais necessário de todos os carismas. De fato, o que existe de mais necessário do que ver as armadilhas do demônio e proteger a alma com a ajuda da graça? “A pureza da consciência e a mãos necessária de todas as obras”, diz santo Isaac. O mesmo acontece com a santificação do corpo: “Sem ela, disse o Apóstolo, ninguém verá o Senhor”²⁹⁵.

²⁹³ Cf. *Gênesis* 1: 3.

²⁹⁴ *A fé ortodoxa* II.

²⁹⁵ *Hebreus* 12: 14.

Que não se deve desesperar, mesmo tendo pecado muito.

Mas não devemos nos desesperar por não sermos como deveríamos ser. Homem, seu pecado é um mal. Porque você ofende a Deus e, por sua ignorância, o impede de agir em você? Não pode salvar sua alma aquele que por você criou todo este mundo que você vê? Mas se você diz: “Aqui estava minha condenação, mas daqui por diante aqui estará a sua misericórdia”, arrependa-se e ele receberá seu arrependimento, como aceitou o do filho pródigo e da prostituta²⁹⁶. E se você não puder se arrepender, se por costume você cair em faltas indesejadas, tenha a humildade do publicano²⁹⁷. Ela basta para a salvação.

Pois quem assim peca sem se arrepender mas não se desespera, coloca-se necessariamente abaixo de todas as criaturas. Ele não ousa condenar ou culpar ninguém. Ao contrário, ele admira o amor de Deus pelo homem, é reconhecido ao seu Benfeitor e pode receber muitas outras benesses. Se o diabo o submete ao pecado mas ele o desobedece não se desesperando, por temor a Deus, ele permanece com Deus. Ele tem em si o reconhecimento, a ação de graças, a paciência, o temor a Deus, todas essas virtudes profundamente necessárias, e ele não julga para não ser julgado²⁹⁸. Como diz João Crisóstomo, no limbo o inferno nos ajuda a descobrir o Reino de Deus. Pois dentre os que entram no Reino, muitos passaram pelo inferno e pouco são os que vieram pelo Reino em si. É o amor de Deus pelo homem que nos faz entrar. Um obriga pelo temor, o outro abraça, mas os dois nos salvam pela graça de Cristo. Pois os que são

²⁹⁶ Cf. *Lucas* 15: 17-18 e 7: 37-38.

²⁹⁷ Cf. *Lucas* 18: 13.

²⁹⁸ Cf. *Mateus* 7: 1.

combatidos por tantas paixões da alma e do corpo serão coroados se tiverem paciência, se não perderem sua liberdade por negligência, se não se desesperarem.

Do mesmo modo, aquele que encontrou a impassibilidade e é por ela consolado pode cair rapidamente se não confessar sempre as graças recebidas e se condenar alguém. Se ele tiver a audácia de condenar os outros, significa que ele adquiriu a riqueza por seu próprio poder, diz são Máximo²⁹⁹. Quem ainda é passional e não tem conhecimento da luz corre um grande perigo se vier a comandar a outros, diz João Damasceno. O mesmo acontece com aquele que recebeu de Deus a impassibilidade e o conhecimento espiritual, caso não vá em auxílio das outras almas.

De início, nada ajuda tanto o fraco como a fuga para a hesíquia. E daí por diante nada auxiliará mais o passional e o ignorante do que a submissão a esta hesíquia. Nada é melhor do que conhecer sua própria fraqueza e sua própria ignorância, e nada pior do que ignorá-las. Da mesma forma, nenhuma paixão é tão detestável quanto o orgulho, e nada mais risível do que o amor ao dinheiro, esta raiz de todos os males³⁰⁰. O homem que com grande esforço extrai a prata das minas da terra a esconde outra vez na terra, e esta prata não lhe traz nada. É por isso que o Senhor disse: “Não ajuntem tesouros sobre a terra³⁰¹”, etc. E também: “Onde estiver seu tesouro, aí estará seu coração³⁰²”. Pois ao longo do tempo o intelecto humano, em seu desejo, é atraído pelo hábito, seja para as coisas terrestres, seja para as paixões, seja para os bens eternos e celestiais. “Ao se inveterar, o hábito recebe a força de uma natureza”, diz o grande Basílio.

²⁹⁹ *Sobre o amor* II, 38.

³⁰⁰ Cf. I *Timóteo* 6: 10.

³⁰¹ *Mateus* 6: 19.

³⁰² *Mateus* 6: 21.

É sobretudo quando somos fracos que devemos trazer atentamente o testemunho da consciência a fim de libertar a própria alma de toda condenação; senão, ao fim da vida, o arrependimento será vão e a lamentação eterna. Quem não é capaz de sofrer por Cristo a morte sensível como ele próprio sofreu, deve ao menos ter vontade de sofrer esta morte em seu intelecto. Ele se tornará mártir em sua consciência. Ele não se submeterá aos demônios ou às vontades que lhe dão combate, mas os vencerá. Será como os santos mártires e os santos Padres que sempre trouxeram seu testemunho, uns no corpo, outros em sua inteligência. Fazendo força, domina-se o inimigo; mas se nos tornamos negligentes, por pouco que seja, se nos mantemos nas trevas, estaremos perdidos.

Brevemente, como adquirir as virtudes e se abster das paixões.

Nada, disse o grande Basílio³⁰³, entenebrece tanto a reflexão quanto a malícia. E nada ilumina tanto o intelecto quanto a leitura na hesíquia. Nada reduz tanto as penas da alma quanto o pensamento da morte. Nada ajuda tanto a avançar secretamente a alma como a vergonha de si mesma e a rejeição das próprias vontades. Nada leva mais secretamente à nossa perda quanto a presunção e a autossuficiência. Nada afasta tanto de Deus e da instrução do homem quanto os murmúrios de revolta. Nada facilita tanto o pecado quanto a confusão e o falatório.

Não existe caminho mais curto para adquirir a virtude do que a solidão e o recolhimento. Nada nos leva tanto ao reconhecimento e à ação de graças como a meditação dos dons de Deus e de nossos próprios males. Nada aumenta em nós as benesses como louvar a

³⁰³ *Grande Regra* 6.

Deus por estes dons. Nada contribui para a salvação como as tentações, ainda que não as queiramos. Nenhuma via para Cristo, para a impassibilidade e a sabedoria do Espírito, é mais curta do que a via real que afasta do excesso e das faltas. Nenhuma virtude é capaz de compreender a vontade divina como a humildade, o abandono de todo pensamento e de toda vontade própria. Nada concorre tanto para todas as obras boas como a prece pura. Nada impede de adquirir as virtudes como a distração e o fastio da reflexão, por pequenos que sejam. Quanto mais pureza temos, mais nos arriscamos a falharmos em tudo o que vemos. E quanto mais caímos nas faltas, mas penetramos nas trevas, ainda que possamos parecer puros.

Mais ainda: quanto mais conhecimento temos, mais percebemos nossa ignorância. E quanto mais alguém ignora sua própria ignorância, e o quão parcial é seu conhecimento espiritual, mais ele crê conhecer. Quanto mais tormentos suportar aquele que combate, mais ele será capaz de vencer o inimigo. Quanto mais alguém se esforça para fazer algo de bom a cada dia, mais ele se sentirá devedor todos os dias de sua vida, diz são Marcos³⁰⁴. Isto equivale a dizer que o poder e a intenção da obra lhe pertencem, mas que a graça vem de Deus. Somente se tiver recebido a graça este home poderá realizar a boa obra. De que poderá ele se glorificar, senão por presunção, pensando que ele pode realizar qualquer coisa de bom ao mesmo tempo em que condena injustamente os que não puderam fazer a mesma coisa? Pois quem exige alguma coisa de seu próximo deve antes, e com mais justiça, exigi-la de si mesmo. E assim como os pecadores devem temer por terem provocado a cólera de Deus, também aqueles que, por sua fraqueza e seu pendor ao desespero, foram cobertos por sua graça, devem tremer ainda mais, por serem extremamente devedores. Se este abismo – a ignorância das

³⁰⁴ Marcos o Asceta, *Dos que pensam ser justificados*, 43.

Escrituras – é grande, diz santo Epifânio³⁰⁵, maior ainda é este mal – a transgressão consciente – e maior na alma o benefício advindo da palavra ou da oração.

Quando um homem sofre por causa de seu próximo deve rezar por ele, a fim de que o que lhe causa mal não seja afligido, para que sua vontade descanse enquanto está perturbado, diz são Doroteu³⁰⁶, para que tenha piedade de sua alma, para que carregue seu fardo, para que deseje a sua salvação e todas as coisas boas para seu corpo e sua alma. Nisto consiste a pura ignorância do mal, que purifica a alma e a eleva para Deus. Pois os cuidados para com aquele que lhe fez mal são melhores do que todas as obras e do que todas as virtudes. Nenhuma virtude é maior ou mais perfeita do que o amor ao próximo. O sinal deste amor é de não ter nenhuma necessidade em relação a outrem, mas de por ele sofrer até a morte com alegria. Este é o mandamento do Senhor³⁰⁷. Devemos considerá-lo como um dever. Pois devemos não somente amar o próximo até a morte, como também amar o sangue precioso que por nós derramou Cristo, que nos ordenou tal amor.

Não seja você mesmo o objeto do seu amor, disse são Máximo³⁰⁸, e assim você amará a Deus. Não se compadeça de si mesmo, e assim você amará aos seus irmãos. Pois o amor provém da esperança. E a esperança é isto: crer firmemente, com todo seu intelecto, que tudo acontecerá como se espera. A esperança nasce da fé certa: abandonamos todo cuidado com nossa própria vida e morte, e remetemos a Deus todo cuidado, como foi dito a respeito daquele que quer descobrir a impassibilidade dos sinais, cuja fé é o

³⁰⁵ *Sentenças dos Padres do deserto*, Epifânio 9, 10 e 11.

³⁰⁶ *Instruções espirituais* IV, §56 e 60.

³⁰⁷ Cf. *João* 15: 13.

³⁰⁸ *Sobre o amor* IV, 37.

fundamento. Quem possui esta fé deve sempre considerar o seguinte: assim como Deus criou todas as coisas, e junto com elas do nada criou a nós em sua extrema bondade, da mesma forma ele dirigirá de todas as maneiras a alma e o corpo para a salvação.

Como adquirir a fé verdadeira.

Mas aquele que deseja adquirir a fé (que é o fundamento de todos os bens, a porta dos mistérios de Deus, a infatigável vitória sobre os inimigos, a mais necessária de todas as virtudes, o auxílio da prece e a morada de Deus na alma) deve suportar todas as provas que os inimigos, o número e a diversidade dos pensamentos o farão sofrer. Ninguém pode compreender estes pensamentos, nem dizer deles o que quer que seja, nem descobri-los, senão o diabo, o inventor da malícia. Mas o homem deve ter coragem: se ele sobrepujar com grande força as tentações que lhe chegam, se evita que seu intelecto seja entregue aos pensamentos que chegam ao seu coração, ele vencerá todas as paixões de uma vez por todas. Pois o vencedor não terá sido ele, mas Cristo que nele está pela fé. É dele que o Senhor falou quando disse: “Se vocês tiverem a fé do tamanho de um grão de cevada³⁰⁹”, etc.

Mas ainda que, em sua fraqueza, o pensamento se entregue ao inimigo, que ele não tema nem se desespere, que não grave na alma o que disser o príncipe do mal. Que ele se volte pacientemente, atentamente, tanto quanto lhe for possível, para a obra das virtudes e a guarda dos mandamentos, na hesíquia e na consagração a Deus, longe de tudo o que possa pensar por si mesmo, a fim de que o inimigo se retire desencorajado por haver tramado dia e noite com toda imaginação e mentiras e não ter conseguido ocupa-lo com os

divertimentos, as formas e todos os pensamentos nos quais ele aparentemente se oculta, mas na realidade pratica a comédia da enganação.

Aquele que trabalha nos mandamentos de Cristo experimenta assim a fraqueza do inimigo. Já nenhum dos seus truques o perturba. Ele faz com alegria e sem que nada o impeça tudo que quer, tudo o que deseja diante de Deus, fortificado pela fé e ajudado por Deus em quem ele crê, como o próprio Senhor disse: “Tudo é possível àquele que crê³¹⁰”. Porque já não é ele quem combate o inimigo, mas Deus que por ele vela na fé. O profeta disse: “Faça do Altíssimo seu refúgio³¹¹”, etc. Este homem já não se preocupa com nada. Ele sabe que “o cavalo está pronto para o combate, mas que é junto a Deus que está sua salvação³¹²”, como disse Salomão. Pela salvação ele ousa tudo, como disse santo Isaac: “Adquira a fé, a fim de vencer os inimigos³¹³”.

Pois este homem não leva a vida que quer, mas é conduzido pela vontade de Deus como um animal. Como diz o Profeta: “Eu era como um animal na sua presença, mas estou sempre com você³¹⁴”. Se você quiser me dar o repouso por meio do conhecimento, eu não recusarei. Se mais uma vez, pela humildade, você permitir que eu sofra tentações, estarei com você da mesma maneira. Nada posso fazer por mim mesmo. Sem você eu não teria saído do nada, não poderia nem viver nem ser salvo. Assim, faça de sua criatura o que quiser. Eu creio que na sua bondade você me cumulou de benesses, mesmo que para meu benefício eu não as conheça. Mas eu não sou

³¹⁰ Marcos 9: 23.

³¹¹ Salmo 90 (91): 9.

³¹² Provérbios 21: 31.

³¹³ Obras espirituais, pg. 333.

³¹⁴ Salmo 72 (73): 22-23.

³⁰⁹ Lucas 17: 6.

digno de conhecê-las, nem procuro aprendê-las a fim de estar em repouso. Talvez isto não me sirva de nada. Tampouco ousou pedir que cesse o combate, mesmo sendo fraco e sofrendo por tudo. Porque eu não sei o que é bom para mim, mas você, você sabe tudo³¹⁵. Faça-se como você quiser. Apenas não perca eu o objetivo, se algo suceder. Mas, quer eu vigie quer não, salve-me, se for de sua vontade. Eu nada tenho de meu, estou diante de você como uma coisa sem alma. Entrego minha alma em suas mãos puras³¹⁶, no século presente e no século futuro. A você, que tudo pode, que conhece tudo, que por nós deseja toda a bondade, que quer sempre a nossa salvação. Isto é para nós evidente, por todas as benesses que você nos concedeu e que nos concede sempre pela graça, e por tudo o que vemos ou não vemos, por tudo o que sabemos ou não sabemos, e por causa desta compaixão por nós, que ultrapassa o intelecto, Filho e Verbo de Deus.

Mas quem sou eu para ousar apelar a você que conhece nossos corações? Só falo para que eu mesmo aprenda que eu me refugio em você, porto da minha salvação, e para que o saibam meus inimigos. Porque o que sei, sei por sua graça, porque você é meu Deus³¹⁷, e não porque ousou falar-lhe. Mas eu queria ser em sua presença não mais do que um intelecto vazio, surdo e mudo. Não sou eu, mas sua graça que coloca tudo em movimento. Eu sei que em mim não existe nada de bom, que estou sempre cheio de vícios. Mas por causa deles, em minha condição servil, eu me prosterno diante de você. Pois você me permitiu arrepender-me. Eu sou seu servo, o filho da sua serva³¹⁸.

Mas, Senhor Jesus Cristo meu Deus, não permita que eu faça, diga

³¹⁵ Cf. *João* 21: 17.

³¹⁶ Cf. *Salmo* 30 (31): 6.

³¹⁷ *Salmo* 30 (31): 15.

³¹⁸ *Salmo* 85 (86): 16.

ou pense aquilo que você não quer. Já bastam minhas inúmeras faltas passadas. Segundo a sua vontade, tenha piedade de mim porque eu pequei. Segundo seu conhecimento, tenha piedade de mim. Eu acredito que você ouve minha pobre voz. Ajude-me em minha descrença³¹⁹, você que me concedeu ser, e ser cristão. “É para mim uma grande coisa, disse João Carpatos, poder ser chamado de monge e de cristão”. Você mesmo, Senhor, disse a um dos seus servos: “Para você é uma grande coisa que em você seja invocado meu nome”. Isto é para mim melhor do que todos os reinos da terra e do céu. Que eu possa sempre invocar seu dulcíssimo nome: “Mestre cheio de misericórdia, eu lhe dou graças”, etc., como está escrito.

Assim como ao homem ativo são necessárias outras ordens de leituras, outras palavras, outras palavras, outras orações, também esta fé é diferente da primeira, a que engendra a hesíquia. “Uma é a fé que procede daquilo que ouvimos, outra a que provém da contemplação”, disse santo Isaac; ora, existe uma certeza maior naquilo que vemos do que naquilo que ouvimos dizer³²⁰. Com efeito, é do conhecimento natural que nasce a fé primeira, a fé comum aos ortodoxos, de onde provém a consagração a Deus de que já falamos, bem como o jejum, a vigília, a leitura, a salmodia, a prece, as perguntas feitas aos que têm experiência. Destas coisas nascem as virtudes da alma, a guarda e a constância nos mandamentos e na conduta. E estas possibilitam a grande fé, a esperança e o amor perfeito que, como vimos, arrebatava durante a oração o intelecto para Deus, quando nos unimos a ele por seu intermédio.

É o que disse são Nilo. As palavras da prece foram escritas de uma vez por todas, a fim de que aquele que quiser manter seu intelecto imóvel diante da santa Trindade, a Origem da vida, possa sempre

³¹⁹ *Marcos* 9: 24.

³²⁰ *Obras espirituais*, pg. 126.

orar a mesma prece, com o pensamento de estar sendo visto, mesmo que, dentre as coisas inteligíveis e compreensíveis de toda a criação, seja impossível para ele ver o que não possui nem figura, nem forma, nem cor, nem confusão, nem distração, nem movimento, nem matéria. Mas numa paz profunda, numa calma perfeita, ele conversa com Deus, não conservando em si senão sua santa memória, até alcançar o arrebatamento do intelecto, quando lhe for concedido pronunciar como se deve a prece do Senhor Nosso Pai, como disseram são Filemon³²¹, santa Irene, os santos apóstolos, os santos mártires e os santos monges. Fora disto, tudo é derrisório e provém da presunção. Não podemos definir nem limitar o divino. O intelecto que entra em si mesmo deve ser assim. A graça permite que seja visitado pelo Espírito Santo. “Não é com a visão clara, mas na fé, que marchamos³²²”, disse o Apóstolo.

É por isso que devemos perseverar na ascese, para que, com o tempo, o intelecto, em seu desejo, seja pelo hábito atraído pelas coisas divinas. Pois se o intelecto não encontrar com aquilo que é outro, com o que é maior do que as coisas sensíveis, ele não apontará para aí seu desejo e abandonará aquilo a que se habituou por tanto tempo. Os impassíveis que amam o homem são pouco perturbados pelas coisas da vida, pois sabem se conduzir. O mesmo acontece com os que receberam os grandes carismas, pois é a Deus que eles atribuem suas boas ações.

Que a hesíquia é útil sobretudo aos que são inclinados às paixões.

A hesíquia, a fuga das coisas e dos homens, é útil a todos, mas sobretudo àqueles que são inclinados às paixões, e aos fracos. Pois

apenas pela ação exterior o intelecto não consegue se tornar impassível. Ele deve ter numerosas contemplações espirituais. Ninguém pode evitar ser levado ao mal pela distração se não adquirir primeiro a fuga que leva à impassibilidade. O cuidado com a vida e a confusão são normalmente tão nocivas aos perfeitos quanto aos impassíveis.

O trabalho do homem, disse João Crisóstomo, de nada serve para a impulsão que vem do alto. Mas o impulso do alto não vem sobre aquele que não pede. Nós sempre precisamos dos dois, do divino e do humano, da ação e do conhecimento, do temor e da esperança, do luto e da consolação, da apreensão e da humildade, do discernimento e do amor. Pois, diz ele, todas as coisas da vida são duplas: dia e noite, luz e trevas, saúde e doença, virtude e vício, tranquilidade e dificuldade, vida e morte. Se somos fracos, por meio de umas amamos a Deus e por meio de outras fugimos do pecado por temor às tentações. Mas se somos fortes, é por todas estas coisas que amamos a Deus nosso Pai, sabendo que tudo é bom³²³ e que a tudo Deus dispõe para nosso bem. Podemos nos abster do que é agradável e buscar o que é difícil, sabendo que, por um lado, serão regenerados os corpos para glória do Criador e que, por outro, as almas serão ajudadas em sua salvação pela inefável compaixão de Deus.

Com efeito, podemos classificar os homens em três estados: os escravos, os mercenários e os filhos. Os escravos não amam o bem, mas se abstêm do mal por temor dos castigos. O que eles fazem é um bem, diz são Doroteu³²⁴, mas um bem que não agrada. Os mercenários amam o bem e odeiam o mal, mas na esperança de um salário. Os filhos, os perfeitos, não se abstêm do mal por temor dos castigos, mas porque o odeiam com todas as suas forças. Também

³²¹ Sobre o abade Filemon.

³²² II Coríntios 5: 7.

³²³ Cf. Gênesis 1: 31.

³²⁴ Instruções espirituais IV, § 48.

não fazem o bem por um salário, mas porque o consideram um dever. Eles amam a impassibilidade por meio da qual eles imitam a Deus, fazem dela sua morada e se abstêm do mal, mesmo que não tenham diante de si nenhuma ameaça. Porque se alguém não se torna impassível, o Santo Deus não lhe enviará o Espírito Santo, de medo que o hábito não o atire novamente às paixões. Pois então ele estaria sob a influência do Espírito Santo que habitasse nele, e sua condenação seria bem maior. Mas quando, uma vez adquirida a virtude, ele cessa toda relação com os inimigos e já não é atraído pelo costume das paixões, então ele pode acolher a graça e já não será condenado ao receber o carisma. Diz João Clímaco que Deus não nos revela sua vontade para que não sejamos previamente condenados por desobedece-lo sabendo³²⁵, mesmo que, como todas as crianças, ignoremos sua infinita misericórdia para conosco os ingratos. Pois, diz ele, quem quiser aprender a vontade divina deve morrer para o mundo todo e para suas próprias vontades também³²⁶.

A partir daí não devemos fazer nada nem colocar nada como bom, se for ambíguo. Sem isto não se pode viver nem ser salvo. Devemos interrogar os que têm experiência. Por meio da fé constante e da oração podemos receber a total certeza que precede a impassibilidade perfeita que torna o intelecto invencível e lhe concede a vitória em toda boa obra. Assim, o combate pode ser intenso, mas o homem é salvo. Pois “meu poder se cumpre na fraqueza³²⁷”, diz o Senhor. E o Apóstolo: “Quando sou fraco, aí é que sou forte³²⁸”. Pois os demônios, disse João Clímaco, têm muitas maneiras de partir. Eles podem nos deixar para nos estender uma armadilha, nos entregar à presunção, à autossuficiência ou a algum

outro mal. Basta-lhes, naquele que se gaba de si, ocupar o lugar de alguma das outras paixões³²⁹.

Os primeiros Padres, diz o *Gerontikon*, guardaram os mandamentos. Depois deles, os outros os escreveram. Mas nós atiramos os escritos pela janela³³⁰. E, se ainda temos vontade de ler, não buscamos nem compreender, nem fazer o que está dito. Ou bem lemos de passagem, ou pensamos estar fazendo uma grande coisa e caímos no orgulho. Ignoramos que, se não trabalhamos, cavamos nossa própria condenação, como diz João Crisóstomo. Também o Senhor diz: “Aquele que conhece a vontade do seu Senhor³³¹”, etc.

Assim é que a leitura e o conhecimento são bons, mas apenas se levarem a uma maior humildade. Do mesmo modo o conselho, quando não perturba a vida daquele que ensina. Como disse Gregório o Teólogo: “Não procure justificar sua confiança naquele que lhe ensina ou que prega a você³³²”. É o que diz o Senhor: “Façam o que lhes ordenarem os sacerdotes³³³”, etc. Nada temos a temer das obras daquele que nos ensina, se o interrogarmos. Mas elas não nos renderão serviço se não fizermos nada. Pois cada qual dará conta de si próprio. Quem ensina prestará conta de suas palavras; quem é ensinado prestará contas de sua docilidade em coloca-las em prática. Fora disto, tudo o mais é contra a natureza e digno de condenação.

Como disse são Eustrates, Deus é bom e justo, e é por bondade que ele nos concede todo o bem, quando somos reconhecidos e lhe

³²⁵ *A escada santa* XXVI, 105.

³²⁶ *Ibid.* XXVI, 98.

³²⁷ II *Coríntios* 12: 9.

³²⁸ II *Coríntios* 12: 10.

³²⁹ *A escada santa* XXVI, 44-45.

³³⁰ *Sentenças dos Padres do deserto*, anônimo 1228.

³³¹ *Lucas* 12: 47.

³³² *Discurso* XIX, 10.

³³³ *Mateus* 23: 3.

damos graças pelo caminho justo. Mas se não manifestarmos nenhum reconhecimento, cairemos da bondade no julgamento de Deus. Assim é que a bondade e a justiça de Deus são em nós naturalmente a fonte de todo bem. Mas se delas abusarmos, eles nos conduzirão ao castigo eterno.

Que o verdadeiro arrependimento é um grande bem.

Entretanto, se quisermos, se nos arrependermos, sempre poderemos retomar o caminho. “Se você caiu, levante-se. Se você caiu de novo, levante-se de novo³³⁴”. Jamais desespere de sua salvação, aconteça o que acontecer. Jamais se entregue voluntariamente ao inimigo. Esta paciência e a vergonha de si próprio bastam para a salvação. “Nós próprios éramos antes insensatos e estávamos submetidos às nossas concupiscências³³⁵”, etc. Portanto, não desespere por ignorar o socorro de Deus, porque ele pode fazer o que quiser. Espere nele e, de um modo ou de outro, ele agirá. Seja por meio de tentações, ou por algum outro meio, ele irá preparar a sua correção. Talvez ele receba como obras suas sua paciência e sua humildade. Talvez, em seu amor pelo homem, através da esperança, ele abrirá um caminho que você desconhece, para salvar sua alma cativa. Apenas não negligencie Aquele que pode curá-lo. Pois ao se recusar a conhecer o objetivo oculto de Deus você sofrerá a dupla morte.

Podemos dizer agora que da ação o mesmo que dissemos do conhecimento. Toda ação do corpo e da alma está cercado por seis armadilhas: à direita e à esquerda, o esgotamento depressivo e a preguiça; acima e abaixo, a autossuficiência e o desespero; no

interior e no exterior, a inércia e a temeridade. É o que diz Gregório o Teólogo: mesmo que o nome seja semelhante, a coragem está longe do excesso de temeridade³³⁶. No meio das seis armadilhas, a obra comedida se faz na humildade e na paciência.

É admirável o modo como o intelecto humano transforma em si mesmo todos os seres ao seu gosto, ainda que eles sejam imutáveis e permaneçam sendo o que são. É por isso que nem todos temos o mesmo objetivo diante dos seres. Ao contrário, cada qual se serve das coisas como quer, seja para o bem, seja para o mal, das coisas sensíveis por meio do trabalho, das coisas inteligíveis por intermédio da palavra e do raciocínio.

Todos os homens, me parece, veem sua vida de quatro maneiras, que correspondem aos estados dos quais fala Gregório o Teólogo. Alguns estão tão bem aqui quanto no século futuro: são todos os santos, os que se tornaram impassíveis. Outros só estão bem aqui: estes não são dignos das benesses que recebem em suas almas e seus corpos, pois não são reconhecidos ao seu Benfeitor, como o rico³³⁷ e outros assim. Outros ainda só são atormentados aqui: eles sofrem de uma longa enfermidade, como o paralítico, ou se deixam atormentar por seus próprios pensamentos. Outros, enfim, são atormentados aqui e o serão no futuro: estes são tentados por suas próprias vontades, como Judas e assemelhados.

Diante das coisas sensíveis, existem também quatro objetivos. Uns odeiam as obras de Deus, como os demônios: sua vontade é má e eles fazem o mal. Outros amam o que é bom, mas permanecem inclinados às paixões, como animais irracionais: eles não cuidam da contemplação natural, nem da ação de graças. Outros, como os

³³⁴ Cf. *Provérbios* 24: 16; *Miquéias* 7: 8; *Sentenças dos Padres do deserto*, Sisoés 38.

³³⁵ *Tito* 3: 3.

³³⁶ *Sermões* V, 8. Jogo de palavras entre *thrasos* (temeridade) e *tharsos* (coragem).

³³⁷ Cf. *Mateus* 19: 22.

homens, se servem naturalmente de tudo com temperança no conhecimento espiritual e na ação de graças. Outros, enfim, como os anjos, contemplam tudo sobrenaturalmente com vistas à glória do Criador: eles não se servem de nada, senão, segundo o Apóstolo, daquilo que é necessário para viver³³⁸.

Das benesses universais e particulares de Deus.

É por estas razões que nós homens devemos todos sempre dar graças a Deus pelas benesses universais e particulares que ele desenvolve em nossas almas e em nossos corpos.

As benesses universais são os quatro elementos, tudo o que provêm deles, todas as maravilhas de Deus, todas as coisas extraordinárias reportadas nas divinas Escrituras. As benesses particulares são aquelas que Deus concedeu a cada homem: a riqueza com vistas à compaixão; a pobreza com vistas à paciência reconhecida; o poder com vista ao julgamento e à formação da virtude; a submissão e a dependência com vistas à salvação efetiva da alma; a saúde com vistas ao socorro dos necessitados e ao trabalho diante de Deus; a enfermidade com vistas à coroa da paciência; o conhecimento e o poder com vistas à aquisição das virtudes; a fraqueza e a ignorância com vistas à submissão na hesíquia, na humildade e na fuga das coisas; a privação involuntária dedicada à salvação voluntária, ao socorro dos que não podem alcançar a despossessão perfeita ou mesmo a compaixão; a calma e a serenidade com vistas a assumir sobre si o combate de outras almas; a tentação e as dificuldades chamadas a salvar – muito contra a sua vontade – aqueles que não conseguem romper com suas vontades próprias, e também para levar à perfeição os que as podem suportar com alegria.

³³⁸ Cf. I *Timóteo* 6: 8.

Todas essas coisas, embora se oponham umas às outras, não deixam de ser boas desde que saibamos como nos servir delas. Entretanto, se as usarmos mal, elas deixarão de ser boas e se tornarão nocivas à alma e ao corpo. Mas a melhor de todas as coisas é a paciência nas aflições. Quem recebeu este grande carisma deve dar graças a Deus, pois seu benefício é imenso. Este imita a Cristo, imita os santos apóstolos, os mártires e os santos monges. Renunciando ao que é agradável voluntariamente, buscando antes o que é difícil ao recusar as vontades próprias e os pensamentos que não vêm de Deus, a fim de só pensar no que agrada a Deus, ele recebe uma grande força e um grande conhecimento.

Aqueles a quem foi concedido buscar o bom uso das coisas deve agradecer humildemente a Deus por terem sido libertados por sua graça do mau uso e da transgressão dos mandamentos. Mas nós, que ainda estamos inclinados às paixões e abusamos destas coisas agindo contra a natureza devemos tremer, dar graças humildemente ao Benfeitor com todo o reconhecimento e admirar sua paciência inefável. Pois desobedecemos aos seus mandamentos, abusamos das coisas e nos desviamos dos seus dons, porque ele suporta nossa ingratidão. Ele não nos abandona, ele nos cumula de bens. Ele aguarda nosso retorno e nosso arrependimento até o último suspiro. Todos os homens devem lhe dar graças, conforme foi dito: “Deem graças em todo tempo e lugar³³⁹”.

A esta palavra do Apóstolo está ligada outra, quando ele diz: “Orem sem cessar³⁴⁰”. Vale dizer: mantenham a memória de Deus em todo tempo, todo lugar, toda coisa. O que quer que façamos, devemos

³³⁹ I *Tessalonicenses* 5: 18.

³⁴⁰ I *Tessalonicenses* 5: 17.

guardar a memória d’Aquele que criou tudo o que existe diante de nossos olhos. Ao ver a luz, não se esqueça d’Aquele que lhe deu. Ao ver o céu e a terra, o mar e todos os seres: admire e glorifique o Criador. Quando você coloca suas vestes, reconheça de quem você as recebeu e cante Àquele que é a providência de sua vida. Numa palavra, que todo movimento o leve a glorificar a Deus: esta é a prece contínua. A partir daí, a alma estará sempre alegre, diz o Apóstolo³⁴¹. Pois a lembrança de Deus a alegra, diz São Doroteu, citando o testemunho de Davi: “Eu me lembrei de Deus e exulte!”³⁴².

Que Deus tudo fez para o nosso bem.

Pois Deus fez todos os seres para o nosso bem. Os anjos nos guardam e nos ensinam. Os demônios nos tentam para nos forçar à humildade, à fuga para Deus. Pois é por estas coisas que somos salvos: o temor das tentações nos liberta da autossuficiência e da irresponsabilidade.

E mais: as coisas agradáveis deste mundo – a saúde, a prosperidade, a força, a alegria, a luz, o conhecimento, a riqueza, o sucesso em tudo, o estado aprazível, o conforto, a tranquilidade, a fruição das honrarias, o poder, a abundância, todas as coisas que nesta vida são consideradas como bens – nós por elas nos erguemos em ação de graças e de reconhecimento ao nosso Benfeitor, somos levados a amá-lo e a fazer tanto bem quanto pudermos, pois – pensamos – temos o dever natural de responder aos dons com boas obras, mesmo que não nos seja possível, pois nossa dívida é muito maior do que isto. Quanto àquilo que consideramos como coisas sofridas – a doença, as dificuldades, a fadiga, a fraqueza, a tristeza involuntária,

as trevas, a ignorância, a miséria, as infelicidades em geral, o medo das privações, a desonra, o esgotamento, as necessidades e tudo o que é contrário às coisas agradáveis – é por meio delas que alcançamos a paciência, a humildade e a boa esperança que, no século futuro como no presente, nos trazem grandes consolações.

Em sua inefável bondade, Deus nos providenciou maravilhosamente todos os bens. Quem os quiser conhecer e possuir deve se esforçar para adquirir as virtudes, a fim de receber em ação de graças tudo de que falamos, tanto as coisas boas como aquelas que nos parecem contrárias, e a fim de que nada o perturbe. Por outro lado, quando os demônios, tentando alçá-lo acima de si mesmo, metem-lhe na cabeça um pensamento orgulhoso, ele se lembra de que eles disseram as coisas mais infames, derruba este pensamento e se refugia na humildade. E quando eles lhe põem na cabeça uma coisa infamante, ele se lembra do pensamento orgulhoso e a derruba também. Assim ele derruba um pelo outro, o orgulho e a infâmia, por obra da graça através de sua memória, a fim de jamais cair no desespero por causa das coisas infames, nem no orgulho por causa da pretensão. Quando ele eleva seu intelecto ele foge para a humildade. E quando os inimigos o rebaixam diante de Deus, ele se ergue pela esperança, a fim de jamais cair cedendo à confusão, a fim de jamais desesperar de medo, até seu último suspiro.

Esta é a grande obra do monge, como diz o *Gerontikon*. Quando os adversários atacam a humildade, ele apela para a esperança. Quando eles atacam a esperança, ele corre para a humildade. Pois ele sabe que nada é absolutamente imutável nesta vida. “Quem perseverar até o final será salvo”³⁴³. Mas quem quer que as coisas aconteçam conforme seus próprios desejos não sabe para onde vai. Como um cego sacudido por todos os ventos, tudo o que lhe acontece o balança

³⁴¹ Cf. I Tessalonicenses 5: 16.

³⁴² Instruções espirituais XII, § 126, citando Salmo 76 (77): 4 (LXX).

³⁴³ Mateus 10: 22.

inteiro. Como um escravo, ele teme as tormentas. Ele é arrastado cativo pela presunção. Numa alegria irracional, ele crê possuir o que jamais viu e acredita saber de onde é. Quando ele diz, quando ele afirma saber, sua cegueira só aumenta, porque esta advém do fato de que ele não se envergonha de si, de que ele não acusa a si próprio. A cegueira se chama autossuficiência e perdição oculta, como disse são Macário em seus capítulos³⁴⁴ a propósito do monge que se perdeu depois de ter visto a Jerusalém celeste ao rezar com seus irmãos, no arrebatamento do intelecto. Pois ele só pensava no que havia lhe acontecido, e não que sua dívida era cada vez maior. Do mesmo modo como os homens profundamente passionais não veem, sob a bruma das paixões, o que é evidente para os demais, também os impassíveis conhecem o que a maioria ignora, graças à pureza de seu intelecto.

Que a palavra de Deus não é falatório.

Pois a palavra de Deus, diz são Máximo, não é falatório³⁴⁵. Enquanto nós homens falamos tantas coisas, existe sempre uma palavra de Deus que nunca cumprimos. Deus disse: “Você amará seu Deus com toda a sua alma³⁴⁶”, etc. Quanta coisa não disseram os Padres, quantas não escreveram eles, quantas não dizem e escrevem ainda os homens, sem que se tenha cumprido esta única palavra!

Com toda sua alma, diz são Basílio³⁴⁷, significa que não se pode amar nada ao mesmo tempo em que se ama a Deus. Pois se alguém ama sua própria alma, já não ama a Deus com toda sua alma, mas

apenas com a metade. Se amamos a nós mesmos, se amamos tantas e inumeráveis coisas, como poderemos amar a Deus, como ousaremos afirma-lo? O mesmo acontece com o amor ao próximo. Se não rejeitarmos a vida presente e mesmo a futura pelo próximo, como o fizeram Moisés e o Apóstolo, como podemos dizer que o amamos? Pois já foi dito a Deus, falando do povo: “Perdoe suas faltas se assim o quiser. Senão, apague a mim também do Livro da vida, que você escreveu³⁴⁸”. E o Apóstolo disse: “Eu queria ser anátema, separado de Cristo³⁴⁹”, etc. Ele pedia sua própria perdição para que outros fossem salvos, aqueles mesmos – os israelitas – que procuravam matá-lo.

Assim são as almas dos santos: eles amam a seus inimigos mais do que a si próprios. Neste século como no século futuro, em tudo eles preferem o próximo, mesmo que suas intenções sejam más, mesmo que seja seu pior inimigo. Eles nada pedem aos que amam, e, como se eles próprio recebessem, eles se regozijam em dar a outros aquilo que possuem, a fim de agradar ao Benfeitor e de imitar na medida do possível seu amor pelo homem. Pois ele é bom inclusive para os ingratos e os pecadores³⁵⁰.

Mas quanto mais tais carismas sejam concedidos a alguém, mais este alguém deve considerar ser devedor a Deus que o elevou da terra e tornou o pó digno de imitar em parte a seu Criador e seu Deus. Pois suportar com alegria as injustiças, não levar o mal em conta, fazer o bem aos inimigos, oferecer sua alma pelo próximo, estas atitudes são dons de Deus. Os que as assumem as recebem dele, por sua atenção em trabalhar e guardar³⁵¹, como foi dito a Adão, a fim de que os

³⁴⁴ Cf. Macário o Egípcio, *Paráfrase* 82.

³⁴⁵ *Sobre a teologia* II, 20.

³⁴⁶ *Deuteronômio* 6: 5.

³⁴⁷ *Grande Regra*, 2.

³⁴⁸ *Êxodo* 32: 32.

³⁴⁹ *Romanos* 9: 3.

³⁵⁰ Cf. *Lucas* 6: 35.

³⁵¹ Cf. *Gênesis* 2: 15.

dons neles permaneçam, através de seu reconhecimento para com o Benfeitor, Pois não temos em nós nenhum bem que seja nosso: todos os bens nos são dados por Deus por meio da graça. Do nada eles chegam ao ser. O que você possui que não tenha recebido, diz o Apóstolo? Vale dizer: que possui você que não lhe tenha sido dado gratuitamente por Deus? E se você recebeu, por que você se glorifica como se não tivesse recebido³⁵², como se fizesse tudo por si próprio? Isto é impossível. O Senhor disse: “Sem mim, vocês nada podem³⁵³”.

Que sem humildade é impossível ser salvo.

Eu não conheço, em toda a cegueira causada pelas paixões, maior loucura do que se considerar igual aos anjos ou até superior a eles. Ter tamanha presunção de si próprio, sem a humildade que faltou a Lúcifer, equivale a se cobrir de trevas, fora qualquer outro pecado. Quanto não deverá sofrer aquele que não tem humildade, o mortal e pó, para não dizer o pecador? Porque ele é cego, se pensar não ser pecador.

Diz João Crisóstomo que é óbvio que o homem perfeito se tornará semelhante aos anjos, como afirma o Senhor, mas somente após a ressurreição dos mortos, e não no século presente. E mesmo nesta ocasião eles não serão anjos, mas semelhantes aos anjos³⁵⁴. Pois os homens não poderão deixar sua natureza própria, mas a graça pode torná-los imutáveis e livres de toda necessidade como os anjos. Eles se tornam livres em tudo o que fazem. Sua alegria, seu amor a Deus,

³⁵² I Coríntios 4: 7.

³⁵³ João 15: 5.

³⁵⁴ Cf. Lucas 20: 36.

“aquilo que o olho não vê³⁵⁵”, etc., se tornam infinitos.

É impossível nos tornarmos perfeitos aqui, mas recebemos a perfeição como uma garantia dos bens prometidos. Pois mesmo os que são privados de carismas devem ser humildes como os pobres, assim como aqueles que os possuem devem ter a humildade de reconhecer que os receberam de Deus, a fim de não serem condenados por ingratidão. Assim como os ricos devem reconhecer que devem dar graças a Deus pelos seus dons, ainda mais devem aqueles que são ricos em virtudes. Enfim, assim como os pobres devem dar graças a Deus e amar profundamente aos que os auxiliam pelo bem que deles recebem, da mesma maneira, e muito mais, devem os ricos dar graças por poder, por meio da compaixão, serem salvos pela providência de Deus no século presente e no século futuro. Pois, fora da pobreza, não há salvação para sua alma e é impossível escapar às tentações da riqueza.

Os discípulos devem amar a seus mestres, assim como estes devem amar a seus discípulos. Uns e outros devem dar graças a Deus que a todos dá o conhecimento e todos os outros bens. Todos, em especial os que podem reavivar em si o batismo divino pelo arrependimento sem o qual ninguém pode ser salvo, devemos todos agradecer sempre por seus dons. Pois o Senhor disse: “Porque me chamam ‘Senhor, Senhor’ se não fazem o que digo³⁵⁶?”. Diante destas palavras seria insensato crer que podemos ser irrepreensíveis sem invocar o Senhor. Na verdade, estaremos condenados. Como diz o Senhor: “Se isto acontece com o lenho verde, quanto mais não acontecerá ao seco³⁵⁷?”. E, “se com tanta dificuldade se salva o

³⁵⁵ I Coríntios 2: 9.

³⁵⁶ Lucas 6: 46.

³⁵⁷ Lucas 23: 31.

justo, diz Salomão, que dizer do iníquo e do pecador³⁵⁸”. Mas quando nos vemos encerrados de todos os lados pelos mandamentos divinos, também não devemos nos desesperar. Pois, se a condenação seria ainda pior do que a do assassino, devemos entretanto nos maravilhar de como as divinas Escrituras e os mandamentos conduzem o homem à perfeição, aqui e além, para impedi-lo de escapar ao bem, se conformando com o pior. Pois, ao se conformar com o pior e ver diante de si toda a infelicidade, ele se voltará para o bem. Deus fez esta coisa admirável em seu amor pelo homem. Desta maneira, todo homem descobre a perfeição, de certo modo e mesmo que não o queira, por ter este poder em si mesmo. Os que são gratos conduzem seu combate maravilhados com as benesses que recebem, como aqueles de quem fala são Efrém, que atravessaram o rio enquanto dormiam. É por isso, diz santo Isaac, que Deus multiplicou as tentações, para que, temendo-as, fuçamos para ele³⁵⁹.

Quem não compreendeu isto, mas que por amor ao prazer usa mal este dom, fere a si mesmo e está perdido. Recebeu armas para lutar contra os inimigos e delas se serviu para sua própria imolação. Pois, disse são Basílio, como Deus é bom e quer o bem de todos, o diabo, que é mau, deseja atrair a todos para a sua perversidade, ainda que não consiga. Assim como os pai que amam a seus filhos os ameaçam quando eles se perdem e os fazem voltar à força de afetos, também Deus concede as tentações como uma vara que livra da maledicência do diabo aqueles que são dignos. “Aquele que deixa de lado o bastão odeia seu filho; quem ama seu filho repreende-o³⁶⁰”. Mas para nós, que amamos o prazer e amamos a nós mesmos, o perigo vem de fora, embora Deus conduza à salvação aqueles a quem ama, por intermédio das tentações que concede a eles. Entre a queda nas

tentações pelo orgulho e o afastamento de Deus como filhos castigados mas não condenados à morte devemos escolher a pena mais leve. Pois é melhor buscar o refúgio em Deus pela paciência nas tribulações do que aceitar a queda por medo dos perigos, do que cair nas mãos do diabo, do que ser atraído por ele para a queda eterna e para a danação.

Um dos dois caminhos está sempre diante de nós: ou seguimos a primeira durante algum tempo, ou seguimos a segunda por toda a eternidade. Mas nenhum dos dois perigos ameaça os justos, pois eles amam com alegria aquilo que a nós parece difícil. Para eles as tentações são ocasiões de ganho. Eles as abraçam ao invés de tentar matá-las, pois quem recebe uma flechada e não é ferido por ela não morre. Mas quem tem uma ferida mortal está perdido. Em quê prejudicou a Jó sua ferida? Não foi ele coroad³⁶¹? Alguma vez estas coisas perturbaram os apóstolos e os mártires? Como se diz, eles se regozijaram por lhes ter sido concedido ser desonrados em nome do Senhor³⁶². Quanto mais combate o vitorioso, mais coroad³⁶¹ ele se torna e maior é a alegria que recebe. Quando ouve o som da trombeta que chama para a imolação, este homem não teme: ao contrário, se alegra por que antevê que logo receberá a coroa.

Nada traz com tanta facilidade a vitória como a audácia e a fé firme. E nada leva tanto à derrota quanto o amor próprio e a preguiça dada pela falta de fé. Nada traz tanta coragem como a atenção perseverante e a experiência das coisas. Nada dá tanta sutileza ao pensamento quanto a leitura na hesíquia. E nada engendra tanto o esquecimento como a ociosidade. Não há caminho mais curto para a remissão dos pecados do que resistir ao mal. Não há progresso mais rápido para a alma do que a rejeição das vontades e dos pensamentos

³⁵⁸ *Provérbios* 11: 31.

³⁵⁹ *Obras espirituais*, pgs. 274-275.

³⁶⁰ *Provérbios* 13: 24.

³⁶¹ Cf. *Jó*, 42: 12.

³⁶² Cf. *Atos* 5: 41.

próprios. Nada existe de maior do que se atirar aos pés de Deus noite e dia e pedir que em tudo seja feita sua vontade. Nada existe de pior do que amar o arbitrário, a flutuação da alma ou do corpo. Pois a nós que amamos o bem, mas que ainda estamos temerosos dos castigos e das tentações, importa não sermos livres para fazermos o que bem entendermos, mas sim nos protegemos, fugirmos das coisas, a fim de que, nos abstendo de tudo que nos possa prejudicar em nossa fraqueza, possamos combater os pensamentos.

Os primeiros dentre os monges, os impassíveis, combatem os primeiros dentre os espíritos demoníacos, por que já venceram as paixões infames. Mas os monges submetidos a um Mestre combatem os espíritos demoníacos segundos. Pois como dizem são Macário e o abade Kronios, dentre os demônios os primeiros dirigem, os segundo seguem. Os demônios que dirigem são a vanglória, a presunção e tudo o que a elas se assemelha. Os demônios que seguem são a gula, a prostituição e os vícios desta ordem. Os que atingiram o amor perfeito³⁶³ têm autoridade por que fazem o bem sem que sejam obrigados a isto. Eles se regozijam por fazer o bem e por jamais abandoná-lo por si mesmos. Quando lhes surge um obstáculo sem que o queiram, eles se sentem tiranizados. Atraídos pelo *eros* divino, eles logo fogem para a hesíquia e o trabalho, como para uma fruição e um costume que lhes são próprios. É destes homens que falam os Padres, quando dizem: consagre sucessivamente um pouco de tempo a tudo, à prece, à leitura, ao estudo, ao trabalho, à guarda do intelecto, e passe assim os dias. Os impassíveis dizem isto para dominar a si próprios e para que nenhuma vontade contrária os capture. Quando eles querem, eles controlam seu intelecto e dirigem seus corpos como servidores.

Quanto a nós, devemos nos manter sob a lei e a regra, a fim de que,

³⁶³ Cf. I João 4: 18.

mesmo não querendo façamos o bem, como que forçados pelo dever malgrado nossa vontade. Pois ainda amamos as paixões e os prazeres, o conforto do corpo e as vontades próprias. E o inimigo leva nossa inteligência para onde quer. A partir daí, o corpo, atirado a seus impulsos desordenados, faz o que quer, sem razão. Isto não é senão natural. Onde falta a atenção do intelecto tudo é feito sem razão, contra a natureza, e não à maneira dos verdadeiros israelitas, aqueles de quem disse o Senhor, referindo-se a Simão Cananita, o zelote: “Eis aqui um verdadeiro israelita que não tem mácula³⁶⁴”. Ele falava da virtude do homem. Pois Natanael significa “o zelo por Deus”. Ele se chamava Simão, e este era seu nome; Cananita, por que era de Cana na Galileia; Natanael, devido à sua virtude; e israelita, por que era uma inteligência que via a Deus sem qualquer truque. “A divina Escritura, diz são Basílio, costuma dar ao homem o nome de sua virtude, mais do que o de seu nascimento”. Assim foi com os príncipes dos apóstolos, Pedro e Paulo. Um se chamava Simão, e o Senhor o chamou de Pedro, por causa da firmeza do homem. O outro se chamava Saulo – *zalê*, a tempestade – e seu nome foi com toda justiça mudado para Paulo, que quer dizer “repouso”, *anapaula*³⁶⁵. E com toda razão. Pois se antes ele perturbava tanto os fiéis, depois, na mesma medida, por suas palavras e obras, repousou as almas de todos, como disse dele João Crisóstomo.

Veja a piedade do Apóstolo. Ele se lembrava de Deus, mas não ensinou enquanto não lhe rendeu as graças devidas, enquanto não o

³⁶⁴ João 1: 48. O nome de “Israel” foi dado a Jacó depois de sua luta com Deus, durante a qual ele viu Deus face a face (*Gênesis* 32: 31). Por esta razão, o nome de Israel designa o intelecto contemplativo que vê a Deus; ver Gregório o Sinaíta, *Da Hesíquia e dos dois modos da Prece* 1.

³⁶⁵ Cf. *Mateus* 16: 18; *Marcos* 3: 16; *Atos* 13: 9. A etimologia só faz sentido em função do comentário; ela não explica os nomes em si, que são de origem hebraica.

levou a isto a oração³⁶⁶. Com isto ele mostrou que seu conhecimento e sua força vinham dele. Esta é a ordem: o ensinamento chama a oração. Também o admirável Lucas deixou inacabados os Atos dos Apóstolos, não por negligência ou por qualquer outra necessidade, mas por que partiu para Deus. Nós, ao contrário, quando deixamos alguma coisa ou ação inacabada, é sempre por negligência ou incapacidade, pois não fazemos atentamente a obra de Deus, não a amamos como nossa obra fundamental, mas a desprezamos como algo secundário e insuportável. Com isto, não avançamos, ao contrário, recuamos na maior parte das vezes, como aqueles que tornaram atrás³⁶⁷, e já não seguimos a Jesus. No entanto, disse João Crisóstomo, a palavra não era dura como eles pensavam. O que Jesus lhes dissera então dizia respeito à doutrina³⁶⁸. Mas onde não existe resolução nem fervor, as coisas mais fáceis parecem difíceis, e reciprocamente.

Da edificação da alma por meio das virtudes

Assim como a terra necessita da chuva, diz o grande Basílio, todo homem tem, em primeiro lugar, necessidade de paciência³⁶⁹, a fim de colocar sobre ela o fundamento de que fala o Apóstolo, vale dizer, a fé³⁷⁰. Então, como um construtor experiente, o discernimento edifica pouco a pouco a morada da alma. Ele adiciona continuamente a argamassa que obtém do barro da humildade, para unir as pedras umas às outras, ou seja, as virtudes umas às outras, até colocar o teto, que é o amor perfeito. Então o Mestre da casa pode entrar. E ele

permanece na alma, desde que esta tenha colocado bons guardas às portas, sempre armados com pensamentos luminosos e obras divinas capazes de proteger o repouso do Rei.

É desaconselhável que a guarda seja feita por uma mulher ocupada com seus trabalhos manuais, como disse são Nilo ao interpretar a antiga história³⁷¹. É por isso, disse ele, que o patriarca Abraão não entregou a guarda a nenhuma mulher, mas sim ao pensamento viril, duro e armado, dentre outros, com o glaivo do Espírito, que é a palavra de Deus³⁷², como entendeu o Apóstolo, a fim de destruir e derrubar os assaltantes. Pois o guarda não pode dormir. Ereto, ele destrói os pensamentos estrangeiros, opondo a eles a obra que os combate e a palavra que os contradiz. Ele derruba a todos os que vêm ao coração contra a palavra de Deus. Ele os despreza e rejeita, para que a contemplação de Deus e os pensamentos divinos jamais faltem ao intelecto que recebeu a luz. Esta é a obra da hesíquia, diz são Nilo. Em outra passagem, fazendo uma releitura da santa Escritura, ele explica que a distração é justamente a causa da cegueira do intelecto. Se o intelecto não se mantém unido como a água de um canal, a reflexão não pode se recolher sobre si mesma para se elevar até Deus. E se não nos elevamos em nosso intelecto, se não experimentamos as coisas do alto, como poderemos desdenhar sem maldade as coisas de baixo?

É com fé que devemos correr, diz o Apóstolo³⁷³, trabalhando pacientemente para agradar a Deus. Quando chegar o tempo, aqueles que correram bem³⁷⁴ poderão em parte conhecer e derrubar o inimigo. Em seguida tudo lhes será dado no século futuro, quando os

³⁶⁶ Cf. Atos 9: 11.

³⁶⁷ Cf. João 6: 66.

³⁶⁸ *Homilias sobre são João XLVII.*

³⁶⁹ *Carta XLII.*

³⁷⁰ Cf. II Pedro 1: 5-6.

³⁷¹ II Samuel 4: 5-8. Nilo o Asceta, *Discurso Ascético* 16.

³⁷² Cf. Efésios 6: 7.

³⁷³ Cf. II Coríntios 5: 7.

³⁷⁴ Cf. Gálatas 5: 7.

espelhos – esta vida corrompível – serão abolidos³⁷⁵. Então o desejo da alma já não se oporá ao da alma, nem o desejo da carne ao do Espírito³⁷⁶. Então a negligência não mais trará o esquecimento, nem o esquecimento a ignorância, coisas de que a maior parte de nós sofre atualmente, por que somos obrigados a escrever para não nos esquecermos. Com efeito, muitas vezes me vem um pensamento por si só: a Escritura o colocou na memória. Na hora do combate, quando a divina Escritura dá testemunho de si, eu recebo um auxílio deste pensamento, um alívio ou uma ação de graças. Mas se eu negligencio este auxílio que ela me traz, já não o encontrarei quando tiver necessidade, pois o imenso mal causado pelo esquecimento me privará do serviço que ele poderia me prestar então. É por isso que devemos aprender as virtudes colocando-as em prática, a fim de guardar a memória do bem pelo costume, e não apenas em palavras. Pois o Reino de Deus, disse o Apóstolo, não está apenas nas palavras, mas no poder³⁷⁷.

Quem busca por meio de uma obra vê a perda e o ganho que lhe acontecem realmente, diz santo Isaac³⁷⁸. Ele pode aconselhar a outros, pois ele sofreu o bastante e aprendeu com a experiência. Existem coisas que parecem boas, diz ele, mas que trazem em si, oculto, um mal incomum. E existem outras que parecem más, mas que em seu interior carregam um bem imenso. É por isso, diz ele, que nenhum homem é confiável o bastante para aconselhar aqueles que buscam. Somente aquele que recebeu de Deus o carisma do discernimento e adquiriu depois de muitos anos de ascese um intelecto clarividente e uma grande humildade, diz são Máximo, pode aconselhar os demais, não todos, mas os que os buscam por si

mesmos e o interrogam livremente. Ele então compreende as coisas na ordem. Por meio da humildade, pela demanda voluntária daquele que interroga, a palavra se grava na alma de quem a ouve. Pois este recebe o calor da fé, ele vê o bom conselheiro como este Conselheiro maravilhoso de que fala o profeta Isaías, Deus forte, Mestre³⁷⁹, etc., vale dizer, nosso Senhor Jesus Cristo, que disse ao que o interrogava: “Quem me estabeleceu como seu juiz para decidir suas disputas?”³⁸⁰. Ora, ele disse isto apesar de que o Pai ao Filho todo o poder do julgamento³⁸¹. Mas com isso ele nos mostra – como em tudo – que a via da salvação passa pela santa humildade. Ela nunca constrange. Ele disse: “Se alguém quiser vir depois de mim, que renuncie a tudo e me siga³⁸²”. Ou seja: que este não tenha nenhum cuidado com sua própria vida, mas que faça o mesmo que eu fiz sofrendo a morte voluntária por todos, que o faça seguindo a obra e a palavra, como os apóstolos e os mártires. Caso contrário, que ele sofra a morte que escolher.

Ele diz ainda ao rico: “Se você quer ser perfeito, vai, vende tudo o que tem, etc.”³⁸³. E o grande Basílio diz deste rico³⁸⁴ que ele havia mentido ao afirmar que seguia os mandamentos. Pois se os tivesse guardado não possuiria tantas coisas, como diz em primeiro lugar a Lei: “Amar ao Senhor seu Deus com toda a sua alma³⁸⁵”. Com toda a sua alma, isto significa que quem ama a Deus não pode amar coisa alguma além, a ponto de ficar triste se tiver que renunciar a ela. A lei diz a seguir: “Amar ao próximo como a si mesmo³⁸⁶”, ou seja, a

³⁷⁵ Cf. I Coríntios 13: 12.

³⁷⁶ Cf. Gálatas 5: 17.

³⁷⁷ I Coríntios 4: 20.

³⁷⁸ *Obras espirituais*, pg. 260.

³⁷⁹ Cf. Isaías 9: 5.

³⁸⁰ Lucas 12: 14.

³⁸¹ Cf. João 5: 22.

³⁸² Mateus 16: 24.

³⁸³ Mateus 19: 21.

³⁸⁴ *Homilias sobre a riqueza*.

³⁸⁵ Deuteronômio 6: 4-5.

³⁸⁶ Levítico 19: 18.

todos os homens. Mas como poderia o rico guardar este mandamento, se ele possuía apaixonadamente tão numerosas coisas, quando tantos outros têm necessidade do alimento cotidiano? Se, como fizeram Abraão, Jó e outros justos, ele tivesse possuído essas coisas como bens de Deus, ele não teria partido entristecido³⁸⁷. João Crisóstomo disse igualmente: ele acreditou que o Senhor lhe dissera a verdade, mas ele não tinha força para fazer este gesto³⁸⁸. Com efeito, existem muitos que acreditam nas palavras da Escritura, mas sua fraqueza os impede de fazer o que ali está escrito.

Que o amor e o conselho dados humildemente são um grande bem.

O Senhor deu estes conselhos e muitos outros. Também os apóstolos os deram, quando escreveram: “Nós, lhes pedimos, bem amados³⁸⁹”, façam isto ou aquilo. Mas nós, nós não aceitamos suplicar por aqueles que nos pedem conselhos. Se eles nos encontrassem humildes e cheios de atenção por eles, eles nos obedeceriam com alegria, teriam a certeza de que pregamos a palavra da Santa Escritura com muito amor e humildade. Eles buscariam a honra e o amor que receberam de nós. Eles aceitariam as dificuldades, pois, pelo amor, elas lhes pareceriam fáceis.

Assim é que o santo apóstolo Pedro se regozijava toda vez que ouvia falar de cruz e de morte³⁹⁰. A morte para ele não era nada. O amor que ele adquirira pelo Mestre o levava a isto. Do mesmo modo, ele não tinha nenhuma preocupação com milagres, ao contrário dos que

não criam. Ele dizia: “Vocês têm as palavras da vida eterna³⁹¹”, etc. O mesmo não aconteceu a Judas, que morreu duas vezes. Ele se enforcou³⁹² e não morreu. Ele viveu sem arrependimento. Enfim, doente, ele se abriu ao meio atrozmente³⁹³, como disse o apóstolo Pedro nos Atos dos Apóstolos. Também o santo apóstolo Paulo escreveu aos irmãos: “Nós gostaríamos de todo nosso desejo entregar a vocês não só o Evangelho de Cristo, mas nossa própria vida³⁹⁴”. E também: “Nós somos seus servidores por Cristo³⁹⁵”. Ele ainda pede a Timóteo que considere os velhos como seus pais e os jovens como seus irmãos³⁹⁶.

Quem é capaz de compreender a humildade dos santos, e o ardente amor que eles sentiam por Deus e pelo próximo? Portanto, não devemos estar atentos apenas a eles, mas também àqueles a quem falamos ou para quem escrevemos. Pois quem quer advertir seu irmão, ou lhe dar um conselho, ou ainda recordar-lhe uma lembrança, como disse João Clímaco, deve primeiro se purificar de suas próprias paixões, a fim de conhecer sem erro o objetivo de Deus e o estado daquele que nos pede uma palavra³⁹⁷. Pois o mesmo remédio não convém igualmente a todos, ainda que a doença seja a mesma. O conselheiro deve também se informar a respeito daquele que lhe pede o conselho, a fim de ver se ele está dedicado à submissão de uma vez por todas em sua alma e seu corpo, ou se ele chega para pedir no calor da fé, pedindo-lhe uma palavra sem antes haver interrogado a seu próprio mestre, ou ainda se existe alguma outra necessidade que o constrange a fingir que ele deseja de fato ou

³⁸⁷ Cf. *Mateus* 19: 22.

³⁸⁸ *Homílias sobre São Mateus* LXIII.

³⁸⁹ *I Tessalonicenses* 4: 10.

³⁹⁰ Cf. *João* 21: 18-20.

³⁹¹ *João* 6: 68.

³⁹² Cf. *Mateus* 27: 5.

³⁹³ Cf. *Atos* 1: 18.

³⁹⁴ *I Tessalonicenses* 2: 8.

³⁹⁵ *II Coríntios* 4: 5.

³⁹⁶ *I Timóteo* 5: 1.

³⁹⁷ *A escada santa* XXVI, 117

vir uma palavra, caso em que os dois cairiam no falatório, no engano, na malícia e em muitas outras coisas. Um, forçado pelo que aparentemente lhe ensina a dizer o que não pensa realmente, mente impudentemente e finge querer fazer o bem. O outro, atraído pelo mal, agrada aquele a quem ensina, para aparentemente descobrir o que está oculto em seus pensamentos. Na realidade, ele não faz outra coisa do que suscitar nele as intrigas e a falação. E, como disse Salomão³⁹⁸, do falatório não pode advir senão o pecado. Também o grande Basílio descreveu essas faltas³⁹⁹.

Não falamos disto aqui para nos recusarmos a aconselhar aqueles que vivem na submissão e que chegam a nós com uma fé firme, sobretudo se formos impassíveis, mas para que, num movimento de vaidade e de presunção, não tentemos ensinar a quem, seja por suas obras, seja pelo calor de sua fé, não tem a intenção de ouvir, pois neste caso nos comportaríamos como passionais e não faríamos nada de autêntico. Mas, como disseram os Padres: não se deve adiantar nada que possa vir em auxílio sem que os irmãos interroguem, a fim de que o bem se faça com conhecimento de causa⁴⁰⁰ e, como afirmam os apóstolos, não para dominar o rebanho, mas para se tornar seu modelo⁴⁰¹, etc. O Apóstolo diz o mesmo a São Timóteo: “É preciso que o trabalhador trabalhe antes de colher os frutos⁴⁰²”, ou seja, que ele se aplique às palavras que deve ensinar. E também: “Que ninguém despreze a sua juventude⁴⁰³”, ou seja: não faça nada como uma criança, mas seja perfeito em Cristo.

³⁹⁸ *Provérbios* 10: 9.

³⁹⁹ *Pequenas Regras*, 229 e 288.

⁴⁰⁰ Cf. *Filemon*, 14.

⁴⁰¹ Cf. *I Pedro* 5: 3.

⁴⁰² *II Timóteo* 2: 6.

⁴⁰³ *I Timóteo* 4: 12.

O *Gerontikon* afirma a mesma coisa: os Padres não diziam nada para a salvação da alma sem que os irmãos os interrogassem. SE eles não agissem assim, com toda a justiça considerariam suas próprias palavras como falatório. Quando temos a pretensão de saber mais do que os outros, é de nós mesmos que extraímos o discurso. Mas quanto mais nos referimos a outros, mais nos sentimos livres. Da mesma forma os santos, dizia São Doroteu⁴⁰⁴, quanto mais se aproximam de Deus, mais se consideram pecadores. Maravilhados pelo conhecimento que recebem de Deus, eles já não sabem mais nada. Da mesma forma os santos anjos, em sua alegria e maravilhamento infinitos, jamais se saciam de glorificar. Por que, uma vez que lhes foi dado celebrar tal Mestre eles já não cessam de cantar e admiram tudo o que vem dele, diz João Crisóstomo. E, como acrescenta Gregório o Teólogo, eles progredem mais e mais no conhecimento.

O mesmo fazem todos os santos no século presente e no século futuro. Assim como as Potências espirituais transmitem a iluminação umas às outras, os seres racionais ensinam uns aos outros. Os que receberam a experiência das divinas Escrituras instruem aqueles que estão mais abaixo. Outros, que receberam o conhecimento intelectual do Espírito Santo, transmitiram por meio da Escritura os mistérios que lhes foram revelados.

Temos, portanto, toda a necessidade em sermos humildes diante de Deus e de sermos humildes uns perante os outros. Pois é de Deus que recebemos o ser e todos os demais bens. É por meio dele que recebemos o conhecimento uns dos outros. Aquele que se mantém humilde recebe primeiro a luz. Quem não se humilha permanece nas trevas, como um que antes portava a luz e que se tornou depois o próprio diabo. Pois este um de início pertencia à ordem mais baixa

⁴⁰⁴ *Instruções* II, § 33.

das Potências intelectuais, a saber, a décima a partir da ordem superior que está ao redor o Trono inacessível, mas a primeira a partir da terra. Entretanto, juntamente com aqueles que o seguiram, por seu orgulho ele foi não somente conduzido abaixo das nove ordens de anjos e mesmo abaixo de nós, os terrestres, como ainda, por sua ingratidão, foi rejeitado abaixo do inferno, para o tártaro. É por isso que se diz que independentemente de qualquer outro pecado, basta a inconsciência para fazer com que se perca uma alma. Pois quem considera que suas faltas são pequenas se arrisca a cair nas grandes, dizia santo Isaac⁴⁰⁵.

Uma vez que recebemos um dom de Deus e que não nos mostramos reconhecidos, dele nos privamos. Tornamo-nos indignos daquilo que Deus nos confiou, diz o grande Basílio. Pois a ação de graças intercede, desde que ela não seja jamais como a do Fariseu⁴⁰⁶, que condenava os demais e justificava a si próprio. Pois a ação de graças é mais devedora do que todas as outras. Em sua pobreza ela agradece e se maravilha, ela compreende a inefável paciência, a inefável tolerância de Deus.

Por outro lado, devemos nos admirar de como Deus, que é infinitamente celebrado e não tem necessidade de nada, recebe de nós a ação de graças, enquanto na verdade não cessamos de provocar a sua cólera e sua tristeza depois de termos sido cumulados de tantos e imensos bens universais e particulares, não apenas as benesses do corpo, como também as da alma. Gregório o Teólogo e muitos outros Padres falaram disto. Dentre suas inumeráveis modalidades devemos reter a seguinte: umas são evidentes e podem ser facilmente encontradas nas divinas Escrituras, enquanto outras são obscuras e difíceis de descobrir. Umas nos ajudam a superar nossa

irresponsabilidade, nos conduzem à fé e à busca daquilo que nos falta, nos impedem de cair no desespero e na incredulidade diante daquilo que não podemos compreender. Outras nos impedem de sermos condenados por desdenharmos da palavra mal compreendida. Os que querem se dar ao trabalho põem mãos à obra para encontrar o que está oculto. E, diz João Crisóstomo, estes serão louvados.

Que as repetidas citações da divina Escritura não são falatório.

A divina Escritura repete frequentemente as mesmas palavras, mas não se trata de simples falatório. Pela lembrança frequente, de maneira paradoxal e em seu amor pelo homem, ela conduz à recordação e à compreensão daquilo que nos diz àqueles dentre nós que são mais negligentes em entender. Desta forma a palavra não nos escapa mais. Pois as palavras são curtas e passam depressa, sobretudo quando estamos absorvidos pelas coisas desta vida, não conhecendo nada senão parcialmente, “uma parte que não é sequer uma parte inteira, diz João Crisóstomo, mas uma parte de uma parte⁴⁰⁷”.

Ora, o que é parcial desaparecerá, não para ser destruído e voltar ao nada – pois neste caso não teríamos jamais o conhecimento, e sequer seríamos homens. O parcial será abolido pela visão face a face, como quando a criança se torna homem, disse o Apóstolo⁴⁰⁸ explicando a palavra com esta comparação. Também João Crisóstomo afirma: “Por enquanto nós sabemos que existe um céu, mas não sabemos o que ele é⁴⁰⁹”. Quando o tempo é chegado, o menor é absorvido pelo maior, e saberemos o que é o céu, por que o

⁴⁰⁵ *Obras espirituais*, pg. 77.

⁴⁰⁶ Cf. *Lucas* 18: 11.

⁴⁰⁷ *Sobre a incompreensibilidade de Deus*, I.

⁴⁰⁸ Cf. *I Coríntios* 13: 9-12.

⁴⁰⁹ *Sobre a incompreensibilidade de Deus*, I.

conhecimento aumenta. Existem muitos mistérios ocultos nas divinas Escrituras, e não conhecemos o objetivo de Deus em tudo o que está dito. “Mas não impeça nosso reconhecimento, diz Gregório o Teólogo, quando confessamos nossa ignorância, você que condena as palavras”.

“É irracional e grosseiro, diz o grande Denis, atentar, não ao poder do objetivo, mas às palavras⁴¹⁰”. Nós as encontramos quando buscamos por meio do luto bem-aventurado. Esta é a obra do temor: ela nos revela o que está oculto. Assim é que o profeta Isaías disse: “Os mortos não verão mais esta vida⁴¹¹”. E em outro ponto: “Os mortos ressuscitarão⁴¹²”. Não existe contradição nisto, como creem os que não conhecem o objetivo de que falamos, este objetivo que é revelado pela contemplação da divina Escritura, quando ela diz que não é por intermédio dos ídolos das nações que veremos a vida, por que eles não possuem alma. Quanto à ressurreição de todos e à alegria dos justos, ela afirma que os mortos ressuscitarão. Ela profetiza que todos os que dormem na morte se levantarão com nosso Salvador Jesus Cristo. Da mesma forma, quando, no santo Evangelho, os evangelistas falam da transfiguração do Senhor, um diz que ela teve lugar seis dias⁴¹³, outro diz oito dias⁴¹⁴ depois de tê-los ensinado e anunciado o milagre. Mas um corta o primeiro e o último dia e só conta os dias intermediários, enquanto o outro engloba ambos e conta oito dias. Do mesmo modo ainda João o Teólogo afirma a mesma coisa de modo diferente em dois pontos do seu santo Evangelho. Num, ele diz que Jesus fez muitas outras coisas

diante de seus discípulos, que não foram escritas⁴¹⁵, etc. Noutro, diz que Jesus fez muitas outras coisas⁴¹⁶, mas não menciona terem sido feitas diante dos discípulos. São Prócoro, lembrando estas duas passagens, escreve que numa o evangelista fala dos milagres e das coisas que o Senhor fez, e que ele próprio, João, não as escreveu para que elas fossem escritas pelos outros evangelistas. Por isso ele acrescentou: diante de seus discípulos. A outra passagem tem em vista a criação do mundo, quando o Verbo de Deus era incorpóreo e o Pai a tudo fez com ele, do nada⁴¹⁷, dizendo: “Que isto seja. E assim foi feito⁴¹⁸”. João o Teólogo frisa: “Se estas coisas fossem escritas uma por uma⁴¹⁹”, etc.

Em resumo, toda Escritura, toda palavra de Deus, toda palavra de um santo, traz oculta em si o objetivo das criaturas sensíveis ou inteligíveis. Mas toda palavra humana as traz igualmente. É sempre a revelação que permite a inteligência das coisas da Escritura, como disse o Senhor a propósito do vento: “O Espírito sopra onde quer⁴²⁰”, etc. João Crisóstomo comenta assim: Cristo não disse “onde quer” pelo fato de que o vento tenha um poder. Mas o Senhor vinha em auxílio à fraqueza de Nicodemo: ele lhe deu a imagem do vento para que ele soubesse aquilo que ele queria lhe dizer⁴²¹. Ele falava do vento para simbolizar o Espírito Santo, nesta palavra que ele lhe dirigia, como também aos outros: aquilo que eu lhes digo é Espírito, trata-se de coisas espirituais, e não daquilo que vocês pensam por si mesmos. Pois eu não falo das coisas do corpo para que vocês as conheçam nos seus seres corporais. Por isso, diz João

⁴¹⁰ *Nomes divinos* IV, 11.

⁴¹¹ *Isaías* 26: 14.

⁴¹² *Isaías* 26: 19.

⁴¹³ Cf. *Mateus* 17: 1; *Marcos* 9: 2.

⁴¹⁴ Cf. *Lucas* 9: 28.

⁴¹⁵ *João* 20: 30.

⁴¹⁶ *João* 21: 25.

⁴¹⁷ *Gênesis* 1: 3-6.

⁴¹⁸ *Gênesis* 1: 3.6.14.

⁴¹⁹ *João* 21: 25.

⁴²⁰ *João* 3: 8.

⁴²¹ *Homilias sobre são João* XVIII.

Damasceno: Se aquele que diz uma palavra não dá a conhecer seu objetivo, não se pode saber onde leva aquilo que ele diz. Como ousamos nós dizer que conhecemos, fora da revelação de seu Filho, o objetivo de Deus oculto nas divinas Escrituras? O próprio Cristo afirma: “Ninguém conhece, senão aquele a quem o Filho quiser revelar”.

Isto equivale a dizer que é preciso se esforçar por receber dele, no intelecto, pela observação de seus mandamentos divinos sem os quais quem pretende conhecer, mente. Pois ele conjectura sem ter realmente aprendido de Deus, diz João Clímaco, mesmo que em sua presunção ele se glorifique daquilo cuja dimensão desconhece⁴²². É deste que o Teólogo diz: ó grande filósofo, etc. ó escriba. Ele estigmatiza a suficiência de tais homens que em sua ignorância acreditam possuir alguma coisa. Aquilo que eles acreditam possuir lhes será tirado⁴²³. Pois eles se recusam a dizer, como os santos dizem, que nada sabem, para que tudo lhes seja concedido por meio da humildade, e que, como eles, recebam em abundância⁴²⁴. Pois eles, os santos, sabiam, mas diziam não saber. João Crisóstomo frisa que o Apóstolo não disse que os autossuficientes não sabiam nada ainda, mas que eles não sabiam como se deveria saber. Eles sabiam, mas não como se deve saber⁴²⁵.

Declaração sobre o falso conhecimento.

Este é o falso conhecimento: acreditamos conhecer aquilo que

jamais conhecemos. Ele é pior do que a ignorância generalizada, diz João Crisóstomo. Pois ele não aceita ser corrigido por nenhum mestre, e pensa que a pior ignorância é uma coisa boa.

É por isso que os Padres dizem que devemos nos esforçar para buscar com humildade o que existe nas Escrituras, pedindo conselho daqueles que têm experiência e aprendendo antes pelas obras do que pelas palavras. Mas eles acrescentam que não devemos buscar aquilo sobre quê se calam as Escrituras. Com efeito, não há nenhuma razão para fazê-lo, como diz o grande Antônio sobre os que tentam conhecer o futuro ao invés de se recusar a tanto e aceitar serem indignos disto. E no entanto a divina Providência o pode, como um dia o fez a Nabucodonosor⁴²⁶ e a Balaam⁴²⁷, malgrado sua indignidade, mas para servir a todos. Tais revelações não vêm dos demônios, sobretudo quando passam por sonhos e por certas imaginações. Mas a Escritura não o diz. De fato, é pelas ações do corpo e pelas ações morais que devemos tentar conhecer, segundo a ordem do Senhor, para nelas descobrir a vida eterna⁴²⁸. Não temos nada a buscar aí pela palavra, nem devemos presunçosamente pensar termos compreendido qualquer coisa. Aquilo que está oculto nos ajuda antes de tudo a aumentar nossa humildade, e nos impede de sermos condenados pela transgressão consciente.

É por isso que aquele a quem foi dado adquirir a inteligência do conhecimento e que não se consagra no mais absoluto repouso, com atenção, humildade e temor a Deus, ao estudo das divinas Escrituras e dos conhecimentos que lhe foram dados, cai sob o golpe da ameaça e perde a ciência, por que se torna indigno dos dons que Deus lhe

⁴²² *A escada santa* XXX, 24.

⁴²³ Cf. *Mateus* 13: 12.

⁴²⁴ Cf. *Mateus* 13: 12.

⁴²⁵ *Sobre a incompreensibilidade de Deus* II, citando *I Coríntios* 8: 2.

⁴²⁶ *Daniel* 2: 31-35.

⁴²⁷ *Números* 23: 8-10.

⁴²⁸ Cf. *João* 5: 39; 12: 50.

concede, assim como Saul perdeu a realeza, diz são Máximo⁴²⁹. Mas quem se consagra ao conhecimento e por ele combate, completa ele, deve implorar sempre como Davi e dizer: “Deus, crie em mim um coração puro e restaure em meu corpo um espírito direito⁴³⁰”. Assim ele se torna digno da chegada do Espírito. Assim foi que os apóstolos receberam a graça na terceira hora, como está dito nos Atos. Era a terceira hora do dia⁴³¹, um domingo, diz o admirável Lucas. Pois o Pentecostes é o sétimo domingo depois do domingo em que se celebra aquilo que a língua hebraica chama de Páscoa, que em grego significa a passagem e a liberdade. Cinquenta dias mais tarde, o domingo se chamou Pentecostes, cumprindo-se, segundo a Lei, os cinquenta dias que o separam da Páscoa. João o Teólogo diz em seu Evangelho que este domingo é o último dia, o grande dia da festa⁴³², por que ele é a culminação da festa da Páscoa. “A terceira hora recebeu esta graça”, etc., diz João Damasceno. O acontecimento teve lugar na terceira hora, mas, diz ele, neste dia único, o dia do Senhor, para significar a veneração das três Pessoas na simplicidade do mesmo poder, ou seja, da única Divindade.

O dia do Senhor é chamado na semana de dia um, e não primeiro dia, diz João Crisóstomo, pois a divina Escritura o põe à parte. O Antigo Testamento profetiza este dia. Ele não o nomeia em uma enumeração, como o segundo e os demais. Se ele não estivesse de parte, ele seria denominado o primeiro. Mas ele foi colocado à parte. E foi chamado de dia um depois do Sabbat, ou seja, depois da semana. Na ordem da nova graça, este dia foi chamado de dia do Senhor⁴³³, dia santo, dia eleito⁴³⁴. Pois é nele que tiveram lugar os

eventos fundamentais da vida do Mestre, a Anunciação, a Natividade, a Ressurreição. É também nele que acontecerá a ressurreição dos mortos. Foi nele que Deus criou a luz sensível, disse João Damasceno⁴³⁵. E é nele que acontecerá a segunda vinda do Senhor. Este dia um⁴³⁶, o oitavo dia, permanece assim nos séculos infinitos, fora destes sete séculos em que transcorrem os dias e as noites.

Foi-nos concedido aprender com os santos o objetivo de tais coisas. Aprendamos então, do início e desde o alto, aonde nos levam as buscas do presente discurso. Antes de tudo, de uma vez por todas, devemos guardar em nós os nomes dos livros e dos santos, para nos lembrarmos de suas palavras e para imitarmos suas vidas, disse o grande Basílio, e para dá-los a conhecer aos que os ignoram⁴³⁷. Quem os conhece se recorda. E que os desconhece trate de lê-los. Poderemos então nomear instantaneamente tal santo ou tal escrito, lembrando-os constantemente de memória. Por intermédio de certas palavras, nos recordaremos das obras e das palavras de cada um deles. Elas nos ajudarão a conhecer as consequências de cada palavra da divina Escritura, ou do discernimento e do bom conselho do mestre. Elas me ensinam que o que eu digo não vem de mim, mas das divinas Escrituras. Elas nos permitem ainda admirar e compreender o inefável amor de Deus pelo homem, permitem nos maravilharmos de que, por meio de papel e tinta, ele tenha sido capaz de colocar em movimento a salvação de nossas almas, e de nos conceder a graça de tantos escritos e de tantos mestres da fé ortodoxa.

⁴²⁹ *Sobre a teologia* II, 53, citando I Reis 15: 28-35.

⁴³⁰ *Salmo* 50 (51): 12.

⁴³¹ *Atos* 2: 15.

⁴³² Cf. *João* 7: 37.

⁴³³ Cf. *Apocalipse* 1: 10.

⁴³⁴ Cf. *Levítico* 23: 35-36.

⁴³⁵ *A fé ortodoxa* II, 7.

⁴³⁶ Cf. *Gênesis* 1: 5.

⁴³⁷ *Carta* II, 3.

Eu, que não possuía nem cultura nem zelo, que não tinha de meu sequer um livro e que sempre vivi como estrangeiro, pobre, em repouso e sem cuidados, buscando o bem de meu próprio corpo, me admiro que me tenha sido dado percorrer tantos escritos. Por minha negligência, e para não sobrecarregar meu propósito, eu pude passar sob silêncio por alguns nomes. Mas a pesquisa e as soluções das coisas comuns nos conduzem à ciência. Elas nos fazem dar graças Àquele que deu aos seus santos, nossos Padres, o conhecimento e o discernimento, e por intermédio deles a nós, os indignos. Elas nos convidam também a nos condenarmos por nossa fraqueza e por nossa ignorância.

A Escritura fala igualmente dos justos que foram salvos antigamente. Eles eram ricos, viviam no meio de pecadores e descrentes e eram homens da mesma natureza que eles, como somos nós também, que não queremos nos conformar com a medida da perfeição. Entretanto, a experiência e o conhecimento do bem que recebemos são maiores do que o foram para eles. Pois nós aprendemos com a sua experiência e nos foi concedida uma graça ainda maior: o conhecimento das Escrituras. Ademais, nós monges temos um modo de vida que nos permite saber que podemos ser salvos, desde que abandonemos nossas vontades próprias, e sabemos também que, se não agirmos assim não encontraremos repouso, não seremos capazes de conhecer nem de por à obra as vontades divinas. Pois nossa vontade é um muro que nos separa de Deus⁴³⁸. Se o muro não cai, não podemos aprender nem fazer o que é de Deus. Permanecemos fora dele. E os inimigos nos tiranizarão malgrado nosso desejo.

Sabemos também que a hesíquia é maior do que tudo e que sem ela não podemos nos purificar, nem conhecer nossa fraqueza, nem as armadilhas dos demônios. Não é apenas cantando ou lendo as

palavras divinas que seremos capazes de compreender o poder e a providência de Deus. Todos os homens temos necessidade de nos aplicarmos a esta hesíquia, parcial ou totalmente. Fora dela é impossível alcançar o conhecimento espiritual e a humildade, por meio da qual aquele que a ela se consagra compreende os mistérios ocultos nas divinas Escrituras e em todas as criaturas.

Sabemos ainda que não se deve usar coisa alguma, nem dizer palavra alguma, nem fazer gesto algum, nem ter qualquer pensamento que vá contra o que é necessário à salvação, à vida da alma e do corpo, e que, fora do discernimento, mesmo aquilo que nos parece bom não é recebido por Deus. Fora do justo objetivo, mesmo a boa obra não nos serve de nada.

Os tropários foram escritos para que os compreendamos, e para que por meio deles compreendamos as demais Escrituras. João Clímaco diz que eles são uma fonte de compunção para aqueles cujo intelecto ainda é fraco. A melodia chama para onde deseja dirigir a reflexão do homem, disse o grande Basílio: seja para o luto, seja para o desejo, seja para a tristeza, seja para a alegria. O Senhor o ordenou: devemos sondar as Escrituras para nelas descobrirmos a vida eterna⁴³⁹, devemos estar atentos aos sentidos dos salmos e dos tropários para saber com todo o nosso conhecimento o quão ignorantes somos. Pois se alguém, disse o grande Basílio, não provar deste conhecimento, não saberá de fato aquilo tudo que lhe falta.

Foi para que tivéssemos esta experiência e esta ciência que foi escrita a gênese das virtudes e das paixões. Pois devemos saber estas coisas e nos esforçarmos para alcançar suas causas, de modo a adquirir umas e nos desfazermos de outras, vencendo-as ao opor a elas a obra contrária. Em nosso trabalho devemos sempre perseverar

⁴³⁸ Cf. *Sentenças dos Padres do Deserto*, Poêmio 54.

⁴³⁹ Cf. *João* 5: 39.

nas ações do corpo, assim como cuidamos das plantas, mas também vigiar as virtudes da alma, estudar como adquirir cada virtude, aprender das divinas Escrituras e dos santos homens e, por meio de nossas obras, guardar estas coisas como um tesouro, trabalhando com toda nossa alma até conseguirmos a virtude que nos foi concedida. A seguir devemos abordar a próxima virtude com a maior atenção, como diz o grande Basílio⁴⁴⁰. Pois se nos prendermos a todas as virtudes de uma vez, sem dúvida acabaremos por relaxar. Começemos pela paciência nas dificuldades, e assim passaremos resoluta e ardentemente para as demais virtudes, no objetivo de agradar a Deus.

Todos devemos guardar os mandamentos como cristãos, pois não é de esforço corporal que precisamos para adquirir as virtudes da alma, mas apenas de resolução e fervor para receber os dons, como disseram o grande Basílio, Gregório o Teólogo e tantos outros. As ações do corpo são feitas com mais facilidade, em especial naqueles a quem a vida sem distrações e na ausência de cuidados de toda sorte conduziu à hesíquia. Pois ninguém pode ver sua conduta e corrigi-la se não estiver disponível e se não se consagrar a esta procura.

É por isso que devemos primeiro adquirir a impassibilidade por meio da fuga das coisas e dos homens e somente então, chegado o tempo, livres de toda paixão, comandar os homens e dirigir as coisas sem nos arriscarmos a sermos condenados ou a fazermos o mal, pois teremos chegado à impassibilidade perfeita, sobretudo se tivermos recebido o chamado de Deus, diz João Damasceno, como Moisés, Samuel, os demais profetas e os santos apóstolos, para a salvação de muitos. Ele ainda acrescenta que devemos nos conter como fizeram Moisés, Habacuque, Gregório o Teólogo e muitos outros, e como são Prócoro diz a respeito de são João: ele não queria abandonar a

⁴⁴⁰ Carta XLII, 2.

hesíquia que ele amava, embora tivesse o dever de apóstolo de não permanecer na solidão, mas pregar. Não, não foi como um passional, longe disto, que o mais impassível dos homens fugiu para a hesíquia. Ele não queria se separar da contemplação de Deus, nem jamais ser privado da doçura da hesíquia. Outros ainda, por humildade, quando já eram impassíveis, fugiram para as profundezas dos desertos, temendo a confusão, como o grande Sisoés. Convidado por seu discípulo a descansar, ele não se dobrou, mas disse: “Onde não houver mais homens, é para aí que iremos⁴⁴¹”. E, no entanto, ele havia conquistado tal impassibilidade que era como que cativo do amor a Deus, e não sentia nada além deste amor, ignorando até se havia comido ou não.

Todos, no fundo, em total hesíquia, haviam rompido com suas vontades próprias. A partir daí, como se fossem discípulos, o Mestre os encarregou de ensinar a outros, receber a confissão dos pecados e comandar, pelo episcopado ou como superiores dos mosteiros. O Espírito Santo descia sobre eles, que receberam o selo, o sentido do intelecto, como os santos apóstolos e outros que vieram antes deles, como Aarão, Melquisedeque e outros ainda. João Damasceno diz: quem tenta chegar imprudentemente a este estado é condenado. Com efeito, se na ordem real aqueles que usurpam imprudentemente as dignidades são passíveis das maiores condenações, quanto mais o serão aqueles que ousam se apoderar das coisas de Deus sem ser chamados, sobretudo se, em sua ignorância e presunção acreditam que esta temível empresa não é condenável, se pensam que ela lhes trará honrarias e conforto e não atirá-los quando menos esperam num abismo de humilhação e morte pelas mãos de seus discípulos e de seus inimigos, como o fizeram os santos apóstolos, eles que eram imensamente impassíveis e sábios, quando ensinavam os demais.

⁴⁴¹ *Sentenças dos Padres do Deserto*, Sisoés 3.

Se não temos consciência de que somos fracos e incapazes, que mais dizer? Pois a presunção e a ignorância tornam cegos aqueles que não querem ver na consagração a Deus sua própria fraqueza e sua própria obscuridade. Como diz o *Gérontikon*: a cela do monge é a fornalha da Babilônia⁴⁴², onde as três Crianças descobriram o Filho de Deus. Ele diz também: “Permaneça em sua cela, e ela lhe ensinará tudo⁴⁴³”. E disse o Senhor: “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, estarei no meio deles⁴⁴⁴”. E João Clímaco: “Não se desvie para a direita nem para a esquerda, disse Salomão, mas siga o caminho real. Viva na hesíquia com um ou dois irmãos. Não permaneça sozinho no deserto, nem esteja em grande companhia. Para a maioria, o mais justo é estar entre dois⁴⁴⁵”. E também: “O jejum humilha o corpo, a vigília ilumina o intelecto, a hesíquia traz consigo o luto, o luto batiza o homem, purifica a alma e livra-a do pecado⁴⁴⁶”.

Ao final escreveremos os nomes da maior parte das virtudes e das paixões, para que saibamos quantas virtudes devemos adquirir e sobre quantos males devemos chorar. Pois não existe purificação fora do luto, e não existe luto em meios às distrações contínuas. Não existe certeza plena fora da purificação total da alma e, sem a plena certeza, a separação da alma e do corpo é perigosa. Pois, diz João Clímaco, neste caso é impossível crer no que está oculto aos olhos⁴⁴⁷.

As oito contemplações de que falamos não são nossas obras, mas o

salário da obra de nossas virtudes. Não as obteremos apenas pela leitura, ainda que nos dediquemos a ela com uma orgulhosa resolução, como disse João Clímaco a propósito das contemplações mais perfeitas, as quatro últimas, pois elas são celestes e o intelecto impuro não as pode receber. Devemos colocar todo nosso esforço sobre as virtudes do corpo e da alma: é assim quem nasce em nós o primeiro mandamento, o temor a Deus. E se perseverarmos neste temor, logo virá o luto. Cada vez que tivermos uma contemplação, a graça de Deus, mãe comum a todos nós, diz santo Isaac, nos concederá as coisas que estão além desta contemplação, até que adquiramos em nós mesmos os sete conhecimentos. Quanto ao oitavo, a obra do século futuro, será dado aos que estiverem atentos ao trabalho das virtudes no justo objetivo de agradar a Deus.

Mas uma vez que o pensamento de Deus, seja o primeiro ou outro, nos vem por si só e inesperadamente, devemos imediatamente abandonar todo cuidado com esta vida, e muitas vezes a própria regra, e guardar como a menina dos olhos⁴⁴⁸ o conhecimento espiritual e a compunção que nos foram dados, até que a providência os queira levar. A partir daí, mesmo tendo a regra, depois de recebermos estas coisas devemos meditar continuamente no que está escrito sobre o temor e o luto. Em cada momento de lazer, dia e noite, quer trabalhemos com as mãos por sermos fracos e facilmente sujeitos ao sono e ao descaso, quer estejamos de repouso se não nos for possível permanecer totalmente de luto, absorvidos pela leitura e pelas lágrimas que nos vêm. Pois mesmo que esses escritos nos tenham sido trazidos por aqueles que não têm a experiência dessas coisas, inclusive eu mesmo nestas palavras que escrevo, eles podem despertar o intelecto e fazê-lo sair da irresponsabilidade por meio do estudo e da atenção. Os que adquiriram a resolução e a experiência na obra das virtudes sabem e dizem, com efeito, muito mais do que

⁴⁴² Daniel 3: 23. *Sentenças dos Padres do deserto*, anônimo, 1205.

⁴⁴³ *Sentenças dos Padres do deserto*, Moisés 6.

⁴⁴⁴ *Mateus* 18: 20.

⁴⁴⁵ *A escada santa* I, 45; citando *Provérbios* 4: 27 e *Números* 20: 17.

⁴⁴⁶ *Ibid.* XXVI, 28; XIX, 8; XXVI, 45.

⁴⁴⁷ *Ibid.* XXVIII, 46.

⁴⁴⁸ Cf. *Deuterônimo* 32: 10.

expusemos, sobretudo no momento da compunção, quando esta vem por si só. Pois neste momento reside uma grande força, que ultrapassa nossa busca.

Entretanto, que ninguém pense que tais carismas sejam obra sua, mas sim que são recebidos e que ultrapassam de longe o próprio valor de quem os recebe, e que é preciso dar graças e temer para que não sejam causa de condenação. Pois sem o esforço o que recebemos em nós é obra dos anjos. E é para fortificar o intelecto que o conhecimento e a força para guardar os mandamentos e trabalhar as virtudes nos são dados, a fim de que saibamos como e por que os edificamos em nós, e o que é preciso fazer, e o que é preciso evitar para que não sejamos condenados, para que sobre as asas do conhecimento nossa obra seja feliz, para que recebamos sempre e mais a ciência, a força do trabalho e o regozijo, e para que, a partir daí, sejamos dignos de dar graças Àquele que nos deu estas coisas, sabendo de onde provêm os bens que recebemos. Ora, quando damos graças, o Senhor nos concede ainda mais bens. Quando recebemos os dons, amamos mais, e pelo amor chegamos à sabedoria divina, cujo começo é o temor a Deus⁴⁴⁹. A obra do temor, diz santo Isaac⁴⁵⁰, é o arrependimento, do qual vem a revelação do que está oculto.

Devemos exercer o sentido do temor: depois do Ofício das Completas, devemos dizer o Credo e o Pai Nosso, além de muitos *Kyrie eleison*. Sentados voltados para o Oriente, como os que choram a morte, inclinando a cabeça com a alma dolorosa e o coração gemente. Dizemos as palavras de cada conhecimento⁴⁵¹, começando pelo primeiro até chegar à oração. Caímos de rosto ao

chão, completamente soterrados diante de Deus, e oramos. Primeiro a ação de graças, depois a confissão e as demais palavras da oração, tudo de que nos lembrarmos. O grande Atanásio diz que devemos confessar as faltas que cometemos por ignorância e aquelas que ainda iremos cometer, lembrando de tudo aquilo de que a graça de Deus nos libertou, para que na hora da morte não tenhamos do que prestar contas. É preciso também orar uns pelos outros, conforme o mandamento do Senhor e do Apóstolo⁴⁵².

Este é o objetivo do que dizemos na oração: a ação de graças reconhece que por nós mesmos somos incapazes de dar graças na hora da morte, que no resto do tempo somos negligentes, e que esta hora é uma graça de Deus. A confissão proclama que aquilo que nos foi dado não tem tamanho: somos incapazes de compreender tudo e de conhecer tudo. Só sabemos por ouvir dizer. Não aprendemos por inteiro, mas só algumas coisas. Estamos sempre visível e secretamente cumulados de bens. É impossível descrever a paciência de Deus diante da multidão dos nossos pecados. Somos indignos até de erguer os olhos, como dizia o Publicano⁴⁵³. Não confiamos em nada, senão em seu amor pelo homem. Prosternamo-nos diante do Anjo divino, como Daniel⁴⁵⁴, como o Apóstolo⁴⁵⁵ e os outros Padres, com toda nossa alma, e não sem audácia, por que não somos dignos disto.

Precisamos dizer ainda em poucas palavras todas as formas que adquirem as nossas faltas, para nos lembrarmos delas e chorar sobre elas. Devemos confessar nossa fraqueza, a fim de que sobre nós

⁴⁴⁹ *Provérbios* 1: 7; *Salmo* 110 (111): 10.

⁴⁵⁰ *Obras espirituais*, pgs. 365-366.

⁴⁵¹ Ver acima, “*Das oito contemplações espirituais*”.

⁴⁵² Cf. *Mateus* 18: 19 e *Tiago* 5: 16.

⁴⁵³ Cf. *Lucas* 18: 13.

⁴⁵⁴ Cf. *Daniel* 8: 17.

⁴⁵⁵ Cf. *Apocalipse* 1: 17.

venha o poder de Cristo⁴⁵⁶, segundo o Apóstolo, e que sejam perdoados a multidão dos nossos males. Por que em primeiro lugar não é apenas pelos outros que ousamos orar, mas pela multidão dos nossos males. Devemos primeiro refrear em nós todos os vícios, todos os maus hábitos, pois somos incapazes de resistirmos sozinhos. Oramos ao Todo-Poderoso para que detenha os impulsos das paixões, para que não pequemos contra ele nem contra nenhum homem, a fim de que possamos com isto descobrir a salvação por sua graça, e assim nos engajarmos com toda nossa memória nas penas da alma, na oração pelos demais – desta forma, cumprindo o mandamento, conforme o Apóstolo⁴⁵⁷ – e no amor por todos, opondo-nos também a todas as formas de paixão que nos tiranizam, nos refugiamos no Mestre e na compunção, enfim, orando por todos aqueles a quem afligimos, que nos afligiram, recusando todo traço de ressentimento e temendo que nossa própria fraqueza, ao chegar nossa hora, não nos impeça de ignorar o mal e orar por eles⁴⁵⁸, como ordenou o Senhor. “É por isso que, prevenindo o tempo, disse santo Isaac, devemos buscar o médico antes da enfermidade e orar antes da tentação⁴⁵⁹”. Orar por aqueles que partiram antes de nós, para que eles encontrem a salvação e para nos lembrarmos da morte, orar por todos por que precisamos das preces de todos, nos deixarmos conduzir por Deus e nos tornarmos aquilo que ele deseja de nós, nos unirmos aos outros para receber de suas orações a compaixão, considerando que eles são mais do que nós – este é o sinal próprio do amor.

Agora, porém, não ousamos pedir o perdão por nossos pecados. Porém, diminuindo-nos, não devemos considerar os demais como

indignos do perdão. Ignorantes, incapazes de tudo, fugimos. Temendo a justiça, por que somos pecadores, oramos para que seu amor pelo homem se cumpra como for de sua vontade. Dizemos: que eu possa me colocar à sua direita, ainda que eu seja o último dos que forem salvos. Pois não somos dignos de nenhum deles. Oramos pelo mundo inteiro, tal como o recebemos da Igreja, e para recebermos a comunhão divina de que tanto precisamos. Oramos para que possamos, quando comungarmos, encontrar pronto Aquele que nos socorre, para nos lembrarmos dos santos sofrimentos de nosso Salvador e para alcançarmos o amor de sua lembrança. Oramos para que a comunhão nos permita ter parte no Espírito Santo. Pois o próprio Consolador consola os que vivem no luto em Deus no século presente e no século futuro, e também os que oram com toda sua alma chorando e implorando: “Rei celestial”, etc., para que a comunhão dos puríssimos Mistérios seja uma garantia da vida eterna em Cristo, pela intercessão de sua Mãe e de todos os santos. A seguir nos prosternamos diante de todos os santos, pedindo a eles que supliquem por nós, por que eles podem levar nossos pedidos ao Mestre.

Acrescentamos agira a prece habitual, maravilhosamente teológica, do grande Basílio: não buscarmos senão a vontade divina, e bendizer a Deus. Em seguida, para expulsar os próprios pensamentos, devemos dizer com toda intensidade e atenção: “Venham, adoremos”, etc., três vezes, conforme está escrito, a fim de que pela prece do coração e a meditação das divinas Escrituras o intelecto seja purificado e comece a ver os mistérios que elas abrigam.

E que nossa alma permaneça longe de toda malícia, em especial do ressentimento, como disse o Senhor, no momento da prece⁴⁶⁰. É por isso que o grande Basílio, denunciando a disputa, por ser ela a mãe

⁴⁵⁶ Cf. II *Coríntios* 12: 9.

⁴⁵⁷ Cf. *Tiago* 5: 16.

⁴⁵⁸ Cf. *Lucas* 6: 28.

⁴⁵⁹ *Obras espirituais*, pg. 86.

⁴⁶⁰ Cf. *Marcos* 11: 25.

do ressentimento, disse ao abade prescrever até mil metanias a quem disputa. Mil ou uma, disse ele: ou o querelante deve fazer mil metanias diante de Deus, ou uma diante de seu superior, dizendo: “Perdoe-me, Padre”. Por esta única metania fundamental que corta nele a paixão pela disputa ele recebe a libertação de seus laços. Santo Isaac diz que a disputa é estranha à vida que os cristãos devem levar⁴⁶¹. Nisto ele faz suas as palavras do Apóstolo: “Se alguém quer disputar, não é este o nosso costume”. E, a fim de que o querelante não tire alguma glória para si próprio e para que saibamos, quando disputamos, que nos colocamos fora das Igrejas de Deus, ele acrescentou: “nem das Igrejas de Deus⁴⁶²”. Temos necessidade apenas desta única e admirável metania. Mas se não a fizermos, se não sentimos arrependimento, tampouco as mil metanias servirão. Pois o arrependimento – a *metanoia* – é a rejeição do mal, disse João Crisóstomo⁴⁶³.

Mas as metanias, sejam como forem, não passam jamais de prostrações. Elas mostram que aquele que se prostrata diante de Deus e dos homens humildemente, ao ser ofendido por qualquer coisa, toma a forma de um servidor, a fim de descobrir como se defender sem disputar nem tentar se justificar como o Fariseu⁴⁶⁴. Este se comporta mais como o Publicano⁴⁶⁵, considerando a si próprio como pior do que todos e indigno de olhar para cima. Pois se ele aparenta se arrepender, mas tenta disputar com quem o julga a torto e a direito, ele já não é digno do perdão que a graça concede, por que ele busca um tribunal e justificativas, pensando que aquilo que ele faz é justo. Mas este caminho é estranho aos mandamentos

⁴⁶¹ *Obras espirituais*, pg. 316.

⁴⁶² I *Coríntios* 11: 16.

⁴⁶³ *Sobre a penitência*, Homilia VII, 3.

⁴⁶⁴ Cf. *Lucas* 18: 11-12.

⁴⁶⁵ Cf. *Lucas* 18: 13.

do Senhor. É evidente: quem justifica a si mesmo procura o direito e não o amor pelo homem. Torna vã a graça que justifica o ímpio fora das obras da justiça⁴⁶⁶, apenas pelo reconhecimento e a paciência, quando ele aceita as reprimendas, dá graças aos que o refutam e suporta sem ver mal naqueles que o acusam, a fim de que sua prece seja pura e seu arrependimento ativo. Quanto mais ele ora pelos que o caluniam e o acusam, mais Deus acusa seus adversários e lhe dá o repouso na prece pura e perseverante.

Nós não fazemos estes pedidos meticulosos por queremos ensinar a Deus, que conhece os corações, mas a fim de que nós mesmos possamos chegar à compunção com tais preces. Desejando sempre e em primeiro lugar permanecer nele, nos dedicamos a multiplicar as palavras, agradecendo e confessando-o por suas grandes benesses, tanto quanto nos é possível, como disse João Crisóstomo a respeito do bem-aventurado Davi. Pois não é nem mero falatório nem mera diversão repetir as mesmas palavras ou palavras semelhantes. O profeta é levado pelo desejo. E a palavra da divina Escritura fica gravada no intelecto daquele que ora ou de quem lê. É claro que Deus de todas as coisas antes que aconteçam, e que ele não tem necessidade de ouvi-las pela palavra. Nós é que precisamos, para conhecer o que pedimos e pelo quê oramos, a fim de lhe testemunhar nosso reconhecimento e nos ligarmos a ele por meio de nossas orações. Temos necessidade disso também para não sermos vencidos pelos inimigos, quando os pensamentos nos atormentam e quando vivemos fora da lembrança de Deus. Enfim, temos necessidade disso, ajudados pela prece e pela meditação das Escrituras, para podermos adquirir as virtudes a respeito das quais os santos Padres, em suas respectivas obras, escreveram pela graça do Espírito Santo. É deles que eu aprendi tudo. Vou agora mencionar estas virtudes, senão todas – pois me falta o conhecimento – ao menos aquelas que

⁴⁶⁶ Cf. I *Romanos* 4: 5.

eu puder.

Enumeração das virtudes

A prudência, a castidade, a coragem, a justiça, a fé, a esperança, o amor, o temor, a piedade, o conhecimento, a resolução, a força, a compreensão, a sabedoria, a contrição, o luto, a doçura, o estudo das divinas Escrituras, a esmola, a pureza do coração, a paz, a paciência, a temperança, a constância, a boa intenção, a decisão, o sentido das coisas, o cuidado, o socorro divino, o fervor, o despertar, o calor do Espírito, a meditação, o ardor, a sobriedade e a vigilância, a memória, a consciência, a devoção, o pudor, a continência, o arrependimento, a rejeição ao mal, a conversão, o retorno a Deus, a união com Cristo, a recusa ao diabo, a observância dos mandamentos, a guarda da alma, a pureza da consciência, a lembrança da morte, as penas da alma, a obra do bem, o esforço, o labor, a vida dura, o jejum, a vigília, a fome, a sede, a moderação, a medida, a boa ordem, a decência, a modéstia, a gravidade, o desprezo pelos bens, o desinteresse, a rejeição às coisas desta vida, a submissão, a obediência, a docilidade, a pobreza, a despossessão, a fuga do mundo, a negação das vontades próprias, a renúncia a si mesmo, o conselho, a grandeza de alma, a consagração a Deus, a hesíquia, a instrução, o sono sobre a terra nua, a abjeção, a firmeza, o combate, a atenção, o pão seco, a nudez, o esgotamento do corpo, a solidão, a serenidade, a calma, o bom humor, a coragem, a segurança, o zelo divino, a consumação, a progressão, a loucura em Cristo, a guarda do intelecto, as boas promessas, a perfeição monástica, a virgindade, a santificação, a pureza do corpo, a brancura da alma, a leitura em Cristo, o cuidado com Deus, o reconhecimento, a prontidão, a verdade, a discrição, a inocência, a remissão das dívidas, a precaução, a capacidade, a vivacidade de espírito, a clemência, o justo uso das coisas, a ciência, a bondade

natural, a experiência, a salmodia, a prece, a ação de graças, a confissão, a súplica, a prostração, a invocação, a imploração, o pedido, a intercessão, o canto, a glorificação, a confidência, a solicitude, a lamentação, a aflição, a dor, o tormento, a compaixão, o suspiro, o gemido, as lágrimas de sofrimento, a compunção, o silêncio, a busca de Deus, o grito de dor, a despreocupação em relação às coisas, a ignorância do mal, a indiferença em relação à vanglória, a ausência de ambição, a simplicidade da alma, a dó, a modéstia, a honestidade, as obras naturais, as obras sobrenaturais, o amor fraterno, a concórdia, a comunhão divina, as delícias, a vida espiritual, a cortesia, a retidão, a transparência, a bem-aventurança, a integridade, a simplicidade, o louvor, as palavras de bondade, as boas obras, a predileção pelo próximo, a afeição divina, o estado de virtude, a perseverança, a busca da qualidade, o reconhecimento, a humildade, a reserva, a magnanimidade, a tolerância, a longanimidade, o bem-fazer, a benevolência, o discernimento, a abertura, a afabilidade, a ausência de conflitos, a contemplação, o poder de guiar, a firmeza, a clarividência, a impassibilidade, a alegria espiritual, a segurança, as lágrimas da compreensão, o pranto da alma, o desejo divino, a piedade, a misericórdia, o amor pelos homens, a pureza da alma, a pureza do intelecto, a previsão, a prece pura, o pensamento desembaraçado, o vigor, a tensão da alma e do corpo, a iluminação, a restauração da alma, o desprezo por esta vida, o justo ensinamento, o bom desejo pela morte, a infância em Cristo, o enraizamento, a advertência e a exortação comedida e firme, a mudança louvável, o êxtase diante de Deus, a perfeição em Cristo, o esplendor verdadeiro, o *eros* divino, o arrebatamento do intelecto, a morada em Deus, o amor às coisas divinas, o amor à sabedoria interior, a teologia, a profissão de fé, o desprezo pela morte, a santidade, a obra reta, a perfeita saúde da alma, a virtude, o louvor a Deus, a graça, o Reino, a adoção.

Num total de duzentas e trinta e oito virtudes. O homem se torna o que ele é por adoção, pela graça d'Aquele que nos dá a vitória sobre as paixões, cujos nomes, no meu entender, aí vão a seguir.

Enumeração das paixões

A maldade, a hipocrisia, a malícia, a vilania, a irracionalidade, o deboche, a sedução, a incapacidade natural, a falta de conhecimento, a inércia, a frieza, a estupidez, a gabolice, a loucura, a demência, a perdição, o delírio, a grosseria, a impertinência, o desleixo, o torpor, a preguiça para o bem, a ofensa, a avidez, a retenção, a ignorância, a falta de inteligência, o falso conhecimento, o esquecimento, a confusão, a insensibilidade, a injustiça, a má intenção, a alma inconsciente, a irresponsabilidade, a bravata, a prevaricação, a falta, o pecado, a iniquidade, a ilegalidade, a paixão, a catividade, o mau assentimento, a união irracional, a sugestão demoníaca, a temporização, o excessivo controle do corpo, o vício, a queda, a enfermidade da alma, o relaxamento, a doença do intelecto, a negligência, a languidez, a inquietude censurável, o desdém por Deus, o erro, a transgressão, a descrença, a desconfiança, a má fé, a pouca fé, a heresia, a perversão, o politeísmo, a idolatria, a ignorância de Deus, a impiedade, a magia, a observação dos sinais, a adivinhação, a feitiçaria, a renegação, a paixão pelos ídolos, a intemperança, o desperdício, a discussão, o egoísmo, o ócio, a desatenção, a passividade, a ilusão, a fraude, a temeridade, o envenenamento, a sujeira, a alimentação impura, o conforto, o desregramento, a gula, a prostituição, a avareza, a cólera, a tristeza, a acídia, o amor à vanglória, o orgulho, a presunção, a autossuficiência, o autoelogio, o desespero, o ultraje, o desgosto, a indolência, a pesandez, o prazer, o desejo insaciável, a glutoneria, a necessidade contínua de comer, comer em segredo, a voracidade,

comer só, a indiferença, a facilidade, a vontade própria, a irreflexão, o contentamento, o desejo de agradar aos homens, a inexperiência do bem, a falta de instrução, a incompetência, a fragilidade no pensar, a trivialidade, a vulgaridade, a disputa, a rivalidade, a maledicência, a gritaria, a perturbação, a luta, a cólera, o desejo irrazoável, a irascibilidade, o paroxismo, o escândalo, a inimizade, a indiscrição, a calúnia, a amargura, a difamação, a condenação, a aversão, a vergonha ao próximo, a acusação, a raiva, a injúria, a desonra, a falta de medida, a selvageria, o furor, o azedume, a agressividade, o perjúrio, a falsa jura, a crueldade, o ódio aos irmãos, a desigualdade, a ofensa ao pai, a ofensa à mãe, a licenciosidade, o deixar acontecer, a corrupção, o roubo, a pilhagem, a inveja, a discussão, o ciúme, a indecência, a gozação, a invectiva, a ridicularização, a derrisão, o complô, a opressão, o desprezo pelo próximo, a flagelação, a impostura, o enforcamento, o inchamento, a insensibilidade, a dureza, a libertinagem, a influência, o ressentimento, o descaramento, a impudência, a alienação, as trevas do pensamento, o ceticismo moral, a cegueira, a paixão pelas coisas passageiras, a afeição passional, a vaidade, a desobediência, o peso, a obnubilação da alma, o excesso de sono, a imaginação, o excesso de bebida, a embriaguez, permanecer desocupado, o inchaço, as delícias irracionais, o amor pelos prazeres, a licenciosidade, a linguagem grosseira, a vida efeminada, a orgia, o desejo inflamado, o langor, a imoralidade, o adultério, a homossexualidade, a bestialidade, a torpeza, a impudicícia, a decomposição da alma, o incesto, a impureza, o aviltamento, a imundície, a amizade particular, a hilaridade, o gracejo, a pantomina, as palmas, as canções grosseiras, as danças pagãs, a sedução, a liberdade de linguagem, a obsequiosidade, a insubordinação, a instabilidade, a falsa concórdia, a subversão, a guerra, o assassinato, a briga, o sacrilégio, a escroqueria, a usura, a mentira, o roubo dos túmulos, a dureza do coração, a difamação, o murmúrio, a blasfêmia, o reproche, a

ingratidão, a maledicência, a indiferença, a pusilanimidade, a confusão, a enganação, a linguagem desabrida, os discursos vãos, a alegria sem razão, a suficiência, a amizade irracional, o vício, a palermice, a linguagem insensata, a verborragia, a estreiteza, a perversidade, a recusa ao acolhimento, a irritação, as numerosas poses, o rancor, o mau uso, o mau humor, a ligação com esta vida, a frivolidade, a arrogância, o amor ao poder, a duplicidade de caráter, a ironia, a dissimulação, a sinuosidade, a palhaçada, o desencorajamento, o amor satânico, a curiosidade, as ofensas, não temer a Deus, o desconhecimento, a desinteligência, o pensamento humano, a jactância, o pensamento altaneiro, a falta de medidas, o desdém pelo próximo, o coração impiedoso, a ferocidade, a desolação, a hostilidade, o ódio às coisas divinas, o desespero, o suicídio, e, sobretudo, a queda para longe de Deus e a completa perdição.

Ao todo, duzentas e noventa e oito paixões. A todas elas eu encontrei nas divinas Escrituras, e as organizei assim como fiz com os livros no início deste discurso. Mas não pude colocá-las em ordem, nem tentei fazê-lo, pois isto está além de minha capacidade, pela razão levantada por João Clímaco: você buscará a inteligência junto aos vilões e não a encontrará⁴⁶⁷. Pois tudo o que pertence aos demônios é desordenado. Eles não têm senão um único objetivo, no qual se encontram os iníquos e os ímpios: por a perder as almas daqueles que acolhem seus maus conselhos.

Mas os demônios estão também na origem das coroas que alguns homens recebem. Então eles são vencidos pela fé e a paciência dos que esperaram no Senhor, que se opõem a eles e os denunciam pelas obras do bem e a resistência aos pensamentos.

⁴⁶⁷ *A escada santa* XV, 77, citando *Provérbios* 14: 6.

Da diferença entre os pensamentos e as sugestões.

Os pensamentos diferem em tudo. Uns são puros de todo pecado, outros ainda não. Assim é com aquilo a que chamamos sugestão, ou seja, a lembrança do bem e do mal, que não traz em si nem recompensa nem condenação. O mesmo com o que chamamos associação, ou seja, o trabalho do pensamento, seja em vista do assentimento, seja em vista da rejeição. A associação merece ser louvada, sem mais, quando agrada a Deus. Pode também chamar a condenação, quando é para o mal. Depois vem aquilo a que chamamos luta, da qual o intelecto pode sair vitorioso ou derrotado. A luta traz, seja o coroamento, seja o castigo, quando se chega ao ato. Da mesma forma o assentimento, que é um movimento da alma seduzida diante daquilo que ela vê. Do assentimento vem o cativoiro que conduz o coração, forçadamente e contra sua vontade, a por em movimento a tentação.

Enfim, quando o pensamento racional permanece por longo tempo na alma, acontece o que chamamos de paixão. Esta investe por si só contra a alma que a ela se habitua, e a faz passar naturalmente ao ato. Sem dúvida, a paixão tem como consequência, em todos, seja o arrependimento que se opõe a ela, seja o castigo inevitável, disse João Clímaco⁴⁶⁸. Pois somos castigados por não nos arrependermos, não por que lutamos. Se assim fosse, a maior parte de nós não poderia receber a absolvição fora da perfeita impassibilidade. O próprio João Clímaco disse: “Não é possível a todos se tornarem impassíveis, mas todos podem ser salvos e se reconciliar com Deus⁴⁶⁹”.

⁴⁶⁸ *Ibid.* XV, 74.

⁴⁶⁹ *Ibid.* XXVI, 65.

O sábio, portanto, rejeita a má sugestão, a mãe do mal, a fim de romper de uma vez por todas com os perigos que vela advém. Mas ele está sempre pronto a realizar a boa sugestão, a fim de que a alma e o corpo possam adquirir a virtude e se livrar das paixões pela graça de Cristo. Pois não temos nada em nós que não tenhamos recebido dele⁴⁷⁰. E nada temos a oferecer senão nossa intenção. Mas se não a temos, não encontraremos nem o conhecimento nem a força para fazer o bem. Deus ama o homem e a obra de seu amor nos liberta da condenação no seio de nossa inércia. Pois a inércia é o começo de todos os vícios.

Mesmo a obra do bem, diz o *Gerontikon*, tem necessidade do discernimento. A virgem que jejuava seis dias da semana e não cessava de meditar sobre o Antigo e o Novo Testamento, não considerava da mesma maneira as coisas difíceis e fáceis, embora devesse, depois de tanto penar, trazer em si os frutos da impassibilidade, o que não aconteceu. Pois o bem não é bem se não tem seu objetivo na vontade divina. Muitas vezes na divina Escritura Deus rejeita em certas circunstâncias um homem por uma obra que a todos parece boa, ou recebe a outro que parece fazer o mal. Testemunha disto é o profeta que pediu que lhe batessem: ao crer fazer o bem ele desobedecia e se tornou presa do monstro⁴⁷¹. Pedro também achou que fazia o bem quando recusou que lhe fossem lavados os pés, mas acabou reprimido por isto⁴⁷². Devemos como toda nossa força descobrir e fazer a vontade divina, mesmo quando nos pareça ser o bem. Por isso é que a obra do bem jamais é feita sem trabalho, a fim de que não alteremos, como nossa liberdade, o louvor que nosso esforço merece.

⁴⁷⁰ Cf. I Coríntios 4: 7.

⁴⁷¹ Cf. I Reis 21: 36.

⁴⁷² Cf. João 13: 8.

Simplesmente, tudo o que Deus realiza é maravilhoso ultrapassa o intelecto e o entendimento. O intelecto deve admirar não apenas as celebrações da Igreja ortodoxa, mas também os símbolos destas celebrações. Devemos nos admirar de como pelo batismo divino nos tronamos filhos pela graça, sem que tenhamos feito algo para isto, nem antes nem depois, senão observar os mandamentos; e de como estas coisas temíveis, vale dizer, o santo batismo, a santa comunhão, não podem ser feitas sem o sacerdote, como disse o divino Crisóstomo⁴⁷³. É assim que aparece o poder dado a Pedro, o príncipe dos apóstolos. Pois se a celebração litúrgica não abrir as portas do Reino dos céus, ninguém entrará nele⁴⁷⁴. Como disse o Senhor: “Se não nascermos da água e do Espírito⁴⁷⁵”, etc. E também: “Se vocês não comerem a carne do Filho do homem nem beberem seu sangue, não terão a vida em vocês⁴⁷⁶”.

Devemos nos admirar ainda o modo pelo qual o antigo Templo era feito exteriormente à imagem do mundo, sendo lá que os sacerdotes realizavam os sacrifícios⁴⁷⁷. Mas o interior era o Santo dos Santos⁴⁷⁸, onde eram oferecidos os perfumes sob quatro formas – o incenso, a mirra, o óleo perfumado e a acácia – que representavam as quatro virtudes gerais. O que se fazia no exterior revelava então a misericórdia de Deus, a fim de que, por meio dos cantos e das delícias, os judeus – que ainda pensavam como crianças – não se voltassem para os ídolos.

Mas a nova Igreja é o símbolo daquilo que virá. É por isso que as

⁴⁷³ Sobre o sacerdócio III, 3.

⁴⁷⁴ Cf. Mateus 16: 19.

⁴⁷⁵ João 3: 5.

⁴⁷⁶ João 6: 53.

⁴⁷⁷ Cf. Êxodo 26: 1-2; Hebreus 9: 1-6.

⁴⁷⁸ Cf. Êxodo 30: 10; Hebreus 9: 3; ver Evagro, Sobre a Oração 1.

celebrações da Igreja são celestes e espirituais. Pois assim como existem nove ordens no céu, existem nove ordens na Igreja: os Patriarcas, os Metropolitas, os Bispos, os Padres, os Diáconos, os Subdiáconos, os Leitores, os Cantores e os Monges.

Devemos nos admirar ainda do modo como os demônios e muitas enfermidades são postos em fuga pelo sinal da preciosa cruz vivificante, coisa que todos podem fazer sem despesas e sem esforço. Quem poderia contar os louvores do sinal da cruz? Os santos Padres nos transmitiram os símbolos, para que os possamos opor aos descrentes e aos hereges: os dois dedos mais o polegar significam Cristo crucificado, revelado em duas naturezas e uma única hipóstase. A mão direita representa sua potência infinita, e lembra que ele está sentado à direita do Pai. O sinal é feito primeiro de alto para baixo: trata-se da descida dos céus entre nós. Depois, da direita para a esquerda: expulsamos os inimigos simbolizando que por seu poder invencível o Senhor venceu o diabo, que está à esquerda, impotente e tenebroso.

Devemos, finalmente, nos admirarmos de como, através de cores ínfimas, na tela em que nos são mostradas, foram perfeitamente colocadas pela divina Providência tantas maravilhas realizadas pelo Senhor e por todos os santos há tantos anos, a fim de que, vendo-os com nossos olhos, nós os queiramos acima de tudo, como disse são Pedro, o Príncipe dos apóstolos, conforme testemunhado por seu discípulo são Pancrácio.

Tudo o que dissemos desde o início deste discurso de nada servirá sem a fé reta, e mesmo sequer teria existido, tanto quanto nossa obras, sem a fé. Muitos dos santos Padres escreveram sobre a fé e as obras.

Para concluir, lembrarei que, cada um em sua ordem, devemos ter tanto as obras escritas quanto a fé ortodoxa que recebemos dos santos que as escreveram antes de nós, a fim de, por meio delas, alcançar os bens eternos, pela graça e o amor pelo homem de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem cabem toda honra e toda adoração, com seu Pai que não teve começo e seu Espírito Santíssimo, bom e vivificante, agora e sempre, pelos séculos dos séculos. Amém. Para terminar, eu digo: Cristo, a você toda honra e toda glória. Amém.

LIVRO SEGUNDO

24 DISCURSOS SINÓTICOS CHEIOS DE CONHECIMENTO ESPIRITUAL

Primeiro Discurso

*Eis o prólogo e a letra Alfa.
Ela contém a sabedoria espiritual,
Pois assim como dentre todas as letras
Alfa é em todas as línguas a primeira,
Também dentre as virtudes este saber
É o começo e o fim de todos.
Mas assim como o alfabeto
É um conhecimento elementar
Sem o qual não se pode receber a primeira instrução,
Também o começo do conhecimento
É pequenino, mas sem ele
É impossível encontrar a virtude.
Assim sendo, abençoa, ó Pai, este início.*

Em todas as línguas escritas a primeira letra é o A, embora alguns não o saibam. Da mesma forma, o começo de todas as virtudes é a sabedoria espiritual, que é igualmente seu fim. Pois se o intelecto não se aproxima da sabedoria, o homem não pode fazer nada de bom: ele jamais ouve falar do bem. Mas se de alguma maneira isto lhe for dado, a sabedoria estará lá.

O alfabeto é um ensinamento para as crianças, mas sem ele é impossível descobrir a sabedoria dos primeiros estudos. O mesmo acontece com o início do conhecimento: ele é ínfimo, mas sem ele é impossível descobrir verdadeiramente a virtude. Por isso fico temeroso de escrever sobre a sabedoria, uma vez que eu mesmo não sou sábio.

Pois existem, penso eu, quatro caminhos que preparam o intelecto para poder falar: ou bem a graça que vem do alto de forma sobrenatural, e a beatitude; ou bem a pureza que provém da ascese que vem de Deus e que pode conduzir a alma à sua beleza original; ou bem a experiência dos ensinamentos terrestres, por meio da instrução humana e do exercício da sabedoria profana; ou bem ainda, suscitado pelo orgulho e pelas armadilhas do demônio, o erro maldito e satânico e a perversão da natureza. Ora, eu não participo de nenhuma delas. Como poderei escrever? Ignoro. Eu não sei de que modo a fé, nos que se obrigam a escrever diante de Deus, atrai a graça para sua pena. Pois meu intelecto e minha mão são indignos e impuros. Sei disto por experiência, isto já me aconteceu e me acontece sempre: cada vez que pretendo escrever alguma coisa, acreditem em mim, Padres, não a consegui levar ao intelecto antes de tomar da pena. No mais das vezes eu não tinha senão uma vaga ideia que me vinha da Escritura, ou de algo que ouvira, ou de algo que vira dentre as coisas sensíveis do mundo. De lá partia meu intelecto, e só no instante em que eu tomava da pena e punha mãos à obra é que eu descobria o que escrever. A partir daí, eu trazia em mim Aquele que me obrigava a escrever.

Assim eu escrevia enquanto minha mão tivesse forças, sem empecilhos, sem inquietudes, sem jamais me deter. Aquilo que Deus colocava em meu coração obscuro, eu escrevia sem que me viesse outro pensamento. Eu nunca considerei que possuísse o que recebia,

senão pela prece de alguém outro, conforme a palavra de João Clímaco ao se referir ao dito do Apóstolo: “O que você possui que não tenha recebido? E se você recebeu, porque glorifica a si próprio como se não tivesse recebido de fora?⁴⁷⁹”. Mas ele, de quem recebeu ele? Aquilo que vem por si só ao intelecto daqueles que repousam em Deus fora de todo pensamento é agradável, como disse santo Isaac⁴⁸⁰. Toda meditação tem um sentido próprio. Também santo Antônio disse: “Toda obra e toda palavra deve ser atestada pelas divinas Escrituras⁴⁸¹”.

É por isso que eu me ponho a escrever como outrora falou a mula de Balaam⁴⁸². Não para ensinar, coisa que não agrada a Deus, mas para refutar minha pobre alma, para que aquele que fala e nada faz se ponha a trabalhar, como disse João Clímaco⁴⁸³, por ter vergonha de suas palavras. Quem sabe? Viverei eu o suficiente para poder escrever? Ou ainda: alguém poderá terminar meu trabalho? Bem, entre um e outro fiquemos com os dois, a palavra e o trabalho, até onde cada um deles alcançar. Pois a morte nos é oculta, ignoramos quando virá nosso fim⁴⁸⁴. Mas Deus, que sabe tudo previamente, conhece também nossas vidas. A ele a glória pelos séculos dos séculos. Amém⁴⁸⁵.

Segundo Discurso

Agora já foi escrito o prólogo, contra toda esperança.

⁴⁷⁹ A escada santa XV, 79, citando Colossenses 4: 7.

⁴⁸⁰ Obras espirituais, pg. 187.

⁴⁸¹ Sentenças dos Padres do Deserto, Antônio 3.

⁴⁸² Cf. Números 22: 28-30.

⁴⁸³ A escada santa XXVI, 12.

⁴⁸⁴ Cf. Mateus 24: 14.

⁴⁸⁵ Romanos 11: 36.

*E eis aqui a segunda letra,
O Beta, e o segundo discurso,
No qual será falado resumidamente
Que uma fé engendra outra, e que é a grande fé,
Como afirmam os santos Padres,
O fundamento das virtudes, conforme disse
Aquele que o afirmou, o Apóstolo do Senhor⁴⁸⁶.
Pois uma nos é dada sem as obras da lei,
Mas a outra se cumpre pelas obras.
Ela se encontra na hesíquia
E se realiza por meio de inúmeros combates.
Assim sendo, ó Pai, abençoa este início.*

Nosso santo Padre Isaac, querendo nos mostrar o que é a fé, da qual disse o Apóstolo ser o fundamento das obras feitas conforme a Deus⁴⁸⁷, afirma que nós a recebemos no divino batismo pela graça de Cristo, e não por causa de nossas obras⁴⁸⁸. Com efeito, é a graça que engendra o temor ligado à fé, do qual provém a guarda dos mandamentos e a paciência nas tentações, como disse são Máximo. Mas é preciso trabalhar para que nasça em nós a grande fé da contemplação, da qual disse o Senhor: “Se vocês tiverem fé do tamanho de um grão de cevada⁴⁸⁹”, etc. Isto significa que uma é a fé comum aos ortodoxos, ou seja, a justa doutrina sobre Deus e suas criaturas inteligíveis e sensíveis, tal como a recebemos pela graça de Deus da santa Igreja católica; e outra é a fé da contemplação, ou do conhecimento, que, de resto, não se opõe à primeira, mas antes a confirma⁴⁹⁰.

⁴⁸⁶ Cf. Colossenses 1: 23.

⁴⁸⁷ Cf. Colossenses 1: 23; Tiago 2: 22.

⁴⁸⁸ Cf. Gálatas 2: 16; 3: 2.

⁴⁸⁹ Mateus 17: 20.

⁴⁹⁰ Para o conjunto deste parágrafo, ver Isaac o Sírio, Obras Espirituais, pg. 125.

Pois aprendemos a primeira por ouvir falar: nós a herdamos de pais piedosos e de mestres da fé ortodoxa. A segunda provém da retidão de nossa fidelidade e de nosso temor ao Senhor⁴⁹¹, no qual cremos. Pois fomos chamados a guardar os mandamentos pelo temor, e por isso quisemos trabalhar as virtudes do corpo: a hesíquia, o jejum, a vigília, a salmodia, a prece, a leitura, a interrogação aos que têm experiência, sobre todo pensamento, toda palavra, todo gesto – a fim de que por meio de tais atos o corpo se purificasse das paixões infames – a gula, a prostituição, as riquezas inúteis – e para que nos contentemos com o que temos⁴⁹², segundo o Apóstolo.

A partir daí o homem recebe a força para permanecer em Deus, pela ausência de preocupações. Ele aprende mandamentos divinos e os dogmas a partir das Escrituras e de homens experientes. Ele começa a desprezar as oito paixões que precedem a malícia. Compreendendo as ameaças ele teme a Deus, não simplesmente por medo, mas por que Deus é Deus, como disse são Nilo. Este temor opera nele a guarda dos mandamentos por meio do conhecimento. Quanto mais suporta ele por cada mandamento a morte desejada, mais aumenta seu conhecimento e mais ele contempla o que nele se faz por meio da graça de Cristo. Ele passa a acreditar que a fé dos ortodoxos é de fato imensa, e começa a querer agradecer a Deus. Ele já não hesita como antes diante do socorro de Deus, mas coloca nele todas as suas preocupações⁴⁹³, conforme o Profeta. Como disse o grande Basílio: aquele que pretende ter em sua a grande fé não deve em nada se preocupar com sua própria vida ou com sua morte. Ainda que se veja diante de uma fera, ou diante de todos os levantes dos demônios ou das agressões de bandidos, ele nada teme, pois sabe que é tudo obra

⁴⁹¹ Cf. *Deuteronômio* 1: 12.

⁴⁹² Cf. *Hebreus* 13: 5.

⁴⁹³ Cf. *Salmo* 54 (55): 23.

do único Criador, que eles são seus companheiros de serviço e que não possuem nenhum poder sobre ele que não tenha sido concedido por Deus. Ele só deve temer aquele que tem o poder. Como disse o Senhor: “Eu lhes mostrarei aquele a quem vocês devem temer”. E ele prossegue: “Temam aquele que pode lançar seus corpos e almas no inferno”. E para confirmar suas palavras ele acrescenta: “Sim, eu lhes digo, a este devem temer⁴⁹⁴”. E com razão, pois, se houvesse outro com poder além de Deus, deveríamos temer a este outro.

Mas se somente Deus é o Criador e o Mestre do que está no alto e do que está em baixo, quem poderá fazer seja lá o que for sem ele? Se disserem que existem criaturas que possuem um poder autônomo, responderei que as Potências intelectuais, os homens e mesmo os demônios o têm, de fato. Mas as ordens dos anjos celestes e os homens bons não suportam prejudicar seus companheiros de serviço, ainda que estes sejam maus. Antes eles se compadecem e pedem a Deus por eles, como disse o grande Atanásio. Os homens maus e seus mestres, os demônios de malícia, querem com certeza nos prejudicar, mas não podem fazê-lo a menos que nos coloquemos em estado de sermos abandonados por Deus por nossas más obras. Em sua imensa bondade, Deus então castiga o que pecou e lhe abre a salvação, se este quiser ser corrigido de seu mal por meio de um paciente reconhecimento. Caso contrário, o julgamento divino fará o bem a outro, por que Deus em sua bondade total deseja salvar todos os seres⁴⁹⁵.

Os justos e os homens santos jamais são tentados senão no seio da benevolência de Deus, para o perfeccionamento de suas almas e a confusão de seus inimigos, os demônios. O operário dos mandamentos de Cristo, que sabe destas coisas, crê não apenas que

⁴⁹⁴ *Lucas* 12: 4-5.

⁴⁹⁵ Cf. *I Timóteo* 2: 4.

Cristo é Deus e que ele tem o poder (pois também os demônios o sabem por causa de suas obras, e tremem⁴⁹⁶), mas que a ele tudo é possível, que toda vontade lhe é boa e que sem ele nada se pode fazer de bom. É por isso que este homem não deseja fazer coisa alguma que seja contra a vontade de Deus, ainda que isto represente sua própria vida. Não é nela que ele deverá pensar, mas sim que a vontade de Deus é vida eterna⁴⁹⁷ e que ela é boa, mesmo que a obra de semelhante vida pareça penosa a alguns.

Por isso, pobre de mim, devo me considerar pior do que um descrente, pois não quero por mãos à obra para encontrar a grande fé e por meio dela alcançar o temor a Deus e o começo da sabedoria⁴⁹⁸ do Espírito. Mas tanto eu transgribo a lei manchando por mim mesmo os olhos da alma quanto caio na total ignorância, entenebrecido pelo esquecimento. Então já não sei o que é bom para minha alma e ensombrecido pelos maus hábitos me torno presa da malícia. Mesmo quando tento retornar para ali de onde tombei já não consigo, pois minha vontade se tornou um muro que me separa de Deus, como dizem os Padres⁴⁹⁹. E não quero me dar ao trabalho de derrubar este muro⁵⁰⁰. Se eu tivesse fé, esta fé que provém das obras do arrependimento, eu poderia dizer: “Por meu Deus, eu atravessarei este muro⁵⁰¹”. A dúvida não me faria temer quando eu dissesse para mim mesmo: “Quem me responderá quando eu me lançar para ultrapassar a altura deste muro? Haverá um abismo do outro lado? Se não puder vencê-lo pelo alto, não me verei outra vez enterrado e por baixo, depois de tanto penar?”.

⁴⁹⁶ Cf. *Tiago* 2: 19.

⁴⁹⁷ Cf. *João* 12: 50.

⁴⁹⁸ Cf. *Provérbios* 1: 17.

⁴⁹⁹ *Sentenças dos Padres do Deserto*, Poêmio 54.

⁵⁰⁰ Cf. *Efésios* 2: 14.

⁵⁰¹ *Salmo* 17 (18): 30.

Eu falo para mim mesmo muitas outras coisas. Mas quem tem fé na proximidade de Deus⁵⁰² jamais considera estas coisas. Este simplesmente corre para Deus que tem toda força, todo poder, toda bondade, todo amor pelo homem, a fim de compreender⁵⁰³, mas não como quem luta contra o vento⁵⁰⁴. Como quem nada, ele busca as coisas do alto⁵⁰⁵. Deixando para trás toda vontade, ele se encaminha para a vontade divina, até escutar as línguas novas⁵⁰⁶, ou aprender e falar a língua dos mistérios, elevando-se por degraus⁵⁰⁷ da potência da ação à potência da contemplação, e mais ainda, recebendo tudo da graça do amor que nosso Senhor Jesus Cristo tem pelo homem, a ele toda glória, honra e poder pelos séculos dos séculos. Amém⁵⁰⁸.

Terceiro Discurso

*Dentre as letras a terceira é o Gama,
E eis aqui o terceiro discurso sobre o temor.
Dois são os temores do Senhor:
O temor inicial, que afasta a malícia,
E o temor perfeito, que trabalha com fervor.
Assim sendo, ó Pai, abençoa este início.*

A gula é a primeira das oito paixões que precedem a malícia. Mas o temor a Deus, o primeiro mandamento, derruba todas. Quem não o possui, porém, ainda poderá acessar os outros bens. Como poderia o

⁵⁰² Cf. *Jeremias* 23: 23.

⁵⁰³ Cf. *Filipenses* 3: 12.

⁵⁰⁴ Cf. *I Coríntios* 9: 26.

⁵⁰⁵ Cf. *Colossenses* 3: 1.

⁵⁰⁶ Cf. *Marcos* 16: 17.

⁵⁰⁷ Cf. *Salmo* 83 (84): 6.

⁵⁰⁸ *Apocalipse* 5: 13.

homem sem temor guardar o mandamento sem que tenha alcançado o amor? Entretanto, ele começou pelo temor, mesmo que ignore como se passou este temor primeiro. Podemos dizer também que o amor pode ser alcançado por outra via. Éramos de fato prisioneiros, seja de nossa própria alegria espiritual, seja de nossa insensibilidade, como aqueles que atravessaram o rio adormecidos, dos quais falou santo Efrém.

Este homem, por todas as benesses que lhe foram concedidas pela graça de Deus, maravilhado, ama ao seu Benfeitor. Mas quando um homem, à custa de viver nas delícias e na glória, se torna insensível tal como o rico do Evangelho, chega a pensar que os que são consumidos pelo temor a Deus e que por ele atravessam as tentações, sofrem por seus pecados. Ele se revolta contra eles e não se compadece. Ele imagina merecer o conforto, quando na verdade não merece, por que se tornou indigno da vida futura. Ele está entenebrecido pela ligação passional às coisas passageiras. Talvez até creia ter alcançado o amor e que por ele tenha recebido mais benesses do que os outros. Mas isto é por que ele sempre ignorou o que é para ele a bondade de Deus. No dia do Juízo este homem não terá o que responder quando ouvir com toda justiça: “Você recebeu seus bens durante a sua vida⁵⁰⁹”. É a própria evidência. Inúmeros infiéis são cumulados de bens dos quais não são dignos, mas nenhum homem de bom senso sonha sequer longinquamente em glorificá-los por isto, ou dizer que eles são dignos de serem amados por Deus ou de amar a Deus, e que é por causa disso que eles prosperam nesta vida. É exatamente isto que acontece.

O temor a Deus é duplo, assim como a fé. Existe um começo e uma perfeição que se realizam no início do caminho. Aquele que teme os castigos teme como um servidor e evita o mal: “Pelo temor ao

⁵⁰⁹ *Lucas* 16: 25.

Senhor cada um evite o mal⁵¹⁰”. E: “Eu lhes ensinarei o temor ao Senhor⁵¹¹”. Tudo o que podemos dizer em relação ao começo do temor, segundo são Doroteu⁵¹², nos chama, pecadores que somos, a chegar ao arrependimento por medo das ameaças, buscando modos de encontrar a absolvição dos nossos pecados. Mas quando o temor passa a viver em nós ele nos ensina o caminho da vida, conforme foi dito: “Evite o mal e faça o bem⁵¹³”. Com efeito, quanto mais um homem luta pelo bem, mais aumenta nele o temor, até que aparecem suas faltas mais sutis, que ele considerava desprezíveis quando vivia nas trevas da ignorância. Quando o temor se torna perfeito o homem se realiza no luto e já não quer pecar, por temer o retorno das paixões, e se torna incorruptível pelo puro temor. Foi dito: “O temor ao Senhor é puro e permanece pelos séculos dos séculos⁵¹⁴”. Pois o primeiro temor não é puro, mas provém dos pecados.

A partir daí, mesmo livre do pecado, o homem purificado não deixa de temer, não por estar em falta, mas por se saber mutável e portador do mal. Quanto mais ele se eleva adquirindo virtudes, mais ele teme em sua humildade. E com todo direito. Pois quanto mais rico se é, mas se teme o prejuízo, o tormento, a desonra a sofrer se tombar de tão alto. Mas o pobre normalmente nada tem a temer. Só tem medo o que não foi maltratado.

Isto foi dito daqueles que, em suas almas e corpos, são perfeitos e puros. Mas se alguém ainda se encontra em falta, por pequena que seja, que não se iluda: ele está perdido, como disse João Clímaco. Pois seu temor não é puro: não provém da humildade, mas do

⁵¹⁰ *Provérbios* 15: 27.

⁵¹¹ *Salmo* 33 (34): 12.

⁵¹² *Instruções espirituais* IV § 47.

⁵¹³ *Salmo* 33 (34): 15.

⁵¹⁴ *Salmo* 18 (19): 10.

reconhecimento servil e do medo das ameaças. Por isso este homem precisa ser corrigido em seus pensamentos, a fim de aprender a conhecer em que tipo de temor se encontra, e para purificar suas faltas pelo extremo luto e pela paciência nas aflições, para poder assim alcançar o temor perfeito, pela graça de Cristo.

O sinal do primeiro temor é a aversão e a abominação do pecado: é como um homem ferido por um animal. Mas o sinal do temor perfeito é o amor pela virtude e o medo da mudança, pois ninguém é imutável. Quando vemos o grande Profeta, o rei Davi, amargar dois pecados⁵¹⁵, e Salomão cair em tamanha malícia⁵¹⁶, devemos nesta vida temer a queda a cada momento. Como disse o Apóstolo: “Aquele que se crê em pé vigie para não cair⁵¹⁷”. Se afirmamos com João o Teólogo que o amor expulsa o temor⁵¹⁸, dizemos bem. Mas estamos falando do primeiro temor, o inicial. Quanto ao temor perfeito, disse Davi: “Bem-aventurado o homem que teme o Senhor e se agrada de seus mandamentos⁵¹⁹”. Ou seja: bem-aventurado aquele que possui tamanho amor pela virtude. Este homem segue a ordem do Filho, pois em tudo ele age não por temor dos castigos, mas pelo amor que expulsa o temor⁵²⁰.

Você se agrada dos mandamentos, mas não irá cumpri-los como um escravo, por necessidade e medo do castigo. Possamos nós estar livres disto, pelo amor ao homem e a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem se deve toda glória, honra e adoração, pelos séculos dos séculos. Amém.

⁵¹⁵ Cf. II Samuel 11-12; Salmo 50 (51)

⁵¹⁶ Cf. I Reis 11: 1-10.

⁵¹⁷ I Coríntios 10: 12.

⁵¹⁸ Cf. I João 4: 18.

⁵¹⁹ Salmo 111 (112): 1.

⁵²⁰ Cf. I João 4: 18.

Quarto Discurso

*Eis o quarto, o da piedade,
Que é tratada no presente discurso, cuja letra
É Delta. Este é o sinal.
Ele tem em si a temperança
Que é a primeira das oito virtudes opostas
Às oito paixões, junto com a castidade, ambas obras da piedade.
Assim sendo, ó Pai, abençoa este início.*

Não é preciso dizer que a piedade é um nome que designa muitas formas e maneiras, como a filosofia profana. Pois, assim como os dez ensinamentos, quando realizados, se denominam filosofia, mas um ou dois apenas não merecem este nome, cuja denominação se refere aos dez, também a piedade não é o nome de uma única virtude, mas o nome dado a todos os mandamentos. Por isso, se amamos a Deus, somos bons servidores. Mas se alguém afirmar que a fé depende de se reverenciar a Deus como se deve, perguntaremos como podemos temer a Deus antes de crer nele. Ao contrário, não devemos crer primeiro no Senhor, para só então temê-lo? É assim que o temor provém da fé e a fé da piedade, segundo o profeta que recebeu do alto o poder de falar e que anunciou, ao descer, o Espírito de conhecimento e de piedade, o Espírito do temor a Deus⁵²¹. O Senhor começou pelo temor, para depois conduzir ao luto aquele que temeu.

Não cabe aqui nos estendermos sobre todas as formas da piedade, ou seja, sobre a ordem inteligível. Mas, deixando de lado as ações do corpo que precedem a grande fé e o temor puro – que são conhecidas de todos – falaremos brevemente, com a graça de Deus, das plantas

⁵²¹ Cf. Isaías 11: 2-3.

do Paraíso espiritual, vale dizer, das virtudes da alma, de onde procede a temperança total, a abstenção de todas as paixões. Dentre as ações corporais, existe de fato uma outra temperança, que é parcial e que nos ensina o uso dos alimentos e das bebidas. Mas a temperança total detém todo pensamento e todo movimento dos membros que não estejam voltados para Deus, e esta é chamada domadora das paixões. Quem possui esta temperança não suporta nem pensamento, nem palavra, nem movimento algum do pé, da mão ou de qualquer parte do corpo, que não seja para o necessário uso do corpo, ou seja, da vida corporal e da salvação da alma. É quando se multiplicam as tentações do demônio, que veem um anjo naquele corpo, através do fervor e da obra do bem. É preciso então trabalhar e guardar⁵²². Pois a obra é perfeita, ela deve ser guardada continuamente, para que nenhuma paixão exterior seja esquecida e encontre ocasião de entrar.

As duas temperanças, as duas castidades, não são as mesmas. Uma detém a prostituição e as paixões infames; a outra recolhe em si a ponta fina e infalível do pensamento e a encaminha a Deus. Mas esta não é uma coisa que se possa descrever com precisão pelas palavras, nem conhecer por ter ouvido falar. Ela provém da experiência adquirida pelas obras e pelo conhecimento de uma e outra, que reviram o intelecto. Pode-se afirmar que pela simples denominação muitas coisas são possíveis, até erguer a terra e tornar a matéria imaterial. O ensinamento profano conhece muitos nomes e seus sentidos, extraídos da etimologia. Mas a experiência e a aquisição das virtudes necessitam de Deus. Elas exigem muitas penas e tempo, em especial as virtudes da alma, que são as virtudes fundamentais e as mais secretas. Pois as virtudes do corpo, que não na verdade os instrumentos das virtudes, são mais fáceis de adquirir, embora não sem penas. Mas as virtudes da alma, embora não exijam senão a

atenção do pensamento, são muito mais difíceis de atingir. É por isso que a Lei diz antes de tudo: “Esteja atento a si mesmo⁵²³”. O grande Basílio escreveu a este respeito um discurso admirável⁵²⁴.

Mas nós, que não estamos atentos a nada e vivemos a maior parte do tempo como Fariseus, que diremos? Alguns de nós praticam o jejum, a vigília e coisas semelhantes. Mas na maior parte das vezes nosso conhecimento é parcial. OU então não possuímos o discernimento, por que não queremos estar atentos a nós mesmos nem conhecer o que nos é solicitado. Tampouco vigiamos suficientemente os pensamentos, não perseveramos para receber a experiência que nasce dos combates e das tentações, ainda que para os outros possamos parecer experimentados marinheiros, e até mesmo pilotos. Mas somos todos cegos. E quando vemos, como Fariseus dizemos sermos nós que vemos. Por isso a condenação é maior⁵²⁵. Se fôssemos cegos, não seríamos condenados. Bastaria sermos agradecidos e confessarmos nossa fraqueza e nossa ignorância. Mas, como os Gregos, estamos condenados previamente, como disse Salomão: “Eles conceberam muitas coisas, mas perderam aquilo que estavam buscando⁵²⁶”. Devemos então nos calar, como se não tivéssemos nada a fazer? Isto seria pior. “Ao contrário, examinem a si mesmos. O que é feito em segredo é vergonhoso até para dizê-lo⁵²⁷”.

Calar-me-ei a este respeito. Mas falarei das virtudes que devemos admirar. Meu coração entenebrecido se agrada com sua lembrança e sua doçura. Quando penso nelas esqueço-me de minha posição, e já

⁵²³ Êxodo 23: 21; Deuteronômio 15: 9.

⁵²⁴ Homilia sobre *In illud* “Attende tibi ipsi”.

⁵²⁵ Cf. João 9: 40.

⁵²⁶ Sabedoria 4: 15.

⁵²⁷ Efésios 5: 11.

⁵²² Cf. Gênesis 2: 15.

não me preocupo com a condenação que me espera, por dizer e não fazer.

A temperança e a castidade têm o mesmo poder, e são duplas, como dissemos. Mas agora falaremos de coisas mais perfeitas ainda. Quem pela graça de Deus, possui a grande fé da contemplação e o temor puro e divino⁵²⁸, e que por meio deles deseja guardar a temperança e a castidade, deve guardar a si próprio por dentro e por fora, e, como um morto, ter seu corpo e sua alma longe deste mundo e dos homens, repetindo para seu próprio pensamento: que sou eu? Qual a minha natureza⁵²⁹, senão uma abominação? Na origem, terra⁵³⁰; no fim, podridão⁵³¹. No meio, orgulho até o final. Que é minha vida? Quanto dura? Um instante, e é a morte. Com que tenho eu que me preocupar, com isto ou aquilo? A qualquer momento morro. É Cristo que traz a vida e a morte. Porque me inquietar e disputar em vão? Preciso de um pouco de pão, para que todo o resto? Se eu tenho este pouco de pão, não tenho mais com que me inquietar; mas se não o tenho, fico pensando apenas nele, por causa da imperfeição do meu conhecimento, embora seja Deus a minha providência.

Que o homem se preocupe antes de tudo com a guarda dos sentidos e dos pensamentos, a fim de nada ser e de nada fazer que lhe pareça sem Deus. Que se prepare com paciência diante dos prazeres e das dificuldades que lhe advêm dos demônios e dos homens. Que nada tema, nem de uns, nem de outros. Que não se deixe levar nem à alegria irracional e a presunção, nem à tristeza e ao desespero. E que rejeite a autossuficiência do pensamento, até que venha o Senhor. A

⁵²⁸ Salmo 18 (19): 10.

⁵²⁹ Cf. Salmo 88 (89): 48.

⁵³⁰ Cf. Gênesis 3: 19.

⁵³¹ Jó 25: 6.

ele a glória, pelos séculos dos séculos. Amém⁵³².

Quinto Discurso

*Quinto é este discurso, e a letra
É o Epsilon, sobre a paciência.
Esta é a primeira, e grande dentre as virtudes,
E para cada uma ela é a ciência.
Assim sendo, ó Pai, abençoa este início.*

O Senhor disse: “Aquele que perseverar até o final será salvo⁵³³”. Todas as virtudes convergem para a paciência. Sem ela nenhuma virtude se mantém. Pois quem volta atrás não está apto para o Reino dos céus⁵³⁴. Se alguém pensa possuir todas as virtudes, nem assim está apto a alcançar o Reino dos céus, perseverando até o fim e se vendo a salvo das armadilhas do diabo. Pois até os que receberam as garantias têm necessidade da paciência, a fim de recolher no século futuro a recompensa perfeita.

Em toda ciência, em todo conhecimento, a paciência é necessária. É evidente: sem ela, mesmo as coisas sensíveis não existiriam. Mas para o que quer que façamos a partir dessas coisas, é preciso paciência, para que o feito tenha permanência. Numa palavra, todas as coisas, antes de serem feitas, se tornam o que serão por meio da paciência. E quando elas acontecem, é ainda pela paciência que elas permanecem. As coisas não se realizam nem duram sem ela. Pois se a coisa é boa, a paciência a conduz e guarda; mas se ela é ruim, a paciência fornece a agilidade e a grandeza de alma e não permite que

⁵³² Romanos 11: 36.

⁵³³ Mateus 10: 22.

⁵³⁴ Lucas 9: 62.

aquele que é tentado seja atormentado pela pequenez, pelas garantias do inferno.

É a paciência que normalmente destrói o desespero que assola a alma. É ela que ensina a consolar a alma, para que esta não caia na acídia sob a multidão das aflições e dos combates. Por falta de paciência e por não ter nenhuma experiência de combate, Judas encontrou a dupla morte. Mas Pedro tinha paciência e experiência no combate. Ele caiu, mas venceu o diabo que o havia derrubado⁵³⁵. Também é encontrando a paciência que certo monge que caiu sob a prostituição venceu a quem o havia vencido, recusando-se a se submeter ao pensamento desesperado que o empurrava a deixar sua cela e o deserto. Em sua paciência, ele dizia: “Eu não pequei, e repito: eu não pequei⁵³⁶”. Quão divinas a prudência e a perseverança deste homem corajoso!

Foi ela, a bem-aventurada, que levou à perfeição Jó⁵³⁷ e suas primeiras boas obras. Pois se o justo tivesse perdido a paciência, ainda que pouco, teria verdadeiramente perdido também tudo o que lhe tinha sido dado inicialmente. Mas Aquele que conhecia sua paciência permitiu esta chaga para seu aperfeiçoamento e para o benefício de muitos outros.

Aquele que sabe onde se encontra seu bem luta acima de tudo para ter paciência. É o que disse o grande Basílio⁵³⁸: não combata todas as paixões de uma vez. Você poderá não conseguir seu objetivo, voltará atrás e não será considerado apto para o Reino dos céus⁵³⁹.

⁵³⁵ Cf. *Mateus* 26: 75; 27: 5.

⁵³⁶ *Sentenças dos Padres do Deserto*, anônimo 1050.

⁵³⁷ Cf. *Jó* 1: 22; *Tiago* 5: 11.

⁵³⁸ *Carta XLII*, 2.

⁵³⁹ Cf. *Lucas* 9: 62.

Combata as paixões uma a uma, começando pela paciência nas tribulações. Isto é evidente. Se alguém tem paciência, jamais se detém no combate dos homens, cuida apenas para nunca recuar e protege a outros da fuga e da perdição, segundo a palavra que Deus disse a Moisés: “Quem tem medo, que recuse o combate⁵⁴⁰”, etc.

Num combate de homens é possível se esconder em casa e não sair para lutar, mas quem o faz se priva dos dons e das coroas, só lhe restando a indigência e a desonra. No combate espiritual, ao contrário, não existe lugar que não esteja envolvido na luta, ainda que se percorra toda a criação: onde quer que se vá, lá está a guerra, seja no deserto, com as feras, os demônios, as tormentas e coisas assustadoras, seja na hesíquia, com os demônios e as tentações, seja no meio dos homens, com os demônios e os corruptores. Nenhum lugar está ao abrigo das tentações. É por isso que sem a paciência é impossível encontrar repouso.

O repouso nasce do temor e da fé, e começa pela sabedoria. O homem sábio experimenta primeiro as coisas em seu intelecto. Ele se acha constrangido por todos os lados, como disse Suzana⁵⁴¹. Mas assim como ela, ele escolhe o que é melhor. Com efeito, a bem-aventurada disse a Deus: “Eu me sinto constrangida por todos os lados. Se eu fizer a vontade dos anciãos iníquos, o adultério perderá minha alma; se não os obedecer, eles me acusarão de adultério. Eles são os juízes do povo e me condenarão à morte. É melhor refugiar-me junto ao Todo-Poderoso, mesmo que a morte esteja diante de mim”. Quanta prudência desta bem-aventurada! Pois ela teve o discernimento e não perdeu suas esperanças. Diante do povo reunido, e enquanto os anciãos se sentavam a fim de acusar a inocente e condená-la à morte por adultério, Deus revelou seu

⁵⁴⁰ *Deuteronômio* 20: 8.

⁵⁴¹ Cf. *Daniel* 13, 22.44-60.

profeta Daniel com apenas doze anos. Ele a livrou da morte e voltou a condenação contra os anciãos que desejavam julgá-la injustamente.

Com isto Deus mostrou o quanto ele está próximo daqueles que, sem levar em conta sua pena, preferem suportar a tentação por ele e não trair a virtude, os que, por meio da paciência nas tribulações preferem a lei de Deus, alegres com a esperança da salvação. Eles têm razão: diante de dois perigos, um passageiro e outro eterno, não é melhor ficar com o primeiro? É por isso que santo Isaac disse: “É melhor enfrentar os perigos por amor a Deus e lhe fazer a oferenda do risco na esperança da vida eterna do que tombar longe de Deus por medo das tentações, nas mãos do diabo, e com ele ir parar nos castigos”.

Quando amamos a Deus, é bom nos alegrarmos com as tentações, como o fizeram os santos. Mas se não somos santos, escolhamos do mesmo modo o que nos for mais leve nesta hora de necessidade, pois será preciso ou colocar nosso corpo em perigo, mas em nosso intelecto reinar com Cristo no século presente pela impassibilidade e também no século futuro, ou tombar por medo das tentações, como foi dito, e se encaminhar para o castigo eterno. Possa Deus nos livrar disto pela paciência nos perigos, como uma pedra inquebrantável diante dos ventos e das vagas da vida.

Quem descobriu a paciência não a relaxa quando transbordam as águas, nem volta atrás. Quando encontra repouso e alegria, tampouco se deixa levar pela presunção. Ele permanece sempre o mesmo, na prosperidade como na dificuldade. Por isso, ele jamais é pego nas armadilhas do inimigo⁵⁴². Se encontra mau tempo, suporta-o com alegria, perseverando até o fim. Mas se o tempo é bom, ele aguarda a tentação até o último suspiro, como dizia o grande

⁵⁴² Cf. *Salmo* 118 (119): 110.

Antônio⁵⁴³. Este homem sabe que nada é imutável nesta vida, mas que tudo passa. Ele não se preocupa com nenhuma dessas coisas, mas abandona tudo a Deus. Pois ele cuida de todos nós⁵⁴⁴. A ele toda a glória, poder e honra pelos séculos dos séculos. Amém⁵⁴⁵.

Sexto Discurso

Eis ainda aqui um discurso evangélico escrito

Agora sobre a esperança nos bens futuros.

Pois Zeta é a sexta dentre as letras,

E o intelecto busca se desembaraçar de todos os cuidados⁵⁴⁶.

Assim sendo, ó Pai, abençoa este início.

A vida é uma esperança longe de toda preocupação e uma riqueza escondida aos sentidos, mas de quê dão testemunho a sabedoria e a natureza das coisas. Quando semeiam ou plantam, os cultivadores se esforçam. Também os marinheiros enfrentam muitos perigos. As crianças aprendem as letras e as demais ciências. Todos têm os olhos voltados para a esperança, e se esforçam com alegria. Aparentemente eles deixam perder o que tinham em mãos. Mas na realidade é para ganhar coisas maiores que eles suportam a prova e são muitas vezes privados daquilo que são obrigados a abandonar.

Mas alguém poderá objetar que tudo o que se refere a ganhos se aprende pela experiência; porém, quanto às coisas inteligíveis, ninguém ressuscitou dos mortos para no-las ensinar. Onde, tudo provém dos carismas e dos conhecimentos espirituais dos quais não

⁵⁴³ *Sentenças dos Padres do Deserto*, Antônio 4.

⁵⁴⁴ Cf. *I Pedro* 5: 7.

⁵⁴⁵ *Apocalipse* 5: 13.

⁵⁴⁶ Em grego, jogo de palavras entre o nome da letra *Zeta* e o verbo *zêtein*, buscar.

se tem experiência. Mas não há nada de espantoso nisto. Os que não têm experiência das coisas primeiras se assustam até receberem sua dose de experiência. As crianças, que ignoram a utilidade das letras e de outros ensinamentos, fogem deles. Mas os pais, que sabem o quanto elas têm a ganhar, por amor a elas as apressam e forçam a adquirirem estas coisas. Quando chega o tempo, as crianças recebem a experiência, e não apenas passam a amar o que adquiriram e aqueles que as obrigaram a tal, como ainda se alegram em se esforçar em aprender o que lhes é dado.

É por isso que devemos em primeiro lugar, partindo da fé, caminhar com paciência⁵⁴⁷ e não nos desencorajarmos diante das aflições⁵⁴⁸, a fim, de chegado o momento, podermos reconhecer imediatamente o que nos acontece. Então trabalharemos sem fadiga, com alegria e bom humor. Caminharemos pela fé, como disse o Apóstolo, e não pela vista⁵⁴⁹. Mas, assim como é inconcebível encontrar pela fé o ganho daquilo que fazemos neste tempo, é também impossível descobrir o conhecimento e o repouso antes de ter trabalhado pela virtude pelas obras e as palavras. Devemos até o último suspiro ser como quem teme a todo o momento a perda e como quem espera a todo instante o ganho. Os primeiros não correm apenas quando ganham, mas também quando perdem e estão em perigo. Os outros devem fazer o mesmo, sabendo que o preguiçoso não come o fruto de seu trabalho, sendo por isto indigente e devedor de muitos talentos⁵⁵⁰. “É na esperança que você me faz habitar⁵⁵¹”, disse o Profeta. E “é na esperança que se consegue a salvação⁵⁵²”, disse

também o Apóstolo.

Tudo isto foi lembrado de passagem por que nos referimos às coisas da natureza e das divinas Escrituras. Se alguém deseja adquirir a experiência, trabalhe tanto quanto possível sobre as sete ações do corpo, como se estivesse numa escola, com constância e se aplicando ao ato moral, ou seja, à obra da alma. A partir daí, tendo alcançado a esperança e nela perseverando, encontrará precisamente o conhecimento de que falamos, a saber, que no começo do arrependimento, engajado nessas sete ações, desde a primeira, a hesíquia, ele terá o salário da esperança e seu ganho antes mesmo de enfrentar as seis seguintes, o jejum, a vigília, etc. Desde a entrada na primeira ação, na ascese da hesíquia, que é o começo da purificação da alma, o ganho já está lá.

Mas o discípulo que não tem experiência não reconhece a graça do Mestre, assim como a criança não conhece o papel dos pais, ainda que estes tencionassem ser seus benfeitores desde antes do seu nascimento, orando para que ela nascesse e vivesse. Esta criança será herdeira, receberá tudo o que eles lhe prepararam, todo o fruto de seus esforços; porém, em sua ignorância, ela não se preocupa com nenhuma dessas coisas e considera uma tentação submeter-se aos pais. Se não precisasse de alimentação e das necessidades da natureza, não teria para com eles nenhum reconhecimento. Ora, quem pretende herdar o Reino dos céus, mas recusa o que dele provém, se mostra ainda mais ingrato. Pois ele foi criado pela graça, recebeu todos os seres, aguarda o porvir e reina eternamente com Cristo que o tornou digno, a ele que nada é, de tantos e tais dons sensíveis e inteligíveis, a ponto de por ele derramar seu precioso sangue e de não pedir mais do que que ele receba seus bens, nada além disto. Esta é a única exigência; quem a pode compreender fica maravilhado.

⁵⁴⁷ Cf. *Hebreus* 12: 1.

⁵⁴⁸ Cf. *Lucas* 18: 1.

⁵⁴⁹ Cf. *II Coríntios* 5: 7.

⁵⁵⁰ Cf. *Mateus* 18: 24.

⁵⁵¹ *Salmo* 4: 9.

⁵⁵² *Hebreus* 11: 40.

Foi dito: “O que Deus exige de você?”. Ó loucura! Como, agora que podemos ver, ficamos tão cegos diante destes terríveis mistérios? Pois aquilo que ele espera de nós é justamente o maior dos dons. Como não compreendemos que o melhor de todos é aquele que se dedica à virtude? Este está acima de todos, ele pode voar, ainda que não seja nem rico nem nobre. Não conhecemos nós neste século os profetas, os apóstolos e os mártires, e ainda assim hesitamos quanto às coisas do século futuro? Vemos suas vidas e tudo o que fizeram, e também de onde, segundo seu próprio testemunho, receberam eles a graça e a força, até para os milagres que fizeram depois de mortos. Vemos como os reis e os ricos veneram seus santos ícones. Vemos agora os fiéis levar a vida toda em ação de graças na virtude e na alegria espiritual, e vemos os ricos irritados e tentados muito mais do que os ascetas e os pobres. Podemos assim esperar que a virtude seja realmente a melhor coisa que existe.

Consideremos então como os infiéis, que ignoram a Deus, celebram no entanto a virtude, ainda que o homem que a pratica lhes pareça estrangeiro. Mesmo o adversário sabe respeitar a virtude. Pois se cremos que a virtude é boa, está claro que Deus, que criou a virtude e a deu a os homens, é bom. E se ele é bom, é também justo. Pois a justiça é uma virtude e por isso ela é boa. E, se Deus é bom e justo, certamente é por pura bondade que ele faz o que faz e o faz sempre, mesmo que isto não aparece aos maus. Nada entenebrece tanto quanto a malícia. Deus se revela na simplicidade e na humildade, não nos esforços, ele não se manifesta como pensam alguns que não têm experiência, mas pela contemplação dos seres, que são suas criaturas, e pela revelação dos mistérios nas sagradas Escrituras.

Esta é a recompensa da hesíquia e das outras ações no século presente, na espera de que no século futuro seja dado o que o olho

não viu, que o ouvido não escutou, o que não subiu ao coração do homem, aquilo que Deus preparou para os que o amam⁵⁵³, para os que abandonaram suas vontades por meio da paciência e da esperança nos bens futuros que almejamos descobrir pela graça e o amor pelo homem de nosso Senhor Jesus Cristo, a ele a glória, honra e poder pelos séculos dos séculos. Amém.

Sétimo Discurso

*Sétima dentre as letras é o Eta.
O presente discurso versa sobre a impassibilidade.
Esta nasce da esperança,
Ela é a fuga do mundo inteiro.
Assim sendo, ó Pai, abençoa este início.*

A ausência de paixões provém da esperança. Pois quem espera alcançar a riqueza eterna não faz mal em desprezar aquela que tem à mão, ainda que esta riqueza passageira possa lhe assegurar todo o conforto. Se a vida é dura e dolorosa, quem jamais será capaz de persuadir o homem racional a preferi-la ao invés do amor a Deus, que concede aos que o amam as coisas do tempo e da eternidade? Isto é não ser cego. A falta de fé, a má intenção, os maus hábitos, não poderão nos impedir de ver. Se crermos, seremos iluminados. Se a fé correta permitir ao homem receber um pouco da luz do conhecimento, ele se esforçará por destruir até o pior de seus hábitos. Se ele puser isto na sua alma, a graça agirá nele e com ele combaterá.

Pois disse o Senhor: “Poucos serão os salvos⁵⁵⁴”. Pois as coisas

⁵⁵³ Cf. I *Coríntios* 2: 9.

⁵⁵⁴ *Lucas* 13: 23.

visíveis parecem doces, mesmo que sejam amargas. O cão ferido que lambe sua ferida experimenta tamanha doçura que já não sente a dor, mesmo que esteja bebendo seu próprio sangue. Da mesma forma, o guloso que come o que prejudica sua alma e seu corpo não se dá conta do mal que faz a si mesmo. Todos os que estão submetidos às paixões sofrem assim de insensibilidade. Eles podem se corrigir, mas novamente são atraídos pelo hábito. Por isso o Senhor disse: “O Reino de Deus se obtém à força⁵⁵⁵”, não naturalmente, mas superando o costume das paixões. Pois se o Reino fosse forçado naturalmente, ninguém entraria nele.

Mas para quem o escolhe, o jugo do Senhor é doce e a carga é leve⁵⁵⁶. Para os outros, os que não o escolhem, a porta é estreita, a via dolorosa⁵⁵⁷ e o Reino tem que ser forçado⁵⁵⁸. Pois o Reino está próximo dos primeiros, está neles, eles o querem, eles querem desde já alcançar a impassibilidade. A vontade realiza ou impede a salvação, e nada além. Se você quer algo de bom, faça-o. Se não puder, decida-se por isto, e logo o terá, mesmo que não o tenha ainda. É assim que pouco a pouco o hábito trabalha por si só, seja para o bem, seja para o mal. Se não fosse assim, nenhum ladrão poderia jamais se salvar, mas na verdade, ao contrário, conhecemos inúmeros ladrões que foram cumulados de luz. Veja como é longo o caminho que separa o ladrão do santo. Mas onde o hábito nada pode, a decisão é mais forte.

Aquele que, pela graça de Deus, se dedica à piedade, ou aquele que é monge – o que o impede de se tornar como os ladrões? Eles estavam longe, ele está próximo. Com o auxílio da graça, ele já fez a maior

parte do caminho. Por vias naturais, ou por causa de seus pais, ele herdou a veneração a Deus e a piedade. Mas não é estranho que ladrões e profanadores de túmulos se tornem santos, e que monges sejam condenados? Pobre de mim! A confusão cobre meu rosto⁵⁵⁹. Os reis se tornam pobres, como Joasaf e outros semelhantes a ele. E o pobre já não pode seguir seu antigo caminho e entrar sem esforço no Reino dos céus por meio da impassibilidade nas coisas que ele não recebeu por herança de seus pais. Quando ele disse: “Eu renuncio”, ele de fato renunciou àquilo que ele não possuía (pois outro possui o mundo e o que está no mundo, enquanto ele próprio só tinha o poder de desejar). E quando ele renunciou, foi levado a possuir muitas coisas. Ele disse: “Eu não posso permanecer pobre nem suportar as tribulações”. Quais, digam-me? As prisões e os jugos que ele sofria antes de se tornar príncipe? Mas os que têm o poder e as riquezas também suportam estas coisas. Então quais? A privação das coisas necessárias, o despojamento, e as outras coisas que oprimem?

Mas não quero me alongar entrando em detalhes, nem denunciar os que já estão cobertos de opróbrio. Pois basta que tenhamos paixão por uma dessas coisas visíveis às quais renunciamos, para que nos cubramos de confusão e vergonha no século futuro, como Giezi e Judas⁵⁶⁰. Pois um desejou o que não possuía, e recebeu ao mesmo tempo a lepra e a queda para longe de Deus. O outro rejeitou o que tinha, depois tentou retomá-lo e herdou a perdição.

O que tem o monge de mais, se não é virgem nem pobre? Pois, quanto aos demais mandamentos, todos os homens devem segui-los. Eles são claros. Amar a Deus e ao próximo, suportar as tribulações, usar as coisas com naturalidade e se abster das más obras, é o que

⁵⁵⁵ *Mateus* 11: 12.

⁵⁵⁶ Cf. *Mateus* 11: 30.

⁵⁵⁷ Cf. *Mateus* 7: 14.

⁵⁵⁸ Cf. *Mateus* 11: 12.

⁵⁵⁹ Cf. *Salmo* 43 (44): 16.

⁵⁶⁰ Cf. *II Reis* 5: 26 e *Mateus* 26: 15.

devemos fazer mesmo que não o queiramos. Sem guardar estes mandamentos, ninguém, no século presente, pode encontrar o repouso. Pois as próprias leis castigam os que falham, e os príncipes forçam para manter a virtude, segundo o Apóstolo. “Não é em vão, disse ele, que ele traz a espada⁵⁶¹”. E também: “Você quer não temer a autoridade? Faça o bem, e ela o louvará⁵⁶²”.

Todos fazem e querem estas coisas, e quando não as imploram, pois elas são naturais. Mas a parte do monge é sobrenatural, por que ele combate por Cristo. É por isso que ele só pode descobrir sua glória se provar seus sofrimentos. Esta é, de resto, uma lei da natureza, da qual as coisas humanas dão testemunho. Não glorificamos os soldados do rei por aquilo que eles sofrem com ele? Não é cada um louvado neste mundo na medida de seu sofrimento? E não somos confundidos na mesma medida de nossa incapacidade? Não é aquele que está mais próximo do rei que usa as vestes mais parecidas com as dele? Do mesmo modo, não é quanto mais diferente a roupa que mais estranho ao rei é a pessoa? É assim que devemos ver as coisas, no que se refere ao nosso próprio Rei. Quanto mais sofremos com Cristo e imitamos sua pobreza, experimentando os sofrimentos e as injúrias que ele recebeu antes de ser crucificado por nós e sepultado, mais nos aproximamos dele e comunicamos com sua glória, conforme disse o Apóstolo: “Se sofremos com ele, seremos glorificados com ele⁵⁶³”.

Como podemos ignorar que tanto os soldados como os ladrões aguentam o mal e sofrem, apenas por pão? E que os viajantes e os marinheiros vivem tão longe de suas casas? E as penas que suportam outros homens, que não possuem a esperança do Reino dos céus?

⁵⁶¹ Romanos 13: 4.

⁵⁶² Romanos 13: 13.

⁵⁶³ Romanos 8: 17.

Muitas vezes eles sequer alcançam o objetivo pelo qual penaram. E nós, que pelo Reino dos céus e pelos bens eternos, recusamos o menor sofrimento? Sendo que esta busca nem chega a ser penosa, se a intenção é boa! Devemos considerar que a aquisição das virtudes não é pesada nem insuportável, mas sim uma alegria e um repouso por meio da esperança e da ausência de cuidados, e que uma involuntária honra se segue à virtude, pois mesmo o adversário sabe respeitá-la e admirá-la. Ela culmina na felicidade e na exultação. Mais ainda, é nela que a impassibilidade se mistura com a alegria, do mesmo modo como a vida material vivida em meio às paixões da infâmia é triste e pesada. Possamos nos livrar desta última e descobrir a vida imaterial e eterna pela impassibilidade que faz morrer o corpo para si mesmo em Jesus Cristo nosso Senhor, a quem devemos toda glória, honra e adoração, pelos séculos dos séculos. Amém.

Oitavo Discurso.

*Oitavo é este discurso, a letra Teta.
A impassibilidade engendra a morte das paixões.
Se um homem não chegou até aí por suas penas,
Ele não se libertou das paixões.
Assim sendo, ó Pai, abençoa este início.*

Por meio da contemplação, a impassibilidade está sempre atenta a Deus. Pois diante do sensível a impassibilidade suscita a contemplação do inteligível, não a contemplação dos seres aqui de baixo, mas a visão das coisas terríveis que precedem e se seguem à morte. A graça ensina o impassível. Ela o faz morrer às paixões por meio do luto, para que ele atinja a doçura dos pensamentos quando chegar o tempo propício.

Da fé nasce o temor, e do temor a piedade, ou seja, a temperança, a paciência do luto, a doçura, a fome e a sede de justiça e de todas as virtudes, a misericórdia de que falam as Beatitudes do Senhor⁵⁶⁴, a impassibilidade que faz morrer o corpo nos longos gemidos e nas lágrimas amargas do arrependimento e da tristeza, por meio dos quais a alma rejeita a alegria do mundo e o agitação dos alimentos. Pois ela começa a ver suas próprias faltas como a areia do mar. Este é o começo da iluminação da alma, o sinal de sua saúde. Pois enquanto não chegarmos neste ponto, as lágrimas, os pensamentos aparentemente divinos, a compunção e as coisas análogas podem muito bem fazer de nós motivo de riso e nos tornar presa dos demônios, sobretudo quando vivemos no meio dos homens e das distrações, por pequenas que sejam estas. Pois não é possível, a quem ainda experimenta as coisas sensíveis, superar as paixões.

E se respondermos a isto dizendo que os antigos tinham as duas coisas, tenhamos em mente que de fato as tinham, mas que a nada usavam com paixão. Quando tomavam suas mulheres e não as conheciam senão depois de muitos anos, como está escrito no Antigo Testamento a respeito da genealogia dos homens, fica claro que tê-las ou não tê-las não lhes fazia diferença alguma. O mesmo acontece com Jó e os outros justos. Também Davi era rei e profeta. E Salomão, durante um tempo. Ele próprio dizia que Deus concedeu aos filhos dos homens a má tentação de se distraírem com a vaidade⁵⁶⁵, para que eles não se inclinem para o pior. É o que nos ensina a própria natureza das coisas. Pois se alguns, jogados às miríades das distrações, encontram ocasião de fazer o que é injusto, quanto mais não fariam se nossa vida não fosse distraída! Que este homem, assim, viva na distração. Pois mais vale ser atirado às más

distrações, ser privado das coisas e dos pensamentos divinos, do que fazer outras coisas más piores ainda do que estas.

Aquele que, pela graça de Deus, alcançou um conhecimento parcial e pode conceber as coisas terríveis que precedem e se seguem à morte, suscitadas pela desobediência, não deve abandonar tais pensamentos nem as obras que o conduzem à total hesíquia e à ausência de cuidados. Ele não deve se deixar distrair na vaidade. Pois, “vaidade das vaidades, tudo é vaidade⁵⁶⁶”. E João Damasceno acrescenta: “Verdadeiramente o universo é vaidade, a vida é sombra e sonho. Todo homem se agita em vão⁵⁶⁷, diz a Escritura. É evidente: que maior vaidade existe do que este fim na podridão e no pó?”.

É por isso que a impassibilidade faz morrer, não o intelecto, mas o corpo, longe de seu movimento inicial em direção às delícias e ao repouso. Pois a vontade da carne é o repouso, por pequeno que seja. e a alma se entristece com isto, se percebe em si mesma uma obra ou um conhecimento espiritual. Mas se ela própria é carne, o Espírito de Deus não permanece nela⁵⁶⁸. A partir daí ela não se satisfaz com nenhuma boa obra, mas se esforça por cumprir as vontades do corpo e das paixões que nelas residem e, recebendo com isto trevas sobre trevas, apressa-se cada vez mais em viver na mais total ignorância. Mas quem tem em si luz suficiente para distinguir suas próprias faltas não cessa de se lamentar por si mesmo e por todos os homens, percebe a imensa paciência de Deus e também quantas faltas, pobres de nós, cometemos desde o começo e continuamos a cometer sempre e sempre. Este homem se torna grato e já não ousa condenar a ninguém, confundido que se vê diante de quantidade das benesses de Deus e das nossas faltas. A partir daí ele abandona com alegria toda

⁵⁶⁴ Cf. *Mateus* 5: 3-12.

⁵⁶⁵ Cf. *Eclesiastes* 1: 13.

⁵⁶⁶ *Eclesiastes* 1: 2.

⁵⁶⁷ *Salmo* 38 (39): 12.

⁵⁶⁸ Cf. *Gênesis* 6: 3.

vontade própria e tudo o que não provém da graça de Deus e passa a vigiar seus sentidos para que ele não façam nada contra o necessário uso das coisas, como disse o Profeta: “Senhor, meu coração não se inflou, meus olhos não se levantaram”⁵⁶⁹.”

Este homem deve se manter atento, depois de haver atingido semelhante altura, para que não ocorra a ele, por negligência ou autossuficiência, aquilo que aconteceu ao profeta, para que não venha a se arrepender como ele. Pois mesmo os mais justos são presa do pecado. Mas o arrependimento não está ao alcance de todos. Com efeito, a morte está próxima e antes dela o desespero. É melhor não cair, e, caindo, é melhor se levantar. Se nos acontecer cairmos, convém não desesperar, não se subtrair ao amor do Mestre pelos homens. Pois se ele quiser, terá piedade além de nossa própria fraqueza. Não o deixemos. Não nos atormentemos se formos forçados pelos mandamentos, nem nos desencorajemos se não chegarmos a lugar algum. Aprendamos que mil anos são como um dia diante do Senhor, e que um dia é como mil anos⁵⁷⁰. Não nos apressemos, não nos dobremos, mas recomeçemos sempre. Se você caiu, levante-se; se caiu de novo, levante-se novamente⁵⁷¹. Mas não abandone o médico. Pior do que um suicida, você será condenado pelo desespero. Permaneça próximo dele e ele lhe terá misericórdia, seja por meio do retorno, por meio da tentação, ou por qualquer outro caminho da providência que você hoje ignora.

Pois o diabo costuma dominar a alma quando nela encontra a alegria e a presunção, a tristeza e o desespero, a depressão, a total inércia, ou coisas e pensamentos que inoportunos e contra o bom uso, ou a

cegueira e a aversão irrefletida por todos os seres. Numa palavra, qualquer que seja a matéria que ele encontra em cada alma, ele dela se apodera de tal maneira que ela já não presta para nada, ainda que ela seja boa e agrade a Deus se for bem conduzida pelos que são capazes de julgar as coisas e encontrar o objetivo oculto de Deus no meio das seis paixões que o cercam, as de cima e de baixo, da direita e da esquerda, de fora e de dentro. Pois a ação em conformidade com Deus, assim como o conhecimento, possui um objetivo bom no coração das seis paixões que lhe são contrárias.

É por isso que, como nos pede santo Antônio⁵⁷², em todas as coisas devemos consultar, não qualquer pessoa, mas apenas aquelas que possuem o carisma do discernimento. Se faltar a experiência a ambos, cairão ambos na fossa⁵⁷³ como no exemplo do Evangelho. Pois sem o discernimento nada se faz de bom. Pois se uma coisa parece boa aos ignorantes, eles não veem se ela foi feita contra o bom uso, ou inoportunamente, ou desmesuradamente, ou à força pelo homem, ou sem seu conhecimento, ou por qualquer necessidade outra. Quem possui o carisma do discernimento o recebeu por sua humildade. É por isso que a tudo ele conhece por sua graça, e, chegado o momento, ele adquire a clarividência.

O luto e a paciência engendram assim tanto a esperança como a impassibilidade, por meio das quais morremos para o mundo. E se perseverarmos como se deve, se não desesperarmos vendo por toda parte os tormentos e a morte, se soubermos que tudo são provas e iluminação, se não tivermos a audácia de pensar que alcançamos a justa medida, se tivermos sempre nos olhos as lágrimas da tristeza, então conseguiremos ver com clareza os santos sofrimentos do Senhor, recebendo dele um grande consolo e poderemos nos

⁵⁶⁹ *Salmo* 130 (131): 1.

⁵⁷⁰ Cf. II *Pedro* 3: 8.

⁵⁷¹ Cf. *Provérbios* 24: 16; *Miquéias* 7: 8; *Sentenças dos Padres do Deserto*, Sisoés, 38.

⁵⁷² *Sentenças dos Padres do Deserto*, Antônio, 37.

⁵⁷³ Cf. *Mateus* 15: 14.

considerar abaixo de todos os seres. Pois sentiremos em nós todo o bem que pode nos fazer a graça de Deus. A ele a glória e o poder por todos os séculos dos séculos⁵⁷⁴. Amém.

Nono Discurso.

*Eis o Iota e o nono discurso,
Sobre os santos sofrimentos de Cristo.
Da lembrança da morte e das faltas
Nascem muitas lágrimas para aqueles que trabalham.
E por meio das lágrimas podemos trazer no intelecto
A Paixão de Cristo e de seus santos.
Assim sendo, ó Pai, abençoa este início.*

Para que ninguém pense estar fazendo uma grande coisa ao se dedicar à ascese, com todos os seus gemidos e todas as lágrimas de seu corpo, nos foi dado o conhecimento dos sofrimentos de Cristo e de todos os santos. Quem os concebe se sente derrubado, ao mesmo tempo em que se maravilha e se despoja a si próprio na ascese, reconhecendo sua própria fraqueza ao contemplar tantas e tão incontáveis provações. Como suportaram os santos com alegria tais tormentos? E quantos sofrimentos não conheceu por nós o Senhor?

Assim se ilumina o homem no conhecimento daquilo que viveu e daquilo que disse Cristo. Assim ele compreende agora todas as palavras do Evangelho. E tanto ele se lamenta amargamente em sua tristeza, quanto se alegra em espírito em ação de graças, não por considerar que sejam boas as suas obras – pois isto seria presunção – mas por se saber grande pecador, a quem foi concedida tamanha contemplação. Daqui para frente ele se humilha por palavras e obras,

por meio das sete ações de que falamos, pela ação moral que é a obra da alma, e pela guarda dos cinco sentidos e dos mandamentos do Senhor. Ele não vê nisto nenhuma boa obra, nada que mereça recompensa. Antes, vê uma dívida que não tem esperança alguma de poder quitar, tantos e tais conhecimentos lhe foram concedidos.

Pois ele fica como quem é transportado pelo arrebatamento do sentido das palavras que lê e canta. Levado por este prazer, ele esquece, apesar de si mesmo, seus pecados, e começa a chorar de alegria, provando a doçura do mel. Mas logo ele se recolhe, por medo de se enganar e de se deixar levar inoportunamente. Ele se lembra de como vivia antes e derrama lágrimas amargas. Assim ele avança, entre a doçura e o amargor de suas lágrimas, se estiver atento, se em tudo receber o conselho de alguém experiente, se se prosternar diante de Deus inteiramente mergulhado na prece pura que convém ao monge ativo, recolhendo seu intelecto na lembrança de Deus, longe de tudo o que sabe ou ouviu, e se buscar apenas uma coisa: que se faça a vontade de Deus⁵⁷⁵ em todas as suas ações e em todos os seus pensamentos.

Mas se ele imaginar que vai contemplar a aparição de um santo, de um anjo ou do próprio Cristo, cairá na ilusão. Pois ele ignora que aquele que busca ver a Cristo não deve procurá-lo do lado de fora, mas em si mesmo, imitando sua vida no mundo e guardando seu corpo e sua alma longe do pecado, como o fez Cristo. Seu intelecto deve pensar todo o tempo em Cristo. Ter em espírito uma forma, uma cor, ou qualquer outro pensamento, durante a oração, não é bom. Para falar a verdade, é prejudicial. Pois o intelecto deve se colocar no lugar de Deus, como afirma são Nilo⁵⁷⁶ citando o Salmista que diz: “Seu lugar é a paz”. A paz é a ausência de

⁵⁷⁴ II Pedro 4: 11.

⁵⁷⁵ CF. Mateus 6: 10.

⁵⁷⁶ Evagro, *Sobre a Oração*, citando o Salmo 75 (76): 3.

pensamentos, sejam bons ou maus. Pois, dizia ele, se o intelecto percebe o que é sensível, ele não está apenas em Deus, mas está em si mesmo⁵⁷⁷. É evidente: o divino é infinito, sem limite, sem forma nem cor. Quem afirma estar diante de Deus, e só dele, não pode ter em si nem forma, nem cor, nem figura, nem nada que possa distraí-lo. Fora disto, tudo é ilusão demoníaca. Por isso devemos estar atentos a não termos em nós nenhum pensamento, seja bom ou mau, sem interrogar os que têm experiência, por que ignoramos tanto um quanto outro. De fato, os demônios tomam todas as formas que quiserem, todas as aparências que o intelecto humano deseja ver, e mesmo este de transforma e se colore à imagem das coisas que recebe. Os demônios fazem isto para nos levar ao erro. E nosso intelecto se perde no projeto insensato de atingir por si só a perfeição.

Tanto quanto possível, devemos levar o intelecto a se aplicar às coisas de Deus. Esta é a obra das sete ações do corpo e das oito contemplações do intelecto, que são os conhecimentos. As três primeiras, conforme vimos, lembram os santos sofrimentos do Senhor, aos quais devemos nos ligar sempre e chorar por sua alma e as dos irmãos, lembrando as infelicidades nas quais desde a origem mergulhamos por nossa transgressão, todos os sofrimentos diante dos quais a natureza desabou. Cada um deve aqui suas próprias faltas e as tentações que lhe são oferecidas para que se corrija. A seguir, cada um deve ver a morte e as coisas terríveis que aguardam os pecadores depois dela. Assim arrasada, a alma se volta para o luto. Ela clama, ela se humilha para não ser levada ao desespero por todas estas visões aterrorizantes, mas também para não pensar que alcançou a obra espiritual, para, sim, permanecer no temor e na esperança, neste estado a que chamamos também de doçura dos pensamentos. Esta doçura, esta mansidão, conduz o intelecto ao

⁵⁷⁷ *Ibid.*, 120.

conhecimento e ao discernimento. É o que disse o Profeta: “Ele conduzirá os mansos ao julgamento⁵⁷⁸”, ou antes, ao discernimento, àquilo que o Profeta denomina conhecimento e piedade⁵⁷⁹.

Mas assim como o simples nome de piedade abarca numerosas obras, também o conhecimento, que não tem senão um nome, é na realidade um conjunto de conhecimentos e contemplações. Com efeito, o princípio da ação corporal reside no conhecimento. Sem o conhecimento, ninguém tem como fazer o bem. Até o final da adoção, ou seja, até a ascensão do intelecto aos céus em Cristo, o conhecimento também se chama contemplação. Mas esta vem antes do esforço, para levar a obra ao bom final; o outro vem depois da fé, a fim de se guardar, como por um muro, pelo temor. E ainda: o conhecimento e a obra das virtudes da alma têm como objetivo preparar e cultivar as plantas do Paraíso.

Possam assim o conhecimento do intelecto e sua obra espiritual – sua atenção e a conduta da alma – fazer com que o operário dos mandamentos trabalhe e vele ciosamente. Pois é por meio deles que cuidamos das plantas, e por meio deles age a providência divina. Eles são como o sol, a chuva, o vento, o crescimento, sem os quais todo o esforço do trabalhador é vão, ainda que ele aja com a razão. Pois sem o impulso do alto, é impossível fazer o que quer que seja de bom. Nem o impulso nem a graça descem sobre aquele que não está resoluto, disse o divino Crisóstomo⁵⁸⁰. Com efeito, todas as coisas desta vida são duplas: ação e conhecimento, resolução e graça, temor e esperança, combate e recompensa. Mas não é possível alcançar as segundas sem antes passar pelas primeiras. Aquelas podem até nos aparecer, mas são ilusórias. Se alguém, ignorante das

⁵⁷⁸ *Salmo* 24 (25): 9.

⁵⁷⁹ *Cf. Isaías* 11: 2.

⁵⁸⁰ *Homilias sobre são Mateus* LXXXII, 4.

coisas da natureza, vê uma flor e a toma por um fruto, tentará logo colhê-la. Mas não sabe que, ao colher o que lhe aparece primeiro, ele perderá o fruto. O mesmo acontece aqui. Não é a presunção que faz ser aquilo que presumimos, disse são Nilo⁵⁸¹. E é por isso que devemos sempre permanecer em Deus, e fazer tudo com discernimento.

O discernimento vem quando interrogamos com humildade, acusando a nós próprios e envergonhados daquilo que pensamos e fazemos. Pois o diabo tem a forma de um anjo de luz⁵⁸². Não devemos nos espantar: mesmo os pensamentos que nos vêm dele parecem sempre visões de justiça aos que não têm experiência. A humildade é a porta da impassibilidade, disse João Clímaco⁵⁸³. E a matéria da impassibilidade é a mansidão, segundo o grande Basílio. Pois a mansidão torna o homem sempre igual a si mesmo, tanto na dificuldade quanto na facilidade das coisas e dos pensamentos. Nem a honra, nem a desonra o alcançam. Ele recebe com alegria o agradável e o desagradável, e não se perturba, como a virgem de quem falou santo Antônio: “Um dia, em que me encontrava sentado junto do *abba* N., um virgem veio dizer ao ancião: ‘Eu jejuo seis dias por semana e a cada dia eu leio o Antigo e o Novo Testamento’. O ancião lhe respondeu: ‘A pobreza e a abundância são para você a mesma coisa?’. Ela disse: ‘Não’. – ‘A desonra e os elogios?’ – ‘Não, *abba*.’ – ‘Os inimigos e os amigos?’ – ‘Não.’ Então o sábio ancião lhe disse: ‘Vá. Trabalhe. Você ainda não tem nada’⁵⁸⁴”. Ele tinha razão. Se ela jejuava tanto, ao ponto de não comer mais do que um dia por semana, e ainda assim bem pouco, não deveria ela considerar

a pobreza igual à abundância? Como lia ela todos os dias o Antigo e o Novo Testamento, e não aprendera ainda a humildade? Não possuindo nada nesta vida, não deveria ela amar a todos os homens? Se ela tivesse inimigos, não deveria ter aprendido, depois de tantas penas a vê-los como seus amigos? O ancião fez, portanto, bem ao dizer-lhe: “Você não tem nada”.

Mas a partir do momento em que não encontra o que busca, a alma se expõe a uma grande condenação. É o que disse João Crisóstomo a respeito das cinco virgens tolas⁵⁸⁵: elas tiveram força para viver a mais pesada ascese, a virgindade sobrenatural, mas não puderam guardar a compaixão, que era muito mais leve, coisa que mesmo os gregos e os infiéis fazem com naturalidade até hoje. Quem não sabe o que buscar se esforça em vão. “Vocês devem fazer isto, disse o Senhor, sem esquecer o resto⁵⁸⁶”. A ascese é boa, mas é preciso que o objetivo seja justo. Devemos considera-la não como uma obra, mas como a preparação para uma obra, não como o fruto, mas como a terra que pode, com o tempo, o esforço e Deus, nutrir as plantas das quais advirá o fruto, a purificação do intelecto e a união com Deus. A ele a glória pelos séculos dos séculos. Amém⁵⁸⁷.

Décimo Discurso.

*Eis a décima letra, Kapa, e o discurso
Sobre a humildade de Cristo.
Não ter cuidado algum por nada,
Mas apenas trabalhar sobre si mesmo,
É o que deve sempre fazer a alma*

⁵⁸¹ Trata-se na realidade de uma citação bastante livre de Máximo o Confessor, *Sobre o Amor* III, 81.

⁵⁸² Cf. II *Coríntios* 11: 14.

⁵⁸³ *A Escada Santa* IV, 78.

⁵⁸⁴ *Sentenças dos Padres do Deserto*, anônimo 1518.

⁵⁸⁵ *Homilias sobre são Mateus* LXXXVIII, 1.

⁵⁸⁶ *Mateus* 23: 23.

⁵⁸⁷ *Romanos* 11: 36.

*Com toda a sua força.
Assim sendo, ó Pai, abençoa este início.*

Ainda que todo o mundo o combata e o ultraje, no fundo o humilde não cessa de condenar a si próprio, a fim de não só ser salvo mesmo não querendo, como os que têm paciência, mas também para se encaminhar voluntariamente para os sofrimentos de Cristo. É por meio destes que este homem aprende a maior de todas as virtudes, na qual habita o Espírito Santo. Pois ela é a porta do Reino, a porta para a impassibilidade. Quem passa por ela chega até Deus. Sem ela, o esforço é vão e o caminho difícil. Mas ela traz repouso a quem a tem em seu coração, pois então é Cristo que habita nele. Por meio dela permanece a graça e são guardados os carismas. Ela nasce de muitas virtudes: da obediência, da paciência, da despossessão, da pobreza, do temor a Deus, do conhecimento e de muitas outras, e, em especial do discernimento, que ilumina as fronteiras do intelecto.

Mas que ninguém pensa que é possível se tornar humilde sem mais aquela. A humildade é coisa sobrenatural. Podemos dizer que o carisma é grande na mesma medida em que a dificuldade é profunda. Ele exige muita prudência e paciência diante das tentações e dos demônios que nos são contrários. Pois a humildade supera todas as suas armadilhas. A humildade provém do conhecimento, e este vem das tentações. A quem se conhece, é dado o conhecimento de tudo. A quem se submete a Deus, tudo está submetido⁵⁸⁸, uma vez que a humildade reina em seus membros.

Pois é justamente por intermédio das tentações, e pela paciência com que as suportamos, que adquirimos experiência. A partir daí podemos conhecer nossa própria fraqueza e o poder de Deus. Compreendendo nossa própria fraqueza e nossa ignorância,

entendemos também que sabemos agora o que antes ignorávamos. Pois assim como antes ignorávamos estas coisas sem saber que as ignorávamos, também hoje existem muitas outras coisas cujo conhecimento poderemos obter a partir de agora. É o que disse o grande Basílio: “Se não experimentamos determinada coisa, não podemos saber do que estamos sendo privados. Mas quem provou do conhecimento sabe em parte que ignora. O conhecimento se torna assim para ele uma fonte de humildade”. E também: “Quem conhece a si mesmo e sabe que é uma criatura mutável, não se orgulha mais de nada”. Tudo o que ele possuir, pertencerá Àquele que o criou. Ninguém elogia um instrumento por se fazer a si mesmo com perícia, mas elogiamos a quem o fez. E se o instrumento se perde culpamos a quem o perdeu, não ao artesão que o fez.

E se o instrumento for dotado de razão, é preciso que ele seja livre. Para tudo o que é do bem, o Criador é responsável pela criação; mas no que tange à queda e à perdição, é da escolha da criatura livre. Assim como é cumulado de louvor pela graça aquele que permanece imutável, também é condenado quem recolhe em si a malícia da serpente. Pois o louvor não vai para quem recebe os dons, mas deve ser dirigido com ação de graças àquele que os concedeu. Quem é louvado pode sê-lo pela graça, por ter em sua resolução recebido o que não possuía, mas também, o que é mais comum, por se mostrar reconhecido para com seu Benfeitor. E se não for assim, não apenas ele será desqualificado do louvor como ainda será condenado por sua ingratidão. Portanto, que ninguém, com impudência, ouse dizer que não recebeu gratuitamente. E quando, por malícia, alguém rouba o elogio, quando se vangloria de ter atingido a hesíquia, quando condena aos que aparentemente não fazem como ele, é ele próprio quem oferece a si mesmo a riqueza que crê possuir, mas que não recebeu pela graça.

⁵⁸⁸ Cf. I Coríntios 15: 28.

E se este homem dá graças ao Doador, mas o faz como o fariseu⁵⁸⁹, dizendo a si mesmo: “Eu lhe dou graças por que sou isto ou aquilo”, o Evangelista, ou melhor, Deus, que conhece os corações, tem boa razão em dizer que ele falava para si mesmo e não para Deus, embora com sua boca ele parecesse falar a Deus. Ora, Aquele que conhece sua alma orgulhosa afirma que ele não falava a Deus, mas que, em pé, o fariseu falava consigo mesmo. Quando a Escritura diz estas coisas, e muitas outras semelhantes, não é, declara João Crisóstomo, para colocar uma palavra em lugar de outra ou para tagarelar, mas para que a palavra se imprima nos corações dos que a ouvem. Em seu desejo, o Salmista não queria se deixar perder pelas palavras, como os que não provaram de sua doçura e chegam até a sapatear com todo seu desagrado para se liberar de sua carga. Trarão jamais estes homens em si o bom fruto das divinas Escrituras, ou apenas a condenação e a cegueira do intelecto por terem aberto a porta aos demônios que os combatem? O Senhor disse: “Se isto é feito aos ramos verdes, que sucederá aos ramos secos?”⁵⁹⁰. E: “Se o justo pena para ser salvo, em que situação ficará o ímpio e o iníquo?”⁵⁹¹. Quando vemos os demônios combatendo os que têm todo seu intelecto voltado para a memória de Deus, além de toda matéria e de toda forma, e que se não vier Deus em seu auxílio para que se mostrem humildes, suas preces não conseguem se elevar e se tornam vazias, que faremos nós então, infelizes que com nossas bocas sequer falamos ao espaço, para que Deus, no final de sua misericórdia e vendo nosso reconhecimento, se incline sobre nossa ignorância e nossa fraqueza?

⁵⁸⁹ Cf. *Lucas* 18: 9-14.

⁵⁹⁰ *Lucas* 23: 31.

⁵⁹¹ *Provérbios* 11: 31; *I Pedro* 4: 18.

A respeito do fato de que os demônios combatem também os perfeitos, escutemos o que disse são Macário: ninguém é perfeito no século presente, uma vez que o que recebemos aqui não são garantias. Ele cita o exemplo de um irmão que orava com os demais quando foi arrebatado em seu intelecto ao céu, onde viu a Jerusalém celeste e as moradas dos santos. Ao descer, porém, ele caiu da virtude e foi reduzido à total perdição, por se ter vangloriado do que lhe acontecera, ao invés de considerar que daí por diante se tornara ainda mais devedor por ter sido considerado digno de atingir tamanha altura, ele que era indigno e pó por natureza⁵⁹².

O mesmo disse ainda: “Eu conheci muitos homens e eu próprio tive a experiência das coisas de Deus. Eu estive lá. E sei perfeitamente que aqui em baixo ninguém é perfeito. Ainda que alguém se torne totalmente imaterial, ainda que praticamente se una a Deus, o pecado estará sempre por perto, e não desaparecerá inteiramente jamais antes da morte”⁵⁹³.

Referindo-se a um irmão, são Nilo disse: “Ele orava, mas, para seu bem e o bem de muitos outros, Deus permitiu que ele fosse entregue aos demônios. Estes o tomaram pelas mãos e os pés, o atiraram ao espaço, e o amparavam sobre seu lençol quando caía, para não ferir seu corpo. Eles fizeram isto muitas vezes, mas não foram capazes de fazer descer dos céus seu intelecto”⁵⁹⁴. Um homem como este, percebe ele o alimento? Terá ele necessidade da salmodia e da leitura? Nós, ao contrário, precisamos de tudo isso por causa da fraqueza de nosso intelecto, mesmo que não o queiramos admitir. Se tamanho santo foi combatido, como podemos nós negligenciar o combate? Os santos, com sua humildade, se protegem das

⁵⁹² Macário o Egípcio, *Paráfrase* 82.

⁵⁹³ *Ibid.* 95.

⁵⁹⁴ Evagro, *Sobre a Oração* 111.

armadilhas do diabo, enquanto nós nos vangloriamos de nossa ignorância. Grande é a ignorância, de fato, quando nos vangloriamos daquilo que não somos. “Que possui você, está dito, que não tenha recebido gratuitamente de Deus ou pelas orações de outros? E, se você o recebeu, por que se vangloria como se não tivesse recebido, como se o tivesse feito por si próprio?”, disse o abade Cassiano⁵⁹⁵.

Assim é que a humildade nasce do conhecimento. E este engendra o discernimento, do qual provém a clarividência, à qual o Profeta chama de conselho⁵⁹⁶, que vê as coisas em sua natureza. Então o intelecto morre para o mundo, pela contemplação das criaturas de Deus. A ele a glória pelos séculos dos séculos. Amém⁵⁹⁷.

Décimo-primeiro Discurso

*Onze são os discursos, e o décimo primeiro é o Lambda.
A humildade engendra o discernimento
Da natureza das criaturas sensíveis.
Assim sendo, ó Pai, abençoa este início.*

É sempre bom perguntar, em tudo; mas é preciso perguntar a quem tem experiência. O contrário é perigoso. Pois quem não tem experiência não tem discernimento. O discernimento conhece o tempo, os usos, o estado do homem, a medida, o poder, o conhecimento e a intenção daquele que interroga, além do objetivo de Deus e ainda cada palavra da Escritura, e muitas outras coisas. Quem não tem discernimento pode eventualmente ser muito esforçado, mas dificilmente tem sucesso em algo. Mas se encontrar

alguém que de fato possui o discernimento, esta pessoa será para ele um guia na escuridão, uma luz para quem está nas trevas⁵⁹⁸. Devemos nos remeter a ela em todas as coisas, e acolher o que vem dela, mesmo que eventualmente, por falta de experiência, não a vejamos como gostaríamos.

Entretanto, podemos reconhecer o que tem experiência por que ele consegue fazer entender àqueles que se recusam ou que não querem. Pois o espírito sonda, e as coisas divinas se revelam. Elas então podem forçar a crer o intelecto que não o deseja, como aconteceu com Jonas, Zacarias e Davi o ladrão, a quem o Anjo impediu de falar fora do canto litúrgico. Talvez não houvesse então ninguém daquela geração que estivesse em condição de discernir, por que faltava a esta a humildade que gera o discernimento. Segundo o Apóstolo, devemos nos esforçar para orar por cada um de nossos gestos⁵⁹⁹. Se nossas mãos não são santas, se não temos a pureza da alma e do corpo, esforcemo-nos para no mínimo sermos sem ressentimentos e sem maus pensamentos. É o que disse o Apóstolo: precisamos erguer aos céus mãos santas, sem cóleras nem disputas⁶⁰⁰. Se acharmos que determinada coisa é dedicada a Deus, façamo-la sem paixão. Mesmo que ela não nos pareça especialmente boa, a graça, por causa da nossa ignorância e do objetivo de Deus, a tornará boa quando a realizarmos. Sofremos mas fazemos a vontade de Deus, é o que está escrito. E isto, necessariamente, só pela bondade de Deus.

Mas onde está a vontade própria e não a vontade divina, onde reside o orgulho, Deus não abençoa nem revela seu conselho, para que não sejamos condenados por antecipação por conhecermos e não praticarmos. Pois aquilo que Deus nos dá e aquilo que ele guarda de

⁵⁹⁵ Sobre os oito pensamentos de malícia, 8.

⁵⁹⁶ Cf. Isaías 11: 2.

⁵⁹⁷ Romanos 11: 36.

⁵⁹⁸ Cf. Romanos 2: 19.

⁵⁹⁹ Cf. Tiago 5: 16 (referência não encontrada).

⁶⁰⁰ Cf. I Timóteo 2: 8.

nós, ele o faz pelo nosso bem, mesmo que, como crianças, o ignoremos. Ele não envia seu Espírito Santo a quem não purificou a si mesmo das paixões por meio das ações do corpo e das ações morais, a fim de que não receba o Espírito Santo quem ainda é culpado por sua inclinação habitual às paixões. Mas quando perseveramos na ascese, quando começamos por purificar o corpo de todos os pecados ativos – tantos os maiores como os menores –, quando a seguir purificamos nossa alma de toda concupiscência, de todo arrebatamento, quando engajamos toda nossa vida nos bons hábitos, sem fazer nada que passe pelos cinco sentidos e que vá contra a vontade do intelecto, quando não consentimos em nada disto no homem interior e conseguimos nos submeter a nós mesmos, então também Deus submete tudo a nós, pela graça do Espírito Santo, por meio da impassibilidade.

Pois em primeiro lugar é necessário que o homem se submeta à lei de Deus. Ser racional, ele deve submeter o que tem à mão, de modo a que o intelecto possa reinar tal como foi feito no começo, e que ele se torne assim um reino sábio e casto, viril e justo. Pela doçura do desejo ele aplaca o ardor, enquanto apazigua o desejo pela rudeza do ardor. Ele sabe ser rei, um rei que conduz todos os seus membros segundo a ordem de Deus, e que já não é como antes presa do esquecimento e da ignorância. A partir daí, consagrado a Deus, ele se torna clarividente, começa a prever as armadilhas que o diabo lhe prepara, as coisas que ele esconde e trama para perdê-lo.

Ele ainda não vê o porvir, como os Profetas, pois isto é sobrenatural e concedido apenas para o bem comum. A própria clarividência é sobrenatural. Sob o império das paixões ela aparece como que coberta de trevas, ainda que o intelecto esteja purificado. Por meio da humildade, a graça vem abrir os olhos da alma que o diabo cegara. Assim o homem começa a ver as coisas na sua natureza. Ele

já não é seduzido como antes pela visão exterior. Este homem vê sem paixão o ouro, a prata e as pedras preciosas, ele já não se perde, já não faz comparações apaixonadas, mas sabe que essas coisas provêm da terra como qualquer outra matéria do mundo, como dizem os Padres. Ele vê o homem, e sabe que ele veio da terra e retornará para a terra⁶⁰¹, mas não se detém neste pensamento. Pois todos os homens sabem disto por experiência, mas são tiranizados pelas paixões e pelas coisas que elas arrastam consigo.

Se, por presunção, alguém crê poder ver as coisas na sua natureza sem antes passar pelas penas e pelas virtudes, isto não é de espantar. Pois a presunção torna cegos os que imaginam ver e leva os insensatos a se vangloriar em vão. Pois se fosse fácil ver as coisas em sua natureza apenas pelo pensamento, o luto e a purificação que este engendra seriam supérfluos, o mesmo acontecendo com as inúmeras formas de ascese, com a humildade, com a graça que vem do alto e com a impassibilidade. Ora, não é isto que acontece, senão o contrário. Muitas vezes a facilidade é concedida aos que são mais simples, àqueles que possuem um intelecto livre das coisas e malícias do mundo, assim que são submetidos a um Pai espiritual experiente. Ela também pode ser concedida, segundo os antigos, por uma economia da graça, antes mesmo que eles saibam qual a sua direita e qual a sua esquerda, como disse Salomão⁶⁰². Mas é impossível sujeitar as paixões desde a tenra idade, combater resolutamente pela ascese toda malícia e toda fraude, libertar-se dos males e adquirir a visão, sem esforço e tempo, e sem a graça de Deus.

Enquanto aguardamos, devemos amar a aquisição das virtudes e a ela nos agarrarmos ardentemente por palavras e obras. Mesmo então,

⁶⁰¹ Cf. *Gênesis* 3: 19.

⁶⁰² Cf. *I Reis* 3: 7.

muitas vezes nossos esforços de nada servem. Pois ou bem não suportamos as tentações até o fim, ou bem ignoramos o caminho e o objetivo, por preguiça, por infidelidade ou por tantas outras coisas inumeráveis. Isto posto, se depois de tanto tempo ainda resvalamos em coisas que ultrapassam as medidas, como ousamos dizer que alcançamos a beleza original? Não estamos mergulhados no erro pela própria autocomplacência e perdição secreta? Pois assim como a vergonha de si mesmo constitui um progresso oculto que nos leva ao bom caminho e do qual não temos consciência, também a presunção e a autocomplacência constituem uma perdição secreta, por que voltamos a traz sem nos darmos conta. É evidente: numa alma vã, as paixões purificadas pela graça retornam sempre. É o que diz o Senhor: “Quando o espírito impuro se vai⁶⁰³”, etc. Por quê? Por que o lugar de onde ele saiu não tinha nem obra espiritual nem humildade. Quando outros males afluem de novo, ele retorna toda da sujeição que o segurava e refaz sua morada. Que aquele que possa compreender, compreenda.

A palavra de Deus não pretende atirar todas as coisas na claridade, nem tudo abandonar na obscuridade: ela simplesmente faz o que é bom. É uma grande coisa que Deus nos faz, diz João Crisóstomo, que certas passagens da Escritura sejam claras e outras obscuras. Por meio de umas chegamos à fé e ao fervor, quando uma total ignorância poderia nos fazer cair na descrença e na indiferença. Por meio das outras nos aturamos às buscas e ao esforço, nos libertamos do desespero e encontramos a humildade, por não as podermos compreender por nós mesmos.

Se assim tomamos consciência daquilo que nos é dado, recolhemos os frutos tanto de umas como de outras: a humildade e o desejo de Deus. A quinta contemplação, de que se trata aqui, nos dá esta

⁶⁰³ *Mateus* 12: 43.

certeza: a obra pode nos fazer ver as criaturas sensíveis, o discernimento pode nos revelar os pensamentos, e nenhuma ilusão pode nos deixar na ignorância. Mesmo sendo passionais como somos, nada mais podemos contra o objetivo divino, nem podemos consentir nos pensamentos. Ainda que estivéssemos à morte, pelas palavras e obras não nos afastaríamos do objetivo divino. Isto é o que é afirmado a respeito da finalidade do conhecimento.

Quanto ao início, o discípulo está necessariamente longe de tudo. Ele foi vencido, senão pela obra, ao menos pelo hábito. Ele logo escorrega pisando em falso, Deus permitindo, mas se ergue em seguida com mais humildade. Dali a pouco toma uma atitude orgulhosa, por pura presunção. Ele tem que aprender que a graça que o instrui⁶⁰⁴ o ensina a se humilhar, a conhecer de onde ele recebe a força e a ciência que nos impedem de persuadir a nós mesmos, como está dito, e nos confiar Àquele que nos levanta⁶⁰⁵.

Isto é o que acontece aqui. Se perseverarmos sem orgulho, sem nos desviarmos da virtude, nos liberaremos da morte do corpo e das coisas para penetrarmos no conhecimento dos seres. Pois então, como disse o Apóstolo, o homem é crucificado⁶⁰⁶. Ele é crucificado em seu corpo pelas ações do corpo, e em sua alma pelo trabalho da alma.

Possa ele ser assim sepultado⁶⁰⁷ pela morte dos sentidos e do conhecimento natural e ressuscitar em seu intelecto pela impassibilidade em Cristo Jesus nosso Senhor⁶⁰⁸. A ele a glória e o

⁶⁰⁴ Cf. *Tito* 2: 11-12.

⁶⁰⁵ Cf. *II Coríntios* 1: 9.

⁶⁰⁶ Cf. *Romanos* 6: 6.

⁶⁰⁷ Cf. *Romanos* 6: 4.

⁶⁰⁸ Ver Máximo o Confessor, *Sobre a Teologia* I, 67.

poder pelos séculos dos séculos. Amém⁶⁰⁹.

Décimo-segundo Discurso

A letra é Mu, e o décimo-segundo é este discurso.

Ele mostra assim a experiência das criaturas sensíveis

E de sua contemplação, a fim de que ninguém busque em vão.

Assim sendo, ó Pai, abençoa este início.

Enquanto o intelecto não morre para as paixões, ele não deve entrar na contemplação do sensível. Se ele se distrai, se não se aplica ao estudo das divinas Escrituras com conhecimento e hesíquia, o homem está cego pelo esquecimento e se cobre insensivelmente de ignorância, ainda que tenha alcançado o conhecimento do intelecto, e ainda mais se este conhecimento não lhe tenha vindo pela graça – coisa que ele não tem como saber –, se ele apenas aprendeu sobre tais mistérios lendo e ouvindo aqueles que têm experiência.

Assim como a terra se cobre de florestas, sobretudo se for boa, quando o cultivador não a trabalha, do mesmo modo, se não se aplicar à prece e à leitura, se não fizer seu trabalho, o intelecto se torna pesado e cai na ignorância. E assim como de nada serve ao cultivador que a terra seja úmida e banhada de sol se ele não a semear e cultivar, também é impossível ao intelecto possuir o conhecimento sem uma obra moral, ainda que tenha recebido da graça tudo o que tem. Por pouco que ele se volte, por negligência, às paixões, ele se perderá. E se, de algum modo, ele se deixar levar pela presunção, a graça o abandonará. É por isso que os Padres, mesmo quando a velhice e a doença os forçavam a restringir as ações do corpo, jamais relaxavam as da alma. Pois em lugar das ações do

⁶⁰⁹ I Pedro 4: 11.

corpo eles possuíam a enfermidade, que podia preparar sua pobre carne; mas fora da obra moral, é impossível conservar a alma sem pecado, para que o intelecto venha a ser iluminado. Pois o cultivador deve trocar seus utensílios com frequência, ou repará-los sempre, jamais deixando a terra inculta, sem semear nem plantar, ou sem proteger a colheita, se quiser comer seus frutos⁶¹⁰.

E se um ladrão, um assaltante, não quiser entrar por esta porta e pular por outra parte, como diz o Senhor⁶¹¹, as ovelhas (ou seja, os pensamentos divinos, segundo são Máximo⁶¹²) não o escutarão. O ladrão não entra senão para roubar por aquilo que ele deixa ouvir e para imolar pela alegoria, pois ele não pode rejeitar a Escritura. Em sua presunção, por seu falso conhecimento, ele perde a si mesmo, e, consigo, seus pensamentos. O pastor sofre junto com seus pensamentos. Por Cristo, ele luta o bom combate⁶¹³ de que fala o Apóstolo, guardando os pensamentos divinos. Ele entra pela porta estreita⁶¹⁴, a humildade, que conduz à impassibilidade. Antes mesmo que lhe tenha sido dada a graça do alto ele se dedica a escutar tudo, a aprender tudo. Toda vez que chega um lobo em pele de cordeiro⁶¹⁵ ele o expulsa por vergonha de si mesmo, dizendo: “Eu não sei quem é você, mas Deus sabe”. E quando um pensamento lhe vem impudentemente e pede para ser recebido, dizendo: “Se você não guarda os pensamentos, se você não discerne as coisas, você não tem fé, você é ignorante”, ele responde: “Talvez eu seja louco como você diz, mas eu sei, com o divino Crisóstomo, que quem é louco neste mundo, é sábio”. O Apóstolo o disse⁶¹⁶.

⁶¹⁰ Cf. II Timóteo 2: 6.

⁶¹¹ Cf. João 10: 1.

⁶¹² Sobre o amor II, 35.

⁶¹³ Cf. II Timóteo 2: 3.

⁶¹⁴ Cf. Mateus 7: 13.

⁶¹⁵ Cf. Mateus 7: 15.

⁶¹⁶ Homilias sobre I Coríntios 10.

E o Senhor afirma que os filhos deste século são mais prudentes nesta geração do que os filhos do Reino dos céus⁶¹⁷. É evidente. Uns desejam dominar, enriquecer, ter razão, ser glorificados, ter o poder e tudo antecipadamente, mesmo que seja provável fracassarem e que seu esforço seja vão, por que eles se agarram às coisas mesmo além daquilo que podem. Mas os outros querem tudo ao contrário. E com isso eles muitas vezes recebem desde agora as garantias da beatitude do além, eles aplicam sua inteligência, ainda que contra si próprios, em receber da graça a liberdade. Assim o intelecto pode ter a memória sem esquecimento e, ou bem conhecer os pensamentos, desde que atestados pelas divinas Escrituras e pelos que têm experiência do conhecimento espiritual, ou bem, na falta de um grande conhecimento, ignorá-los permanecendo na expectativa, sabendo que os pensamentos que vinham até então eram tentações que experimentavam a liberdade.

A partir daí o humilde retorna de si mesmo e cessa de acreditar no seu próprio pensamento e no seu próprio objetivo. Ao contrário, ele teme e interroga, chorando muito. Ele foge para a humildade e condena a si próprio, e considera o conhecimento e os carismas como um grande prejuízo. Mas o orgulhoso corre a promover seus próprios pensamentos. Ele não escuta João Clímaco que diz para não buscar antes do tempo as coisas que virão a seu tempo⁶¹⁸. Ele também não escuta a santo Isaac, que ensina a não penetrar impudentemente o interior, mas a render graças em silêncio⁶¹⁹; nem João Crisóstomo, que, ensinado pelo Apóstolo, diz: “Eu não sei”; nem João Damasceno que, a propósito de Adão, disse que ainda não

era chegado o tempo de se engajar na contemplação do inteligível⁶²⁰. Pois os sentidos das crianças não podem suportar o alimento sólido. Elas precisam de leite, disse o Apóstolo⁶²¹.

Por isso não devemos buscar a contemplação quando não é tempo de contemplação, mas devemos primeiro adquirir em nós mesmos as mães das virtudes, e o conhecimento virá por si só pela graça de Cristo. A ele a glória pelos séculos dos séculos. Amém.

Décimo-terceiro Discurso.

*A letra é o Nu, e o décimo-terceiro discurso
Fala agora do conhecimento dos seres inteligíveis,
Ou seja, das ordens das Inteligências incorpóreas.
Aquele que vê as reconhece pelo sensível.
Assim sendo, ó Pai, abençoa este início.*

O conhecimento do inteligível vem depois que aprendemos o costume de contemplar o sensível. Mas não é um anjo que será dado ver àquele que conhece. Como pode um homem, que não vê sua própria alma, ver uma coisa imaterial que só é conhecida pelo Criador? Foi para o bem comum e pela providência de Deus que os anjos se revelaram numa forma muitas vezes aos nossos pais. Mas isto já não nos acontece, pois queremos por presunção, não pelo cuidado com o bem comum, e nossas provações não são divinas. É por isso que aquele que pede uma visão destas deseja na realidade ver um demônio, o qual, disse o Apóstolo, se disfarça em anjo de luz⁶²². Ao contrário, é quando não pensamos nestas coisas, quando

⁶¹⁷ Cf. Lucas 16: 8.

⁶¹⁸ A Escada Santa IV, 129 e VII, 63.

⁶¹⁹ Obras Espirituais, pg. 157.

⁶²⁰ A Fé Ortodoxa II, 11.

⁶²¹ Cf. I Coríntios 3: 2; Hebreus 5: 12-13.

⁶²² Cf. II Coríntios 11: 14.

chegamos até a duvidar que elas possam acontecer, é que elas acontecem, se acaso as recebermos para o bem de todos.

Assim é que o conhecimento passa por aí: não querer, ainda que em sonhos, receber tal visão, não a tomar se nos for dada, mas permanecer como que ignorantes do estado em que nos encontramos. Pois o verdadeiro anjo recebeu de Deus o poder de apaziguar mesmo o intelecto que não o deseja, para que este o acolha. Mas o demônio não pode fazê-lo. Se ele vê o intelecto pronto a recebê-lo, lhe é permitido manifestar-se. Senão ele se vai, expulso pelo anjo que, desde o batismo divino, protege o intelecto para que este não traia a liberdade.

Assim são as coisas. Mas devemos agora falar da única contemplação das ordens superiores, que são nove, segundo o grande Denis⁶²³, e que encontramos por toda a Escritura. Estas ordens são denominadas segundo sua natureza e sua energia. Nós as chamamos incorpóreas, por que são imateriais; inteligentes, por que são inteligências; exércitos⁶²⁴, por que são os espíritos que servem ao Rei do universo⁶²⁵. Elas têm ainda muitos outros nomes que lhes são comuns ou que lhes são próprios. Assim é que as chamamos Potências⁶²⁶ e Anjos⁶²⁷, sendo Anjos também o nome de uma ordem, enquanto que em sua ação as chamamos Potências, pois elas podem cumprir todas as vontades divinas.

“Anjos” é, portanto, o nome próprio de uma única ordem, a primeira a partir de nós e a nona a partir do Trono inacessível. Mas no campo

da ação chamamos de anjos todos os que anunciam aos homens os mandamentos divinos⁶²⁸. Salomão diz que em Jó⁶²⁹ foi um outro anjo que veio, que não pertencia à ordem dos Santos Anjos. João Crisóstomo diz que ele foi deixado só, e que ele veio anunciar. A divina Escritura prediz em diversas passagens que o próprio Senhor virá como um anjo⁶³⁰. Está escrito que Abrahão recebeu anjos⁶³¹. E João Damasceno disse à Mãe de Deus que o Senhor estava além da carne: “Na tenda de Abrahão foi revelado o mistério que está em você, ó Mãe de Deus. Pois ele recebeu seu Filho além da carne, etc.”. Também na fornalha, era ele que estava com as Crianças⁶³². Por todas estas ações ele é chamado de Anjo. O profeta Isaías o chama de Anjo do grande conselho⁶³³. E o próprio Senhor disse: “Eu lhes anuncio o que ouvi de meu Pai⁶³⁴”.

A ele a glória pelos séculos dos séculos. Amém.

Décimo-quarto Discurso.

*O presente discurso traz a letra Xi
E fala genericamente da verdadeira impassibilidade.
Agora já são catorze capítulo
Resumidos pela graça de Deus.
Assim sendo, ó Pai, abençoa este início.*

⁶²³ *Hierarquia Celeste* VI, 2.

⁶²⁴ Cf. *Lucas* 2: 13.

⁶²⁵ Cf. *Hebreus* 1: 14.

⁶²⁶ Cf. *Efésios* 1: 21; *I Pedro* 3: 22.

⁶²⁷ Cf. *Mateus* 1: 20.

⁶²⁸ A palavra grega ἀγγελος significa, de fato, “mensageiro”.

⁶²⁹ Cf. *Jó* 1: 13-14.

⁶³⁰ Cf. *Isaías* 9: 5.

⁶³¹ Cf. *Hebreus* 13: 2; *Gênesis* 18: 2.

⁶³² Cf. *Daniel* 3: 25-29.

⁶³³ *Isaías* 9: 5.

⁶³⁴ *João* 8: 26.

A impassibilidade é uma coisa estranha e paradoxal. Se chegarmos a superar o estado passional, ela pode nos conduzir à imitação de Deus, tanto quanto isto é possível a um homem.

Quando sofre, quando é combatido por demônios ou por salteadores, o impassível a tudo suporta como se estivesse em outro corpo, tal como fizeram os santos apóstolos e os mártires. Glorificado, ele não se orgulha disto. Ultrajado, não se aflige. Pois ele considera que as coisas agradáveis são uma graça e um socorro de Deus que ultrapassam seus méritos, e que as coisas difíceis são provas. Umas nos são dadas pela graça aqui em baixo para nossa consolação, as outras para a humildade e a boa esperança no século futuro. Seu discernimento o torna insensível em meio a tantas sensações dolorosas.

Pois a impassibilidade não é uma única virtude. Ela é o nome de todas as virtudes. Assim como o homem não é um só membro, mas todos os membros do corpo se manifestam – e não apenas eles mas também a alma – também a impassibilidade é a reunião de muitas virtudes, e ela tem por alma o Espírito Santo. Pois tudo o que denominamos obras espirituais é sem alma se não possuem o Espírito Santo por meio do qual o homem a quem chamamos espiritual recebe este nome. Se a alma não rejeita as paixões, o Espírito Santo não virá a ela. Mas sem ele, esta virtude abarcante ainda se chama impassibilidade. Porém, sem o Espírito Santo, o homem impassível é apenas insensível. É por isso que os gregos, que ignoravam estas coisas, diziam: “não seja impassível como quem não tem alma, nem passional como quem não tem razão”. Ao dizer “impassível como quem não tem alma”, eles falavam daquilo que conheciam, mas eles não conheciam o Espírito Santo. Que o homem passional é desprovido de razão, isto também dizemos nós; mas não foi deles que aprendemos isto. Pois nisto não há nem conhecimento,

nem experiência. Nós aprendemos de onde vêm os sofrimentos por termos experimentado a tirania das paixões. E é por termos aprendido dos santos Padres aos quais foi dada a impassibilidade, que escrevemos sobre como adquirir as virtudes. Com efeito, eles dizem que o homem passional, inteiramente transtornado pelo amor às paixões, está como que prisioneiro e insensível. Tanto ele se deixa tomar pela concupiscência, como uma besta sem razão, como é levado pelo ardor que submete o desejo e, como uma fera, ele range os dentes contra seus semelhantes.

É assim pelo perfeito amor a Deus que o homem impassível acaba por nada sentir. Ora ele fala com Deus, ora contempla suas maravilhas e medita uma palavra das divinas Escrituras. “Ainda que ele estivesse no meio da turba, em pleno mercado, diz são Nilo, seu intelecto permanece só”. Este estado provém da guarda dos divinos mandamentos de Cristo, A ele a glória e o poder pelos séculos dos séculos. Amém.

Décimo-quinto Discurso.

*A guarda dos mandamentos divinos
É o sinal do amor a Deus e ao próximo.
Este discurso fala, portanto, do amor.
Ele tem por letra o Ômicrom, que é a décima-quinta letra,
Pois o amor é a origem e o fim da lei.⁶³⁵
Assim sendo, ó Pai, abençoa este início.*

Quem quer falar de amor ousa falar de Deus. Com efeito, João o Teólogo disse: “Deus é amor, e quem permanece no amor permanece

⁶³⁵ Cf. *Romanos* 13: 10.

em Deus⁶³⁶”. Que maravilha!

Esta virtude fundamental dentre todas é natural. É por isso que a Lei a chama “a primeira”: “Amar ao Senhor seu Deus⁶³⁷”, etc. Mas quando ouvimos dizer que devemos amá-lo com toda nossa alma, ficamos fora de nós e já não precisamos de outras palavras. Com toda nossa alma significa “com a razão, o ardor e o desejo”. Pois a alma traz em si estas três coisas. O intelecto considera sempre as coisas divinas. O desejo não busca nada além de Deus, nunca outra coisa, por que a Lei diz: “Com toda a sua alma”. E o ardor age natural e unicamente contra o que impede tal desejo. João o Teólogo disse com toda razão que Deus é amor⁶³⁸.

A partir do momento em que Deus vê as três potências da alma voltadas para ele e não tendo senão um desejo, conforme ele próprio ordenou, ele, necessariamente e em sua bondade não apenas amará, como virá e habitará nele⁶³⁹, como ele disse, por meio da descida do Espírito. O corpo, que não aceita e não quer – por que ele não possui razão – acabará por se submeter à palavra de Deus e, a partir daí, a carne já não desejará mais contra o Espírito⁶⁴⁰, como disse o Apóstolo.

Mas, assim como o sol e a lua que, embora não tenham alma, venham por ordem de Deus iluminar o mundo terrestre, também o corpo, pela vontade da alma, realiza as obras da luz. Do mesmo modo como a cada marcha do oriente para o ocidente o sol engendra um novo dia, e a sua ausência cria a noite, também cada virtude que

o homem realiza ilumina sua alma, e sua ausência cria a paixão e as trevas, até que este homem adquira novamente a virtude e a luz retorne. Assim como o sol se levanta do fundo do oriente e leva pouco a pouco sua irradiação luminosa até a outra extremidade do céu, realizando assim o tempo, também o homem cresce pouco a pouco desde a origem das virtudes até se tornar impassível. Assim como a cada mês a lua cresce e decresce, também todos os dias cada virtude aumenta ou diminui, até que o homem as traga em si plenamente. Ora ele se aflige diante de Deus, ora se regozija e dá graças, indigno que é de trazer em si estas virtudes. Tanto ele se vê na luz quanto se perde nas trevas, até que tenha terminado seu caminho. A providência envia estas coisas. Uma chega pela elevação, outras pelo desespero. Assim como no século presente o sol opera suas revoluções, que a lua cresce e decresce, e que no século futuro a luz será constante para os justos e as trevas para os injustos como eu, também agora, antes do amor perfeito e da contemplação divina, a alma está cheia de mudanças e o intelecto pleno de trevas, e as mudanças e a escuridão se misturam com as virtudes e os conhecimentos, até que ao homem seja dada a obra do século futuro, por meio do amor perfeito que é o fruto de todos os seus esforços.

Com efeito, é por meio do amor que aquele que vive na submissão escuta o que lhe é ordenado. É por amor que aquele que era rico e livre se fez pobre e servidor, a fim de dar o que tinha e a si mesmo aos que necessitam. É também por amor que jejuamos, para que outros possam ter o alimento com o qual nos alimentaríamos. Toda obra é feita, assim, por amor a Deus e por amor ao próximo. As coisas de que falamos e outras semelhantes são feitas por amor ao próximo. Mas a vigília, a salmodia e outras que tais são feitas por amor a Deus. A ele a glória, honra e poder pelos séculos⁶⁴¹. Amém.

⁶³⁶ I João 4: 16.

⁶³⁷ Deuteronômio 6: 5.

⁶³⁸ Cf. I João 4: 8.16.

⁶³⁹ Cf. Levítico 26: 11-13; II Coríntios 6: 16.

⁶⁴⁰ Cf. Gálatas 5: 17.

⁶⁴¹ I Pedro 4:11.

Décimo-sexto Discurso.

*A letra Pi é o décimo-sexto discurso
Sobre o conhecimento de Deus, brevemente.
Pois de teologia muitos falaram
Por numerosos cânones e discursos.
Assim sendo, ó Pai, abençoa este início.*

Tudo que Deus fez teve um começo. E, se for sua vontade, terá um fim. Pois tudo foi criado do nada. Mas Deus não teve começo nem terá fim, assim como suas virtudes, pois ele jamais existiu sem elas. Ele é sempre infinitamente bom, justo, totalmente sábio, todo-poderoso, invencível, impassível, infinito, sem limite, insondável, inconcebível, sem termo, eterno, incriado, imóvel, imutável, verdadeiro, simples, invisível, intocável, inapreensível, perfeito, mais alto que o ser, inexprimível, incompreensível, compassivo, transbordante de amor e misericórdia, dominando a tudo, vendo tudo. E não é por que existem virtudes, como disse o grande Denis, que ele seja obrigado a trabalhar cada uma, como os homens virtuosos. Mas ele realiza cada virtude por que quer, e em seu poder ele se serve livremente delas como de utensílios.

Os anjos e os homens virtuosos receberam dele, por sua graça, junto com seu ser, as virtudes pelas quais eles o imitaram e se tornaram justos, bons e sábios. Mas eles são suas criaturas e têm necessidade da assistência e do impulso d'Aquele que domina o universo, sem o qual eles não poderiam ter nem virtude, nem sabedoria. Pois as criaturas trazem em si a mudança, e são chamadas “compostas”, por serem formadas de diferentes elementos. Mas Deus é incorpóreo, simples, sem começo, o Deus único, adorado e glorificado por toda a Criação no Pai, no Filho e no Espírito Santo. E aquele que o imita

não tem senão uma única vontade. Este já não é composto de múltiplas vontades. Seu intelecto é simples: ele se aplica sempre àquilo que não possui forma, tanto quanto pode, e, sem que o perceba, passa providencialmente do que é sem forma para a contemplação da Escritura ou das criaturas.

E para não ser condenado ele provê seu corpo, não por que deseje engendrar a vida por que lhe agrade, mas para que ele não seja totalmente inútil. Senão, ele seria condenado. Com efeito, assim como o intelecto não rejeita as paixões que o cercam, mas se serve delas com naturalidade, também a alma não rejeita o corpo, mas se serve dele para as boas obras. E assim como o intelecto domina os impulsos irracionais das paixões e dirige cada uma delas para a vontade divina, também o homem domina os membros do corpo para que eles se tornem uma só vontade, e não muitas. Ele não deixa nenhum dos quatro elementos do corpo nem nenhum de seus membros fazer o que quiserem. Tampouco ele deixa as três potências da alma pensar ou colocar o corpo em movimento sem reflexão e sem ordem, mas supervisionando a tudo com sabedoria espiritual, ele torna indivisível a vontade das três potências.

Esta sabedoria tem quatro formas: a prudência, a castidade, a coragem e a justiça. Gregório o Teólogo escreveu a respeito delas uma obra muito elevada⁶⁴², em Jesus Cristo nosso Senhor. A ele o poder e a glória pelos séculos dos séculos. Amém.

Décimo-sétimo Discurso.

*Eis agora o décimo-sétimo discurso,
Que fala de uma das virtudes gerais.*

⁶⁴² *Poemas* 1, 2, 34.

*Chegamos à letra Ro.
A prudência é a primeira das quatro virtudes.
Assim sendo, ó Pai, abençoa este início.*

Tudo o que diz respeito às quatro virtudes gerais pode ser facilmente aprendido por aqueles que querem aprender com o Teólogo. Falaremos um pouco de cada uma delas aqui.

Cada virtude necessita de todas as quatro. E toda ação necessita da primeira, a prudência. Nada se faz sem ela. Como é possível que algo seja feito sem a prudência? Ela nasce do pensamento. Ela é um meio termo entre a habilidade, que é uma das formas do orgulho, e a inépcia. Uma atrai para cima a prudência para usá-la mal e ferir as almas daqueles que têm esta virtude e que ela consegue tocar. A outra torna a inteligência insensível e vã, e não permite que ela se aplique nem às coisas divinas, nem a nada que possa ajudar à alma ou ao próximo. Uma se parece com uma alta montanha, a outra com um abismo.

Aquele que faz seu caminho pela planície entre uma e outra é prudente. Mas quem se afasta do caminho, ou bem cai no abismo, ou bem tenta subir ao cume e, não encontrando passagem, tomba contra a vontade e não consegue se erguer, pois não quer se desligar das alturas da montanha para se voltar para a prudência, por meio do arrependimento. Mas quando caímos no abismo imploramos humildemente por Aquele que pode nos reconduzir ao caminho real da virtude. Quanto ao homem prudente, ele não se eleva para se orgulhar e tentar fazer mal aos demais. Ele tampouco desce sem razão, e ninguém lhe faz mal. Recolhendo o que há de melhor, ele se protege em Cristo nosso Senhor. A ele a glória e o poder por todos os séculos dos séculos. Amém.

Décimo-oitavo Discurso.

*Sigma é a décima-oitava letra.
Este discurso fala da castidade.
Assim sendo, ó Pai, abençoa este início.*

A castidade é um sentimento integral, sem nenhuma falha. Ela não permite a quem a possui cair nem no deboche nem na inércia. Mas ela guarda os bens que recolhe da prudência, rejeita todos os males, reúne em si os pensamentos, e através dela os remete a Deus. Como o bom pastor, ela guarda no interior as ovelhas, vale dizer, os pensamentos divinos. E, abstendo-se de tudo o que possa prejudicar, ela mata o deboche como cães raivosos e expulsa a inércia como o lobo selvagem. Ela não deixa que as ovelhas sejam devoradas na solidão, e não cessa de vigiar e denunciar à razão, para que o lobo não possa se esconder na obscuridade e se misturar aos pensamentos.

Ela mesma nasce do desejo da alma. Sem ela não podemos guardar nada de bom, seja lá o que for que tivermos adquirido. Pois se não temos a castidade, ou bem erguemos alto demais as três partes da alma, ou bem as rebaixamos, aplicando-as, seja à inércia, seja ao deboche. O deboche de que eu falo não está ligado apenas à gula e à prostituição, mas a toda paixão e todo pensamento que não se dirija voluntariamente a Deus. Pois a castidade poda todas estas coisas. Ela detém os impulsos irracionais da alma e do corpo e os conduz a Deus. A ele a glória por todos os séculos. Amém.

Décimo-nono Discurso.

*A letra é Tau, e o discurso fala da coragem.
É, portanto, o décimo-nono.*

*A coragem nasce do ardor.
Ela é um meio termo entre a arrogância e a preguiça.
Assim sendo, ó Pai, abençoa este início.*

É próprio a coragem não vencer e oprimir o próximo. Isto vem da arrogância, que visa além da coragem. Também é da coragem não fugir, por temor às tentações, para longe das obras e das virtudes dedicadas a Deus. Aí reside a preguiça, que voa baixo. O que caracteriza a coragem é perseverar em toda boa obra e vencer as paixões da alma e do corpo. Pois não lutamos contra a carne e o sangue, ou seja, contra homens, como outrora fizeram os judeus. Naquela ocasião, aquele que triunfava sobre outros povos nos combates achava estar fazendo a obra de Deus. Mas nós lutamos contra os Principados, contra as Potestades, ou seja, contra os demônios invisíveis⁶⁴³. Agora a vitória será do intelecto, ou seremos vencidos pelas paixões.

O combate contra os homens era uma imagem do nosso próprio combate. Pois estas duas paixões – a arrogância e a preguiça – mesmo parecendo contrárias, são ambas postas em movimento pela fraqueza. A arrogância empurra para cima: ela pretende causar medo e derrubar os outros, como um urso impotente. E a preguiça foge como um cão corrido. Pois quem possui uma destas duas paixões jamais espera no Senhor. Este é incapaz de combater, pois nem a arrogância, nem a preguiça o ajudam. Mas o justo é como um leão⁶⁴⁴. Ele se confia a Jesus Cristo nosso Senhor. A ele o poder e a glória pelos séculos dos séculos. Amém.

⁶⁴³ Cf. *Efésios* 6: 12.

⁶⁴⁴ Cf. *Provérbios* 28: 1.

Vigésimo Discurso.

*O vigésimo discurso tem por letra o Ípsilon,
E fala da justiça de todas as virtudes.
Esta faz uma partilha igualitária
E renasce dentro do intelecto.
Assim sendo, ó Pai, abençoa este início.*

Deus é igualmente celebrado pela justiça, disse o grande Denis⁶⁴⁵. E com razão, pois, sem ela, tudo é iníquo. Sem ela, nada se mantém. Nós a chamamos discernimento. Ela faz em toda obra uma partilha igualitária, para que em nada haja falta, por indigência, ou excesso, por abundância. Mesmo que pareçam contrários, falta e excesso empurram uma parte de nós mesmos para a iniquidade.

Se for curva ou circular, a linha não leva direto ao objetivo. Também o lado sobre o qual pesa o jugo prevalece sobre o outro. Quem é capaz de trazer consigo a justiça não cai. A demência e o deboche, a preguiça e a concupiscência não o arrastam para baixo, como a serpente que se arrasta sobre o ventre, comendo a poeira e apedrejada pelas paixões da desonra. A habilidade e a insolência, a inércia e a indigência tampouco o levantam alto, onde ele se orgulharia maliciosamente além de seus méritos. Ao contrário, seu pensamento é casto⁶⁴⁶. Ele suporta com humildade, sabendo que tudo o que possui recebeu por graça⁶⁴⁷, como diz o Apóstolo, e assim ele nada recusa. Pois ele seria injusto para consigo e com seu próximo, e sobretudo para com Deus, se atribuísse a si mesmo suas boas ações. Se ele pensa ter em si qualquer coisa de bom, aquilo que

⁶⁴⁵ *Nomes Divinos* VIII, 7.

⁶⁴⁶ Cf. *Romanos* 12: 3.

⁶⁴⁷ Cf. *I Coríntios* 4: 7.

ele pensa ter lhe será tirado⁶⁴⁸, diz o Senhor. A ele a glória e o poder pelos séculos dos séculos. Amém.

Vigésimo-primeiro Discurso.

*A letra do vigésimo-primeiro discurso é Fi,
E fala da perfeita paz dos pensamentos,
Tal como os discípulos receberam do Senhor.
Pois por Deus ela foi concedida.
Assim sendo, ó Pai, abençoa este início.*

O Senhor disse aos apóstolos: “Eu lhes dou a minha paz”. E acrescentou: “Não como o mundo dá⁶⁴⁹”. Isto significa que ele não a deu simplesmente como os homens deste país, quando se saúdam uns aos outros dizendo: “Esteja em paz”. Nem como disse a Sunamita: “Paz a você⁶⁵⁰”. Também Eliseu disse a Giezi: “Você lhe dirá: paz a você⁶⁵¹”. Ou seja: “Paz ao seu marido, paz ao seu filho”. Mas Deus concede a paz que ultrapassa toda inteligência⁶⁵². Ele a concede aos que o amam de toda sua alma, para os combates que sustentaram e os perigos que enfrentaram antes de possuí-la.

É por isso que o Senhor disse ainda: “Vocês têm em mim a paz”. E acrescentou: “Vocês conhecerão as aflições do mundo. Mas tenham coragem. Eu venci o mundo⁶⁵³”. Por numerosas que sejam as aflições que nos assaltam, por numerosos que sejam os perigos em

que nos colocam os demônios e os homens, quem traz em si a paz do Senhor considera tudo isto como nada. E diz: “Estejam em paz uns com os outros⁶⁵⁴”.

O Senhor lhes anunciou todas essas coisas, pois eles deveriam combater e sofrer aflições por ele. Cada um de nós, fiéis, durante o tempo de nossa formação, devemos também enfrentar as paixões que combatem e escandalizam. Mas se estivermos em paz com Deus e com o próximo, seremos capazes de dominar a tudo. Pois essas paixões são o mundo ao qual João o Teólogo ordenou odiar⁶⁵⁵. Não que devamos odiar as criaturas: ele nos ordenou rejeitar as concupiscências deste mundo⁶⁵⁶. A alma está em paz com Deus quando ela está em paz consigo mesma e se entrega inteiramente a Deus. O mesmo fruto é colhido quando ela está em paz com os homens, quaisquer que sejam os males que estes a façam sofrer. Ignorando o mal ela não se perturba com nada, mas abarca a tudo⁶⁵⁷, deseja o bem de todos, ama a todos os seres através de Deus e da natureza. Ela chora pelos descrentes, por causa de sua perdição, como fizeram o Senhor e os apóstolos. Mas ela também chora e sofre pelos fiéis. Assim ela recebe a paz dos pensamentos e conduz o intelecto à contemplação e à prece pura voltadas para Deus. A ele a glória pelos séculos dos séculos. Amém.

Vigésimo-segundo Discurso.

*A letra é Qui e o vigésimo-segundo discurso
Diz como a alegria nasce da paz.*

⁶⁴⁸ Cf. Mateus 13: 12.

⁶⁴⁹ João 14: 27.

⁶⁵⁰ II Reis 4: 23.

⁶⁵¹ II Reis 4: 26.

⁶⁵² Cf. Filipenses 4: 7.

⁶⁵³ João 16: 33.

⁶⁵⁴ Cf. I Tessalonicenses 5: 13.

⁶⁵⁵ Cf. I João 2: 15.

⁶⁵⁶ Cf. Tito 2: 12.

⁶⁵⁷ Cf. I Coríntios 11: 36.

*Falaremos pouco disto, pois
A alegria é espiritual, e de outro gênero.
Assim sendo, ó Pai, abençoa este início.*

“Regozijem-se no Senhor⁶⁵⁸”, disse o Apóstolo. Ele disse bem: “no Senhor”. Pois se a alegria não for no Senhor, não apenas não estaremos nos alegrando, como não nos regozijaremos jamais. Jó, contemplando a vida humana, achou que ela trazia consigo toda a aflição⁶⁵⁹. Também o grande Basílio. Gregório de Nice falou que os pássaros e outros animais se regozijavam em sua insensibilidade, enquanto que o homem, que possui a razão e conhece o luto, nunca é conduzido à alegria. Pois, dizia ele, não nos foi dado possuir o conhecimento dos bens dos quais decaímos. A natureza nos ensina a chorar, na medida em que a vida é pesada de sofrimentos e de penas, e na medida em que o exílio é carregado de pecados.

Mas se guardamos continuamente em nós a lembrança de Deus, estamos alegres. Como diz o Salmista: “Eu me lembrei de Deus, e me alegrei⁶⁶⁰”. O intelecto que se regozija com a memória de Deus esquece as aflições do mundo. A lembrança de Deus o cumula de esperanças nele. Então o intelecto se liberta de todas as suas preocupações e a ausência delas o torna alegre, dispondo-o a dar graças. A ação de graças reconhecida aumenta os dons e os carismas. E, quanto mais se multiplicam as benesses, mais crescem a ação de graças e a prece pura, misturada com lágrimas de alegria, mais se acalmam as lágrimas de tristeza e diminuem as paixões. O homem escapa das paixões. Possa ele alcançar assim a felicidade espiritual.

Nas doçuras ele descobre a humildade e dá graças. Nas tentações

confirma-se nele a esperança no século futuro. Ele se regozija com ambas as coisas. Ele ama a Deus e a todos os seres como sendo seus benfeitores. Ele não encontra na criação nada que possa prejudicá-lo. Iluminado pelo conhecimento de Deus, admirando sua atenção pelas criaturas, delas ele extrai sua alegria no Senhor. Tendo alcançado o conhecimento espiritual ele não apenas se maravilha com as coisas admiráveis que se apresentam diante de seus olhos, mas fica pasmo ao sentir as relações necessárias que não aparecem aos que não têm experiência. Ele não admira apenas o dia pela sua luz, mas também a noite. Pois a noite é proveitosa a todos: ela dá aos ativos o repouso e a disponibilidade, leva aos que choram a memória da morte e do inferno, dispõe os que alcançaram a vida ética a meditar mais rigorosamente, aprofundando as benfeitorias e mantendo as condutas. Como diz o Salmista: “O que vocês dizem em seus corações, recolham-no às suas camas⁶⁶¹”, ou seja, recolham-no no repouso da noite, lembrando-se das quedas durante a confusão do dia, exortando-se mutuamente com hinos e odes espirituais⁶⁶². Aprendam a viver entre preces e salmodias, na meditação e na leitura atenta, pois é assim que se chega com sucesso à ação moral. É preciso velar sobre as coisas do dia e delas tomar consciência no repouso da noite, para poder chorar as faltas.

Quando a graça leva um homem como este ao progresso e ele descobre que, por obras e palavras em conformidade com os mandamentos de Cristo, surgem nele os atos característicos da ética da alma e do corpo, ele rende graças com temor e humildade e se esforça por meio da oração e muitas lágrimas diante de Deus para manter sempre esta boa conduta, ele exorta a si mesmo para se lembrar sempre disto, a fim de não afundar outra vez no esquecimento e na perda de si mesmo. Pois é preciso tempo para

⁶⁵⁸ *Filipenses* 3: 1.

⁶⁵⁹ Cf. *Jó* 7: 1.

⁶⁶⁰ *Salmo* 76 (77) LXX.

⁶⁶¹ *Salmo* 4: 5.

⁶⁶² Cf. *Colossenses* 3: 16.

obter em si com sucesso a boa conduta. E quando se chega lá, depois de muitos esforços e tempo, ainda assim pode-se por tudo a perder num piscar de olhos.

Isto vale para os ativos. Quanto aos contemplativos, a noite também lhes traz muitas contemplações, como disse o Grande Basílio⁶⁶³. Ela lembra a eles ao mesmo tempo a fundação do mundo, quando toda a criação estava em seu princípio coberta de trevas. Ela lhes permite ver como o céu estava então vazio e sem astros, coberto por nuvens hoje desaparecidas. Ao entrar na sua cela e não ver senão obscuridade, ele recorda esta treva que pairava sobre o abismo⁶⁶⁴. Mas logo o céu se torna claro novamente. De pé fora de sua cela o monge se maravilha por ver o mundo do alto e louva a Deus, como foi dito em Jó dos anjos que viram os astros⁶⁶⁵. Ele também contempla a terra informe e vazia⁶⁶⁶, tal como era então, e os homens mergulhados no sono como se não existissem. Ele se sente como Adão, e canta ao Criador do mundo, neste conhecimento que ele partilha com os anjos. Diante dos raios e das trovoadas, ele imagina o que será o dia do Juízo; diante da voz dos pássaros, ele sente que será esta a voz da trombeta⁶⁶⁷. Quando se ergue a estrela da manhã e a luz da aurora, ele pensa na revelação da cruz venerável e vivificante⁶⁶⁸. Quando os homens despertam de seu sono, ele reconhece a ressurreição. Ele vê no sol a vinda do Senhor. Ele considera o modo como uns vão ao seu encontro pela salmodia, como irão então os santos sobre as nuvens⁶⁶⁹ e como outros são negligentes e continuam a dormir, como os que serão julgados. Uns,

⁶⁶³ Carta II, 6.

⁶⁶⁴ Cf. *Gênesis* 1: 2.

⁶⁶⁵ Cf. *Jó*, 38: 7.

⁶⁶⁶ Cf. *Gênesis* 1: 2.

⁶⁶⁷ Cf. *I Coríntios* 15: 52; *I Tessalonicenses* 4: 16.

⁶⁶⁸ Cf. *Mateus* 24: 30.

⁶⁶⁹ Cf. *I Tessalonicenses* 4: 17.

pela glorificação, a contemplação, a prece e outras virtudes, serão cumulados de alegria durante o dia, passando seu tempo na luz do conhecimento, como então farão os justos. Mas outros permanecerão nas paixões e nas trevas da ignorância, como farão naquela hora os pecadores.

Resumindo, quem possui o conhecimento encontra em cada coisa um auxílio para a salvação da alma e a glória de Deus. Pois por intermédio do conhecimento tudo provém do Senhor e do Deus de todo o conhecer, como disse a mãe do profeta Samuel⁶⁷⁰: “Que o sábio não se glorifique de sua sabedoria”, etc. Ao contrário, quem se glorifica, que o faça por compreender e conhecer o Senhor⁶⁷¹. Vale dizer: por conhecer em toda consciência o Senhor em suas criaturas e por imitá-lo tanto quanto possível por meio da guarda de seus divinos mandamentos. Pois é por meio deles que ele o conhece e pode, como ele, cumprir o julgamento e a justiça na terra⁶⁷².

Com estas palavras a mãe de Samuel profetizou a crucificação e a ressurreição do Senhor. Ela anunciou que o homem deveria sofrer com ele adquirindo as virtudes e ser glorificado com ele pela impassibilidade e o conhecimento, e nele ter sua glorificação, pois a ele foi concedido, malgrado sua indignidade, ser o servidor de tamanho mestre e de imitar sua humildade.

“Então o louvor virá do Senhor⁶⁷³”, disse o Apóstolo. Então, no sentido de depois. Mas quando? Quando ele disser aos que estarão à sua direita: “Venham, os benditos, herdeiros do Reino⁶⁷⁴”. Possamos

⁶⁷⁰ Cf. *I Samuel* 2: 3.

⁶⁷¹ Cf. *Provérbios* 3: 7; *Romanos* 12: 16; *I Coríntios* 1: 31; *II Coríntios* 10: 17.

⁶⁷² Cf. *I Samuel* 2: 10.

⁶⁷³ *I Coríntios* 4: 5.

⁶⁷⁴ *Mateus* 25: 34.

todos nós sermos considerados dignos disto, por sua graça e seu amor pelo homem. A ele a glória e o poder pelos séculos dos séculos. Amém⁶⁷⁵.

Vigésimo-terceiro Discurso

*Das Escrituras fala o vigésimo-terceiro discurso*⁶⁷⁶

A fim de que não haja nenhum desacordo

Naqueles que as quiserem sondar

Mas que eles saibam, como convém,

Compreender tudo o que está escrito.

Assim sendo, ó Pai, abençoa este início.

“Cantem com toda sua inteligência⁶⁷⁷” disse o Profeta. E “sondem as Escrituras⁶⁷⁸” disse o Senhor. Quem ouve isto está sob a luz; mas quem não escuta está nas trevas. Pois se não estamos atentos ao que querem dizer as divinas Escrituras não podemos recolher seus frutos, ainda que as cantemos e leiamos frequentemente.

Foi dito: “Parem e conheçam⁶⁷⁹”. Com efeito, o repouso recolhe o intelecto. Por pouco atento que pretendamos ser, conheceremos ao menos em parte⁶⁸⁰, segundo o Apóstolo, ainda mais se nos abrirmos à ação moral, que dá ao intelecto que luta contra as paixões uma grande experiência. Porém não são os mistérios ocultos em cada palavra da Escritura que conhecemos de Deus, mas aquilo que a

⁶⁷⁵ I Pedro 4: 11.

⁶⁷⁶ A letra *Psi*, vigésima-terceira letra do alfabeto grego e inicial deste discurso, não é mencionada no texto de abertura,

⁶⁷⁷ Salmo 46 (47): 8.

⁶⁷⁸ João 5: 32.

⁶⁷⁹ Salmo 45 (46): 11.

⁶⁸⁰ Cf. I Coríntios 13: 12.

pureza do intelecto pode receber da graça. Acontece muitas vezes conhecermos teoricamente uma palavra escrita e alcançarmos um ou dois sentidos desta palavra. Mas depois de um tempo, o intelecto pode se tornar mais puro, e lhe é concedido outro conhecimento mais elevado do que o primeiro. A partir daí, em sua pobreza, maravilhado ante a graça de Deus e sua inefável sabedoria, ele começa a fremir e tremer diante do Deus dos conhecimentos, como disse a profetiza Ana: “o Senhor é Deus dos conhecimentos⁶⁸¹”.

Mas eu não falo aqui daquilo que se pode compreender de uma Escritura ou de um homem. Não é aí que se encontram a pureza do intelecto e a revelação. Nós as encontramos quando conhecemos e desconfiamos de nós mesmos, até que sejamos capazes de descobrir que a divina Escritura, ou um dos Santos, dão testemunho pelo conhecimento que vem por si mesma da palavra da Escritura ou da coisa sensível ou inteligível. E ainda que encontremos ou entendamos na divina Escritura ou entre os santos Padres muitos sentidos ao invés de um só, devemos manter a confiança neles e não imaginar que exista aí alguma discordância. Pois uma mesma coisa pode possuir numerosos sentidos. É como a vestimenta: um diz que aquece, outro que orna, outro que cobre, e os três falam a verdade. Pois a veste serve para aquecer, para ornar e para cobrir. Cada um dos três encontrou o objetivo divino assinalado à vestimenta. A divina Escritura e a natureza das coisas lhes dão testemunho. Mas se alguém, por ser voraz e ladrão, põe na cabeça que as vestes servem para ser subtraídas e roubadas, este está mentido de um modo ou de outro. Pois nem a Escritura nem a natureza das coisas testemunham que as vestes foram feitas para isto. E as leis castigam tal atitude.

O mesmo acontece para todas as coisas sensíveis e inteligíveis, e para cada palavra da divina Escritura. Pois os Santos nem conhecem

⁶⁸¹ I Samuel 2: 3.

todos os objetivos de Deus em cada coisa ou cada palavra escrita, nem tampouco escrevem de uma vez por todas tudo aquilo que sabem delas. Com efeito, de um lado Deus é incompreensível e a sabedoria não é finita ao ponto de que um anjo ou um homem a possa conter. É o que afirma João Crisóstomo a respeito de certo tipo de contemplação: nós mesmos dizemos dela apenas o que devemos dizer nesta ocasião. Mas além do que dizemos, Deus conhece outras coisas incompreensíveis. Por outro lado, não é bom que os próprios santos digam tudo o que sabem, por causa da fraqueza dos homens e a fim de que seus discursos não se tornem longuíssimos e insuportáveis ou incompreensíveis em razão da confusão. Ao contrário, segundo Gregório o Teólogo, tudo o que eles dizem deve sê-lo feito comedidamente.

É por isso que o mesmo homem pode falar de uma coisa hoje e amanhã tratar diferentemente a mesma coisa. Não existe discordância aí, se quem o ouvir tiver conhecimento ou experiência daquilo que é dito. E também: uma pessoa pode dizer certas coisas e outra dizer coisas diferentes a respeito da mesma palavra da sagrada Escritura. Pois a graça divina muitas vezes concede algumas coisas a umas pessoas e outras a outras, conforme sejam os homens e os tempos. É apenas isto que deve ser buscado. Que tudo seja feito e dito com vistas ao objetivo divino, e que tudo seja atestado pelas santas Escrituras. Que não ouçamos do Apóstolo: “Seja anátema, ainda que for um anjo⁶⁸²”, por anunciarmos outro evangelho contra o objetivo divino e contra a natureza das coisas. É o que dizem também o grande Denis, Antônio e Máximo o Confessor. E João Crisóstomo acrescenta: “Não foram os filhos dos gregos que nos transmitiram estas coisas, mas a santa Escritura. A Escritura não se contradiz quando diz de um homem que ele não viu a Babilônia no cativeiro e em outra parte que ele foi enviado à Babilônia junto com

os demais. Se lermos atentamente veremos com efeito em outra passagem da Escritura que aquele homem estava cego e que foi levado ao cativeiro. Assim, ele foi levado para a Babilônia e ao mesmo tempo não a viu, como afirmam as duas passagens citadas⁶⁸³”.

E mais: alguns dizem por ignorância que a epístola aos Hebreus não é do apóstolo Paulo, ou que determinada palavra de Denis o Areopagita não tem relação com suas outras palavras. Mas quando prestamos atenção a estas palavras, descobrimos a verdade: dado que a coisa nasce da clarividência, ou seja, do conhecimento natural, da contemplação dos seres (portanto, das criaturas) concedida à pureza do intelecto, os santos dizem com precisão qual o objetivo de Deus. Os que sondam as Escrituras, diz João Crisóstomo, são como quem pretende encontrar ouro nas minas da terra. Eles vão buscar nos veios mais finos, a fim de que sequer um iota ou um traço caiam⁶⁸⁴, como disse o Senhor. O iota é a décima letra, e o traço é aquilo que chamamos de sílaba longa; sem eles, não é possível escrever corretamente.

Isto, quanto às coisas naturais. Mas quando a coisa sensível ou inteligível ultrapassa a natureza, é pela visão original e a revelação que os santos conhecem a palavra escrita, pois o conhecimento disto lhes foi concedido pelo Espírito Santo. Se ele não lhes tivesse sido concedido, se, para seu benefício, a coisa se mantivesse incompreensível para eles, eles não teriam vergonha em dizer a verdade e confessar a fraqueza humana, afirmando como o Apóstolo: “Eu não o sei, Deus o sabe⁶⁸⁵”. Ou como Salomão: “Três coisas eu

⁶⁸² *Gálatas* 1: 8.

⁶⁸³ *Homilia ao povo de Antioquia* XIX, 3, citando *II Reis* 25: 7; *Ezequiel* 12: 13; *Jeremias* 52: 11.

⁶⁸⁴ Cf. *Mateus* 5: 18.

⁶⁸⁵ *II Coríntios* 12: 22.

ignoro, e uma quarta eu desconheço⁶⁸⁶”. Ou ainda, como João Crisóstomo: “Eu não sei e, se os hereges me chamam descrente, que me tratem também por louco”. Simplesmente, estes homens, que possuíam a dupla sabedoria, preferiram a sabedoria do alto. Eles se serviram sábia e comedidamente da educação profana, segundo a regra do Apóstolo de não se glorificar fora de propósito⁶⁸⁷, como os egípcios que se riram das palavras toscas do apóstolo Barnabé e ignoraram que sua predicação continha palavras de vida eterna⁶⁸⁸, como dizem os escritos de Clemente. A maior parte de nós faz a mesma coisa rindo ao ouvir alguém dizer palavras estrangeiras, quando na verdade podemos estar diante de um sábio capaz de expor terríveis mistérios em sua própria língua. Tudo isto provém da ignorância.

Mas os próprios Padres sempre escreveram coisas simples segundo os tempos e os homens a quem eles escreviam. São Gregório de Nice louva assim santo Efrém, que era um sábio, por haver escrito coisas simples. Ele admira sua grande experiência dos dogmas e conta como ele soube encurralar os artigos dos livros malditos de um herético pueril, e como este, não podendo suportar a vergonha, morreu de orgulho⁶⁸⁹. Pois a santa humildade é sobrenatural, e o descrente é incapaz de obtê-la. Ele a considera contra a natureza, como diz o grande Denis, quando escreve a São Timóteo a propósito destes homens: “A ressurreição parece aos antigos como sendo contra a natureza. Mas para você e eu, na verdade, ela não é contra a natureza, mas sobrenatural⁶⁹⁰”. Isto, para nós, por que para Deus ela não ultrapassa sua natureza – ela é natural. Pois a ordem de Deus é a

sua natureza. Os Padres dão testemunho de sua humildade em suas obras e em suas palavras, como aquele que escreveu o *Gerontikon*, embora tenha sido bispo e exilado por Cristo⁶⁹¹. Ele dizia a respeito da vestimenta de uma virgem: “Eu a considerei um ser abençoado”. Os santos Padres Doroteu e Cassiano, que eram sábios, também escreveram coisas simples.

Tudo isto foi dito para que não se pense que alguns escreveram coisas extraordinárias por orgulho, e outros, coisas simples por serem simples. Pois a inteligência de uns e de outros era a mesma, dada pelo mesmo Espírito Santo. E seu objetivo era o benefício de todos. Pois se todos tivessem escrito coisas simples, ninguém poderia tirar proveito das coisas extraordinárias. Ficaríamos limitados às palavras comuns, e acabaríamos por considerá-las como nada. Ao mesmo tempo, os mais simples não receberiam nenhum benefício se todos houvessem escrito apenas coisas extraordinárias cujo alcance eles não conseguiriam entender. Um, que tem a experiência da contemplação das Escrituras sabe que a inteligência contida na palavra mais simples da Bíblia, assim como aquela contida na mais profunda, é única e só tende a salvar o homem. Outro, desprovido desta experiência, se escandaliza às vezes, por ignorar tudo o que pode trazer a educação daqui de baixo quando se torna o veículo da sabedoria do alto, a sabedoria do Espírito. Pois a educação daqui de baixo confere sentidos claros e a sabedoria do alto o poder da palavra, desde que a prudência seja constante e a castidade se mostre diante das festas, desde que se tema a loucura e o orgulho, desde que estejamos revestidos de sentimentos modestos,

⁶⁸⁶ *Provérbios* 30: 18.

⁶⁸⁷ Cf. II *Coríntios* 10: 13.

⁶⁸⁸ Cf. *João* 6: 68.

⁶⁸⁹ *Vida de santo Efrém o Sírio*.

⁶⁹⁰ *Hierarquia eclesiástica* VII, 1.

⁶⁹¹ Trata-se sem dúvida de Paládio, autor da *História lausíaca*, uma história dos Padres do deserto, monge no Egito de 388 a 400, depois bispo de Helenópolis na Bitúnia. Discípulo de Evagro, ele foi acusado de origenismo e exilado no Alto Egito.

como quer o Apóstolo⁶⁹².

Assim como o Amém de que fala em verdade o Evangelho de são Lucas⁶⁹³ é a palavra firme que confirma tudo o que foi dito, também a reflexão é a firme inteligência das coisas que a verdade pode guardar. Com efeito, é no Amém que reside a nova graça. Não o encontramos plenamente no Antigo Testamento: ele aí só aparece figuradamente. Mas a nova graça não cessa de dizê-lo. Pois ele habita na eternidade, pelos séculos dos séculos.

Vigésimo-quarto discurso

*O Ômega é a vigésima-quarta letra
E o presente discurso permite ao coração sentir,
A fim de que cada um saiba o que é bom para si.
Assim sendo, ó Pai, abençoa este início.*

Oh, quantas lágrimas quisera eu derramar, quando olho a mim mesmo. Pois, se eu não peço, cresce o orgulho em mim; e se eu peço e me vejo pecando, em minha indigência perco a coragem e caio em desespero. Se me refugio na esperança, volta o orgulho. Se choro arrisco cair em presunção; e se não choro, as paixões retornam. Minha vida é uma morte e, com o temor do castigo, a morte me parece ainda pior. Minha prece se torna uma tentação para mim e a desatenção me toma. Aquele que toma sobre si o conhecimento se cobre de dor⁶⁹⁴, disse Salomão.

⁶⁹² Cf. Romanos 12: 3.

⁶⁹³ Muitos manuscritos terminam o Evangelho segundo são Lucas, no versículo 24: 53, com um Amém.

⁶⁹⁴ Eclesiastes 1: 18.

Incerto, fora de mim, não sei o que fazer. Se conheço e não ajo, o conhecimento me condena. Que fazer? Em minha ignorância, todas as coisas me parecem contraditórias e não consigo conciliá-las. Não encontro a virtude oculta nem a sabedoria nas tentações, pois não tenho paciência. Deixo a hesíquia em meio aos pensamentos. Por meio dos sentidos, descubro as paixões além das tentações. Se desejo jejuar e velar, a presunção e o relaxamento me impedem. Se como e durmo sem me preocupar, caio em pecado malgrado minha intenção. Estou oprimido de todos os lados. Fujo por temor do pecado, mas a acídia me derruba.

No entanto, vejo que nestes combates e tentações muitos recebem as coroas, pois sua fé é segura. Ela lhes fornece o temor a Deus, e com este temor eles conseguem ser bem sucedidos nas demais virtudes. Se eu também tivesse fé como eles, encontraria o temor. Disse o profeta que foi por meio do temor que eles receberam a piedade e o conhecimento, de onde vieram até eles força e o conselho, a compreensão e a sabedoria⁶⁹⁵ que o Espírito concedem aos que permanecem em Deus sem preocupações e na meditação paciente das divinas Escrituras, que torna semelhantes as coisas de baixo com as coisas de cima. Com efeito, quando uma paixão se transforma em virtude o tempo e a experiência o mostram claramente. Mas quando a virtude tende à paixão o tempo e a experiência normalmente as separam por meio da paciência. Se esta não nasce na alma por intermédio da fé, torna-se impossível possuir qualquer outra virtude. “Com sua paciência vocês salvarão suas almas⁶⁹⁶” disse o Senhor, que formou o coração de cada um dos homens⁶⁹⁷, conforme canta o Salmista, Com isto ele quer dizer que o coração de cada qual – ou seja, o intelecto – se forma através da paciência nas tribulações.

⁶⁹⁵ Cf. Isaías 11: 2.

⁶⁹⁶ Lucas 11: 9.

⁶⁹⁷ Cf. Salmo 32 (33): 15.

Quando aquele que crê que outro dirige invisivelmente sua vida se deixará persuadir por seu próprio pensamento que lhe diz: quero ou quero isto, tal coisa é boa ou má? Se neste mundo temos alguém que nos guie, devemos interrogá-lo em todas as coisas, ouvir sua resposta e fazer o que ele diz. E se não tivermos ninguém, temos a Cristo, como disse o Eucaíta⁶⁹⁸. Devemos interrogá-lo por meio da prece do coração e esperar com fé sua resposta em atos e palavras, para que Satanás, que não pode ficar sem fazer nada, não responda ser ele próprio o guia, não tome a sua forma, e não leve à perdição aqueles que não têm paciência. Em sua ignorância, eles se esforçam por tomar o que jamais lhes foi dado, a saber, que um dia aos olhos do Senhor são como mil anos e que mil anos são como um dia⁶⁹⁹.

Mas aquele que por sua paciência obteve a experiência dos truques do inimigo não cessa de agir como pediu o Apóstolo, de lutar, de correr sem descanso para derrubá-lo⁷⁰⁰ e poder dizer: nós não ignoramos seus pensamentos⁷⁰¹, ou seja, suas armadilhas enrustidas, ignoradas pela maioria. Pois foi dito que ele se transforma em anjo de luz⁷⁰². E não há nada de espantoso nisto. Os pensamentos que ele manifesta no coração parecem ser pensamentos de justiça aos que não têm experiência. Por isto é sempre bom dizer: “eu não sei”, a fim de não faltar com a fé diante das palavras do Anjo, nem crer no que diz o inimigo em suas armadilhas. Devemos evitar com paciência ambos os abismos, e esperar os anos que forem necessários, contra nossa vontade e sem nada sabermos, que a resposta surja – como dissemos a respeito da contemplação dos

seres, das criaturas de Deus –, até que cheguemos a algum porto, ou seja, à contemplação ativa. E é preciso ainda ver a esta por longos anos para aprendermos que de fato fomos ouvidos e que recebemos invisivelmente uma resposta. Então oramos pela vitória dos que combatem e já não ouvimos nenhuma palavra nem vemos forma alguma que sejam ilusórias. Aconteça o que for durante o sonho ou no mundo sensível, não cremos em nada. Depois de alguns anos, vemos que o combate foi vitorioso pela graça. Chegam pensamentos que conduzem nosso intelecto para a humildade e o conhecimento de nossa própria fraqueza. Mas ainda não cremos. Ainda esperamos por longos anos, temendo sermos presa do demônio. João Crisóstomo o disse a respeito dos apóstolos: o Senhor lhes anunciou as aflições que iriam conhecer, e acrescentou: “Quem perseverar até o fim, este será salvo⁷⁰³”. Pois eles jamais deveriam cair na negligência. Era preciso que o temor os levasse a combater. De fato, as demais virtudes de nada servem, ainda que vivamos no céu, se tivermos o orgulho por cuja causa o diabo, Adão e tantos outros caíram.

Jamais devemos rejeitar o temor enquanto não houvermos atingido o porto do amor perfeito⁷⁰⁴, enquanto não estivermos fora do mundo, fora do corpo. Pois não é por si só que um homem abandona o temor: é preciso uma grande fé para desembaraçar o intelecto dos cuidados da vida e para com a morte do corpo. Então ele pode atingir o temor puro⁷⁰⁵, o temor do amor de que fala o grande Atanásio aos perfeitos: “Não temam a Deus como um mestre todo-poderoso, mas temam-no em razão de seu amor”. Tema não apenas pecar, mas também ser amado e não amar, e ser indigno dos bens que você recebe. A partir daí será o temor deste bem que irá levar a alma a amar, a se tornar digna das benesses que recebe e receberá,

⁶⁹⁸ São Teodoro de Tiro, originário da cidade de Eucaíta na Trácia.

⁶⁹⁹ Cf. II *Pedro* 3:8.

⁷⁰⁰ Cf. I *Coríntios* 9: 26; *Filipenses* 3: 12.

⁷⁰¹ Cf. II *Coríntios* 2: 11.

⁷⁰² Cf. II *Coríntios* 11: 14.

⁷⁰³ *Homilias sobre são Mateus*, citando *Mateus* 10: 22.

⁷⁰⁴ Cf. I *João* 4: 18.

⁷⁰⁵ Cf. *Salmo* 18 (19): 10.

em seu reconhecimento para com seu Benfeitor. E do temor puro pelo amor, alcançaremos a humildade sobrenatural.

Quaisquer que sejam os bens que experimente ou as infelicidades que suporte, este homem não pensará nunca possuir em si a força ou a arte de perseverar ou de bem conduzir sua alma e seu corpo. Ele recebeu da humildade o discernimento que lhe permite saber que ele é uma criatura de Deus, e que nada pode fazer de bom por si mesmo, nem guardar o que lhe concedeu a graça, nem eliminar as tentações, nem perseverar por sua própria coragem ou por sua própria prudência. Do discernimento ele passa ao conhecimento parcial das coisas e começa a ver todos os seres com o intelecto. Mas, ignorando suas razões, ele deseja o Mestre. Mas não o encontra, por que ele é invisível. Ele já não recebe nenhuma forma ou pensamento que já não tenha atestado, como lhe ensinou o discernimento, e assim permanece na expectativa.

A partir daí ele considera como nada tudo o que fez por si mesmo, tudo o que lhe ensinaram. Diante de si ele vê inúmeros homens que caíram depois de tantos suores, de Adão até todos os que o seguiram. Quando ele escuta sem compreender determinada passagem das Escrituras, este conhecimento o faz chorar. Pois ele sabe que não conhece verdadeiramente como deveria e, coisa espantosa, sabe que quem crê saber é por que nada sabe⁷⁰⁶ e que aquilo que ele sabe lhe será tirado⁷⁰⁷, como disse o Senhor. Pois ele pensa possuir, mas não possui. Um homem assim é insensato, falta-lhe a inteligência. Ele é fraco e ignorante. Ele chora e se lamenta quando, em seu reconhecimento, crê receber mesmo o que ele não tem. Pois a humildade nasce de diversas virtudes, mas ela própria é que engendra as mais perfeitas. Do mesmo modo o conhecimento, a ação

de graças, a prece e o amor. Pois estas virtudes jamais cessam de crescer. A partir do momento em que nos humilhamos e nos lamentamos por nos sabermos pecadores, nos tornamos temperantes, suportamos as aflições que nos acontecem, desejadas ou não, suportamos pela ascese o que nos vem dos demônios e pela prova da fé o que nos vem dos homens, para que apareça aquilo em que colocamos nossa esperança, se em Deus ou em um homem, ou em nossa própria força e nossa própria prudência. E quando, experimentados pela paciência⁷⁰⁸, abandonamos tudo a Deus, recebemos a grande fé de que fala o Senhor: “Quando vier o Filho do homem, encontrará ele a fé⁷⁰⁹”?

É por meio desta fé que obtemos a vitória sobre aqueles que nos combatem. Se a trazemos em nós, recebemos o poder de Deus e da sabedoria que dele adquirimos, o conhecimento de nossa própria fraqueza e de nossa própria ignorância. Começamos a render graças na humildade da alma e a tremer sob o temor de cair novamente, como já caímos por desobedecermos a Deus. É a partir deste temor puro⁷¹⁰, desembaraçado do pecado, e da ação de graças. Da paciência e da humildade concedidas pelo conhecimento, que esperamos receber a compaixão que só a graça nos traz. Mas a experiência das benesses que recebemos em Deus nos leva também à expectativa e ao temor de sermos considerados indignos de tais dons da parte de Deus. A partir daí a humildade cresce e a prece do coração se torna mais intensa. Estas aumentam com a ação de graças, e então recebemos um conhecimento mais forte. Assim, indo do conhecimento ao temor e do temor à ação de graças, alcançamos um conhecimento que ultrapassa os primeiros dons. A partir daí, amamos o Benfeitor naturalmente e é com alegria que desejamos

⁷⁰⁶ Cf. I Coríntios 8: 2.

⁷⁰⁷ Cf. Mateus 13: 12.

⁷⁰⁸ Cf. Tiago 1: 12.

⁷⁰⁹ Lucas 18: 8.

⁷¹⁰ Cf. Salmo 18 (19): 10.

servi-lo. Pois somos devedores deste conhecimento, cujo crescimento agora carregamos.

Depois das benesses particulares contemplamos as benesses universais pelas quais somos incapazes de dar graças, e então nos vemos enlutados. Mas admirando outra vez a graça de Deus, por ele clamamos. Ora choramos de dor, ora o amor nos faz verter lágrimas mais doces que o mel. Somos cumulados da alegria espiritual que provém de uma inefável humildade. Então desejamos em verdade toda a vontade de Deus, desprezamos todas as honras e confortos, colocamo-nos abaixo de tudo, não considerando mais que sejamos alguma coisa, por pequena que seja. Somos devedores de Deus e também dos homens, tanto quanto dele. Consideramos um grande benefício as tentações e aflições, e como um grave prejuízo a alegria e o conforto. As primeiras, desejamo-las com toda a alma, venham de onde vierem. E tememos as últimas, ainda que venham de Deus para nos provar.

Em meio a todas essas lágrimas, o intelecto começa a receber a pureza e alcança seu primitivo estado, ou seja, o conhecimento natural que lhe faz perder o amor às paixões. Alguns chamam a este conhecimento “prudência”, pois o intelecto vê as coisas tais como são em sua natureza. Outros o chamam “clarividência”, pois então conhecemos em parte aquilo que nos é dado ver dos mistérios ocultos, ou seja, o objetivo de Deus tal como se encontra nas santas Escrituras e em todas as criaturas. A própria clarividência nasce do discernimento: ela pode compreender as razões das coisas sensíveis e inteligíveis. É por isso que a chamamos também de contemplação dos seres, portanto das criaturas. Esta contemplação é natural e provém da pureza do intelecto. Mas se for dado a alguém, para o bem comum, alcançar a visão profética, isto já é sobrenatural. Pois somente Deus conhece previamente tudo em todos e sabe o motivo

pelo qual faz cada coisa ou diz cada palavra da santa Escritura, e por qual motivo ele concede o conhecimento aos que dele são dignos. A contemplação das criaturas sensíveis e inteligíveis, a que chamamos prudência, é assim uma clarividência e um conhecimento natural, pois ela pré-existia na natureza, mas, tendo o intelecto sido entenebrecido pelas paixões, se Deus não as destruísse por meio da virtude ativa, não a poderíamos ver. O mesmo não acontece com a visão profética, que é uma graça, e é sobrenatural. Entretanto, a primeira clarividência, embora natural, não é independente de Deus.

Os gregos foram capazes de conceber muitas coisas. Mas eles jamais encontraram o objetivo de Deus nas criaturas, disse o grande Basílio, e jamais puderam encontrar o próprio Deus. Pois eles não possuíam a humildade e a fé de Abraão. Somos chamados de fiéis desde o momento em que acreditamos nas coisas invisíveis a partir das visíveis. Mas acreditar nas coisas que nos aparecem não equivale a crer n’Aquele que nos ensina ou nos prega. É por isso, para provar nossa fé, que as tentações são aparentes, mas a concepção das coisas é oculta. Quando se livra da tentação, o fiel, por sua paciência, encontra o conhecimento. Daí em diante ele sabe que é ignorante e que recebeu um bem. Ele traz em si o fruto da humildade e do amor a Deus seu Benfeitor, e pelo próximo por meio do serviço a Deus. Ele considera com naturalidade ser devedor e assim deseja guardar os mandamentos. Ele odeia as paixões como a seus inimigos, ele despreza o corpo, ao qual considera como um obstáculo à impassibilidade e ao conhecimento de Deus, à sabedoria oculta⁷¹¹.

E ela é verdadeiramente oculta. Pois alguém pode amar a sabedoria do mundo, que tem no mundo sua suficiência, suas delícias, seu conforto e sua glória. Mas é bem o contrário que busca em seu combate aquele que ama a sabedoria de Deus, que se dedica às penas

⁷¹¹ Cf. I *Coríntios* 2: 7.

e à temperança e que, pelo Reino dos céus, traz em si toda a aflição e desonra. Um deseja se aproximar dos bens aparentes, dos ensinamentos e dos reinos aqui de baixo, e acaba por receber muitos sofrimentos vindos deles. O outro sofre com Cristo. Um tem suas esperanças aqui em baixo, se é que as tem, pois elas passam com o tempo e são difíceis de serem atendidas. O outro está oculto aqui em baixo aos olhos dos insensatos⁷¹², diz a divina Escritura, mas se revelará no século futuro, quando os segredos serão revelados. Mais ainda, este conhecimento dos segredos, ou seja, a contemplação das divinas Escrituras e das criaturas, é dada, segundo João Crisóstomo, aos que estão enlutados aqui em baixo. Pois da fé nasce o temor, do qual provém o luto que engendra a humildade, que traz o discernimento, de onde procede a clarividência ou, pela graça, a visão profética.

Aquele que conhece não deve jamais se agarrar a seus próprios pensamentos, mas apelar sempre para o testemunho das divinas Escrituras e da natureza das coisas. Sem este testemunho não existe conhecimento verdadeiro. Tudo é malícia e ilusão, como disse o grande Basílio a respeito dos astros⁷¹³. Com efeito, a divina Escritura nomeia poucas coisas, enquanto os gregos, ao contrário, em sua ilusão dão numerosos nomes. Pois o objetivo da divina Escritura está no que pode salvar a alma e revelar alguns dos mistérios da palavra de Deus e as razões dos seres, ou seja, a finalidade de cada coisa, para que o intelecto seja esclarecido no amor de Deus e possa conhecer sua grandeza, sua sabedoria inefável e a providência por meio da qual ele cuida de suas criaturas.

Este conhecimento leva tal homem a temer a transgressão dos mandamentos de Deus, a conhecer sua própria fraqueza e sua própria

ignorância. Ele é humilde aqui em baixo, ele ama a Deus, não desdenha de seus mandamentos como o fazem aqueles que são privados de seu conhecimento ativo. E Deus mantém longe dele alguns mistérios, para que ele permaneça cheio de desejo e não de desgosto, como Adão. Por que, senão, o inimigo expulso o atrairia com sua perversidade. Assim as coisas acontecem com os virtuosos. Quanto aos ignorantes, Deus lhes envia o temor por meio das tentações, para que eles se afastem do pecado, e, por meio das benesses corpóreas, ele os conforta para que não se desesperem.

Tudo isto Deus faz todo o tempo em sua infinita bondade para nos salvar e nos livrar das armadilhas do diabo, seja concedendo-nos as benesses e os conhecimentos, seja mantendo-os afastados de nós. Ele concede seus carismas e o sentido das coisas em função do reconhecimento de cada um. Da mesma forma, para seu benefício, ele esconde ou revela a alguns a divina Escritura, conforme a resolução daquele que lê. Mas o objetivo dos filósofos profanos é bem diverso: cada qual se esforça por vencer o outro e parecer mais sábio. Por isso eles nunca encontram o Senhor, assim como não o encontram os que os seguem, ainda que se esforcem muito. Pois não é nas penas, disse João Clímaco, mas na humildade e na simplicidade⁷¹⁴, que Deus se revela pela fé, ou seja, pela contemplação das Escrituras e das criaturas. O Senhor o disse: “Como podem vocês crer, vocês que extraem sua glória uns dos outros?”⁷¹⁵.

Esta é a grande fé: ela é capaz de remeter a Deus todas as preocupações. O Apóstolo a chama de fundamento; João Clímaco, de mãe da hesíquia⁷¹⁶; e santo Isaac, fé da contemplação e porta dos

⁷¹² Cf. *Sabedoria* 3: 2.

⁷¹³ *Homilias sobre o Hexameron* IV.

⁷¹⁴ *A Escada Santa* XXIV, 18.

⁷¹⁵ *João* 5: 44.

⁷¹⁶ *A Escada Santa* XXVII, 74.

mistérios⁷¹⁷. Aquele que a possui não tem mais nenhuma inquietude, como todos os santos cujos próprios nomes, assim como os dos antigos justos, correspondiam exatamente ao que eles eram. Pedro levava o nome da firmeza, e Paulo o do repouso. Tiago era “aquele que suplanta”, pois ele suplantou o diabo. Estevão significa a coroa eterna. Atanásio, a imortalidade; Basílio, o Reino; Gregório, o despertar da sabedoria, vale dizer, da teologia; João Crisóstomo, o bem mais precioso e a graça desejada; Isaac, o perdão. Os nomes no Novo Testamento estão assim bem de acordo com os homens, assim como no Antigo Testamento. De fato, Adão (ADAM) é o nome dos quatro pontos cardeais: A, de Anatólia, o oriente; D, de *dysis*, o Ocidente; A, de *arktos*, o norte; M, de *mesembria*, o sul. O homem, tal como era então chamado em siríaco, significa também o fogo, pois ele é como a natureza. O mundo todo proveio de um só homem, assim como uma única lâmpada acende outras, tantas quantas se queiram, e a primeira ainda permanece inesgotável.

Mas depois da confusão das línguas, uma fornece etimologias tiradas do esquecimento em que caíram os homens; outra as descobre em suas próprias pesquisas, que são diferentes. A Grécia faz derivar a etimologia do homem – *anthropos* – do verbo *ano athrein*: olhar para cima. Mas a natureza fundamental do homem é a razão – o *logos* – e é por isso que se diz que ele é dotado de razão – *logikos* – pois ele é o único a possuí-la propriamente. Todos os outros nomes que designam o homem, ele os partilha com as outras criaturas. Por isso devemos deixar tudo e, como somos dotados de razão, escolher a razão e oferecer pela razão – o *logos* – nossas palavras – *logoi* – a Deus o Verbo – o *Logos* – a fim de que em lugar de nossas palavras nos seja dado receber as palavras do Espírito Santo desde já, conforme foi dito: “Conceda a oração ao que ora⁷¹⁸”. Ao que bem

ora a oração do corpo, Deus concede a prece do intelecto. Quem se aplica a esta prece recebe do temor puro⁷¹⁹ a Deus aquilo que não possui nem figura nem forma. Quem traz em si este temor recebe a contemplação das criaturas. Enfim, aquele que se recolhe para longe de tudo e não se contenta com apenas ouvir, recebe da contemplação o arrebatamento do intelecto que lhe abre a teologia e as benesses do século futuro.

Assim é que o conhecimento é um bem se conduz aquele que o possui, mesmo contra a vontade, da confusão à humildade, e se este o possui independentemente de qualquer mérito e humildemente o recusa como se fosse um perigo, segundo as palavras de João Clímaco⁷²⁰, ainda que ele lhe tenha sido dado por Deus. E que infelicidade se ele conduzir à sorte daquele homem que foi derrubado pelos tridentes dos demônios! Ele era renomado e amado pelos homens, tendo todos chorado sua morte considerando uma grande perda serem privados dele. Mas ele trazia dentro de si um orgulho escondido. E quem relatou estas coisas ouviu uma voz do alto que dizia: “Não lhe deem repouso! Pois nem por um instante ele me deixou repousar!”. Aquele a quem todos consideravam como santo, e de cujas orações muitos esperavam um alívio para suas tentações, teve tal fim por causa de seu orgulho. A causa foi, de fato, o orgulho. É claro: se ele tivesse outro pecado, ele não poderia enganar todo mundo, nem cometer este pecado todo o tempo. Mas ele estava em estado de heresia, e o herético provoca a cólera de Deus a todo o momento com sua blasfêmia em pensamento. No entanto, a blasfêmia não é um segredo total. Mas a providência de

⁷¹⁹ Cf. Salmo 18 (19): 10.

⁷²⁰ A Escada Santa VII, 62. “Afastem para longe, com verdadeiro espírito de humildade, toda alegria estranha, como indigna de vocês; e não cessem de temer que, pelas armadilhas do demônio, venham a receber um lobo devorador ao invés do pastor de suas almas.”

⁷¹⁷ Obras espirituais, pg. 126 e 365.

⁷¹⁸ I Samuel 2: 9.

Deus a torna manifesta para corrigir aquele que a traz em si, desde que ele queira se converter. Se não, ao menos esta manifestação pode proteger outros homens. É por isso que somente o orgulho, em sua autossuficiência, é capaz de enganar todo mundo, inclusive o próprio orgulhoso, na medida em que ele não admite que possa cair nas tentações que permitem à alma se corrigir e conhecer sua própria fraqueza e sua ignorância. O Espírito Santo não tinha assim o menor instante de repouso nesta alma miserável que voltava sempre ao mesmo pensamento regozijando-se nele como se fosse um ato glorioso, mas que foi coberta de trevas como os demônios. Não deixando transparecer nenhuma falta, ele alimentava esta única paixão em lugar de todo o resto, e isto bastava aos demônios, pois sozinha ela o amarrava sem precisar dos demais vícios, como dizia João Clímaco⁷²¹.

Eu mesmo não vi nem discerni nada disto, mas escrevo o que o santo Ancião me permitiu entender⁷²². Com efeito, ele disse a respeito de são Paulo o Simples, que um demônio se recusava a sair depois que o grande Antônio lhe havia pedido: “Padre Paulo, expulse o demônio desta jovem”. Ora, Paulo não se inclinou imediatamente para obedecer. De certo modo, ele resistiu, dizendo: “Por que não o faz você?”. Ele só obedeceu quando o grande Antônio lhe respondeu que ele próprio não tinha tempo. É por isso, dizia o bem-aventurado Ancião, que o demônio não saiu logo, mas somente depois de muito esforço, e isto foi justo, pois não apenas devemos crer no Ancião por que ele é um homem de Deus, mas seu testemunho é ainda atestado pela lavagem dos pés⁷²³ e pelas respostas de Moisés⁷²⁴ e do profeta que buscava alguém que lhe batesse. Nós relatamos esta última

história, mas não a comentamos. Vamos fazê-lo aqui⁷²⁵.

Os Paralipômenos contam que um rei governava com tamanha rudeza seu reino que Deus, em seu amor pelo homem e não suportando mais a tirania, ordenou ao profeta que fosse acusar o rei. Mas o profeta, que conhecia a crueldade do rei, não quis ir, por medo de que este, ao vê-lo de longe e sabendo o porquê de sua presença, o expulsasse sem que ele pudesse acusá-lo. Ele temia ainda que o rei não desse atenção às suas palavras, se ele começasse por dizer: “Eu fui enviado por meu Deus por causa da sua crueldade”. Ele imaginou então se deixar ferir por alguém e ir ensanguentado queixar-se ao rei, a fim de enganá-lo com este artifício e fazê-lo ouvir o que ele tinha a dizer. Encontrando no caminho um homem que trazia um machado, ele lhe disse: “O Senhor disse: tome este machado e fira-me na cabeça”. O outro, que venerava a Deus, respondeu: “Jamais, meu senhor. Eu pertenço a Deus e não levantarei minha mão contra um ungido do Senhor”. Então o profeta replicou: “O Senhor diz: como você não quer escutar a voz do Senhor, que um leão saia da mata e o devore”. Ele não estava encolerizado. Mas o que aconteceu a seguir iria servir de lição a muitos. Pois este homem bom se tornou digno de não morrer simplesmente como o resto dos homens, mas de ser devorado pela fera conforme a palavra do Senhor e assim receber a coroa do martírio por esta morte amarga. O *Gerontikon*⁷²⁶ lembra este episódio a propósito dos quatro padres que adormeceram em Cristo que pediam em coro que seu servidor, que caíra na prostituição, fosse devorado pelos leões. Mas o Senhor não lhes deu ouvidos e aceitou a prece do hesiquiasta que pedia que o leão se afastasse do servidor. Depois o profeta encontrou outro servo daquele rei e lhe disse: “O Senhor disse: tome este machado e fira-me na cabeça”. Este último, ouvindo o que o Senhor dizia, feriu a cabeça do profeta

⁷²¹ *A Escada Santa* XXII, 5; XXVI, 45.

⁷²² Cf. Paládio, *História Lausiaca* XXII, 9-10.

⁷²³ Cf. *João* 13: 5.

⁷²⁴ Cf. *Êxodo* 4: 10.

⁷²⁵ [Ver o relato em I Reis 21: 35-42.](#)

⁷²⁶ *Sentenças dos Padres do Deserto*, anônimo 1597.

com seu machado. E o profeta, assim como Moisés fizera outrora⁷²⁷, lhe disse: “Que a bênção do Senhor esteja sobre você, pois você ouviu a voz do Senhor”. Assim é que o primeiro, em sua grande bondade respeitou o profeta e não o obedeceu, como Pedro na lavagem dos pés⁷²⁸. E o segundo obedeceu cegamente, como o povo obedeceu a Moisés quando se imolaram entre si⁷²⁹.

Aparentemente, aquele que ouviu a vontade de Deus fez o melhor. A ordem sobrenatural do Mestre da natureza foi para ele mais sábia e mais justa do que o conhecimento natural. E aquele que desobedeceu fez menos, pois ficou naquilo que lhe pareceu mais justo do que as coisas de Deus. Mas secretamente as coisas não foram assim. A obediência ou a desobediência são julgadas segundo seu objetivo. Quem tem por objetivo agradar a Deus faz o melhor. Aparentemente Deus se irrita contra o que desobedece e abençoa o que escuta. Mas secretamente a coisa muda. Pois ambos tinham uma visão natural. Os dois eram bons, pois seu objetivo estava em Deus. E é assim que as coisas são.

O profeta foi então ao encontro do rei e, diante dele, disse: “Faça-me justiça, ó Rei. No caminho para cá, quando vinha vê-lo, alguém me bateu e feriu-me a testa”. O rei, vendo o sangue e o ferimento, ficou irritado como era seu costume, mas não contra aquele que apelava por sua justiça. Acreditando julgar a outro e não a si mesmo, ele condenou duramente a quem fizera aquilo. O Profeta, que esperava esta resposta, disse então: “Você falou bem, ó rei. Eis aqui então o que disse o Senhor: eu o arrancarei de seu trono e o tirarei de seus filhos, pois foi você quem fez isto”. Assim, o profeta anunciou o oráculo, como queria. E com habilidade fez o rei compreender o que

ele tinha a lhe dizer. Depois, ele saiu, glorificando a Deus.

Assim eram pois as almas dos profetas. Elas amavam a Deus, conheciam-no e se deixavam sofrer por sua vontade. Esta era a justiça. Quem conhece com precisão um caminho ou uma ciência, percorre-o com todo seu coração e sem nenhuma dificuldade, e mostra aos outros, com toda certeza, o caminho, os mistérios e as concepções de sua arte, ainda que ele próprio seja jovem ou simples e os demais anciãos e sábios em outras matérias. Pois os profetas, os apóstolos e os mártires não aprenderam o conhecimento e a sabedoria de Deus por ouvir falar, como nós. Eles deram seu sangue e receberam o Espírito, como diziam os antigos: “Dê seu sangue e receba o Espírito”. É por isso que os Padres, ao invés do martírio sensível, portavam o martírio da consciência, e em lugar da morte do corpo a intenção da morte, a fim de que o intelecto fosse mais forte do que as vontades da carne e que nele reinasse Jesus Cristo nosso Senhor. A ele a honra, o poder, a glória e a adoração, agora e para sempre, e pelos séculos dos séculos. Amém.

A Deus a graça.

⁷²⁷ Cf. *Êxodo* 32: 29.

⁷²⁸ Cf. *João* 13: 6-9.

⁷²⁹ Cf. *Êxodo* 32: 26-29.

MACÁRIO O EGÍPCIO

150 CAPÍTULOS METAFRASEADOS

Macário o Egípcio

Nosso Pai entre os Santos Macário o Egípcio, que foi chamado o Grande, viveu sob o reino de Teodósio por volta do ano 370. Por causa das penas extremas da ascese a que se submeteu, ele foi um modelo e um exemplo da vida solitária. Muito versado na sagrada Escritura, ele escreveu textos de grande valia sobre diversos temas, cheios da sabedoria do Espírito, num total de cinquenta. São estes textos que Simeão Metafraste, que viveu sob Basílio da Macedônia por volta do ano 870, admirando seu valor e sabedoria espiritual, traduziu, dividindo-os em cento e cinquenta capítulos para tornar mais fácil sua compreensão. Adornando-os com o encanto e a sedução desta bela língua e com a elegância graciosa da Ática, ele os tornou mais doces do que o mel para o entendimento dos leitores. Assim, do mesmo modo como eles superam muitos outros pela altura de seus significados e a ética dos seus ensinamentos, eles não ficam atrás de nenhum pela beleza das frases e a vivacidade das formulações; encantando pela musicalidade de sua composição os corações de todos os que sobre eles se debruçam, estes textos são lidos em toda ação de graças.

*

Monge no deserto de Sceta no século IV, contemporâneo e discípulo de Antônio, vizinho e mestre de Evagro, Macário o Egípcio, muito depois de sua morte, marcou com seu exemplo e com seu nome (e talvez devido ao seu nome, que significa “bem-aventurado”) uma obra da qual não foi o autor. A crítica moderna pode, senão identificar, ao menos situar (no século V, dos lados da Mesopotâmia)

o autor real dos “escritos macarianos”: quanto ao essencial da obra, uma centena de *logoi* ou de homilias, e a Grande Carta, cujo texto é paralelo ao da *Instituição Cristã* de Gregório de Nysse. Estes escritos representam assim menos um testemunho pessoal preciso do que a transmissão global de uma exigência, de uma experiência e de uma história que era comum a todos os que, desde há um século, haviam se engajado na anacorese ou nas comunidades monásticas.

Os manuscritos nos chegaram sob a forma de “coleções” ou de “florilégios”, prefigurando assim a própria Filocalia. Foi um destes florilégios (extraído da *Grande Carta* e das homilias), intitulado *Cinquenta logoi de são Macário*, que foi parafraseado (fielmente, mas não sem refinamentos) no século X, nos 150 capítulos que a antologia filocalica inseriu entre os testemunhos de Pedro Damasceno e de Simeão o Novo Teólogo. O autor da paráfrase, Simeão Metafraste (Simeão o Tradutor), era um dignitário da corte imperial de Constantinopla: belo exemplo da osmose que podia existir em Bizâncio entre a vida monástica e a vida secular.

Assim, nem o autor no título, nem o autor da paráfrase são o autor real. Mas o paradoxo é apenas aparente. Pois um e outro simbolizam a fonte e o florescimento da corrente monástica: o Evangelho, levado ao deserto até o ponto de incandescência, depois entregue à comunidade cristã e à cidade dos homens, pela interiorização e a irradiação da vida eremítica. Mas a passagem pelo deserto não era isenta de riscos. O movimento monástico pedia e implicava renúncias tais que, na nebulosa ardente de suas origens, podia, com a contribuição do deserto, evaporar nos abismos. Sem jamais perder de vista a “ruptura” mística e profética, os textos macarianos souberam e puderam, esperando tudo do mistério da encarnação e da vinda do Espírito Santo no coração, fazer sair destes abismos o movimento monástico, a fim de mantê-lo e perpetuá-lo dentro da ortodoxia

bíblica e eclesial. Esta manutenção e esta transmissão foram assim, de uma ponta a outra, desde os primeiros Padres do deserto até os nossos dias, aquilo que a experiência dos monges sempre soube guardar, atestar e revelar de mais fiel na origem e na esperança evangélicas.

Pois aqui tudo começa pelos fundamentos do Evangelho. O monge – o cristão, como o chama Macário – perde seu esforço e mesmo sua prece, se não edificar a vida interior e a vida comunitária sobre o amor e a humildade, a simplicidade, a bondade e enfim o trabalho. Macário sublinha isto constantemente: o mal absoluto é a presunção. Satisfazer-se com uma virtude ou um carisma ao invés de se descobrir ainda mais indigente e mais sedento depois de tê-los recebido, é se condenar a transformar a virtude em vício e o carisma em perdição. A vida cristã é acima de tudo uma passagem do visível ao Invisível. “O templo visível, diz ele, é uma imagem do templo do coração”. Tudo, portanto, conduz ao coração, o “lugar de Deus”.

Mas o coração humano não é “lugar de Deus” a menos que esteja quebrantado. Só a partir daí ele poderá ser restaurado e cheio da consolação do Espírito Santo. Macário nos lembra aqui, no fio de prumo do Pentecostes, de que “é impossível adquirir o Espírito Santo senão nos tornando estranhos a todas as coisas deste século e renunciando a nós mesmos para buscar o amor de Cristo”.

Mas se o cristão deve entregar tudo a este amor de Cristo, seu dom se verifica e se cumpre no amor ao próximo. Assim, o amor de Cristo se constitui menos numa fuga mística e mais num real encaminhamento: viver aqui e agora, no meio dos outros, com os outros, as primícias da deificação e da comunhão dos santos. Sobre a experiência das fronteiras onde se opera a osmose do possível com o impossível, sobre a passagem do místico ao real, sobre a união do

divino com o humano, sobre o estado de êxtase, sobre o fluxo e o refluxo da graça, sobre a luz, Macário escreve frases estonteantes de beleza e verdade. Sobretudo, e esta é sua contribuição capital – perfeitamente bíblica e ortodoxa – ele insiste no fato de que a glória – a luz que resplandece no rosto de Moisés ou nos olhos de Paulo a caminho de Damasco – é o próprio poder do Espírito, a própria energia de Deus, e que esta glória nos foi dada. “É por esta luz, dizia ele, que todo conhecimento é revelado”. Portanto, todo conhecimento que não se relaciona com esta luz é truncado, privado de sua fonte. Existe aí um discernimento que dá a medida e precisa o alcance da corrente macariana, tal como ela floresceu no testemunho crucial dos místicos bizantinos dos séculos X ao XV, para se revelar nos dias de hoje secretamente no coração dos dilemas de nosso tempo.

**PARÁFRASE DE SIMEÃO METAFRASTE
EM 150 CAPÍTULOS SOBRE OS DISCURSOS
DE SÃO MACÁRIO O EGÍPCIO**

DA PERFEIÇÃO NO ESPÍRITO

PRIMEIRO DISCURSO

1. É pela graça e o dom divino do Espírito que cada um de nós obtém a salvação; é pela fé e o amor, e pelo combate da livre resolução, que podemos atingir a medida perfeita da virtude, a fim de, tanto pela graça como pela justiça, herdarmos a vida eterna. Não é apenas pelo poder divino e a graça divina, e sem contribuir com nosso próprio suor, que seremos considerados dignos de progredir até a perfeição. Também não é apenas por nosso próprio esforço e só com a nossa força, sem que a mão divina participe desde o alto, que chegaremos à medida perfeita da liberdade e da pureza. Pois foi dito: “Se o Senhor não edifica a casa e guarda a cidade, aquele que guarda vela em vão, assim como em vão trabalha aquele que se esforça em construir⁷³⁰”.

2. Pergunta: Qual é a vontade de Deus, esta vontade que, suponho eu, o Apóstolo exorta e conclama a cada um que a cumpra⁷³¹? Resposta: Consiste na perfeita purificação do pecado, na libertação das paixões desonrosas⁷³², na aquisição da virtude suprema, ou seja, na purificação e na santificação do coração, que se realiza de maneira perfeitamente real pela participação do Espírito perfeito e divino. Com efeito, foi dito: “Bem-aventurados os de coração puro,

por que verão a Deus⁷³³”. E: “Tornem-se perfeitos, vocês também, assim como o Pai celeste é perfeito⁷³⁴”. E: “Que meu coração, disse Davi, seja irrepreensível graças aos seus julgamentos, a fim de que eu não seja confundido⁷³⁵”. E ainda: “Agora já não serei confundido diante dos seus mandamentos⁷³⁶”. E ainda, ao que perguntou: “Quem subirá no monte do Senhor, ou quem habitará em seu lugar santo?”, ele respondeu: “Aquele cujas mãos são inocentes e cujo coração é puro⁷³⁷”. Com estas palavras ele ensinou a eliminar perfeitamente o pecado cometido tanto em ação como em pensamento.

3. O Espírito Santo, sabendo o quanto é difícil a libertação das paixões invisíveis e ocultas enraizadas na alma, mostra com o exemplo de Davi como é possível a purificação. “Purifique-me de minhas faltas ocultas⁷³⁸”, disse ele. É isto que podemos fazer, por meio da sinergia do Espírito, se orarmos muito, se for grande a nossa fé e se nos voltarmos perfeitamente para Deus. Mas devemos também nos opor a essas faltas, e manter uma total vigilância no nosso coração⁷³⁹.

4. Também o bem-aventurado Moisés mostrou por imagens que a alma não deve seguir dois desejos, o do mal e o do bem, mas apenas o do bem, e que ela não deve produzir dois frutos, o bom e o ruim, mas apenas o bom. Ele disse o seguinte: “Quando você semear o trigo não coloque numa mesma junta animais de espécies diferentes, como o boi e o asno⁷⁴⁰”. Faça a semeadura utilizando animais da

⁷³³ Mateus 5: 8.

⁷³⁴ Mateus 5: 48.

⁷³⁵ Salmo 118 (119): 80.

⁷³⁶ Salmo 118 (119): 6.

⁷³⁷ Salmo 23 (24): 4.

⁷³⁸ Salmo 18 (19): 13.

⁷³⁹ Cf. Provérbios 4: 23.

⁷⁴⁰ Deuteronômio 22: 10.

⁷³⁰ Salmo 126 (127): 1.

⁷³¹ Cf. Romanos 12: 2; I Tessalonicenses 4: 3.

⁷³² Cf. Romanos 1: 26.

mesma espécie. Ou seja: não devemos colocar a trabalhar no terreno de nosso coração a virtude e o vício, mas apenas a virtude. “Você não tecerá linho em sua vestimenta de lã, nem lá na sua vestimenta de linho⁷⁴¹”. “Você não cultivará frutas diferentes numa mesma parcela de terra⁷⁴²”. Você não unirá um animal de uma espécie a um animal de outra espécie, mas unirá animais da mesma espécie. Todas estas imagens têm o mesmo sentido místico: como foi dito, não devemos cultivar em nós o vício e a virtude, mas só devemos deixar nascer aquilo que for engendrado pela virtude. Também não devemos deixar que a alma comungue com dois espíritos, o Espírito de Deus e o espírito do mundo, mas somente com o Espírito de Deus. Apenas do Espírito de Deus ela deverá produzir frutos. É por isso que foi dito: “Eu me dirigi a todos os mandamentos e detestei todo caminho injusto⁷⁴³”.

5. Não é apenas dos pecados visíveis, como a prostituição, o assassinato, o roubo, a gula, a maledicência, a mentira, o amor ao dinheiro, a cupidez e outros semelhantes, que deve se guardar a alma virgem que escolheu se unir a Deus, mas ainda mais dos pecados secretos de que já falamos: a concupiscência, a vanglória, o desejo de agradar aos homens, a hipocrisia, o amor ao poder, a intriga, o mau caráter, a falta de fé, a inveja, o egoísmo, o orgulho e outros vícios análogos. Pois Deus sabe que estes pecados da alma, como diz a Escritura, estão colocados sobre o mesmo plano dos pecados exteriores. “O Senhor, diz ela, dispersou os ossos daqueles que desejavam agradar aos homens⁷⁴⁴”. E: “O Senhor detesta o homem de sangue e intrigas⁷⁴⁵”, mostrando com isto que Deus sente a

mesma aversão diante da intriga e do assassinato. E: “Aqueles que falam de paz ao seu próximo⁷⁴⁶”, etc. E mais: “É no coração que vocês cometem a injustiça sobre a terra⁷⁴⁷”. E: “Infelizes serão vocês quando os homens falarem bem de vocês⁷⁴⁸”, ou seja: quando vocês quiserem ouvir os homens falar bem de vocês, e quando se ligarem na glória e nos elogios que eles lhes fizerem. Com efeito, como é possível que permaneçam totalmente escondidos aqueles que fazem o bem? Ora, o próprio Senhor diz em outra parte: “Que a sua luz brilhe diante dos homens⁷⁴⁹”, no sentido de que é preciso se esforçar para fazer o bem pela glória de Deus e não para a própria glória, e sem nenhum desejo do elogio dos homens. Pois ele demonstrou que aqueles que pensam na própria glória não creem, quando disse: “Como podem vocês crer, vocês que recebem a glória uns dos outros e que não buscam a glória que vem somente de Deus?⁷⁵⁰”. Considerem igualmente todo o rigor que o Apóstolo exige, até no comer e no beber: ele ordena que tudo seja feito para a glória de Deus. “Quer vocês comam, quer bebam, quer façam o que for, façam tudo pela glória de Deus⁷⁵¹”. E o divino João, assimilando o ódio ao assassinato, diz: “Quem odeia o seu próximo é um assassino⁷⁵²”.

6. “A caridade contempla tudo, suporta tudo, a caridade não desfalece jamais⁷⁵³”. A expressão “não desfalece jamais” mostra o seguinte: aqueles que obtiveram os carismas do Espírito de que falamos, mas que não chegaram a se liberar completamente das paixões graças à caridade plena e ativa do Espírito, estes ainda não

⁷⁴¹ Deuterônimo 22: 11.

⁷⁴² Deuterônimo 22: 9.

⁷⁴³ Salmo 118 (119): 128.

⁷⁴⁴ Salmo 52 (53): 6.

⁷⁴⁵ Salmo 5: 7.

⁷⁴⁶ Salmo 27 (28): 3. “...mas guardam o mal em seu coração”.

⁷⁴⁷ Salmo 57 (58): 3.

⁷⁴⁸ Lucas 6: 26.

⁷⁴⁹ Mateus 5: 16.

⁷⁵⁰ João 5: 44.

⁷⁵¹ I Coríntios 10: 31.

⁷⁵² I João 3: 15.

⁷⁵³ I Coríntios 13: 7-8.

se encontram em lugar seguro. Seu estado ainda se encontra exposto ao perigo, ao combate e ao temor, por causa dos espíritos do mal⁷⁵⁴. O Apóstolo mostrou que o grau da caridade que não está mais submetido à queda e à paixão é tal que mesmo a língua dos anjos, a profecia, todo o conhecimento e até os carismas da cura nada são em comparação com ele⁷⁵⁵.

7. Eis por que ele mostrou o objetivo da perfeição: para que cada qual, discernindo o quão pobre é diante de tamanha riqueza, se apresse, tenso e com espírito ardente, na direção do fim último e dispute a corrida espiritual até conquistar o prêmio, conforme foi dito: “Corram, a fim de conquistar o prêmio⁷⁵⁶”.

8. “Renunciar a si mesmo” significa o seguinte: em tudo abandonar-se à Fraternidade, em nada seguir a própria vontade, nada possuir além da própria veste, a fim de, livre de tudo, se ligar com alegria ao que lhe for ordenado, considerando a todos os irmãos, em especial os que dirigem e receberam o encargo do mosteiro, como autoridades e mestres em nome de Cristo, e assim obedecer às palavras de Cristo: “Se alguém dentre vocês quiser ser o primeiro e o maior, antes seja o último e o escravo de todos⁷⁵⁷”, sem jamais receber dos irmãos nem glória, nem honra, nem louvor por seu serviço e sua conduta. Com efeito, foi dito: “Quando vocês servirem, seja com alegria, e não por serem supervisionados ou para agradar aos homens⁷⁵⁸”. Devemos sempre nos considerar devedores do serviço que prestamos aos irmãos com amor e simplicidade.

⁷⁵⁴ Cf. *Efésios* 6: 12.

⁷⁵⁵ Cf. *I Coríntios* 13: 1 e ss.

⁷⁵⁶ *I Coríntios* 10: 24.

⁷⁵⁷ *Mateus* 16: 24.

⁷⁵⁸ *Efésios* 6: 6.

9. Quanto aos que dirigem a Fraternidade, e que estão encarregados de uma grande obra, devem combater por meio da humildade as intrigas do mal que se opõem a eles, a fim de não se prejudicar ao invés de receber maior ganho, por oprimirem com um orgulho condenável os irmãos que lhes estão submetidos. Ao contrário, como pais misericordiosos que se consagram por Deus ao serviço da Fraternidade de corpo e espírito, que cuidem dos irmãos e velem sempre por eles como filhos de Deus. Na ordem aparente, não recusem o papel de superiores: dar ordens ou aconselhar os que já receberam a confirmação, repreender ou acusar onde for preciso e exortar quando necessário – a fim de que, sob a cobertura da humildade e da mansidão, os mosteiros não sejam atirados à confusão por falta dos graus respectivos que convêm a superiores e subordinados. Mas na ordem invisível dos pensamentos, que os superiores se vejam como indignos servidores de todos os irmãos; e, como bons pedagogos a quem foram confiados os filhos de seu mestre, se esforcem com alegria e temor a Deus em atribuir boas obras a cada um dos irmãos, sem ignorar quão grande e inalienável será a recompensa que Deus lhes reserva por seus esforços.

10. Assim como os que receberam o encargo de serem pedagogos dos jovens, ainda que estes sejam seus patrões, não hesitam, em nome da educação e da ética, em lhes infligir castigos por pura benevolência, também os superiores não devem punir movidos pela cólera e o orgulho, nem para se vingar, os irmãos que necessitam de uma correção; antes, trabalhem eles por sua conversão com uma misericórdia cheia de bondade e com vistas ao benefício espiritual.

11. Todo homem que pretende se formar neste gênero de vida deve procurar antes de tudo o temor a Deus e o santo amor, que é o primeiro e o maior de todos os mandamentos⁷⁵⁹. Que ele peça

⁷⁵⁹ Cf. *Mateus* 22: 38.

constantemente ao Senhor para que o infunda em seu coração, e que assim adquira, fazendo-o crescer e progredir a cada dia por meio da graça na contínua e incessante lembrança de Deus. Pois é pelo esforço e a tensão, a sobriedade, a vigilância e o combate que nos tornamos capazes de adquirir o amor a Deus, este amor que a graça e o dom de Cristo geram em nós. Por meio deste fica fácil cumprir o segundo mandamento⁷⁶⁰, ou seja, o do amor ao próximo. Aquilo que é primeiro deve, com efeito, ser preferido ao demais e suscitar um esforço maior: assim o que é segundo seguirá o primeiro. Mas se alguém negligenciar este primeiro e grande mandamento – refiro-me ao amor a Deus, que nasce de nossa disposição interior, de uma boa consciência e das ideias sãs a respeito do próprio Deus, a que virá se juntar o socorro divino – e se imaginar liberado exteriormente do cuidado para com o segundo – o serviço ao próximo- ser-lhe-á impossível praticar sã e puramente o primeiro. Pois a armadilha do mal, perturbando o intelecto privado da lembrança, do amor e da busca de Deus, ou bem fará com que as ordens divinas pareçam difíceis e penosas, acendendo na alma murmurações de tristeza e de descontentamento, bem as críticas suscitadas pelo serviço prestado aos irmãos, ou bem, depois de ter enganado o intelecto com a presunção de ser justo, inflará a alma de orgulho e a persuadirá de considerar a si mesma como sendo grande, digna de honra e cumpridora dos mandamentos.

12. Quando um homem tem a presunção de imaginar que ele cumpre os mandamentos por si próprio e com sucesso, está claro que ele se encontra em estado de pecado e que ele falta ao mandamento, por que ele julga a si mesmo sem esperar por Aquele que o julgará em verdade. Com efeito, é quando o Espírito de Deus testemunha com nosso espírito, segundo a palavra de Paulo⁷⁶¹, que nos tornamos

verdadeiramente dignos de Cristo e filhos de Deus, e não quando nos auto-justificamos por nossa presunção. Pois foi dito: “Não é aquele que recomenda a si próprio que será aprovado, mas aquele recomendado pelo Senhor⁷⁶²”. De fato, quando o homem se despoja da lembrança e do temor a Deus, ele passa necessariamente a desejar a glória e a buscar os elogios daqueles a quem serve. Mas este homem será acusado pelo Senhor por sua falta de fé, como já mostramos. “Como podem vocês crer, disse ele, vocês que buscam a receber a glória uns dos outros e não procuram a glória que vem apenas de Deus?⁷⁶³”.

13. É por meio de um longo combate e pelo labor do intelecto, graças a pensamentos nobres e ao cuidado contínuo com todas as formas do bem, que nosso amor por Deus pode desabrochar, conforme foi dito. Pois o adversário entrava nosso intelecto e não lhe permite dedicar-se ao amor a Deus pela lembrança do bem, agradando os sentidos com as concupiscências terrestres. Com efeito, o maligno morre engasgado, por assim dizer, quando o intelecto se agarra efetivamente e sem distração ao amor e à lembrança de Deus. É assim, graças ao primeiro, único e essencial mandamento, o amor a Deus⁷⁶⁴, que pode nascer o amor puro pelo irmão, e também por meio dele que a verdadeira simplicidade, a doçura, a humildade, a integridade, a bondade, a prece e toda a maravilhosa coroa das virtudes, recebem a sua perfeição. É assim necessário combater muito, trabalhar secreta e invisivelmente, sondar os pensamentos, exercitar no discernimento do bem e do mal os sentidos embotados de nossa alma, fortificar e reanimar seus membros cansados, sempre orientando atentamente o intelecto para Deus. Assim, nosso intelecto, continuamente ligado em Deus se

⁷⁶⁰ Cf. *Mateus* 22: 39.

⁷⁶¹ Cf. *Romanos* 8: 16.

⁷⁶² *II Coríntios* 10: 18.

⁷⁶³ *João* 5: 44.

⁷⁶⁴ Cf. *Mateus* 22: 38.

tornará um só espírito com o Senhor, conforme as palavras de Paulo⁷⁶⁵.

14. Os que amam a virtude, disse o Apóstolo, devem conduzir este combate secreto sem cessar, trabalhar e se exercitar noite e dia com vistas a cumprir cada mandamento, seja orando, seja servindo, comendo ou bebendo, ou no que quer que façam⁷⁶⁶, a fim de que qualquer bem que obtenham seja para glória de Deus e não para sua própria glória. Toda observância dos mandamentos nos é leve e fácil uma vez que o amor a Deus facilita tudo e dispersa tudo o que ela tem de penoso. Pois é aqui que o adversário coloca todo seu empenho no combate, como mostramos: conseguir distrair o intelecto da lembrança, do temor e do amor a Deus, desviando-o, por meio das transgressões e das seduições terrestres, do bem real para os bens imaginários.

15. É dito que o patriarca Abraão, quando foi ao encontro do sacerdote de Deis Melquisedeque, ofereceu-lhe as primícias e dele recebeu a bênção⁷⁶⁷. Com isto o Espírito nos eleva a uma contemplação mais elevada: devemos primeiro oferecer a Deus em holocausto, como o sacrifício mais santo, as extremidades e a primeira gordura de todo nosso corpo composto, ou seja, o próprio intelecto, a consciência e a potência do amor da alma. Devemos dar a esta lembrança de Deus as primícias e o começo dos pensamentos diretos, e mantê-los sem descanso na caridade e no amor secreto que ultrapassa a natureza. Assim, a cada dia, ajudados pela graça divina, poderemos crescer e avançar. E o peso da justiça dos mandamentos nos parecerá leve⁷⁶⁸, uma vez que os cumparamos pura

e irrepreensivelmente, assistidos pelo próprio Senhor por meio da fé que a ele dedicamos.

16. Quanto à ascese visível, qual é a maior e a primeira dentre as boas obras? Saibam, bem-amados, que as virtudes estão ligadas umas às outras e se mantêm como uma corrente sagrada: uma virtude depende da outra. Assim é que a prece depende do amor; o amor, da alegria; a alegria, da mansidão; a mansidão, da humildade; a humildade, do serviço, o serviço, da esperança; a esperança, da fé; a fé, da obediência; a obediência, da simplicidade. Do mesmo modo, seus contrários estão ligados entre si. A aversão está ligada à cólera; a cólera, ao orgulho; o orgulho, à vanglória; a vanglória, à falta de fé; a falta de fé, à dureza do coração; a dureza do coração, à negligência; a negligência, ao descaso; o descaso, à indiferença; a indiferença, à acídia; a acídia, à impaciência; a impaciência, ao amor pelos prazeres. Da mesma forma, todas as demais formas de vício estão ligadas entre si.

17. O que quer que o homem faça de bom, o maligno sempre tentará atrapalhar e manchar misturando à obra as suas sementes: a vanglória ou a presunção, a murmuração ou qualquer outro vício semelhante, a fim de que o bem não seja feito por Deus apenas, nem pela simples decisão do homem. Está escrito que Abel ofereceu a Deus um sacrifício de gordura e dos primogênitos das ovelhas, e que também Caim fez uma oferenda de frutos da terra, mas não os primeiros frutos, e que, por causa disto, Deus se agradou do sacrifício de Abel e deixou de lado as oferendas de Caim⁷⁶⁹. Podemos aprender aqui que é possível não fazer bem um ato bom, quando agimos com negligência, ou com desdém, ou com qualquer outro objetivo que não seja Deus. Então, o bem que tivermos feito não será agradável a Deus.

⁷⁶⁵ Cf. I Coríntios 6: 17.

⁷⁶⁶ Cf. I Coríntios 10: 31.

⁷⁶⁷ Cf. Gênesis 14: 19.

⁷⁶⁸ Cf. Mateus 11: 30.

⁷⁶⁹ Gênesis 4: 4.

SOBRE A ORAÇÃO

18. A perseverança na oração é o fundamento de todo esforço bom e o ápice em que se cumprem as boas obras. É por meio dela, quando apelamos para que Deus nos estenda uma mão segura, que podemos adquirir as virtudes. Com efeito, é por meio da oração que se concede aos que dela são dignos de comunicar com a energia mística e reencontrar o estado de santidade que, pelo inefável amor do Senhor, volta para Deus o próprio intelecto. Foi dito: “Você trouxe alegria ao meu coração⁷⁷⁰”. E o próprio Senhor disse: “O Reino de Deus está dentro de vocês⁷⁷¹”. O que pode significar que o Reino de Deus esteja dentro de nós, senão que a alegria celeste do Espírito grava claramente com sua marca as almas daqueles que são dignos dele? Pois as almas que, pela comunhão eficaz do Espírito, são dignas da graça, recebem as garantias e as primícias do regozijo, da alegria, da felicidade que este Espírito traz consigo, e das quais tomam parte os santos, na luz eterna no coração do Reino de Cristo. É isto, como sabemos, que o Apóstolo divino apontou. De fato, ele disse: “Ele nos consola em nossa aflição, a fim de que, pelo consolo que nós mesmos recebemos de Deus, possamos consolar aqueles que estão em depressão⁷⁷²”. Mas foi dito também: “Meu coração e minha carne bradam de alegria ao Deus vivo”. E: “Como de gordura e tutano, minha alma será saciada⁷⁷³”. Da mesma forma, outros versículos semelhantes querem dizer a mesma coisa, e fazem alusão à alegria e à consolação eficazes do Espírito.

19. Assim como a obra da prece é maior do que todas as outras,

⁷⁷⁰ *Salmo* 4: 8.

⁷⁷¹ *Lucas* 17: 21.

⁷⁷² *II Coríntios* 1: 4.

⁷⁷³ *Salmo* 83 (84): 3.

também aquele que está tomado de amor por ela deve se esforçar e cuidar muito mais para que ela não lhe seja inadvertidamente roubada pelo vício. Pois o maligno ataca com mais força os que visam o bem maior. Aquele que tiver este objetivo precisará de uma grande vigilância e uma grande sobriedade para carregar consigo daí em diante os frutos do amor e da humildade, da simplicidade e da bondade, e finalmente do discernimento, perseverando dia a pós dia na oração. Estes frutos lhe mostrarão seu próprio progresso e crescimento nas coisas de Deus, e convidarão outros a experimentar o mesmo fervor.

20. O próprio Apóstolo divino ensina que é preciso orar sem cessar⁷⁷⁴ e perseverar na prece⁷⁷⁵. E o Senhor disse: “Quanto mais justiça não fará Deus aos que por ele clamam noite e dia!⁷⁷⁶”, e: “Vigiem e orem⁷⁷⁷”. É preciso, pois, “orar sempre, sem relaxar⁷⁷⁸”. Assim como aquele que persevera na oração escolheu a obra mais fundamental, também lhe será necessário conduzir um grande combate e sustentar um esforço contínuo, pois numerosos obstáculos do vício se opõem à perseverança na prece: o sono, a acídia, o peso no corpo, a confusão de ideias, a agitação do intelecto, o relaxamento e outras obras prejudiciais. Depois vêm as aflições, os sobressaltos causados pelos espíritos do mal, que nos combatem e nos resistem encarniçadamente, e que impedem que a alma que busca incansavelmente a verdade se aproxime de Deus.

21. Por meio de todos os esforços, por meio da sobriedade e da vigilância, da paciência e do combate da alma, por meio das penas

⁷⁷⁴ Cf. *I Tessalonicenses* 5: 17.

⁷⁷⁵ Cf. *Romanos* 12: 12.

⁷⁷⁶ *Lucas* 18: 7.

⁷⁷⁷ *Mateus* 26: 41.

⁷⁷⁸ *Lucas* 18: 1.

do corpo, aquele que se dedica à oração deve agir como um homem corajoso, sem relaxar nem se abandonar ao devaneio dos pensamentos, sem dormir demais, sem se deixar dominar pela acídia, pela negligência, pela confusão e as palavras desordenadas e inconsistentes; que nada disto ele permita ocorrer durante sua reflexão, e que não se contente apenas com permanecer logo tempo em pé ou ajoelhado enquanto seu intelecto vagueia distante da realidade. Pois se ele não se preparar por meio de uma estrita sobriedade e vigilância, opondo-se à matéria dos pensamentos vãos, sondando e discernindo um por um e desejando sempre o Senhor, nada poderá impedir que ele seja de muitas maneiras e invisivelmente seduzido pelo vício, ou que venha a se orgulhar diante dos que não são ainda capazes de perseverar na oração. Vítima das armadilhas do vício, ele destruirá seu bom trabalho, oferecendo-o ao demônio ardiloso.

22. Se a humildade e o amor, a simplicidade e a bondade não regram o bom ordenamento de nossa oração, esta, que na verdade consiste apenas numa aparência de oração, fica praticamente incapacitada de nos ajudar. Não dizemos isto apenas da oração, mas de todo esforço, toda pena, como a virgindade, o jejum, a vigília, a salmodia, o serviço e de modo geral todo trabalho feito com atenção por amor à virtude. Se não procuramos ver em nós mesmos os frutos do amor, da paz, da alegria, da simplicidade, da humildade, da doçura, da candura, da fé⁷⁷⁹ tal como esta deve ser, da paciência como da benevolência, os esforços que fazemos de nada nos servem. Pois é fato que aceitamos as penas para nos beneficiarmos de seus frutos. Mas se não encontrarmos em nós os frutos do amor, nosso trabalho terá sido feito em vão. Não diferiremos em nada das cinco virgens tolas⁷⁸⁰, que não possuíam no coração o óleo espiritual, ou seja, a

energia das virtudes de que falamos, esta energia que é dada pelo Espírito. É assim que elas foram chamadas de tolas e rejeitadas lamentavelmente do local das bodas reais, sem receber sua parte dos frutos das penas da virgindade. De fato, quando cultivamos uma vinha, de início prodigalizamos todos os cuidados e esforços para que ela dê seus frutos, mas se não os colhermos nosso trabalho terá sido aleatório. Da mesma forma, se não virmos em nós, graças à energia do Espírito, os frutos do amor, da paz, da alegria e das demais virtudes que forma enumeradas pelo Apóstolo⁷⁸¹, e se não reconhecermos esta graça com toda certeza e por nossa percepção espiritual, os esforços da virgindade, da prece, da salmodia, do jejum e da vigília terão sido manifestamente vãos. Pois estas penas e esforços da alma devem se cumprir, como dissemos, na esperança dos frutos espirituais. Trazer em si os frutos da virtude é um regozijo espiritual, acompanhado de um prazer incorruptível, que o Espírito suscita secretamente nos corações fiéis e humildes. Assim, as penas e os esforços podem ser considerados como aquilo que são – como penas e esforços – e os frutos, como frutos. Mas se alguém, por falta de conhecimento, julga que seu trabalho e seu esforço já são os frutos do Espírito, saiba que se consola e se ilude, e que neste seu estado se priva dos frutos realmente grandes, os frutos do Espírito.

23. Da mesma forma como alguém que se abandona inteiramente ao pecado se entrega com alegria e prazer, como se fossem naturais, às paixões contra a natureza, às paixões da desonra⁷⁸² – o despudor, a prostituição, a cupidez, o ódio, a mentira e outros caminhos do vício – também quem é verdadeiramente cristão e segue a perfeição busca com naturalidade, com grande alegria e prazer espiritual, sem penas e com toda facilidade, todas as virtudes e os frutos do Espírito que

⁷⁷⁹ Cf. *Gálatas* 5: 22.

⁷⁸⁰ Cf. *Mateus* 25: 1-3.

⁷⁸¹ Cf. *Gálatas* 5: 22.

⁷⁸² Cf. *Romanos* 1: 26.

ultrapassam a natureza: o amor, a paz, a paciência, a fé⁷⁸³, a humildade e toda espécie de ouro em que consiste a virtude. Este já não precisa combater as paixões do vício, pois dele foi libertado pelo Senhor e o Espírito de bondade cumulou seu coração com a paz e a alegria perfeitas de Cristo. Assim é o homem que se ligou ao Senhor e se tornou um só espírito com ele⁷⁸⁴.

24. Os que, por serem ainda crianças, não podem se dedicar até o fim na obra da oração, devem aceitar servir os irmãos com piedade, fé e temor a Deus. Pois eles estão a serviço de um mandamento de Deus e de uma obra espiritual. Mas que não esperem um salário dos homens, honrarias ou um agradecimento. Nem se permitam nenhum murmúrio, nem orgulho, nem negligência, nem relaxamento, a fim de não manchar nem corromper tão boa obra, mas se esforcem em torna-la agradável a Deus pela piedade, o temor e a fé.

25. O Senhor desceu entre nós homens – ó misericórdia divina diante de nós! – com tanto amor e bondade, buscando não deixar por fazer nenhuma obra boa sem receber salário, levando ao todos os seres desde as menores às maiores virtudes, para não privar a ninguém de recompensa, nem que fosse um copo de água fresca. Pois ele disse: “Quem quer que ofereça nem que seja um copo de água fresca a um desses pequeninos, por que são eles meus discípulos, em verdade eu lhes digo, este não perderá sua recompensa⁷⁸⁵”. E também: “Quem o fizer a um deles, a mim o fará⁷⁸⁶”. Mas devemos fazer estes gestos por amor a Deus, não pela glória humana, por que ele acrescentou: “por que ele é meu discípulo”, ou seja: por temor e amor a Cristo. Foi em condenação

aos que perseguem o bem ostensivamente, dando às suas palavras a força de uma firme sentença, que o Senhor disse: “Em verdade eu lhes digo, estes já receberam sua recompensa”.

26. Que a simplicidade diante dos demais, a candura, o amor mútuo, a alegria e a humildade sejam de algum modo colocados como um fundamento da Fraternidade, a fim de não tornarmos inútil nossos esforços por nos orgulharmos e murmurarmos uns contra os outros. Que aquele que persevera continuamente na oração não se levante contra o que não consegue o mesmo tanto. E que aquele que se dedica ao serviço dos demais não se revolte contra o que se consagra à oração. Se cada qual se dirigir ao seu irmão com tal simplicidade e estado de alma, o sobejo dos que permanecem em oração virá suprir a falta dos que servem, e o sobejo deste virá suprir a falta dos que consagram à oração. É assim que será preservada a igualdade⁷⁸⁷, conforme foi dito: “Aquele que possuía mais não tinha nada de mais; e ao que tinha menos nada lhe faltava⁷⁸⁸”.

27. É deste modo que se cumpre a vontade de Deus na terra como nos Céus⁷⁸⁹: quando não nos levantamos uns contra os outros, como foi dito, quando estamos unidos uns aos outros não apenas sem invejas, mas com simplicidade, na partilha do amor, da paz e da alegria, considerando o progresso do próximo como se fosse nosso, e considerando que aquilo que a ele falta também a nós prejudica.

28. Quem ora com desleixo e se dedica displicentemente e com negligência ao serviços dos irmãos ou a qualquer outra obra consagrada a Deus é precisamente chamado de preguiçoso e condenado pelo Apóstolo como sendo indigno do pão que come.

⁷⁸³ Cf. *Gálatas* 5: 22.

⁷⁸⁴ Cf. *I Coríntios* 6: 17.

⁷⁸⁵ *Mateus* 10: 42.

⁷⁸⁶ *Mateus* 25: 40.

⁷⁸⁷ Cf. *II Coríntios* 8: 14.

⁷⁸⁸ *Êxodo* 16: 18.

⁷⁸⁹ Cf. *Mateus* 6: 10.

Pois Paulo disse: “Que o preguiçoso que não quer trabalhar não coma⁷⁹⁰”. E em outra ocasião: “Deus detesta a quem não trabalha”. E: “Quem não trabalha não pode ser fiel”. E a Sabedoria disse: “O ócio ensina muitos vícios⁷⁹¹”. É conveniente, portanto, que toda obra consagrada a Deus, seja qual for, dê seus frutos e conduza com diligência nem que seja a uma só dentre suas benesses, a fim de que o homem não se veja totalmente estéril nem seja excluído por completo dos bens eternos.

29. Aos que afirmam ser impossível chegar à perfeição e se livrar das paixões de uma vez por todas, comungar com o Espírito bom e dele ser cumulado, é preciso opor o testemunho das Escrituras divinas, e mostrar a estes que eles conhecem pouco e que proferem perigosas mentiras. Pois o Senhor disse: “Se tornem perfeitos, como seu Pai celeste é perfeito⁷⁹²”, querendo dizer com estas palavras que a pureza pode ser alcançada. E: “Quero que onde estou estejam eles comigo, para que contemplem minha glória⁷⁹³”. É o que afirma Aquele que disse: “Passarão o céu e a terra, mas minhas palavras não passarão⁷⁹⁴”. E estas palavras do Apóstolo vão no mesmo sentido: “A fim de tornar todo homem perfeito em Cristo⁷⁹⁵”, e: “Até que todos alcancemos a unidade da fé e o conhecimento do Filho de Deus, no estado do homem perfeito, na medida da plenitude de Cristo⁷⁹⁶”. Assim é que duas coisas de uma beleza perfeita são concedidas àqueles que buscam a perfeição: sustentar o combate intensa e continuamente, perseguir a perfeição até o fim na esperança desta medida – falo da elevação – sem serem tomados

⁷⁹⁰ II Tessalonicenses 3: 10.

⁷⁹¹ Eclesiastes 33: 28.

⁷⁹² Mateus 5: 48.

⁷⁹³ João 17: 24.

⁷⁹⁴ Mateus 24: 35.

⁷⁹⁵ Colossenses 1: 24.

⁷⁹⁶ Efésios 4: 13.

pelo orgulho, sendo ao contrário modestos, considerando-se pequenos por não terem ainda atingido o que é perfeito.

30. Os que dizem que é impossível alcançar a perfeição prejudicam a alma de três maneiras. Primeiro por que parecem duvidar das Escrituras inspiradas por Deus. Depois por que, não tendo atingido o fim mais alto, o objetivo perfeito do Cristianismo, e sem fazer nenhum esforço para alcançá-lo, não podem trazer em si as penas e o fervor, a sede e a fome de justiça⁷⁹⁷, mas, cheios das formas e dos comportamentos exteriores e por algumas raras ações direitas, estão privados da esperança bem-aventurada⁷⁹⁸, da perfeição e da purificação total das paixões. Enfim, por que, acreditando haver chegado ao fim quando apenas alcançaram algumas virtudes, como dissemos, e já não buscando com ardor a perfeição, não apenas não conseguem trazer em si a humildade, a pobreza e a contrição do coração, como ainda, justificando a si próprios⁷⁹⁹ como se já houvesse atingido o objetivo, deixam de conhecer dia após dia o progresso e o crescimento.

31. Os que acham impossível este restabelecimento que é concedido aos homens pelo Espírito e que consiste na nova criação do coração puro⁸⁰⁰, o Apóstolo mostra que são semelhantes àqueles que, por incredulidade, não foram considerados dignos de entrar na Terra prometida, e é por isso que seus cadáveres tombaram pelo deserto⁸⁰¹. Naquela ocasião, tratava-se da ordem visível da Terra prometida, mas agora o que é falado secretamente se refere à libertação das paixões. O Apóstolo demonstra à perfeição que este é o objetivo de

⁷⁹⁷ Cf. Mateus 5: 6.

⁷⁹⁸ Cf. Tito 2: 13.

⁷⁹⁹ Cf. Lucas 16: 15

⁸⁰⁰ Cf. II Coríntios 5: 17 e Salmo 50 (51): 12.

⁸⁰¹ Cf. Hebreus 3: 17.

todos os mandamentos⁸⁰². É aqui que se encontra a verdadeira Terra prometida e é por ela que todas essas coisas nos foram transmitidas figuradamente. O maravilhoso Paulo, buscando afirmar a obra de seus discípulos para que nenhum deles fosse colhido por um sentimento de incredulidade, disse igualmente: “Vigiem, meus irmãos, para que nenhum de vocês tenha um coração enganoso e incrédulo, a ponto de se desviar do Deus vivo⁸⁰³”. Ele diz “se desviar” não no sentido de “negar”, mas no sentido de “não crer em suas promessas”. Falando alegoricamente dessas imagens dos Judeus e comparando-as com a verdade, ele acrescenta: “Quais foram os que provocaram a Deus depois de haverem ouvido, senão aqueles que saíram do Egito sob o comando de Moisés? De quem foram eles indignos por quarenta anos? Não são os que haviam pecado, e cujos cadáveres tombaram pelo deserto? A quem jurou Deus que não entrariam em repouso, senão aos que haviam desobedecido? É assim que vemos que eles não puderam entrar na Terra prometida devido à sua incredulidade⁸⁰⁴”. E ele continua: “Temamos pois, enquanto durar a promessa de entrar em seu repouso, e que nenhum de vocês pareça ter chegado tarde demais. Pois a boa nova nos foi anunciada, como foi a eles. Mas a palavra que ouviram não lhes serviu de nada, por que eles não permaneceram unidos pela fé àqueles que escutaram. Quanto a nós, que cremos, nós entraremos no repouso⁸⁰⁵”. E ele acrescenta pouco depois: “Esforcemo-nos para entrar no repouso, a fim de que ninguém tombe seguindo o mesmo exemplo de desobediência⁸⁰⁶”. Ora, que outro repouso é dado aos cristãos senão a libertação das paixões do pecado e a morada plena e ativa do Espírito bom no coração puro? É assim que o Apóstolo,

⁸⁰² Cf. I Timóteo 1: 5.

⁸⁰³ Hebreus 3: 12.

⁸⁰⁴ Hebreus 3: 16-19.

⁸⁰⁵ Hebreus 4: 1-3.

⁸⁰⁶ Hebreus 4: 11.

levantando os cristãos para a fé, diz ainda: “Aproximemo-nos com um coração verdadeiro, na plenitude da fé, com os corações purificados que qualquer consciência má⁸⁰⁷”. E também: “Quanto mais não purificará o sangue de Jesus Cristo nossa consciência das obras mortas, para que sirvamos aos Deus vivo e verdadeiro?⁸⁰⁸”. Por causa da incomensurável bondade de Deus para com os homens, a bondade prometida nestas palavras, devemos confessar, como servos reconhecidos, e considerar como certo e verdadeiro o que nos foi prometido. Mesmo que, pela lentidão e a fraqueza de nossa resolução, não sejamos capazes de nos oferecer de uma vez por todas ao Criador e não tenhamos alcançado as grandes e perfeitas medidas da virtude, ao menos pela correção e a justeza do sentimento e pela fé sã possamos encontrar alguma compaixão.

32. Quando cumprida como se deve, a obra da prece e da palavra está acima de toda virtude e de todo conhecimento. O próprio Senhor o atesta. Ele havia entrado na casa de Marta e Maria. Enquanto Marta estava ocupada em servir, Maria estava sentada aos pés do Senhor, degustando como de um santo alimento as palavras daquela língua divina. Mas sua irmã a acusou de não cooperar com o trabalho, e foi falar com Cristo. Ora, este, colocando o principal antes do secundário, lhe disse: “Marta, Marta, você se inquieta e se agita por muitas coisas. Mas somente uma coisa é necessária. Maria escolheu a boa parte, que não poderá lhe ser tirada⁸⁰⁹”. Ele disse isto, como notamos, não por que desprezasse a obra do serviço, mas por que colocava o maior antes do menor. Pois como teria ele aceitado ser servido? Como ele mesmo manifestamente serviu, ao lavar os pés de seus discípulos⁸¹⁰? Tanto ele não impedia que servissem,

⁸⁰⁷ Hebreus 10: 22.

⁸⁰⁸ Hebreus 9: 14.

⁸⁰⁹ Lucas 10: 42.

⁸¹⁰ Cf. João 13: 5.

como ordenou que os discípulos o fizessem uns aos outros. No entanto, veremos que os apóstolos, depois de primeiro trabalhar no serviço da mesa, preferiram a obra maior, ou seja, a prece e a palavra. “Não é justo, diziam eles, que desleixemos a palavra de Deus para servir às mesas. Escolham homens cheios do Espírito Santo e nós os encarregaremos deste serviço. E nós perseveraremos no serviço da palavra e da oração⁸¹¹”. Vê-se que eles preferiram o principal ao secundário, embora não ignorassem que um e outro são brotos da mesma raiz.

SOBRE A PACIÊNCIA E O DISCERNIMENTO

33. Os que querem obedecer a palavra de Deus e produzir bom fruto podem ser reconhecidos pelos seguintes sinais: os gemidos, o pranto, o retraimento, a hesíquia, a cabeça baixa, a prece, o silêncio, a paciência, o pesar doloroso, as penas a que o coração se entrega pela piedade. E estas são as obras: a vigília, o jejum, a temperança, a doçura, a longanimidade, a prece contínua, a meditação das divinas Escrituras, a fé, a humildade, o amor fraternal, a submissão, as penas, a vida dura, a caridade, a bondade, a afabilidade, e, em resumo, a luz, que é o Senhor⁸¹². Quanto aos que não trazem em si o fruto da vida, eis os sinais pelos quais podem ser reconhecidos: a acídia, a distração, a curiosidade do olhar, a desatenção, os murmúrios de revolta, a tolice. E suas obras: a gula, a cólera, a violência, a injúria, a vaidade, as palavras inoportunas, a infidelidade, a instabilidade, o esquecimento, a confusão, a cupidez, o amor ao dinheiro, a inveja, a briga, a arrogância, a falação, o riso intempestivo, a autossuficiência, numa palavra: as trevas. Ou seja, Satanás.

⁸¹¹ Atos 6: 2-4.

⁸¹² Cf. João 8: 12.

34. Devido a uma economia⁸¹³ divina mais elevada, o maligno não foi enviado imediatamente à Geena que lhe fora assinalada, mas deixado para ser o tormento e a prova do homem e – claro – de seu livre arbítrio, a fim de que, mesmo contra sua vontade, os tornasse mais santos, experientes e justos, tornando-se para eles causa de maior glória, e também para preparar para si mesmo, por sua própria maldade e seus projetos dirigidos contra os santos, um castigo mais justo. Assim é que o pecado, como disse o Apóstolo divino, se tornou desmesuradamente pecador⁸¹⁴.

35. Quando enganou a Adão⁸¹⁵ e assim o dominou, o inimigo despojou-o de seu poder e este inimigo passou a se chamar “príncipe deste século⁸¹⁶”. Ora, é o homem que originalmente havia sido designado pelo Senhor como príncipe deste século e mestre do mundo visível⁸¹⁷. Nem o fogo prevalecia contra ele, nem a água o afogava, nem as feras lhe faziam mal, nem os animais selvagens o tinham como presa. Mas desde que ele cedeu diante da mentira⁸¹⁸, ele cedeu ao mentiroso o seu poder. É por esta razão que em virtude de uma energia maléfica e com a permissão de Deus, os mágicos e feiticeiros se tornam capazes de fazer coisas extraordinárias. Eles dominam os animais venenosos e enfrentam o fogo e a água, como os que cercavam Janes e Jambres e se opunham a Moisés⁸¹⁹, ou como Simão que resistiu a Pedro o Corifeu⁸²⁰.

⁸¹³ Designa a ordem e a lei do projeto divino.

⁸¹⁴ Cf. Romanos 7: 13: “...a fim de que o pecado, por meio do mandamento, aparecesse em toda sua gravidade”.

⁸¹⁵ Cf. Gênesis 3: 13.

⁸¹⁶ Cf. João 12: 31.

⁸¹⁷ Cf. Gênesis 1: 26.

⁸¹⁸ Cf. Gênesis 3: 1-6.

⁸¹⁹ Cf. Êxodo 7: 11-12; II Timóteo 3: 8.

⁸²⁰ Cf. Atos 8: 9-10.

36. Penso que o inimigo foi gravemente ferido por ter visto a glória primitiva de Adão brilhar novamente no rosto de Moisés⁸²¹, como se reconhecesse por este sinal que seu próprio reino lhe estava sendo tirado. E nada impede que também esta palavra do Apóstolo seja interpretada assim: “A morte reinou de Adão até Moisés, mesmo sobre aqueles que não haviam pecado⁸²²”. Parece-me com efeito que a face glorificada de Moisés conservava a marca e a assinatura do primeiro homem criado pelas mãos de Deus e que, ao vê-la, a morte (ou seja, o diabo, autor da morte) logo suspeitou que havia perdido ser reino; mas foi no momento da vinda do Senhor que ela teve certeza desta perda. É desta glória que a partir de então se revestiram os cristãos verdadeiros. Eles destruíram a morte internamente, ou seja, as paixões desonrosas⁸²³, que então se tornam incapazes de agir por que a glória do Espírito brilha em suas almas com toda consciência e toda certeza. Mas é no momento da ressurreição que a morte será verdadeiramente destruída⁸²⁴.

37. Quando enganou a Adão por meio da mulher, por ser ela um ser semelhante a ele⁸²⁵, o inimigo conseguiu roubar-lhe a glória com a qual se revestia. Assim é que Adão se viu nu e viu também sua própria vergonha⁸²⁶, que antes não enxergava por que seu coração desfrutava das belezas do céu. Pois após a transgressão seus pensamentos se abaixaram até a terra e aí se aninharam. O sentimento simples e bom foi ligado ao carnal da malícia. Que o Paraíso tenha sido fechado, que tenha sido permitido à espada

⁸²¹ Cf. *Êxodo* 34: 30-31.

⁸²² *Romanos* 5: 14.

⁸²³ Cf. *Romanos* 1: 26.

⁸²⁴ Cf. *I Coríntios* 15: 26. 54.

⁸²⁵ Cf. *Gênesis* 3: 12-13.

⁸²⁶ Cf. *Gênesis* 3: 10.

flamejante e ao Querubim interditar a entrada ao homem⁸²⁷, tudo isto acreditamos ter se passado na ordem visível, como foi dito, mas estas coisas também se encontram em cada alma, secretamente. Pois é em torno do coração que se enrola o véu de trevas, vale dizer, o fogo do espírito do mundo, que não permite ao intelecto descobrir a Deus, nem à alma orar, ou crer, ou amar a Deus como gostaria. Tudo isto a experiência ensina àqueles que verdadeiramente confiaram-se ao Senhor pela perseverança na oração e pelo vigor no impulso que os atira contra o adversário.

38. O príncipe deste século é a vara que castiga e a chibata que fustiga os que ainda são espiritualmente crianças. Mas como foi dito anteriormente, por meio das aflições e tentações ele lhes traz grande glória e honra. Pois é através destas coisas que eles chegam a se tornar perfeitos. Mas ele próprio torna seu castigo cada vez maior e mais pesado. Numa palavra, uma imensa economia passa por ele, como já foi mencionado: o mal contribui para o bem apesar de sua intenção não ser boa. Com efeito, para as almas que são boas e cuja intenção é nobre, mesmo as aflições aparentes terminam em bem. É o que disse o Apóstolo: “Tudo concorre para o bem dos que amam a Deus⁸²⁸”.

39. Estas varas do castigo foram permitidas por que, por meio delas, como num forno, os vasos passados no fogo se tornem mais sólidos e os defeituosos revelem sua fragilidade por não suportarem o calor do fogo. O príncipe deste século é também um servidor e uma criatura do Senhor: ele não tenta tanto quanto gostaria, nem provoca aflições como quer, mas só age na medida da ordem que lhe é dada pelo Mestre em autorização. Pois Deus, que conhece exatamente as possibilidades de cada um, permite que cada qual seja tentado dentro

⁸²⁷ Cf. *Gênesis* 3: 24.

⁸²⁸ *Romanos* 8: 28.

dos limites de suas forças. É o que pensa também o Apóstolo: “Deus é fiel e não permitirá que vocês sejam tentados além das suas forças. Mas com a tentação ele dará também o meio de escapar, para que vocês a possam suportar⁸²⁹”.

40. Aquele que procura e bate à porta, e que não cessa de pedir, conforme disse o Senhor, este acabará por ser atendido⁸³⁰. Apenas este homem deve ter a liberdade de pedir sem negligência alguma, com sua inteligência e sua língua, permanecendo sem descanso ligado a Deus adorando-o com seu corpo, sem se misturar com os negócios do mundo nem se comprazendo com as paixões da malícia. Pois não mentiu aquele que disse: “Tudo o que pedirem com fé pela oração, vocês receberão⁸³¹”. Os que dizem: “Ainda que tenhamos feito tudo o que foi ordenado, se permanecermos neste século sem recebermos a graça, não teremos ganhado coisa alguma”, sabem pouco e falam em desacordo com as divinas Escrituras. Pois Deus não é injusto a ponto de negligenciar o que lhe é devido, uma vez que tenhamos cumprido tudo o que devemos fazer. Apenas esteja atento, quando sua alma deixar seu pobre corpo, para se encontrar então combatendo, se esforçando, aguardando a promessa, perseverante, crente, buscando com discernimento. Eu lhe digo, e você deve acreditar, você então partirá com alegria, terá a segurança e se mostrará digno do Reino. Pois com sua delicadeza, ou seja, por sua fé e sua resolução, tal homem já estará em comunhão com Deus. Com efeito, assim como alguém que vê uma mulher e a deseja já comete adultério com ela em seu coração⁸³² (ainda que não manche seu corpo) também aquele que rejeitou de seu corpo as coisas do mal

e que se ligou ao Senhor⁸³³ com todo o seu desejo e toda sua busca, vale dizer, com assiduidade e amor a Deus, já está em comunhão com Deus e já recebe dele este grande dom: a perseverança na prece, o bom fervor e a vida virtuosa. Pois se a dádiva de um copo de água fresca não fica sem recompensa⁸³⁴, quanto mais não dará Deus o prometido àqueles que por ele suplicam dia e noite.

41. Aos que colocam a seguinte questão: “Por que em certos dias me ocorre ter raiva do meu irmão ou de ter consciência de outras coisas que me acontecem contra a minha vontade?”, é preciso dizer o seguinte: que o homem nunca cessa de lutar e de se esforçar para se contrapor ao maligno e aos maus pensamentos. Mas onde estão as trevas das paixões e da morte, e falo aqui dos cuidados com a carne, é impossível que, secreta ou visivelmente, não se produza o mal como seu fruto mais apropriado. Do mesmo modo como uma ferida no corpo, na medida em que não for completamente curada, não deixa de se putrefazer pelos humores do corpo, não deixa de umedecer e purgar, ou de inchar e entumecer, ainda que tenha sido cuidada e que não lhe tenhamos recusado nada do que fosse indicado pela tratá-la (e se continuar sendo negligenciada poderá corromper e até destruir o corpo inteiro), creiam-me, também as paixões da alma, ainda que tenham sido objeto de muitos cuidados, continuam a queimar por dentro. Mas pela atenção perseverante e com a graça e a sinergia de Cristo estas paixões podem vir a receber sua cura total. Pois existe uma mancha secreta e existem paixões estrangeiras – as trevas das paixões – que, contra a natureza pura do homem e por causa da transgressão de Adão penetraram toda a humanidade. E isto perturba e mancha o corpo e a alma. Mas assim como o ferro passado no fogo é batido e purificado, ou como o ouro misturado ao cobre e ao ferro só pode ser separado deles pelo fogo, também a

⁸²⁹ I *Coríntios* 10: 13.

⁸³⁰ Cf. *Mateus* 7: 7-8.

⁸³¹ Cf. *Mateus* 21: 22.

⁸³² Cf. *Mateus* 5: 28.

⁸³³ Cf. I *Coríntios* 6: 17.

⁸³⁴ Cf. *Mateus* 10: 42.

alma, passada no fogo bom do Espírito e batida pelos santos sofrimentos do Salvador, é purificada de todas as paixões e de todos os pecados.

42. Assim como diferentes lamparinas iluminadas graças a um mesmo e único azeite e a uma mesma chama não projetam em igual medida a luz do fogo, também os carismas ligados às diferentes boas obras difundem de modo diverso a luz viva do Espírito bom. Também numa cidade onde moram juntas numerosas pessoas que comem do mesmo pão e bebem da mesma água, algumas são adultos, outras adolescentes, outras crianças, outras idosos, e entre eles existem grandes distâncias e diferenças; também o trigo semeado no mesmo campo dá espigas diferentes, mas que são reunidas num mesmo are e guardadas no mesmo paiol; também, creio eu, quando vier a ressurreição dos mortos diferente glória será atribuída aos que se levantaram e se revelará em função de suas boas obras, conforme a participação do Espírito divino que desde aqui de baixo terá habitado neles. É o que disse o Apóstolo: “Mesmo uma estrela difere em glória de outra estrela⁸³⁵”.

43. Mesmo que algumas estrelas sejam menores do que outras, todas brilham com uma luz que é exatamente a mesma. A imagem, assim, é bem clara. Devemos nos dedicar exclusivamente a isto: quando um homem nasce do Espírito Santo ele deve se lavar do pecado que habita nele. Pois este mesmo nascimento pelo Espírito Santo traz em si a imagem da perfeição sob um aspecto: na forma e nos membros, certamente não no poder, ou inteligência, ou coragem. Quem chega ao estado de homem perfeito e na medida da idade adulta⁸³⁶ suprime em si naturalmente tudo o que pertencia à criança⁸³⁷. É o que diz o

⁸³⁵ I Coríntios 15: 41.

⁸³⁶ Cf. Efésios 4: 13.

⁸³⁷ Cf. I Coríntios 13: 11.

Apóstolo: “Desaparecerão das línguas e as profecias⁸³⁸”. Com efeito, do mesmo modo que o homem maduro não aceita nem os alimentos nem as palavras que convêm à criança, recebendo-as com indignação por que sua vida é outra, também o que cresce para a perfeição das obras evangélicas deixa o estado infantil para a perfeita maturidade. É o que diz o Apóstolo divino: “Tornado homem, eu suprimi o que era infantil⁸³⁹”.

44. Aquilo que nasce do Espírito é de certa maneira, como já dissemos, perfeito, da mesma forma como dizemos que uma criança é perfeita por que integra todas as partes da totalidade. Mas o Senhor não concede o Espírito e a graça para que tombemos nos pecados. Os próprios homens são responsáveis pelo mal que fazem por não se conformarem com a graça. Por isto se tornam presa do mal. Por causa de seus próprios pensamentos naturais o homem pode escorregar quando é negligente, desdenhoso ou presunçoso. Escute o que disse Paulo: “E para que eu não me orgulhasse ele me colocou um agulhão na carne, um anjo de Satanás⁸⁴⁰”. Como se vê, mesmo os homens que alcançaram grandes alturas precisam estar em guarda. Se o homem não dá ocasião a Satanás, este não pode dominá-lo pela força. Então este homem considera que o q eu faz não pertence nem a Cristo nem ao adversário. Somente quando ele se confiar até o fim à graça do Espírito é que ele pertencerá a Cristo. Se ele não fizer isto, ainda que tenha nascido do Espírito, ainda que participe do Espírito Santo, ele seguirá a vontade de Satanás por seu próprio alvitre⁸⁴¹. Com efeito, se o Senhor ou Satanás o houvessem tomado pela força, o homem não seria responsável por cair na Geena ou por obter o Reino.

⁸³⁸ I Coríntios 13: 8.

⁸³⁹ I Coríntios 13: 11.

⁸⁴⁰ II Coríntios 12: 7.

⁸⁴¹ Cf. I Timóteo 5: 15.

45. Quem ama a virtude deve velar para adquirir o grande discernimento que lhe permita conhecer a diferença entre o bem e o mal e as diversas armadilhas do maligno, que costuma enganar a muito com aparições espetaculares. O discernimento também deve permitir-lhe provar e compreender o que existe de útil em cada coisa, quando lhe faltar a certeza. Com efeito, se, querendo testar a castidade de sua esposa, um homem se apresenta a ela à noite como sendo um estranho, mesmo que ela o repila, ele se alegrará por saber que ela é avessa a este tipo de abordagem, e saudará sua fidelidade. Da mesma forma, devemos nos colocar em guarda contra as intervenções dos seres dotados de inteligência. Você deve repelir mesmo os próprios seres celestes, e estes se alegrarão muitíssimo, e lhe permitirão ter uma parte ainda maior da graça. Eles o encherão de alegria espiritual reconhecendo seu puro amor pelo Senhor. Não se entregue depressa demais, pela leviandade do espírito, às intervenções dos seres espirituais que vêm ao seu encontro, ainda que sejam anjos, mas permaneça ponderado, submetendo estas coisas ao exame mais atento, unindo-se ao bem e expulsando o mal. É assim que você fará crescer em si os efeitos da graça, coisa que o pecado é incapaz de produzir, ainda que se disfarce com a aparência do bem. Pois Satanás, como disse o Apóstolo, sabe muito bem se transformar em anjo de luz para nos enganar⁸⁴². Mas ainda que ele se cerque de aparições brilhantes ele não será capaz de suscitar a menor energia positiva, como já foi dito. É assim que sua marca se revela com precisão. Pois ele não pode fazer funcionar nem o amor a Deus, nem o amor ao próximo, nem a mansidão, nem a humildade, nem a alegria, nem a paz, nem a calma dos pensamentos, nem o desprezo pelo mundo, nem o repouso espiritual, nem o desejo dos bens celestes, nem a detenção das paixões e dos prazeres, coisas estas que são todas manifestamente efeitos da graça. Pois foi dito que o fruto

⁸⁴² Cf. II Coríntios 11: 14.

do Espírito é o amor, e também a alegria, a paz⁸⁴³, etc. O maligno coloca toda a sua habilidade e todo o seu poder em suscitar a vaidade e o orgulho. A luz do intelecto que brilhou em sua alma, terá ela vindo da energia de Deus ou da de Satanás? Mas se a ação do discernimento foi vigorosa, os sinais da diferença aparecerão claramente à própria alma, desde que a ela tenha sido dado o sentido espiritual. Com efeito, assim como o vinagre e o vinho parecem ser iguais para a visão, mas são distintos ao paladar, que julga o que é próprio de um e de outro, também a alma, por meio deste sentido espiritual e desta energia, pode julgar os carismas do Espírito e os fantasmas do estrangeiro.

46. A alma deve, com seus próprios olhos, examinar e observar o melhor que puder para ver se não caiu, ainda que só um pouco, sob o poder do adversário. Com efeito, quando um animal é pego numa armadilha por um de seus membros, é preciso abatê-lo inteiro para que ele possa cair nas mãos dos caçadores. É isto que os inimigos costumam fazer com a alma, e que o Profeta revelou claramente quando disse: “Eles colocaram armadilhas sob meus pés e abateram a minha alma⁸⁴⁴”.

47. Quem quiser entrar pela porta estreita do poderoso e levar seus bens⁸⁴⁵ não deve se refestelar nos prazeres e no fastio do corpo, mas se fortalecer no Espírito bom lembrando-se d’Aquele que disse que a carne e o sangue não herdarão o Reino de Deus⁸⁴⁶. E como fazer para nos fortalecer no Espírito? É preciso estarmos atentos ao Apóstolo, quando ele diz que os homens consideram como loucura a

⁸⁴³ Cf. *Gálatas* 5: 22.

⁸⁴⁴ *Salmo* 56 (57): 7.

⁸⁴⁵ Cf. *Mateus* 12: 29.

⁸⁴⁶ Cf. I Coríntios 15: 50.

sabedoria de Deus⁸⁴⁷. E o Profeta disse: “Eu vi o Filho do homem. Sua aparência era desprezível e decadente, mais do que todos os filhos dos homens⁸⁴⁸”. Assim, é preciso a quem quiser se tornar filho de Deus, que primeiro se humilhe da mesma maneira, que passe por louco e desonrado, que não proteja seu rosto das cusparadas⁸⁴⁹, que não busque nem a glória nem a beleza deste século, nem nada de semelhante, que não tenha onde repousar a cabeça⁸⁵⁰, que seja ultrajado, considerado como nada, visto por todos como algo a ser desprezado e pisoteado, combatido secreta e visivelmente e atacado em seus pensamentos. Só então o Filho de Deus – ele, que disse: “Eu habitarei e caminharei no meio de vocês⁸⁵¹” – surgirá em seu coração, e então este homem receberá o poder e a força de amarrar o poderoso, de levar seus bens⁸⁵², de caminhar sobre a áspide e o basilisco⁸⁵³, sobre os escorpiões e as serpentes⁸⁵⁴.

48. Não é pequeno o combate que nos é proposto: Destruir a morte. Pois foi dito: “O Reino de Deus está dentro de vocês⁸⁵⁵”. Mas de certa maneira aquele que nos combate e nos cativa está também dentro de nós. Que a alma não fraqueje em nada enquanto não levar à morte aquele que a mantém cativa! Então passará toda dor, toda tristeza e todo gemido⁸⁵⁶, pois a água brotará na terra sedenta⁸⁵⁷ e no

deserto surgirá um transbordamento de água⁸⁵⁸. De fato, o Senhor prometeu encher de água viva o coração deserto, primeiro por intermédio do Profeta, que disse: “Darei água aos que têm sede e caminham na aridez⁸⁵⁹”; depois, em pessoa, quando disse: “Quem bebe da água que eu dou não voltará a ter sede⁸⁶⁰”.

49. É claro que uma alma vítima da acídia é também uma vítima da falta de fé. É por isso que ela procrastina dia após dia, sem receber o Verbo. Muitas vezes ela alça voo em sonhos, sem compreender o combate interior, por que se deixa levar pela presunção. Ora, a presunção é uma cegueira da alma, pois não permite que ela veja sua própria enfermidade.

50. Assim como a criança recém-nascida conserva a imagem do homem perfeito, também a alma é uma imagem de Deus que a criou. Assim, enquanto a criança cresce, ela conhece parcialmente a seu pai. Mas quando a criança chega à idade madura, então o pai conhece o filho e o filho ao pai, e o tesouro do pai é revelado no filho. Do mesmo modo a alma antes da desobediência deveria progredir e chegar ao homem perfeito⁸⁶¹. Mas por causa da transgressão ela foi engolida pelo oceano do esquecimento e caiu num abismo de erros, estacionando nas portas do inferno. Estando afastada a grande distância de Deus, a alma estava incapacidade de se aproximar e de conhecer seu Criador. Mas, primeiramente por intermédio dos Profetas, Deus a fez voltar-se, chamou-a, atraiu-a para o seu conhecimento. Finalmente ele próprio veio e arrancou-a do esquecimento e do erro. Depois de haver destruído as portas do inferno ele foi até a alma desgarrada e deu a si próprio como

⁸⁴⁷ Cf. I Coríntios 1: 21-24.

⁸⁴⁸ Isaías 53: 3.

⁸⁴⁹ Cf. Isaías 50: 6.

⁸⁵⁰ Cf. Mateus 8: 20.

⁸⁵¹ Levítico 26: 12.

⁸⁵² Cf. Mateus 12: 29.

⁸⁵³ Cf. Salmo 90 (91): 13.

⁸⁵⁴ Cf. Lucas 10: 19.

⁸⁵⁵ Lucas 17: 21.

⁸⁵⁶ Cf. Isaías 35: 10.

⁸⁵⁷ Cf. Isaías 43: 20.

⁸⁵⁸ Cf. Isaías 41: 18.

⁸⁵⁹ Isaías 44: 3.

⁸⁶⁰ João 4: 14.

⁸⁶¹ Cf. Efésios 4: 13.

exemplo: e é desta maneira que se tornou possível à alma chegar à medida da idade madura e à perfeição do Espírito. O Verbo de Deus se deixou voluntariamente tentar pelo maligno, suportou as injúrias e os ultrajes, as violências e as bofetadas de suas mãos insolentes, e, por fim, a morte na cruz⁸⁶², mostrando, como dissemos, a disposição que devemos ter diante daqueles que nos insultam, que nos ultrajam ou que nos levam à morte, a fim de que o próprio homem se coloque também diante deles como um surdo e um mudo que não abre a boca⁸⁶³ e que, vendo a ação e a sutileza da malícia, perfurado por pregos como na cruz, grite com voz forte para Aquele que pode livrá-lo da morte⁸⁶⁴ e diga: “Purifique-me de minhas faltas ocultas⁸⁶⁵”, e: “Se eles não prevalecerem sobre mim ei serei irrepreensível”. Então, tornando-se absolutamente irrepreensível, que ele encontre Aquele que a ele tudo submeteu⁸⁶⁶, que ele reine⁸⁶⁷ e repouse com Cristo. Pois foi por causa da desobediência que a alma, afogada em pensamentos materiais e imundos, perdeu a razão. Assim, não será para ela um pequeno esforço emergir de tamanho caos, compreender as sutilezas da malícia e correr a se unir ao intelecto que é sem começo.

51. Se você pretende retornar a si mesmo, homem, e recuperar a glória primeira que você possuía e que a desobediência o fez perder, do mesmo modo pelo qual no começo você negligenciou os mandamentos de Deus e deu atenção às ordens e ao conselho do inimigo, agora se afaste daquilo que escutou e volte para o Senhor. Porém saiba que será com muito esforço e suor do seu rosto, como

⁸⁶² Cf. *Hebreus* 12: 22.

⁸⁶³ Cf. *Salmo* 37 (38): 14.

⁸⁶⁴ Cf. *Hebreus* 5: 7.

⁸⁶⁵ *Salmo* 18 (19): 13.

⁸⁶⁶ Cf. *Salmo* 8: 7.

⁸⁶⁷ Cf. II *Timóteo* 2: 12.

foi dito⁸⁶⁸, que você recuperará sua riqueza. Não há vantagem para você em adquirir o bem sem penar. Pois o que você recebeu sem esforço e suor você sua herança entregou ao inimigo. Reconheçamos assim aquilo que perdemos e retomemos a lamentação do Profeta: “Nossa herança foi entregue aos adversários, e nossa casa aos estrangeiros⁸⁶⁹”, pois nós transgredimos o mandamento, cedemos às nossas próprias vontades, nos comprazemos em nossos pensamentos imundos e terrestres a ponto de termos afastado nossas almas a uma enorme distância de Deus e de nos termos tornado como órfãos sem pai. Portanto, quem quiser cuidar de sua alma deverá combater tanto quanto puder para destruir os maus pensamentos e derrubar toda altura que se tenha levantado contra o conhecimento de Deus⁸⁷⁰. Para o homem que se esforça sem descanso para guardar o templo de Deus⁸⁷¹ virá Cristo, ele que prometeu permanecer conosco e juntos caminharmos⁸⁷². Então a alma recuperará sua herança e será julgada digna de se tornar templo de Deus. Pois ele próprio, depois de haver expulsado o maligno em semelhante combate, passará a reinar em nós.

52. As palavras que o Criador disse a Caim na ordem visível: “Você andarà errante pela terra, gemendo e tremendo⁸⁷³”, constituíram, na ordem oculta, uma figura e uma imagem de todos os pecadores. Foi assim que a raça de Adão, depois de se ter separado do mandamento e se tornado culpada de seus pecados, se tornou sacudida por pensamentos instáveis e se encheu de medo, negligência e perturbação. O próprio inimigo assalta com todas as sortes de

⁸⁶⁸ Cf. *Gênesis* 3: 19.

⁸⁶⁹ *Lamentações* 5: 2.

⁸⁷⁰ Cf. II *Coríntios* 10: 15.

⁸⁷¹ Cf. *Tiago* 1: 2.

⁸⁷² Cf. *Levítico* 26: 12.

⁸⁷³ *Gênesis* 4: 12.

concupiscências e prazeres todas as almas não nascidas de Deus e as despeja como grãos numa peneira. Não obstante, o próprio Senhor, para mostrar o quanto perpetuam a imagem da malícia de Caim os que seguem as vontades do maligno, disse repreendendo-os: “Vocês querem satisfazer os desejos de seu pai, o assassino do homem. Pois ele feriu o homem desde o início e não permaneceu na Verdade⁸⁷⁴”.

53. É importante compreender o quanto a visão do rei terrestre é desejada e procurada pelos homens. Qualquer um que passe pela cidade em que reside o rei deseja ver pelo menos a magnificência e a distinção de suas vestes, a não ser que outros bens, espirituais, o façam desprezar e desdenhar destas coisas: este homem foi alvejado por uma outra beleza e deseja outra glória. Então, se os homens carnaís se esforçam assim para ver o rei mortal, quanto mais não serão estimulados a ver o Rei imortal aqueles nos quais correu uma gota do Espírito bom e cujos corações foram tomados pelo amor divino? É por isso que eles se afastam de todo amor pelo mundo, a fim de poder levar continuamente em seu coração tanto desejo por Deus e não ter nada nem ninguém antes dele. São poucos, bem poucos os que desta maneira coroam um bom começo com um fim igual e que permanecem até o final sem cometer nenhuma falta. Por que muitos são penetrados pela compunção, muitos têm participação na graça celeste e são tocados pelo amor a Deus⁸⁷⁵, mas por não suportarem as inevitáveis penas e as tentações do maligno que nos assalta com suas artimanhas diversas e multiformes, permanecem no mundo e são engolidos pelo abismo, por negligência e fraqueza de pensamento, ou por que são prisioneiros de um pendor passional pelas coisas terrestres. Com efeito, os que querem seguir até o fim com toda certeza não suportam que qualquer outro desejo ou amor venha se misturar ao seu amor celeste.

⁸⁷⁴ João 8: 44.

⁸⁷⁵ Cf. *Cântico dos Cânticos* 2: 5.

54. Assim como são grandes e indizíveis os bens prometidos por Deus, do mesmo modo eles não vêm a nós sem numerosas penas e muitos combates conduzidos com esperança e fé. Cristo disse claramente: “Se alguém quiser me seguir, renuncie a si mesmo, tome sua cruz e venha⁸⁷⁶”. E também: “Se alguém não detesta seu pai, sua mãe, seus irmãos, sua esposa e filhos e até sua própria alma, não pode ser meu discípulo”. Mas a maior parte dos homens é de tal modo inconsciente que pretende obter o Reino, herdar a vida eterna e reinar continuamente com Cristo – este grande bem que ultrapassa o entendimento – vivendo segundo suas próprias vontades e seguindo-as, ou melhor, seguindo aquele que espalha estes pensamentos vãos e manifestamente nocivos.

55. Renunciar a si mesmo implica escapar da queda até o final, desprezando totalmente a si mesmos e a todas as concupiscências do mundo, suas distrações, seus prazeres e as ocupações que são aí suscitadas. Cada um é expulso do Reino por sua própria vontade, por não ter em verdade escolhido as penas nem renunciado a si mesmo, buscando, ao contrário do amor divino, a auto-complacência nas coisas deste século e não entregando a Deus todas as inclinações de sua própria vontade. Um único exemplo bastará para ajudar quem nos escuta a entender. Pois cada qual discerne com cuidado e sem dúvida não ignora se o que tentou fazer convinha ser feito. A incerteza se manifesta primeiro no coração. Os pratos da balança revelam antes de tudo no interior à consciência de cada um aquilo que pende para o amor a Deus ou para o amor ao mundo, e só então a coisa é declarada exteriormente. Como foi dito, cada qual discerne com cuidado, por exemplo, se lhe acontecer ter que disputar com seu irmão. Começa uma luta consigo mesmo, e a pessoa se interroga: “Falarei com ele? Não falarei? Responderei aos ultrajes que dele

⁸⁷⁶ Mateus 16: 24.

suportei? Será melhor calar-me?”. Ele segue o mandamento de Deus, sem entretanto se afastar de sua própria glória, e não escolhe a total renúncia a si mesmo. Se então a inclinação do amor pelo mundo fizer, ainda que por muito pouco, pender a balança do coração, logo as más palavras avançarão até seus lábios. Assim, o intelecto, tensionado interiormente como um arco, ferirá o próximo pela língua, e o mal progredirá: a coisa acabará em briga, talvez em feridas e até morte. Devemos assim considerar simultaneamente por onde começou e a que temível fim levou este breve movimento da alma. Creia-me, é isto que acontece com todo pecado e todo hábito: a malícia agrada e acaricia a vontade da alma por meio das concupiscências do mundo e dos prazeres da carne. É assim que acontece o adultério, o roubo, a cupidez, a vanglória e toda espécie de mal.

56. Os próprios bons hábitos podem acabar na vanglória, o que é considerado por Deus na mesma gravidade do roubo, da injustiça e de outros grandes pecados. Pois foi dito: “Deus dispersou os ossos daqueles que tentaram agradar aos homens⁸⁷⁷”. É assim que, mesmo através do bem, o inimigo quer ser servido e honrado, a tal ponto é ele mentiroso, múltiplo, tortuoso e fértil em armadilhas.

57. Aquilo que um homem ama do mundo torna sua reflexão pesada, puxa-a para baixo atraindo-a e não a deixando emergir. A balança destas coisas, que faz pender a vontade para um ou outro prato, que a pesa, está como que suspensa no coração. É aí que é submetido ao exame e posto à prova todo o gênero humano, e seguramente os cristãos, quer vivam nas cidades ou nas montanhas, em mosteiros, nos campos ou nos desertos. Pois é claro que quem se deixa atrair por sua plena vontade para aquilo que ama, não dedicou a Deus todo o seu amor. Assim é que um ama os domínios que adquiriu, outro

ama o ouro, outro ama encher o ventre, outro se comprazer nas concupiscências da carne, outro ama a sabedoria das palavras para adquirir uma glória efêmera. Um ama o poder, outro as honrarias que vêm dos homens, outro ama a cólera e o ressentimento; pois atirar-se totalmente à paixão demonstra o amor que se tem por ela. Alguém ama falar sem necessidade, outro ama simplesmente divagar, ou a se dedicar a discursos ociosos, ou a ser um mestre que ensina, tudo pela glória que provém dos homens. Um se deixa levar pelo relaxamento e a inconstância, outro se compraz com enfeites e roupas, este no sono, aquele nos divertimentos. Outro se agarra a qualquer coisa do mundo, pequena ou grande, possuído por elas sem conseguir se levantar. Pois quem não combate nobremente uma paixão e não se opõe a ela, nela se comprazendo e sendo por ela possuído, é por ela atraído como num laço e coloca sua reflexão sob seu jugo, impedindo-se de se dirigir para Deus e de adorar a ele somente⁸⁷⁸. Pois a alma que verdadeiramente dirige para o Senhor seu impulso se volta para ele com todo seu dinamismo, renuncia a si própria e não mais segue as vontades de sua própria inteligência.

58. Vamos ensinar por meio de alguns exemplos o modo como o homem se perde por sua própria vontade. Pois é por amor a qualquer coisa do mundo que ele se atira no fogo, mergulha no mar ou se entrega ao cativo. Suponhamos que a casa de alguém comece a se incendiar. Quem quiser se salvar, uma vez que se dá conta do incêndio, foge nu se preciso, abandonando tudo o que possuía dentro da casa e só cuidando de preservar a própria vida. Mas alguém pode resolver salvar os móveis e se por a carregá-los. Atarefado com eles enquanto a casa pega fogo, acabará por ser queimado junto com as coisas que tentava salvar. Vemos assim que o amor a uma coisa passageira à qual ele amou mais do que a si mesmo o atirou ao fogo por sua própria vontade. Outro exemplo: durante um naufrágio, um

⁸⁷⁷ *Salmo* 52 (53): 4.

⁸⁷⁸ Cf. *Deuteronômio* 6: 13.

homem se despoja de tudo e se atira ao mar para salvar sua vida, enquanto outro tenta conservar suas roupas e é engolido pelas águas; por causa de um pequeno ganho, este perde a si mesmo junto com o que tentava conservar. Ou ainda: supomos que seja anunciado um ataque inimigo. Um, assim que ouve a notícia, foge a toda pressa, sem se preocupar com nenhum de seus bens; outro, por não crer na notícia, ou por querer terminar algum negócio, demora-se e é capturado quando chegam os adversários. Vemos assim que é pela própria vontade, pela negligência e pela ligação a certos bens do mundo, que podemos perder o corpo e a alma.

59. São poucos os que realmente adquiriram o perfeito amor a Deus, considerando como nada os prazeres e as concupiscências do mundo e suportando pacientemente as tentações do maligno. Mas nem por isso se deve desesperar, nem negligenciar a boa esperança. Mesmo que muitos navios naufraguem, sempre haverá os que conseguem atravessar o mar e chegar ao porto. É por isso que precisamos de muita fé, muita paciência, muita atenção e muitos combates. Também precisamos ter fome e sede do bem, com inteligência e discernimento, e ao mesmo tempo sermos resolutos e insistirmos em obter aquilo que pedimos. Pois a maior parte dos homens, como dissemos, pretendem alcançar o Reino sem penas e sem suores. Eles chamam de bem-aventurados os santos e desejam suas honrarias e seus carismas, mas não querem tomar parte de suas aflições, de suas penas e de seus sofrimentos. É isto que todos os homens desejam, mesmo os prostituídos e os publicanos, mas é então que lhes chegam as tentações e as provas, a fim de que se distingam os que de fato amaram o Mestre e para que estes alcancem com toda a justiça o aquilo que

60. Considere que é nas aflições e nos sofrimentos, na paciência e na fé, que estão escondidas as promessas, a própria glória e a

recuperação dos bens celestes. Pois eu afirmo, é preciso que o trigo lançado à terra ou que a planta enxertada encontre primeiro um estado de podridão e de aparente desonra, para que possam depois recuperar a nobreza de suas vestes e a multiplicação de seus frutos. Com efeito, se não lhes fosse dado passar por esta podridão e por aquilo que, por assim dizer, os desonra, eles não poderiam se revestir com a nobreza última e com a beleza da contemplação. É o que pensa igualmente o Apóstolo: Ele disse: “É por meio de muitas aflições que entraremos no Reino dos céus⁸⁷⁹”. E o Senhor: “É pela paciência que vocês salvarão suas almas⁸⁸⁰”. E ainda: “Vocês serão afligidos pelo mundo⁸⁸¹”.

61. Na mesma medida com que cada um de nós for julgado por sua fé e esforço digno de participar do Espírito Santo, será neste dia glorificado seu corpo. Pois aquilo que hoje ele reservou dentro de si, por sua alma, será igualmente revelado fora, em seu corpo. O exemplo disto nos é dado pelas árvores: quando passa o inverno e o sol brilha mais claro e forte e sopram os ventos, elas crescem desde dentro e, como se se os ventos, elas crescem desde dentro e, como se se vestissem, se cobrem de folhas, flores e frutos. Da mesma forma, neste momento as flores da ervas saem do seio da terra que as cobria e a revestem com um véu de beleza. É a este respeito que falou o Verbo de Deus, quando disse: “Mesmo Salomão em toda glória jamais se vestiu como uma delas⁸⁸²”. Pois todas estas coisas são símbolos, exemplos e imagens daquilo que será dado aos que serão salvos na ressurreição. Pois para todas as almas que amam a Deus, ou seja, para os verdadeiros cristãos, o primeiro mês, o *xântico*⁸⁸³ ou

⁸⁷⁹ Atos 14: 22.

⁸⁸⁰ Lucas 21: 19.

⁸⁸¹ João 16: 33.

⁸⁸² Mateus 6: 29.

⁸⁸³ *Xanthos*, louro, designa o mês de Abril.

mês de Abril, é aquele em que se revela o poder da ressurreição. A divina Escritura diz: “Este mês será para vocês o primeiro dos meses do ano⁸⁸⁴”. É ele que recobrirá as árvores nuas revestindo-as com a sua glória original, escondida dentro de seu corpo. Também os cristãos serão glorificados por esta luz inefável que neles habita desde agora, vale dizer, pelo poder do Espírito, o qual será para eles vestimenta, alimento, bebida, regozijo, alegria, paz e, para resumir, vida eterna.

SOBRE A ELEVAÇÃO DO INTELECTO

62. Pela glória de Deus que brilhava em sua face e que nenhum homem conseguia fitar⁸⁸⁵, o bem-aventurado Moisés ilustrou o modo como os corpos dos santos, na ressurreição dos justos, serão glorificados com esta glória que as almas fiéis dos santos são consideradas dignas de carregar desde hoje no homem interior. Pois até nós, como foi dito, mesmo com o rosto descoberto, mas no homem interior, refletimos a glória do Senhor, transfigurados na mesma imagem, de glória em glória⁸⁸⁶. Também está escrito que Moisés não procurou alimento nem bebida durante quarenta dias e quarenta noites⁸⁸⁷. Esta é uma obra impossível para a natureza humana, a menos que ela comungue com a natureza espiritual, a mesma que os santos já recebem do Espírito.

63. A glória com que se enriquecem aqui em baixo as almas dos santos, conforme foi dito, cobrirá e revestirá os corpos nus na ressurreição e os elevará aos céus. Então eles repousarão de forma

ininterrupta, corpos e almas, no Reino de Deus. Com efeito, quando criou Adão, Deus não lhe deu asas corpóreas, como aos pássaros. Isto por que ele lhe enviaria as asas do Espírito no momento da ressurreição, a fim de que, graças a elas, ele se tornasse leve e fosse arrebatado até onde o levasse o Espírito. Mas aos santos foram dadas desde já asas inteligíveis que os elevam até a inteligência celeste. Pois outro é o mundo dos cristãos, outras suas vestes, outra sua mesa, outro seu regozijo. Pois sabemos que Cristo virá do céu, que ele ressuscitará aqueles que estão adormecidos desde o começo do mundo – como o atestam as divinas Escrituras – e que, dividindo-os em dois grupos⁸⁸⁸, ele chamará aqueles que portam seu sinal, o selo do Espírito divino, e os colocará à sua direita. Com efeito, ele disse: “Minhas ovelhas ouvem minha voz e a conhecem⁸⁸⁹”. Então seus corpos serão revestidos de glória divina, as das boas obras e as do Espírito, que ele concedeu aos santos trazer em si desde aqui em baixo. Assim glorificados pela luz divina e levados ao céu ao encontro do Senhor, conforme está escrito⁸⁹⁰, com ele permanecerão para sempre.

64. Aos que se preocupam em levar o melhor possível a vida cristã, convém antes de tudo vigiar com todo ardor a parte da alma que rege a reflexão, à que rege o julgamento e à que rege a conduta, a fim de, depois de alcançar o discernimento do bem e do mal e de haver separado da natureza pura as paixões introduzidas nela contra a natureza, possam viver sem ferir a ninguém, como vivem aqueles que possuem o olho do discernimento. Pois existe na alma uma vontade de conservar os membros puros dos danos dos sentidos, de se manter à distância das distrações do mundo, e de evitar que o coração estenda para o mundo os braços de seus pensamentos,

⁸⁸⁴ Êxodo 12: 2.

⁸⁸⁵ Cf. Êxodo 34: 30-31.

⁸⁸⁶ Cf. II Coríntios 3: 18.

⁸⁸⁷ Cf. Êxodo 34: 28.

⁸⁸⁸ Cf. Mateus 25: 31-33.

⁸⁸⁹ João 10: 14.

⁸⁹⁰ Cf. I Tessalonicenses 4: 17.

guardando-os e preservando-os das preocupações e dos prazeres vulgares. Assim, quando o Senhor ver alguém levar deste modo sua vida, mantendo-se rigorosamente disposto a servi-lo com temor e tremor⁸⁹¹, ele aumentará o socorro que provém de sua graça. Com efeito, que pode Deus fazer por aquele que se entregou ao mundo voluntariamente e que só segue seus próprios prazeres?

65. As cinco virgens prudentes que receberam nos vasos de seus corações o azeite estranho à sua própria natureza – ou seja, a graça do Espírito – puderam entrar no local das núpcias com o Esposo. Mas as outras, as tolas, más, que permaneceram em sua própria natureza, não eram sóbrias e vigilantes, não se deram ao trabalho de abrir o coração a tal azeite de felicidade⁸⁹², uma vez que ainda estavam na carne. Mas elas estavam como que adormecidas pela negligência, o relaxamento e a presunção da justiça, e por isso o lugar das núpcias do Reino⁸⁹³ foi fechado para elas. Pois está claro que elas foram retidas por um laço e uma ligação com o mundo, uma vez que não levaram ao Esposo celeste seu amor total e seu desejo ardente. De fato, as almas que buscam o que é estranho à natureza, esta santificação do Espírito, e que dedicam a Cristo todo o seu amor, aí elas caminham, aí oram, aí pensam, aí agem, depois de se haverem separado de todo o resto. Pois os cinco sentidos da alma, a compreensão, o conhecimento, o discernimento, a paciência e a piedade, ao receberem a graça do alto e a santificação do Espírito, tornam-se verdadeiramente como as virgens sábias⁸⁹⁴. Mas se eles se abandonam à própria natureza, comportam-se como as virgens tolas e se mostram como filhos do mundo e da ira⁸⁹⁵.

⁸⁹¹ Cf. *Salmo* 2: 11.

⁸⁹² Cf. *Salmo* 44 (45): 8.

⁸⁹³ Cf. *Mateus* 25: 10.

⁸⁹⁴ Cf. *Mateus* 25: 2.

⁸⁹⁵ Cf. *Efésios* 2: 3.

66. Assim como recebemos um mal que é estranho à nossa natureza, este mal que se introduziu em nós pela transgressão do primeiro homem⁸⁹⁶ e que com o tempo se tornou para nós como que uma natureza, do mesmo modo, por meio desta graça também estranha à nossa natureza, vale dizer, pelo dom celeste do Espírito, o mal será expulso desta e seremos restabelecidos na pureza original. Mas se não chegarmos a este ponto através de muita oração, fé e atenção, desviando-nos das coisas do mundo, e se nossa natureza manchada pelo mal não for santificada por este amor que é o Senhor⁸⁹⁷, se até o fim não nos guardarmos de toda falta assumindo para nós os mandamentos divinos, não poderemos alcançar o Reino celeste.

67. Quero expor, na medida do possível, uma questão delicada e profunda. O Senhor infinito e incorpóreo se fez corpo em sua infinita bondade. Ele, que é grande e maior do que o ser, se fez pequeno, se podemos dizê-lo, a fim de poder se aliar às suas criaturas intelectuais, ou seja, às almas dos santos e dos anjos, para que elas fossem capazes de participar da vida imortal de sua Divindade. Pois cada criatura – anjo, alma, demônio – é um corpo conforme à sua natureza própria. Com efeito, se estes seres são sutis, nem por isso eles deixam de ser substância, caráter e imagem, corpos sutis conforme a sutileza de sua natureza. Com efeito, assim como o corpo terrestre é denso por sua substância, também a alma – que é um corpo sutil – envolve e reveste os membros deste corpo terrestre. Ela envolve o olho, por intermédio do qual também ela vê. Ela envolve o ouvido, por meio do qual também ela escuta. Ela envolve a mão, o nariz, e, por assim dizer, todo o corpo e seus membros. Assim a alma permanece unida a todo o corpo, por meio do qual ela executa tudo o que faz ao longo da vida. Do mesmo modo, a

⁸⁹⁶ Cf. *Gênesis* 3: 6.

⁸⁹⁷ Cf. I *João* 4: 8.16.

inexprimível e incompreensível bondade de Cristo se fez pequena, tomou um corpo para si, uniu-se às almas fiéis que o amaram, as envolveu e se tornou um só Espírito com elas, segundo as palavras de Paulo⁸⁹⁸, alma dentro de outra alma, como foi dito, hipóstase dentro de hipóstase, como se ela ordenasse a esta alma que viva na sua Divindade, que atinja a vida imortal, e que desfrute do prazer incorruptível e da glória inefável.

68. Para esta alma, o Senhor, quando quiser, pode se tornar um fogo que consome tudo o que nela é vil e supérfluo, como o disse o Profeta: “Nosso Deus é um fogo devorador⁸⁹⁹”, pode se mostrar como um inexprimível e indizível repouso⁹⁰⁰, ou como uma alegria e uma paz⁹⁰¹ que aquecem e envolvem a alma. Basta que nos decidamos ardentemente a amá-lo e agradá-lo com nossas boas obras, e quem tocar os bens inefáveis verá por experiência própria e pela sensação mesma “aquilo que o olho não viu, o que o ouvido não ouviu, o que não subiu até o coração do homem⁹⁰²”, tudo o que se torna o Espírito do Senhor, seja pelo repouso, pelo regozijo, as delícias e a vida da alma que se mostra digna dele. Pois ele se fez corpo para se tornar tanto alimento como vestimenta e inexprimível beleza, e assim cumular a alma da felicidade do Espírito. De fato, ele disse: “Eu sou o pão da vida⁹⁰³” e “Aquele que beber da água que eu lhe der, esta água se tornará para ele uma fonte a jorrar a vida eterna⁹⁰⁴”.

69. É assim que Deus apareceu a cada um dos padres e dos santos,

⁸⁹⁸ Cf. I *Coríntios* 6: 17.

⁸⁹⁹ *Deuteronômio* 4: 24.

⁹⁰⁰ Cf. *Mateus* 11: 28.

⁹⁰¹ Cf. *Gálatas* 5: 22.

⁹⁰² I *Coríntios* 2: 9.

⁹⁰³ *João* 6: 35.

⁹⁰⁴ *João* 4: 14.

como ele queria e segundo o benefício que dele receberia aquele que o visse. Por exemplo, ele apareceu de um modo a Abraão e de outro a Isaac, e diversamente também a Jacó, a Noé, a Daniel, a Moisés, a Davi e a cada um dos profetas⁹⁰⁵, fazendo-se pequeno e tomando um corpo como foi dito, transfigurando-se e se revelando aos que o amavam, não como ele é, pois nada o pode conter, mas de acordo com o que eles eram capazes de captar, através do grande e incompreensível amor que tinha por eles.

70. A alma que foi considerada digna de que nela habite a Potência do alto e o fogo divino, e que traz misturado aos seus membros o amor celeste do Espírito bom, é totalmente desembaraçada do amor do mundo. Com efeito, assim como o ferro ou o chumbo, o ouro e a prata, fundem quando levados ao fogo, passando sua natureza do sólido ao maleável, tornando-se moles e fluidos ao calor da chama e perdendo sua dureza natural sob o poder do fogo, também a alma quando recebe este fogo celeste do amor do Espírito se desliga de todo pendor passional pelo espírito do mundo, se liberta dos laços da malícia e deixa a dureza natural do pecado, por que passa a considerar tudo como nada e de pouca valia. O que quero dizer é o seguinte: ainda que ame ao extremo alguns irmãos, se estes impedirem seu amor por Deus, a alma tomada deste amor se separará deles. Pois se o amor presente na conjunção carnal do casamento afasta o homem do pai, da mãe e dos irmãos, ainda que a estes ele ame, seu amor ainda é superficial: ele dirigiu todo o seu afeto e todo o seu desejo para aquela que permanece a seu lado. Se, portanto, o amor carnal afasta assim todo o demais amor do mundo, menos ainda aqueles que foram tocados pelo desejo impassível de Deus trarão em si um amor, qualquer que seja, pelas coisas do mundo.

⁹⁰⁵ Cf. *Gênesis* 18: 1-2; 26:2 4; 28: 13; 9: 12-13; *Daniel* 7: 13; *Êxodo* 3: 4; 33: 22-23; II *Samuel* 24: 16-17; I *Reis* 19: 12-13.

71. Deus é bom e ama o homem, ele é paciente, espera longamente pelo arrependimento de cada pecador, e faz do retorno de cada arrependido uma festa celeste. Com efeito, ele próprio disse: “Existe alegria no céu por um único pecador que se arrepende⁹⁰⁶”. Mas, vendo esta bondade e esta paciência e considerando que o Senhor não castiga os contínuos pecados aguardando o arrependimento, como dissemos, as pessoas negligenciam inteiramente os mandamentos e, tomando a bondade divina como pretexto para deixá-los de lado, acrescentam um pecado ao outro, construindo ofensa sobre ofensa, juntando negligência a negligência e ultrapassando os limites do pecado. Daí diante se tornam presas desta falta, já não conseguem se restabelecer e, submetidas à última ruptura e definitivamente entregues ao maligno, se perdem. É o que aconteceu com Sodoma. Os habitantes da cidade haviam enchido as medidas e ultrapassado as fronteiras do pecado. Quando já não havia para eles a menor possibilidade de arrependimento, a justiça de Deus os transformou em presas do fogo⁹⁰⁷. É o que aconteceu nos tempos de Noé. Levados ao mal por seus impulsos desenfreados e sem manifestar nenhuma espécie de arrependimento, os homens de então acumularam tamanha massa de pecados que toda a terra foi devastada de um só golpe⁹⁰⁸. Do mesmo modo Deus foi bom para com os egípcios que cometeram muitas faltas e trataram com arrogância o povo de Deus. Ele não entregou os egípcios à ruína total, mas os conduziu ao arrependimento castigando-os com pragas progressivas. Mas apenas eles eram deixados por si e voltavam-se e acabando por perseguir o povo do Senhor que saía do Egito. Então a justiça de Deus os destruiu totalmente e os fez perecer⁹⁰⁹. Da mesma forma, quando Israel cometeu tantos pecados e matou os profetas de

⁹⁰⁶ Lucas 15: 7.10.

⁹⁰⁷ Cf. Gênesis 19: 28.

⁹⁰⁸ Cf. Gênesis 6: 7.

⁹⁰⁹ Cf. Êxodo 14: 27-28.

Deus, o Senhor deu provas de sua paciência habitual. Mas, como eles progrediram no mal até o ponto de não mais reverenciar a dignidade do Mestre, mas de colocar suas mãos assassinas sobre ele, mãos assassinas sobre ele⁹¹⁰, também foram rejeitados e derrubados. A profecia, o sacerdócio e o culto lhes foram tirados e confiados às nações que creram⁹¹¹.

72. Corramos ardentemente para Cristo que nos está chamando. Derramemos sobre ele nosso coração e não desesperemos de nossa salvação nos deixando abater. Pois este é o sofisma do maligno: levar-nos ao desespero pela lembrança de nossos antigos pecados. Mas é preciso compreender o seguinte: se Cristo veio a nós cuidando e curando os cegos, os paralíticos e os surdos, e ainda ressuscitando mortos já decompostos, quanto mais não curará ele o ceticismo dos pensamentos, a negligência da alma e a surdez do coração preguiçoso? Pois não foi nenhum outro, mas ele mesmo quem criou o corpo, e ele mesmo quem criou a alma. E se ele é tão benevolente e compassivo para com aquilo que se dissolve e morre, quanto mais não amará ele com todo seu amor pelo homem, quanto mais não curará ele a alma imortal que foi presa da doença da malícia e da ignorância, e que a ele se dirige em oração? Pois foi ele quem disse: “Não fará meu Pai celeste justiça aos que por ele chamam noite e dia? Sim, eu lhes digo, ele fará justiça rapidamente⁹¹²”. E: “Peçam, e lhes será dado. Procurem, e acharão. Batam, e lhes será aberto⁹¹³”. E ainda: “Mesmo que ele não lhe dê por ser seu amigo, ele se levantará por causa do incômodo e lhe dará aquilo de que tem necessidade⁹¹⁴”, encorajando o pedido, ainda que importuno e perseverante. Pois ele

⁹¹⁰ Cf. Marcos 14: 26.

⁹¹¹ Cf. Mateus 21: 43.

⁹¹² Lucas 18: 8.

⁹¹³ Mateus 7: 7.

⁹¹⁴ Lucas 11: 8.

veio também para os pecadores, a fim de fazê-los voltar a ele⁹¹⁵. Basta que nós mesmos, nos afastando das predisposições más, na medida de nossa capacidade, consagremo-nos ao Senhor: e ele não desdenhará de nós, mas estará pronto a nos levar o socorro que dele provém.

73. Quando o corpo daqueles que são vítimas de uma enfermidade ou de uma angústia já não consegue tomar alimento e bebida, todos entram em desespero por ser isto um indício de morte e os amigos e parentes começam a se lamentar sobre o estado do enfermo. Também Deus e os anjos veem com muita tristeza e lamentações as almas que não são capazes de tomar o alimento celeste. Assim, se você se tornou trono de Deus, se ele em pessoa se assenta em você, se sua alma inteira se tornou olho espiritual, inteira luz, se você provou deste alimento do Espírito, se bebeu da água viva⁹¹⁶ e do vinho espiritual que alegra o coração, se você vestiu sua alma com as vestes da luz⁹¹⁷ inefável, se seu homem interior alcançou a experiência e a certeza de todas estas coisas, você vive a vida eterna e repousa com Cristo longe deste século presente. Mas se você ainda não recebeu estas coisas, se ainda não as adquiriu, chore lágrimas ardentes e se lamente por ainda não haver descoberto tamanha riqueza. Traga em si todo o cuidado com sua pobreza e ore por ela continuamente. Quanto àquele que já possui essas coisas, que se deixe penetrar pelo sentimento de sua própria indigência e que não fique se preocupar com nada, como se estivesse saciado de riqueza divina. Pois foi dito que quem procura achará, e que àquele que bate ser-lhe-á aberto⁹¹⁸.

⁹¹⁵ Cf. *Mateus* 9: 13.

⁹¹⁶ Cf. *João* 4: 10.

⁹¹⁷ Cf. *Salmo* 103 (104): 15 e 2.

⁹¹⁸ Cf. *Mateus* 7: 8.

74. Se este óleo composto⁹¹⁹ tinha tal potência que elevava à glória real aqueles a quem ungia, quanto mais elevados serão aqueles cujo intelecto e cujo homem interior são ungidos pelo azeite santificante da alegria⁹²⁰ e que recebem as garantias do Espírito bom, até o grau da perfeição, vale dizer, até o Reino e à adoção filial de Cristo, tornados companheiros do próprio Rei, entrando e saindo da companhia do Pai como e quando lhes aprouver. Pois, embora não tenham ainda recebido a herança perfeita por estarem ainda cobertos pelo peso da carne, pelas garantias do Espírito⁹²¹ têm a certeza dos bens que aguardam e não duvidam por um instante de que reinarão com Cristo⁹²², e de que serão cumulados com a superabundância e o transbordamento do Espírito. Então, mesmo permanecendo ainda na carne, eles têm a experiência deste outro poder e deste outro prazer. Pois pela purificação do homem interior e do intelecto, a graça que vem retira totalmente o véu que Satanás colocara sobre os homens depois da desobediência, rejeitando da alma toda mancha e todo pensamento vil, tornando-a pura e fazendo com que ela, após reencontrar sua própria natureza, com os olhos claros e já não impedidos de ver, possa contemplar a glória da verdadeira luz⁹²³. A partir daí esses homens se revestirão do século futuro e verão as belezas e as maravilhas que lá se encontram. Pois, assim como o olho corporal são e sadio vê com toda confiança a irradiação do sol, também estes homens, com o intelecto luminoso e purificado, contemplam incessantemente a irradiação inacessível do Senhor.

75. Não é fácil para os homens atingir este degrau. Existem muitas penas, infinitos combates e suores. Existem numerosos seres nos

⁹¹⁹ Cf. *Êxodo* 32: 23-25.

⁹²⁰ Cf. *Salmo* 44 (45): 8.

⁹²¹ Cf. *II Coríntios* 1: 22.

⁹²² Cf. *II Timóteo* 2: 12.

⁹²³ Cf. *II Coríntios* 3: 18.

quais a graça se encontra e age. Mas a malícia permanece oculta no interior, sem que tenha sido afastada. Os dois espíritos, o espírito da luz e o espírito das trevas, agem num só e mesmo coração. Mas você poderá me dizer: “O que existe em comum entre a luz e as trevas? Qual acordo pode haver entre o templo de Deus e os ídolos?⁹²⁴”. Eu lhe responderei: “O que existe em comum entre a luz e as trevas?”, ou melhor, onde está a luz divina entenebrecida, perturbada ou manchada, ela que é rigorosamente pura e límpida? Pois foi dito: “A luz brilhou em meio às trevas e as trevas não a receberam⁹²⁵”. Também não devemos compreender as coisas de forma parcial e unilateralmente. Alguns há que repousaram de tal modo na graça de Deus que são capazes de se dominar e não serem vencidos pelo pecado que neles habita. Mas existem outros que se habituaram a uma prece assídua e ao repouso, mas que são torturados por pensamentos vis e que são abusados pelo pecado, ainda que a graça permaneça neles. Aqueles, portanto, que são levianos e que ainda não adquiriram o rigor, ao sentirem que a graça age neles desta ou daquela maneira, pensam estar livres do pecado de uma vez por todas. Mas os que têm discernimento e inteligência não podem negar que, estivesse a graça de Deus neles, não seriam perturbados por pensamentos maus e fora de propósito.

76. Já vimos muitos irmãos desfrutarem de uma graça tão rica, que após cinco ou seis anos haviam subjugado e extinguido em si toda concupiscência. Depois, como pensassem haver alcançado o porto e atingido a serenidade, o mal, que permanecera emboscado, se manifestou atacando-os com tamanha malevolência e selvageria que os apavorou e os encheu de ansiedade. É por isso que os que possuem um olhar penetrante e sensato jamais têm a audácia de dizer: a graça está comigo, portanto daqui para diante estou também

livre do pecado. Como foi dito, ambas as coisas – a graça e o pecado – operam num só e mesmo intelecto, mesmo que aqueles que se deixam levar pela facilidade e os ignorantes, ao sentirem um pequeno movimento espiritual, digam apressadamente: vencemos. Quanto a mim, vejo as coisas de outra maneira: enquanto o sol brilha em toda sua pureza, subitamente uma nuvem escura ou uma bruma invasiva cobre de trevas sua bela luz. Pela mesma razão, aqueles que receberam a graça de Deus mas que ainda não foram rigorosamente purificados, estão num estado quase idêntico. Nas suas profundezas eles ainda estão submetidos ao pecado. Eles precisam de muito discernimento para obter uma experiência real dessas coisas.

77. Da mesma forma como sem olhos, sem língua, sem orelhas e sem pés é impossível ver, falar, ouvir ou caminhar, também sem Deus e sem a energia que ele dispensa é impossível comungar os mistérios divinos, conhecer a sabedoria do Senhor ou receber a riqueza do Espírito. Pois os sábios gregos se exercitam com palavras e se dedicam encarnecidamente às discussões. Mas os servidores de Deus, mesmo sem dizer uma palavra, estão continuamente envoltos pelo conhecimento divino e pela graça de Deus.

78. Creio poder afirmar que mesmo os apóstolos, que estavam cheios da bondade do Consolador, nem por isso se viam inteiramente isentos de preocupações. Mas além do regozijo e da alegria inefável, um certo temor provinha da própria graça, sem ter origem no mal. Pois a própria graça os colocava em segurança. Quem caminhava bem não tinha como se desviar, por pouco que fosse. Assim como uma criança que atira uma pedra contra uma muralha nada consegue, ou uma flecha sem ponta não é capaz de ferir uma couraça, também quando um elemento do mal assaltava os apóstolos ele se revelava sem efeito e vão, pois eles estavam bem protegidos pelo poder de Cristo. Mas, por perfeitos que fossem eles e livres para fazer eu

⁹²⁴ II *Coríntios* 6: 16.

⁹²⁵ *João* 1: 5.

quisessem, não se deve crer, como o fazem inconsideradamente alguns, que após a graça chegasse o fim das preocupações e o repouso. Pois o Senhor ordena que entre os perfeitos a vontade da alma esteja a serviço do Espírito, de sorte que as duas coisas andem de par. Com efeito, o Apóstolo disse: “Não extingam o Espírito⁹²⁶”.

79. Confiar as coisas à simples palavra é fácil e natural. É fácil, por exemplo, dizer que o pão é feito de trigo; mas expor em detalhe como se prepara o pão não está ao alcance de todos, mas apenas a quem já fez pão e tem experiência. Da mesma forma, simplesmente falar de impassibilidade e perfeição é fácil. Mas expor a coisa por experiência e com verdade implica compreender em ato e verdade como se edifica a perfeição.

80. Aquele que profere palavras espirituais sem tê-las provado e sem ter a experiência, digo que este se assemelha a um homem que, em pleno verão e ao meio-dia, atravessa uma planície deserta e ressecada. Quando sua sede se torna grande e abrasadora, ele se representa em espírito uma fonte fresca e próxima, da qual corre uma água doce e límpida da qual ele bebe até a saciedade sem nenhum impedimento. Ou ele se assemelha ao homem que, sem jamais haver provado o mel tenta descrever sua doçura aos outros. Pois em verdade o mesmo acontece com aquele que, sem ter obtido por suas próprias obras e sua própria certeza a perfeição, a santificação e a impassibilidade, pretende explicá-las aos outros. Mas se Deus lhe permitisse sentir, ainda que pouco, aquilo de que fala, ele certamente consideraria que a verdade e as próprias coisas não correspondem à sua explicação, diferindo muito dela. O cristianismo assim arriscaria, me parece, se deixar levar pouco a pouco além das suas fronteiras e acabar por ter o mesmo sentido do ateísmo. O cristianismo é como um alimento e uma bebida: quando

⁹²⁶ I *Tessalonicenses* 5: 19.

mais um homem come e bebe, mais ele queima de desejo. Seu intelecto se torna insaciável e nada pode retê-lo: é como se, ao oferecer uma bebida agradável a um homem sedento o tornássemos mais ávido de beber, não pela sede, mas pelo prazer. Como dissemos, não é por simples palavras que compreendemos as coisas. Elas devem ser cumpridas misteriosamente no intelecto por obra do Espírito Santo, e é assim que podemos falar delas.

81. O Evangelho ordena a todo homem fazer isto ou evitar aquilo, para se tornar amigo do Rei que ama os homens. De fato, ele diz: “Não se irrite⁹²⁷”, ou “Não cobice⁹²⁸”, ou “Se alguém lhe bater na face direita, ofereça-lhe também a esquerda⁹²⁹”. O Apóstolo, que veio pouco tempo depois que estas ordens foram dadas, ensinou como fazer pouco a pouco, com paciência e longanimidade, a obra da purificação. Primeiro ele nutria com leite, como se faz com as crianças⁹³⁰, para depois conduzir ao crescimento⁹³¹ e finalmente à perfeição⁹³². Assim, para ilustrar a coisa com um exemplo, o Evangelho diz que a túnica deve ser feita inteiramente de lã, e o Apóstolo explica como fiar a lã, tecê-la e confeccionar a túnica.

82. Alguns se afastam da prostituição pública, do roubo, da cupidez e de outros vícios semelhantes. Assim eles concordam com os santos. Mas ainda falta muito para que eles alcancem as realidades e a verdade. Pois muitas vezes a malícia vigia, chega e irrompe no seu intelecto: ela ainda não os deixou e desapareceu. O santo é aquele que que santificou e purificou totalmente seu homem interior. Havia

⁹²⁷ *Mateus* 5: 22.

⁹²⁸ *Mateus* 5: 28.

⁹²⁹ *Mateus* 5: 39.

⁹³⁰ Cf. I *Coríntios* 3: 12.

⁹³¹ Cf. *Efésios* 4: 4-16.

⁹³² Cf. *Hebreus* 5: 14; 6: 1.

SOBRE O AMOR

um irmão que, num dia em que orava com os demais, foi transportado pelo poder divino e, em seu arrebatamento, viu a cidade de Jerusalém celeste, com suas moradias iluminadas e a luz infinita e misericordiosa. Ele ouviu uma voz que dizia ser aquele o lugar de repouso dos justos. Depois ele se inflou de orgulho e concebeu uma alta opinião sobre si mesmo; então ele caiu nas profundezas do pecado e depois em numerosos vícios. Então, se um homem como este chegou a tanto, como é possível ao novato dizer: “Desde que eu jejuo e vivo no exílio, que eu dou de comer aos outros o que eu tenho, que eu me guardo dos vícios e que nada me falta, eu também sou santo”. Pois a perfeição não é a abstenção dos vícios manifestos. É a purificação dos pensamentos que é perfeita.

83. Entre, você que captou estas coisas pela sobriedade e a vigilância dos seus pensamentos, debruce-se sobre seu intelecto prisioneiro e escravo do pecado e veja aquela que está ainda mais abaixo de si mesma e mais profunda do que seus pensamentos, a serpente agachada ali onde estão os chamados tesouros de sua alma e que o coloca em perigo por meio dos membros mais vulneráveis desta. Pois na verdade o coração é um abismo incompreensível. Portanto, se você destruiu esta serpente, se você se purificou de toda iniquidade que existe em você, se você rejeitou o pecado, glorifique-se da pureza à qual você chegou em Deus. Senão, humilhe-se, por que você ainda é indigente e pecador; avance orando a Cristo por todas as suas faltas escondidas. Pois tanto o Antigo como o Novo Testamentos falam manifestamente da pureza. Mesmo que nem todos possam chegar até aí, todo homem, grego ou judeu, é presa da pureza. Mas isto – a pureza do coração – não pode nos ser dado senão por Cristo. Pois ele próprio é a verdade anipostática, a verdade real. Sem esta verdade, é impossível conhecer a verdade ou alcançar a salvação.

84. Assim como na ordem visível você renunciou ao homem exterior dando aos outros e distribuindo seus bens, é também preciso renunciar aos seus maus hábitos. Se você aprendeu a sabedoria carnal, ou se adquiriu o conhecimento das coisas, rejeite tudo. Se você se confiou aos julgamentos da carne, afaste-se deles, faça-se humilde e pequeno. É assim que você poderá se deixar instruir pela loucura da pregação⁹³³. É nesta, e não em discursos bem torneados, mas no poder da cruz, que você encontrará a verdadeira sabedoria, a que age realmente naqueles considerados dignos de adquiri-la. “Pois a cruz, disse Paulo, é um escândalo para os judeus e uma loucura para os gregos. Mas para nós que fomos salvos ela é o poder e a sabedoria de Deus⁹³⁴”.

85. Se você provou daquilo que vem do céu, se você tomou parte desta sabedoria, se conheceu o repouso em sua alma, não se orgulhe, não fique seguro de si como se já tivesse alcançado e compreendido toda a verdade, para que não ouça: “Vocês já estão ricos e satisfeitos e se sentem reis sem nós! Tomara mesmo que se tivessem tornado reis; assim nós também poderíamos reinar com vocês!⁹³⁵”. Mas quando você provar, considere que você ainda não atingiu o cristianismo. E que esta convicção não seja superficial em você, mas esteja implantada continuamente e decidida em seus pensamentos.

86. Da mesma forma como um homem que ama a riqueza, ainda que tenha juntado uma enorme fortuna, nunca está saciado e tudo o que ele acrescenta a cada dia a seus bens faz crescer ainda mais nele o desejo de possuir mais e mais, ou como um homem privado de uma

⁹³³ Cf. I *Coríntios* 1: 21.

⁹³⁴ I *Coríntios* 1: 23-24.

⁹³⁵ I *Coríntios* 4: 8.

bebida agradável antes que se tenha saciado aumenta ainda mais sua sede, também o gosto por Deus não conhece saciedade nem fim, mas ao contrário, quanto mais um homem é cumulado com esta riqueza, mais ele se considera indigente. Os cristãos não atribuem preço algum às suas próprias vidas⁹³⁶, mas se colocam diante de Deus como seres rigorosamente desprezíveis e se consideram como escravos dos outros homens. Deus se regozija com estas almas e nelas repousa por causa de tanta humildade. Portanto, se um homem possui algum bem ou se enriqueceu, que não pretenda, por causa disto, ser qualquer coisa ou ter qualquer coisa. Pois a pretensão é uma abominação diante do Senhor. Foi ela quem, no início, expulsou do Paraíso o homem que dera ouvidos a estas palavras: “Vocês serão como deuses⁹³⁷”, e que assim confiou-se a esta vã esperança. Aprendam como seu Deus e seu Rei, que é também o Filho de Deus, se despojou de si próprio tomando a forma de um escravo⁹³⁸, como ele se fez pobre⁹³⁹, como foi contado entre os humildes⁹⁴⁰, como sofreu. Assim aconteceu com Deus. E quanto a você, homem, feito de carne e sangue, terra e cinzas⁹⁴¹, que parte alguma tem com o bem, que é todo impurezas, você se orgulha e se vangloria? Mas, se você tiver alguma inteligência, em especial a que recebeu de Deus, diga: “O que eu possuo não é meu, mas recebi de outro. E se a ele isto pareceu bom, aquilo que me foi dado me elevou totalmente”. Assim sendo, atribua todo bem ao Senhor, e impute o mal à sua própria fraqueza.

87. O Apóstolo diz que transportamos em vasos de barro⁹⁴² este

⁹³⁶ Cf. Atos 20: 24.

⁹³⁷ *Gênesis* 3: 5.

⁹³⁸ Cf. *Filipenses* 2: 7.

⁹³⁹ Cg. II *Coríntios* 8: 9.

⁹⁴⁰ Cf. *Isaías* 53: 12.

⁹⁴¹ Cf. *Gênesis* 18: 27.

⁹⁴² Cf. II *Coríntios* 4: 7.

tesouro: o poder santificante do Espírito, que ele próprio foi digno de receber quando ainda estava revestido de carne. Ele diz também: “Ora, é por iniciativa de Deus que vocês existem em Jesus Cristo, o qual se tornou para nós sabedoria que vem de Deus, justiça, santificação e redenção⁹⁴³”. Portanto, quem encontrou e traz em si este tesouro celeste do Espírito pode atingir não somente com pureza e sem mácula, mas independente de qualquer pena ou fadiga, toda a justiça dos mandamentos, toda a prática dos mandamentos, enquanto que antes era preciso muito para poder fazê-lo sem esforço. Mesmo querendo, ninguém pode colher o fruto do Espírito antes de haver recebido o Espírito bom. Que cada qual se esforce em todas as ocasiões para correr⁹⁴⁴ com paciência e fé, e que ore com fervor a Cristo a fim de obter este tesouro celeste. E assim poderá cumprir com toda justiça, como foi dito, nele e por ele, pura e perfeitamente, sem pena e, repito-o, sem fadiga.

88. Os que trazem em si a divina riqueza do Espírito, quando comunicam aos outros propósitos espirituais, o fazem como quem retira de seu próprio tesouro⁹⁴⁵ para dar àqueles a quem falam. Mas os que não recolheram esta riqueza no fundo de seu coração de onde brota a bondade dos pensamentos de Deus, de seus mistérios e de suas palavras transbordantes, com dificuldade conseguiram colher uma flor em uma ou outra das duas Escrituras e a colocam na ponta da língua; ou então ouviram coisas de homens espirituais e se vangloriam em palavras, as expõem como se fossem suas e se apropriam de frutos que não são seus. Estes homens oferecem sem esforço aos demais o ornamento de suas palavras; mas, após haver discursado, permanecem como se fossem pobres, pois cada palavra proferida retorna para o lugar de onde foi tirada. Eles próprios não

⁹⁴³ I *Coríntios* 1: 30.

⁹⁴⁴ Cf. *Hebreus* 12: 1.

⁹⁴⁵ Cf. *Mateus* 12: 35.

possuem um tesouro seu de pudessem extrair e do qual lhes fosse possível servir aos outros, transmitindo-lhes. É por isso que é preciso em primeiro lugar pedir a Deus que coloque em nós esta verdadeira riqueza. Então se tornará fácil para nós ajudar aos demais e lhes transmitir palavras espirituais e mistérios divinos. É assim que a bondade de Deus habita em todo homem que crê. Com efeito, ele disse: “Quem me ama será amado por meu pai, e eu o amarei e me revelarei a ele⁹⁴⁶”. E também: “Eu e meu Pai viremos e nele faremos nossa morada⁹⁴⁷”.

89. Os que foram considerados dignos de se tornar filhos de Deus e que têm em si a irradiação de Cristo se consagram aos modos vários e diferenciados do Espírito e são aquecidos pela graça no secreto do coração. O melhor aqui é expor algumas das alegrias que podemos ter no mundo, para compará-las com os caminhos divinos pelos quais a graça conduz a alma. Às vezes estes homens se regozijam e exultam com uma alegria indizível e inexprimível, como num festim real. Às vezes eles experimentam o prazer do Espírito, como a esposa com o esposo. Às vezes sentem-se como anjos incorpóreos, tão leves, tão livres que pensam não mais estar revestidos de um corpo. Às vezes, animados como que por uma bebida, ficam ébrios da inefável embriaguez dos mistérios do Espírito. Às vezes a lamentação e a dor os fazem implorar pela salvação dos homens. Inflamados pelo amor divino do Espírito por todos os homens, eles tomam sobre si inteiramente o luto de Adão. Às vezes eles se deixam consumir pelo Espírito com um prazer que não pode ser descrito pela palavra, e com tanto amor, que, se fora possível, eles recolheriam todos os homens em suas próprias entranhas⁹⁴⁸, sem fazer a menor distinção entre o ruim e o bom. Às vezes eles desprezam a si

próprios de tal maneira que pensam não existir ninguém abaixo deles, considerando a si mesmos como os últimos dentre todos. Acontece também deles serem engolidos por uma alegria inefável do Espírito. Ou, como guerreiro revestido da armadura real e que derrubou seus adversários no combate, eles, da mesma forma protegidos pelas armas do Espírito, atacam os inimigos invisíveis e os colocam debaixo de seus pés. Ora uma grande serenidade os envolve, a hesíquia e a paz os aquecem, e eles se veem sob o império de um prazer maravilhoso, ora recebem a inteligência e a sabedoria divinas e o insondável conhecimento do Espírito. Numa palavra, a graça de Cristo lhes confere tamanha sabedoria que língua alguma é capaz de expressar. Também pode acontecer que às vezes eles apareçam como um homem entre os homens. Assim a graça divina, se transformando e se diversificando neles de muitas maneiras, instrui e exercita a alma, a fim de apresentá-la perfeita ao Pai celeste, sem mácula e toda pura.

90. Estes efeitos do Espírito de que falamos se situam em altos níveis, nos degraus mais próximos da perfeição. Pois as diversas consolações da graça age nestes homens diferentemente, embora continuamente, a partir do Espírito, sendo que as energias do Espírito sucedem umas às outras. Quando alguém chega à perfeição do Espírito, a partir do momento em que se purificou rigorosamente de todas as paixões, a partir do momento em que se uniu e mesclou ao Espírito Consolador pela completa e inefável comunhão, a partir do momento em que a própria alma é considerada digna de se tornar espírito por se unir ao Espírito, neste instante o homem se torna inteiro luz, inteiro espírito, inteiro alegria, inteiro repouso, inteiro regozijo, inteiro amor, inteiro compaixão, inteiro bondade e doçura. Ele foi por assim dizer engolido pelas virtudes do poder do Espírito bom, como uma pedra envolvida de todos os lados pela água nos abismos do mar. Desta maneira estes homens, unidos de todas as

⁹⁴⁶ João 14: 21.

⁹⁴⁷ João 14: 23.

⁹⁴⁸ Cf. Filipenses 1: 8.

maneiras ao Espírito de Deus, se tornam semelhantes a Cristo. Eles trazem em si mesmos as virtudes imutáveis do Espírito, e mostram seus frutos a todos. Com efeito, por terem sido interiormente tornados irrepreensíveis e puros de coração⁹⁴⁹ pelo Espírito, se torna impossível para eles produzirem externamente frutos de malícia. Ao contrário, sempre, continuamente, os frutos do Espírito brilham neles. É assim que se progride para a perfeição espiritual, para a plenitude de Cristo, para a qual nos exorta correr o Apóstolo quando diz: “A fim de que vocês sejam cumulados até trazer em si a plenitude de Cristo⁹⁵⁰”. E também: “Até que cheguemos todos ao homem perfeito, à altura da plenitude de Cristo⁹⁵¹”.

91. Pode acontecer a um homem de entrar e se ajoelhar, com o coração cheio de energia divina, e que sua alma se regozije no Senhor, assim como já mostramos, como a esposa se regozija diante do esposo. É o que disse o grande Isaías: “Assim como a esposa faz a alegria do esposo, assim você fará a alegria do Senhor⁹⁵²”. Talvez ainda este homem esteja ocupado durante todo o dia e depois se volte para a oração durante uma hora; seu homem interior será arrebatado enquanto ora, e ele se sente tomado pela profundidade infinita do século futuro. Um prazer secreto e incomensurável o toma, a ponto de tornar seu intelecto maravilhado, suspenso e arrebatado, enquanto seu coração esquece neste momento todo conhecimento terrestre ao mesmo tempo em que seus pensamentos recebem todos os bens, como foi dito, e são levados cativos para as coisas infinitas e incompreensíveis. Assim é que, nesta hora, graças à oração, o homem vê sua alma partir junto com sua prece.

⁹⁴⁹ Cf. *Mateus* 5: 8.

⁹⁵⁰ *Efésios* 3: 19.

⁹⁵¹ *Efésios* 4: 13.

⁹⁵² *Isaías* 62: 5.

92. A quem pergunta se é de fato possível ao homem permanecer neste estado, devemos responder o seguinte: a graça está sempre presente e enraizada, ela é como algo de físico, que faz corpo com o homem no qual está presente. Ela é uma, mas ela ordena tudo de diferentes maneiras, como bem lhe apraz, para benefício do homem. O fogo se acende neste, mais ou menos forte. Pode também ocorrer de a luz brilhar primeiro, depois se retrair e ensombrecer segundo uma economia inteiramente divina, embora a chama arda sem jamais se extinguir. Mas quando a luz começa por brilhar o homem é tomado de uma embriaguez maior, a do amor por Deus. Às vezes também esta luz que brilha continuamente no coração abre para uma luz mais interior e mais profunda. Neste caso, o homem inteiramente absorto nesta doçura e nesta contemplação já não é ele mesmo. Para o mundo, ele aparece como um louco ou um bárbaro, a tal ponto em sua alma transbordam e se desdobram o amor, o prazer e as profundidades dos mistérios com os quais lhe foi dado comunicar. Acontece muitas vezes de que nestes momentos ele alcance as medidas perfeitas e se torne irrepreensível livre de todo pecado. Depois disto, a graça se retrai de certo modo, e o véu da potência contrária o recobre.

93. Imagine a ação da graça da seguinte maneira. Suponha que a perfeição se eleva até o décimo-segundo degrau. Portanto, é possível atingir esta medida. Mas a graça se retira novamente e, descendo um degrau, para no décimo-primeiro, por assim dizer. Assim são as maravilhas que foram mostradas a este homem e que ele experimentou. Se ele as trouxesse consigo em igual nível, não lhe seria possível assegurar o ministério e o encargo da palavra, nem ouvir ou dizer o que fosse, nem se preocupar com nada, ainda que por um instante: ele apenas permaneceria imóvel, retirado num canto, suspenso e embriagado. É por isso que a medida perfeita não lhe foi dada, a fim de que ele tenha tempo para se consagrar também

ao cuidado com os irmãos e ao serviço da palavra.

94. Quando escutamos a palavra do Reino e somos levados a chorar, não nos detenhemos nas lágrimas que vertemos, nem nos nossos ouvidos por havermos escutado, nem nos nossos olhos por termos visto: não consideremos que isto nos basta. Pois existem outros ouvidos, outros olhos, outras lágrimas, assim como existe outra reflexão e outra alma, que é o Espírito divino, o próprio Espírito celeste, que escuta e chora, que ora, que conhece, que faz em verdade a vontade de Deus. O Senhor, ao prometer aos apóstolos o imenso dom do Espírito, disse: “Eu me vou. Mas o Consolador, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome lhes ensinará tudo⁹⁵³”. E também: “Eu ainda teria muitas coisas a lhes dizer, mas vocês ainda não as podem receber. Quando ele vier, o Espírito da verdade, ele os conduzirá por toda a verdade⁹⁵⁴”. Será, portanto, ele a orar e ele a chorar. “Pois não sabemos orar como se deve, disse o Apóstolo divino. Mas o próprio Espírito intercederá por nós com suspiros inefáveis⁹⁵⁵”. A vontade de Deus só se manifesta ao Espírito. Pois ele disse: “Ninguém conhece as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus⁹⁵⁶”. Quando, segundo a promessa, o Consolador veio no dia de Pentecostes⁹⁵⁷ e o poder do Espírito bom fez sua morada nas almas dos apóstolos, estes foram libertos do véu da malícia, as paixões desapareceram e os olhos dos seus corações se abriram. Então, cheios de sabedoria e tornados perfeitos pelo Espírito, por meio dele eles aprenderam a fazer a vontade de Deus daí por diante, e por meio dele foram conduzidos por toda a verdade. Ele dominou e reinou sobre suas almas. Assim, quando nos

⁹⁵³ João 14: 26.

⁹⁵⁴ João 16: 12-13.

⁹⁵⁵ Romanos 8: 26.

⁹⁵⁶ I Coríntios 2: 11.

⁹⁵⁷ Cf. Atos 2: 1-4.

acontecer chorar ao ouvirmos a palavra de Deus, oremos a Cristo esperando com uma fé sem falhas que virá a nós o Espírito que escuta e ora verdadeiramente, segundo a vontade e o desígnio de Deus.

95. Considere como acontecem as coisas. Uma espécie de potência tenebrosa vem cobrir levemente o intelecto, como uma atmosfera sutil. Embora a lâmpada permaneça sempre acesa e brilhando, conforme foi dito, esta luz agora está recoberta por um véu. Um homem neste estado não nega ser imperfeito e sabe que não está totalmente liberto do pecado. Ele é por assim dizer livre e não livre. Isto certamente não acontece sem o socorro de Deus, mas acontece por uma certa economia divina. Tanto o muro da separação⁹⁵⁸ se desconjunta e desaba, tanto ele permanece inamovível. O ritmo da prece tampouco é regular, mas às vezes a graça inflama, consola e repousa, às vezes ela se torna sombria e se retira, na medida em que ela dirige o homem para seu benefício. No entanto, já me aconteceu em alguns momentos encontrar a medida perfeita, e assim provar e conhecer a experiência do século futuro. Mas eu ainda não vi nenhum cristão perfeito ou livre de uma vez por todas. Se alguém pode repousar na graça, ser considerado digno de mistérios e revelações, tomar parte delas e entrar na imensa doçura da graça, nem por isto o pecado deixa de estar oculto em algum lugar dentro dele. Homens assim, devido à superabundância da graça e da luz que neles brilha, às vezes acreditam, por falta de experiência, serem perfeitos e livres. Quanto a mim, como disse, nunca encontrei quem fosse absolutamente livre. Pois já me aconteceu alcançar em parte, algumas vezes, esta medida de que falei, e eu sei, por haver aprendido, o que é um homem perfeito.

⁹⁵⁸ Cf. Efésios 2: 14.

96. Quando você ouvir falar da união do esposo e da esposa⁹⁵⁹, dos coros, dos cantos e das festas, considere que nada existe aí de material nem de terrestre. Com efeito, estas coisas são tomadas apenas como exemplos para nos ajudar a captar as realidades invisíveis. Pois estas são inefáveis e espirituais: os olhos da carne não as podem tocar, mas elas são dadas a entender às almas santas e fiéis. Esta comunhão do Espírito Santo, os tesouros celestes, os coros e as festas dos santos anjos, não se manifestam senão a quem já recebeu a experiência. Não é possível concebê-las sem ter sido iniciado. Assim, escute com piedade se lhe falarem destas coisas, até que a você também aconteça, por sua fé, ser considerado digno de descobri-las. Então você verá, pela própria experiência dos olhos de sua alma, com quais bens e mistérios as almas dos cristãos podem comungar ainda aqui em baixo. Pois na ressurreição mesmo o corpo de tais homens se tornará digno de descobrir, de ver e como que segurar estas coisas, quando o próprio corpo se tornar espírito.

97. As belezas próprias de nossa alma e os bons frutos que são a prece, o amor, a fé, a vigília, o jejum e outras práticas de virtudes, quando se misturam e tomam parte da comunhão com o Espírito, exalam um rico perfume, como o de um incenso atirado ao fogo. Então, até a nós se torna fácil viver segundo a vontade de Deus. Ao contrário, sem o Espírito Santo, como já dissemos, ninguém é capaz de compreender a vontade de Deus. Assim como a mulher que se une a um home pelo casamento, antes de se unir a ele segue seu próprio pensamento e faz suas próprias vontades, mas ao entrar em união passa a viver totalmente sob a autoridade de seu marido e até deixa de prestar atenção a si mesma, também a alma possui uma vontade própria, leis e obras próprias, mas quando se torna digna de se unir ao homem celeste, a Cristo, passa a se submeter à lei deste

homem⁹⁶⁰: ela já não segue sua vontade, mas a de seu esposo, Cristo.

98. Considere que a vestimenta das bodas, da qual Cristo fornece uma explicação divina⁹⁶¹, é a graça do Espírito Santo. Quem não se torna digno de se cobrir com ela não tomará parte das bodas celestes, nem deste festim espiritual.

99. Esforcemo-nos por beber o vinho espiritual de Deus e por nos tornarmos ébrios desta vertigem. Do mesmo modo como aqueles que estão saciados de vinho se tornam mais loquazes, também nós, cheios deste vinho espiritual, falaremos dos mistérios de Deus. “Pois sua taça que me embriaga, disse o divino Davi, como é boa!⁹⁶²”.

100. Esta é a alma pobre de espírito⁹⁶³. Ela reconhece suas feridas. Ela reconhece também as trevas das paixões que a cercam. Ela busca continuamente a redenção que vem do Senhor. Ou ela traz em si as penas, e não se regozija com os bens que existem sobre a terra. Ela busca o único bom médico e não se entrega senão aos seus cuidados. Como poderá esta alma ferida ser bela, graciosa e apta a viver com Cristo? Como, senão reencontrando sua antiga criação e reconhecendo claramente suas próprias feridas e sua pobreza? Pois se a alma não se compraz com suas feridas e as agressões das paixões, se ela não encobre suas faltas, o Senhor não lhe imputa a causa do mal, mas vem para tratar dela, curá-la e restabelecer nela uma beleza impassível e incorruptível. É preciso apenas que ela não escolha permanecer ligada ao que ela faz, como foi dito: que não se compraza nas paixões que foram suscitadas nela, mas que chame pelo Senhor com toda força, a fim de que ele, por intermédio de seu

⁹⁵⁹ Cf. *Isaías* 62: 5.

⁹⁶⁰ Cf. *Romanos* 7: 2.

⁹⁶¹ Cf. *Mateus* 22: 11.

⁹⁶² *Salmo* 22 (23): 5.

⁹⁶³ Cf. *Mateus* 5: 3.

Espírito bom, lhe conceda libertar-se de todas as paixões. Desta maneira esta alma se tornará feliz. Mas infeliz daquela que não percebe suas feridas e que, levada por um grande vício e por um endurecimento sem medida, não acredite que exista um mal dentro dela. A esta alma o bom médico não visita nem cura. Pois ela não o busca, nem se preocupa com suas feridas, considerando estar bem e sã. Pois foi dito: “Não são os de boa saúde que precisam de médico, mas os que estão doentes⁹⁶⁴”.

101. São verdadeiramente bem-aventurados e ferventes adeptos da vida e do regozijo sobrenatural aqueles que, votando-se ao ardor da fé e à conduta virtuosa, receberam por experiência e pela percepção o conhecimento dos mistérios celestes do Espírito e que possuem assim sua cidadania nos céus. Estes são os melhores dentre todos os homens. A prova é evidente: a quais, dentre os homens poderosos, sábios ou prudentes foi concedido subir aos céus enquanto ainda permaneciam sobre a terra? A quais dentre eles foi dado desde o alto fazer a obra espiritual e contemplar as belezas do Espírito? Pois um homem pobre em aparência, pobre ao extremo, desconhecido por seus vizinhos, prosternando-se com o rosto ao chão diante do Senhor, sobe aos céus conduzido pelo Espírito e na plenitude de sua alma desfruta em seu pensamento das maravilhas do alto, segundo o dito do Apóstolo: “Nossa cidade fica nos céus⁹⁶⁵”. E também: “O que o olho não viu, que o ouvido não escutou, o que não subiu ao coração do homem, o que Deus preparou para os que o amam”. E ele acrescenta: “Ele nos revelou por seu Espírito⁹⁶⁶”. Estes são dos sábios e poderosos verdadeiramente, estes os homens nobres e prudentes⁹⁶⁷.

⁹⁶⁴ *Mateus* 9: 12.

⁹⁶⁵ *Filipenses* 3: 20.

⁹⁶⁶ *I Coríntios* 2: 9-10.

⁹⁶⁷ Cf. *I Coríntios* 1: 26.

102. Mas se, fora destes dons celestes, você julgar os santos a partir das coisas presentes, também não hesitará em dizer que eles estão acima de todos. Senão, julgue o seguinte: Nabucodonosor, soberano da Babilônia, havia reunido todas as nações para que se prosternassem diante da estátua que havia erguido⁹⁶⁸. Mas Deus, em toda sua sabedoria, conduziu as coisas de tal maneira que a virtude das Crianças fosse conhecida de todos e que todos aprendessem que somente um é o verdadeiro Deus que está nos céus. Três Crianças, prisioneiras e privadas de sua liberdade enfrentaram abertamente o rei. Enquanto todos se prosternavam medrosamente e não ousavam desobedecer, tanto estavam quase sem voz e conduzidos pelo nariz como animais, as três Crianças estavam tão longe de sentir o que aceitavam os outros que, em sua piedade, não quiseram ser ignoradas e não suportaram permanecer escondidas, mas disseram para que todos ouvissem: “Ó Rei, não adoraremos seu Deus e não nos prosternaremos diante da imagem de ouro que você ergueu”. E a fornalha terrível que os recebeu não funcionou como fornalha: ela não fez seu trabalho. Como se também ela os respeitasse, ela protegeu as Crianças de sofrerem o menor mal. Todos, inclusive o próprio rei, reconheceram, graças a elas, o verdadeiro Deus⁹⁶⁹. Não apenas os habitantes da terra, mas mesmos os coros que estão nos céus as admiraram. Quanto às ações corajosas dos santos, o Apóstolo divino mostra que elas não são desconhecidas daqueles que habitam os céus, mas que também eles as veem. De fato, ele diz: “Nós nos tornamos um espetáculo para os anjos e os homens⁹⁷⁰”. Você pode ver coisas semelhantes na história de Elias. Enquanto ele era um só, ainda assim prevalecia sobre muitos fazendo descer o fogo

⁹⁶⁸ Cf. *Daniel* 3.

⁹⁶⁹ *Daniel* 3: 28.

⁹⁷⁰ *I Coríntios* 4: 9.

celeste⁹⁷¹. Também Moisés venceu todo o Egito e mais o tirano faraó⁹⁷². Também na história de Lot⁹⁷³, na de Noé⁹⁷⁴ e nas de muitos outros que, embora sendo comuns na aparência, dominaram inúmeros poderosos e príncipes.

103. Se uma natureza de fora não viesse em socorro de cada uma das coisas visíveis, estas, deixadas à própria sorte, não teriam como ser cultivadas e enfeitadas. Com efeito, a inefável sabedoria divina revela através das coisas visíveis mistérios e imagens, significando com isto que a natureza humana não é capaz por si só de carregar em si a perfeita vestimenta das virtudes e a beleza espiritual da santidade, se não as receber também das mãos de Deus. O mesmo acontece com a terra: se ela permanece tal como é, se não é cuidada pelos cultivadores e se não recebe logo o auxílio das chuvas e do sol, ela é incapaz de dar frutos e não é autossuficiente. Toda casa precisa da luz do sol, que não é da mesma natureza que ela, para não se encher de trevas. Você verá que o mesmo acontece com muitas outras coisas. Da mesma maneira a natureza humana, incapaz de por si só dar os frutos perfeitos da virtude, precisa do Cultivador espiritual de nossas almas, ou seja, do Espírito de Cristo, que por sua vez é absolutamente estranho à nossa natureza: pois nós somos criados, mas ele é incriado. Assim, cultivando com sua própria arte, se assim posso dizer, os corações dos fiéis que se entregaram de boa vontade ao Cultivador espiritual, ele os prepara para dar os frutos perfeitos do Espírito e faz brilhar sua própria luz na morada de nossa alma entenebrecida pelas paixões.

⁹⁷¹ Cf. II Reis 18: 38.

⁹⁷² Cf. Êxodo 7-12.

⁹⁷³ Cf. Gênesis 19.

⁹⁷⁴ Cf. Gênesis 6-7.

104. Dupla é a guerra que fazem os cristãos, e duplo o combate que conduzem. Primeiro eles devem enfrentar as coisas visíveis aos olhos do corpo. Estas excitam e provocam a alma, convidando-a a se afeiçoar e a se comprazer nelas. Depois, eles têm que lutar contra os poderes e as potências do maligno que mantém o mundo⁹⁷⁵.

105. A glória que Moisés exibiu em seu rosto⁹⁷⁶ era a imagem da verdadeira glória do Santíssimo Espírito. Pois assim como então ninguém conseguia fixar nele o olhar, também agora as trevas das paixões não suportam esta glória que brilha nas almas dos cristãos, mas são banidas e expulsas por tamanha luz.

106. O cristão que ama a verdade e ama a Deus, que provou da doçura celeste, que mesclou sua alma à graça, que se confiou totalmente às vontades da graça, sente aversão por tudo o que é deste século. Pois daí em diante ele é mais forte do que todas as coisas do mundo. Que se lhe apresentem ouro, prata, honra e glória, elogios e homenagens: nada disto o poderá prender. Com efeito, ele possui a experiência de outra riqueza, de outra honra, de outra glória, e nutre sua alma com o prazer incorruptível cuja sensação possui e com a plena certeza que lhe concede a comunhão com o Espírito.

107. Da mesma forma como o pastor, que é dotado de razão, se distingue dos animais irracionais, também o cristão é diferente dos homens pela compreensão, o conhecimento e o discernimento. Pois ele participa de outro Espírito, de outro intelecto, de outra compreensão e outra sabedoria, que não são as deste mundo. “É uma sabedoria, diz o Apóstolo, que anunciamos entre os perfeitos, uma sabedoria que não é deste século nem dos príncipes deste século que vão todos desaparecer; nós anunciamos a sabedoria de Deus no

⁹⁷⁵ Cf. Efésios 6: 12.

⁹⁷⁶ Cf. Êxodo 34: 29-30.

mistério⁹⁷⁷”. É por isso que o cristão difere totalmente de todos os homens que possuem o espírito do mundo, doutos e sábios, como foi dito. Ele julga a todos os homens, conforme está escrito, ele sabe do que fala, onde se encontra e em que estado está. Mas nenhum dos que têm o espírito do mundo tem o poder de reconhecê-lo ou de julgá-lo. Somente pode fazê-lo aquele a quem foi dado o Espírito da Divindade, que lhe é semelhante, segundo o Apóstolo divino: “É aos espirituais que explicamos as coisas espirituais. O homem psíquico não recebe as coisas do Espírito de Deus: elas lhe parecem loucura. Mas o homem espiritual julga a tudo e não é julgado por ninguém⁹⁷⁸”.

108. É impossível receber o Santíssimo Espírito senão se fazendo estrangeiro a todas as coisas deste século e renunciando a si mesmo para buscar apenas o amor de Cristo, a fim de que o intelecto, desembaraçado de todas as preocupações materiais, não mais se consagre senão a este único objetivo e seja assim considerado digno de se tornar com Cristo um só Espírito, como disse o Apóstolo: “Aquele que se liga ao Senhor será com ele um só Espírito⁹⁷⁹”. Mas a alma que está ligada a qualquer coisa deste século, como a riqueza, a glória ou a amizade mundana, e se vê levada por elas, será incapaz de fugir e atravessar as trevas das potências negativas.

109. As almas que amam a verdade, as almas que amam a Deus não suportam o menor relaxamento do amor que dedicam ao Senhor. Inteiramente ligadas à cruz, elas sentem e reconhecem o progresso espiritual que se constrói nelas. Feridas por tal desejo, e por assim dizer com fome da justiça⁹⁸⁰ das virtudes e da iluminação do Espírito

bom, mesmo sendo dignas dos mistérios divinos, mesmo participando da alegria celeste e da graça, elas não confiam em si mesmas⁹⁸¹ e não se consideram grande coisa. Mas quanto mais são cumuladas dos carismas do Espírito, mais se esforçam por buscar insaciavelmente os bens celestes. Quanto mais sentem em si o progresso espiritual, mais desejam participar de suas benesses. Cumuladas das riquezas do Espírito, consideram a si próprias como indigentes. É o que diz a divina Escritura: “Os que comem terão ainda mais fome, e os que bebem ainda mais sede⁹⁸²”.

110. Estas almas são consideradas dignas de ser libertadas das paixões. Elas trazem em si plenamente a iluminação do Espírito divino e a total comunicação com a graça. Mas existem almas que se deixam levar pela preguiça e não fazem qualquer esforço, que não buscam com paciência e longanimidade receber a santificação do coração aqui em baixo, quando ainda se encontram na carne, e isto não em parte, mas totalmente: elas não esperam comungar com o Espírito Consolador, senti-lo com plena certeza e ser libertadas por ele das paixões do mal. Embora lhes tenha sido dada a graça divina, estas almas levadas pelo mal deixaram de velar por si mesmas. Depois de haver recebido a graça, elas obtêm a consolação que provém dela, e desfrutam da doçura espiritual. Por isto elas estão prontas para se tornarem orgulhosas, por que não têm o coração quebrantado, não se humilham em espírito, não estão sedentas nem voltadas para a medida perfeita da impassibilidade. Ao contrário, elas permanecem nesta pequena consolação da graça, e progridem mais em presunção do que em humildade; assim acontece de serem despojadas até do carisma que haviam recebido. Com efeito, como mostramos, a alma que verdadeiramente ama a Deus, ainda que tenha realizado milhares de atos justos, ainda que tenha utilizado o

⁹⁷⁷ I Coríntios 2: 6-7.

⁹⁷⁸ I Coríntios 2: 13-15.

⁹⁷⁹ I Coríntios 6: 17.

⁹⁸⁰ Cf. Mateus 5: 6.

⁹⁸¹ Cf. II Coríntios 1: 9

⁹⁸² Eclesiastes 24: 21.

corpo para jejuns e vigílias extremas, ainda que lhe tenha sido dado receber diferentes carismas do Espírito, revelações e mistérios, esta alma é tão modesta que considera sequer ter começado a se conduzir segundo Deus, sequer ter adquirido ainda qualquer bem espiritual: ela tende sempre e com todo seu desejo, insaciavelmente, para o amor divino de Cristo.

111. A ninguém é possível alcançar estas medidas de um só golpe e com facilidade. É preciso passar por muitas penas e combates, é preciso haver consagrado tempo e esforço, haver conhecido as provas e toda espécie de tentações para alcançar enfim a medida perfeita, a medida da impassibilidade. Depois de havermos sido provados em todas as penas e toda fadiga, depois de suportarmos corajosamente todas as tentações suscitadas pelo mal, somente então seremos considerados também dignos das grandes honrarias, dos grandes carismas do Espírito e da riqueza divina, para então recebermos a herança do Reino celeste.

112. Se uma alma não tem em si esta exatidão rigorosa da vida cristã, se não sentiu a santificação que se opera no coração, que implore e peça ardentemente ao Senhor para obter este bem e a energia do Espírito que é concedida ao intelecto pelas contemplações inefáveis. Da mesma forma como, segundo a lei da Igreja, aqueles que são presa dos pecados do corpo são num primeiro momento descartados pelo sacerdote para que, depois de manifestar seu arrependimento, serem considerados dignos da comunhão, enquanto que os que se mantêm sem faltas e em toda pureza avançam para o sacerdote e, da parte externa passam ao interior, até próximo do altar, a fim de celebrar a liturgia junto ao Senhor, da mesma forma consideremos a comunhão mística com o Espírito, da qual o Apóstolo falou quando disse: “A graça de nosso Senhor Jesus Cristo,

o amor de Deus Pai e a comunhão do Espírito Santo⁹⁸³”: você verá que ela obedece à mesma lógica. A divina Trindade, com efeito, habita na alma que leva a vida pura, quando a bondade de Deus a assume. E ela aí permanece, não tal como é – pois nem toda a criação poderia contê-la – mas na medida em que o homem é capaz de concebê-la. Ora, quando o intelecto se afasta em qualquer ponto da conduta prescrita por Deus e entristece o Espírito divino⁹⁸⁴, ele é rejeitado e afastado da alegria espiritual. Então a graça divina, o amor e toda a boa energia do Espírito se retraem, e o próprio intelecto é entregue às aflições, às tentações e aos espíritos do mal, até que a alma volte a caminhar retamente de modo a agradar ao Espírito. Pois quando ela prova seu arrependimento por meio de uma confissão e de uma humildade perfeitas, ela volta a ser considerada digna de ser visitada pela graça e recebe a alegria celeste ainda mais abundante do que antes. E, se ela já não entristece o Espírito, mas vive para agradá-lo, opondo-se a todos os pensamentos maus e agarrando-se continuamente ao Senhor⁹⁸⁵, então esta alma progredirá com justiça e responsabilidade, será honrada com dons inefáveis, será transportada de glória em glória⁹⁸⁶ e de repouso em repouso cada vez mais perfeito. Depois, chegando à medida perfeita do cristianismo, ela será reunida àqueles que trabalharam com perfeição por Cristo e que celebraram irrepreensivelmente sua liturgia, em seu Reino eterno.

113. Considere que estas coisas aparentes são as imagens e as sombras das coisas ocultas, que o templo visível é a imagem do templo do coração, que o sacerdote é a imagem do verdadeiro sacerdote da graça de Cristo, e assim por diante. Da mesma forma

⁹⁸³ II *Coríntios* 13: 13.

⁹⁸⁴ Cf. *Efésios* 4: 30.

⁹⁸⁵ Cf. I *Coríntios* 6: 17.

⁹⁸⁶ Cf. II *Coríntios* 3: 18.

como na Igreja visível, sem as prévias leituras, salmodias e tudo o que constitui o ofício da instituição eclesial, não é normal que o padre celebre o mistério divino em si, o mistério do corpo e do sangue de Cristo, e, reciprocamente, mesmo que o cânon eclesial tenha sido dito, se a eucaristia mística oferecida pelo sacerdote e a comunhão do corpo de Cristo não acontecerem, a instituição da Igreja não foi cumprida e a celebração do mistério se torna deficiente, considere da mesma forma que o mesmo acontece com o cristão. Se ele bem conduziu o jejum, a vigília, a salmodia, o conjunto da ascese e todas as virtudes, mas se a energia mística do Espírito não foi posta a operar pela graça sobre o altar de seu coração, se ela não foi totalmente sentida como um repouso espiritual, toda esta ordem da ascese permanece inacabada e quase estéril, pois ela não traz em si a alegria do Espírito, esta alegria que age misticamente dentro do coração.

114. O jejum é uma coisa boa, a vigília é uma coisa boa, assim como a ascese e o exílio são coisas boas. Mas estas coisas não passam jamais do começo e das primícias da vida amada por Deus. Confiar-se pura e simplesmente a estas coisas é completamente irrazoável. Pode acontecer que tenhamos alguma parte na graça, e então, o mal que está oculto em nós, como já foi dito, matreiro, se retira voluntariamente e deixa de fazer as coisas de costume. Mas ele leva o homem a imaginar que seu intelecto foi purificado, logo o conduz a se pretender perfeito, para depois atacá-lo como o faria um saltador e manda-lo para mais baixo do que a terra. Com efeito, se homens, sobretudo homens de vinte anos, saltadores ou mercenários, colocam armadilhas para seus adversários, montam emboscadas e outros truques, tomam os inimigos de surpresa, derrubam-nos sem deixar esperança e os matam, quanto mais o mal, que tem milhares de anos e que se dedica como obra principal a fazer com que as almas se percam, saberá iludir no secreto do coração, ficar quieto

quando convém, e não fazer nenhum movimento a fim de levar a alma a se imaginar perfeita. O fundamento do cristianismo, ainda que se tenham cumprido todas as formas de justiça, consiste em não repousar sobre ela, não confiar nela, não considerar que se tenha feito o que quer que seja de grande. E, ainda que tenhamos parte na graça, não consideremos ter ganhado seja lá o que for, nem nos mostremos saciados, mas tenhamos sempre mais fome e mais sede, tomemos o luto e choremos, com o coração totalmente quebrantado.

115. Considera que o estado espiritual é tal como segue. Suponha uma mansão real: ela é feita de diferentes pátios, portões, habitações, alguns mais exteriores, outros mais e mais interiores, nos quais se guarda a púrpura e os tesouros; depois vem a habitação que fica no coração do palácio e que é reservada à vida do rei. Do mesmo modo como alguém, por ter chegado aos pátios e às habitações exteriores, se engana se crer haver atingido o coração do palácio, também na ordem espiritual, aqueles que combatem o ventre e o sono devem se aplicar continuamente aos salmos e às orações sem imaginar que tenham chegado ao fim e ao repouso. Pois sua vida se passa ainda nos portões e nos pátios, não onde estão guardadas as púrpuras e os tesouros reais. E ainda que eles sejam considerados dignos de receber alguma graça espiritual, que isto não os engana como se já houvessem atingido o objetivo final. Convém verificar se tal tesouro foi encontrado neste vaso de barro⁹⁸⁷, se fomos revestido da púrpura do Espírito, se vimos o Rei, se entramos no repouso. Creia-me ainda: a alma possui profundidade e diferentes membros; ora, o pecado, insinuando-se, investe sobre todos os membros e todos os pensamentos do coração, e depois, quando o homem busca a graça do Espírito, esta lhe vem e pode acontecer que envolva duas partes da alma. Aquele que não tem experiência, ao se ver consolado por tal graça, tem a impressão de que ela penetrou em todos os membros da

⁹⁸⁷ Cf. II *Coríntios* 4: 7.

alma e que o pecado foi totalmente desenraizado. Mas este homem não sabe que o pecado ainda mantém sob seu jugo a maior parte da alma. Pois é possível, como já mostramos outras vezes, que a alma aja continuamente tal como o olho age em relação ao corpo, e que o mal que rouba os pensamentos se encontre igualmente aí. Aquele que não sabe discernir, ao receber um grande carisma, adquire uma alta opinião a seu próprio respeito e se infla de orgulho como se tivesse recebido a última purificação; mas ainda falta muito para que a verdade lhe dê razão. Como já mostramos, existe aí mais uma das armadilhas de Satanás, que em certos momentos se retira de propósito e não age coo de costume, certamente com o objetivo de inspirar nos ascetas a presunção de se terem tornado perfeitos. Mas quem planta uma vinha colhe imediatamente seus frutos? Quem lança as sementes na terra já pode fazer a colheita? E então? O recém-nascido se torna adulto instantaneamente? Veja como foi com Jesus. Cristo era Filho de Deus e Deus. Veja de que glória ele veio e a que sofrimentos desceu, para a desonra, a cruz, a morte, para só depois, ser por sua humildade elevado acima de tudo, indo sentar-se à direita do Pai⁹⁸⁸. A serpente maligna, ao contrário, depois de haver semeado em Adão o desejo de divindade⁹⁸⁹, a quanta desonra não o fez descer por causa desta presunção? Considere, portanto, estas coisas, guarde-se tanto quanto puder e se esforce para ter sempre o coração humilde e quebrantado⁹⁹⁰.

SOBRE A LIBERDADE DO INTELECTO

116. Quando você ouve que Cristo desceu aos infernos e libertou as almas que lá se encontravam detidas, não pense que estas coisas

⁹⁸⁸ Cf. *Efésios* 1: 20.

⁹⁸⁹ Cf. *Gênesis* 3: 5.

⁹⁹⁰ Cf. *Salmo* 50 (51): 19.

estão longe daquilo que acontece hoje em dia. Considere, com efeito, que o coração é um sepulcro no qual, retidos por pesadas trevas, foram enfiados os pensamentos e o intelecto. O Senhor vem às almas que o chamam desde o inferno, ou seja, das profundezas de seu coração, e lá, comandando a morte, ele lhe diz: “Envie-me as almas presas que me procuram, a mim que as posso libertar”. Depois, erguendo a pesada pedra que recobre a alma, ele abre o túmulo, ressuscita aquele que estava verdadeiramente morto e liberta da prisão escura a alma que ali estava encerrada.

117. Acontece muitas vezes que Satanás venha deliberadamente falar ao seu coração e dizer: “Entenda o mal que você fez. Sua alma está cheia de iniquidades. Você está pesado de tantos e graves pecados”. No entanto, não o ignore: ele age assim para empurrá-lo ao desespero sob pretexto de humildade. Por que, depois que o mal entrou em nós pela transgressão ele abriu uma passagem para falar à alma todos os dias, como um homem fala a outro homem de certa maneira para lhe sugerir ações inconvenientes. Responda-lhe, portanto: “Eu tenho as garantias escritas de Deus, que disse: Eu não quero a morte do pecador, mas que ele retorne por meio do arrependimento, e que viva⁹⁹¹”. Senão, por que teria ele descido, a não ser para salvar os pecadores, iluminar os que estavam nas trevas e dar a vida aos que estavam mortos?

118. Com a graça divina acontece a mesma coisa que a potência contrária: ela manifestamente incita, mas não constrange. Desta maneira permanecem salvaguardados nosso poder de decisão e nossa liberdade. Quando o homem desorientado por Satanás faz o mal, não é Satanás, mas o próprio homem que recebe o castigo. Pois ele não foi forçado ao mal, mas se deixou levar ao vício por sua própria vontade. Coisa semelhante acontece com relação ao bem. A graça

⁹⁹¹ Cf. *Ezequiel* 33: 11.

não imputa a si mesma o bem que faz, mas ao homem. Por isto ela o reveste de glória, pois ele se colocou na própria origem do bem. Tampouco é, como dissemos, por um poder de constrangimento que a graça, amarrando a vontade do homem, a torna indefectível. Embora presente, ela deixa espaço para a liberdade, a fim de que fique bem claro que é a vontade do homem que o dirige para a virtude ou o vício. Com efeito, a lei não é aplicada à natureza, mas à livre resolução, que pode se voltar para o bem ou para o mal.

119. É preciso guardar a alma e preservá-la de relação com pensamentos profanos e maus. Com efeito, assim como um corpo que se une a outro se mancha com a impureza, também a alma se corrompe quando se junta a pensamentos sujos e maus, por concordar e por se entregar a eles, não apenas aos que trazem a malícia e a prostituição, mas também os ligados a quaisquer outros vícios, como a infidelidade, a mentira, a vanglória, a cólera, a inveja e a disputa. É preciso purificar-se de toda mancha da carne e do espírito⁹⁹². Considere por exemplo que exista uma corrupção e uma prostituição que agem no secreto da alma por pensamentos inconvenientes. Da mesma forma como, segundo o grande Apóstolo, “Deus destruirá aquele que destrói o templo de Deus⁹⁹³”, ou seja, o corpo, também será passível de castigo aquele que corrompe a alma e o intelecto concordando e consentindo em pensamentos inconvenientes. Portanto, assim como convém guardar o corpo do pecado visível, é preciso guardar a alma dos pensamentos errados, pois ela é a esposa de Cristo. “Pois, disse ele, eu os entreguei a um só esposo, para apresentá-los a Cristo como uma virgem pura⁹⁹⁴”. Escute a Escritura quando esta diz: “Guarde seu coração com toda a

vigilância, pois é de lá que partem as fontes da vida⁹⁹⁵”. E aprenda o que ensina a divina Escritura: “Os pensamentos tortuosos separam de Deus⁹⁹⁶”.

120. Que cada qual, examinando e aprovando sua própria alma, exija dela que lhe diga ao quê ela está ligada. E, se por um acaso seu coração não estiver de acordo com as leis de Deus, que se dedique com todas as forças, assim como guarda seu corpo, em guardar o intelecto de se corromper e de consentir com os maus pensamentos, caso queira que, segundo a promessa, o Puríssimo venha a habitar nele. Pois ele prometeu habitar e caminhar⁹⁹⁷ nas almas puras que amam a beleza.

121. Da mesma forma como alguém que cultiva cuidadosamente sua própria terra começa por revirá-la e arrancar os espinheiros, para só então espalhar as sementes, também aquele que espera receber de Deus as sementes da graça deve primeiro purificar a terra de seu próprio coração para que, ao cair nele, a semente do Espírito possa dar frutos maduros e superabundantes. Se não começar por aí, se não houver a purificação completa das machas da carne e do espírito⁹⁹⁸, permanecemos ainda como carne e sangue, distantes da vida⁹⁹⁹.

122. Precisamos examinar com grande penetração e de todos os lados as fraudes do inimigo, suas mentiras e trapaças. Com efeito, assim como o Espírito Santo disse por intermédio de Paulo que ele se faz tudo em todos para ganhar a todos os homens¹⁰⁰⁰, também o

⁹⁹² Cf. II Coríntios 7: 1.

⁹⁹³ I Coríntios 3: 17.

⁹⁹⁴ II Coríntios 11: 2.

⁹⁹⁵ Provérbios 4: 23.

⁹⁹⁶ Sabedoria 1: 3.

⁹⁹⁷ Cf. II Coríntios 6: 16.

⁹⁹⁸ Cf. II Coríntios 7: 1.

⁹⁹⁹ Cf. I Coríntios 15: 50.

¹⁰⁰⁰ Cf. I Coríntios 9: 19.

mal se esforça em se disfarçar de todas as maneiras para enviá-los à perdição. Com os que oram, o inimigo faz cara de reza, com o objetivo de enganá-los levando-os à presunção sob pretexto de oração. Com os que jejuam ele faz cara de jejum, para enganá-los levando-os a se vangloriar do jejum. Ele age da mesma forma com os que têm conhecimento das Escrituras, para fazê-los se perder sob a máscara do conhecimento. Perante os que foram considerados dignos de uma revelação da luz ele finge possuir algo semelhante. De fato, foi dito que Satanás se trasveste de anjo de luz¹⁰⁰¹ a fim de atrair os homens para si depois de enganá-los com a aparência da luz correspondente. Numa palavra, ele toma toda espécie de formas, se assemelha a tudo, a fim de submeter os homens com imitações e fazê-los perder-se com pretextos falaciosos. Está escrito: “Derrubaremos os raiocínios e toda altura que se ergue contra o conhecimento de Deus¹⁰⁰²”. Veja até que ponto estende sua audácia aquele que se vangloria, quando pretende derrubar até a quem, por seu conhecimento da verdade, traz em si o divino. Assim, cada qual deve, com toda atenção, guardar seu próprio coração, pedir a Deus muita penetração, a fim de que seja possível perceber as intrigas do mal. Mas convém igualmente modelarmos continuamente o intelecto e os pensamentos, exercitá-los em compreender, e também nos colocarmos sob a vontade de Deus. Pois não existe obra maior nem mais preciosa do que esta. Com efeito, foi dito: “Sua obra é ação de graça e esplendor¹⁰⁰³”.

123. Mesmo praticando ao máximo todas as virtudes, a alma que ama a Deus costuma não imputar nada a si mesma, mas relacionar tudo a Deus. Por sua vez, Deus, atento à saúde e à retidão do intelecto e do conhecimento desta alma, lhe atribui tudo. Como é ela

que se esforça e faz todo o trabalho, ele lhe concede em troca as recompensas, mesmo que no homem não se encontre nada de verdadeiramente justo quando ele vier a nós em sua glória no dia do Juízo. Por que tudo o que o homem possui, todos estes bens aparentes por meio dos quais ele pode fazer o bem, a terra e tudo o que nela existe, o corpo e a própria alma, tudo isto pertence a Deus. Até a existência o homem a recebe por uma graça. O que resta a ele de seu, de que ele possa razoavelmente se vangloriar ou se justificar? E, no entanto, Deus recebe dos homens esta graça imensa, que lhe agrada mais do que tudo o que possamos lhe oferecer: que a alma que conhece bem como funcionam os seres reporte apenas a Deus tudo o que ela possa fazer de bom, todo o esforço feito por ele, tudo o que ela compreende, tudo o que ela conhece, atribuindo tudo somente a ele.

124. Quando uma mulher desposa um homem para viver em comunhão com ele, tudo o que pertence aos dois se torna comum. Eles passam a ter uma mesma casa, os mesmos bens, os mesmos meios de existência. A mulher pode dispor não apenas dos bens do marido, mas também de seu corpo. Pois o esposo, como diz o Apóstolo divino, não tem autoridade sobre seu próprio corpo, que pertence à sua esposa¹⁰⁰⁴. O mesmo acontece com a verdadeira e misteriosa união da alma com Cristo: a alma se torna com ele um só Espírito¹⁰⁰⁵. E por que se torna sua esposa, segue-se que se torna também senhora de seus tesouros inefáveis. Uma vez que Deus se deu a ela, é claro que tudo o que é dele é dela, seja o mundo, seja a vida, seja a morte, ou os anjos, as dominações, o passado e o futuro¹⁰⁰⁶.

¹⁰⁰¹ Cf. II *Coríntios* 11: 14.

¹⁰⁰² II *Coríntios* 10: 5.

¹⁰⁰³ *Salmo* 110 (111): 3.

¹⁰⁰⁴ Cf. I *Coríntios* 7: 4.

¹⁰⁰⁵ Cf. I *Coríntios* 6: 17.

¹⁰⁰⁶ Cf. *Romanos* 8: 38.

125. Enquanto Israel buscou agradar ao Mestre, embora nunca o tenha feito como devido, mas em todo caso enquanto pareceu dedicar-lhe uma fé quase sã, uma coluna de fogo se colocou à sua frente¹⁰⁰⁷, o mar se retirou diante de si¹⁰⁰⁸, e ele desfrutou de maravilhas sem conta. Mas quando se afastou da boa disposição para com Deus, foi entregue aos inimigos e submetido à escravidão mais amarga. Eu lhe suplico, considere que o mesmo acontece com sua alma. Por meio da graça ela conheceu a Deus, logo foi purificada de muitas manchas e depois foi considerada digna de receber os dons. Mas se ela não guardou a benevolência que deveria ter até o final pelo Esposo celeste, ela decairá da vida da qual tomou parte. Com efeito, é possível ao adversário sequestrar por meio do orgulho até os que alcançaram tais medidas. Por isso é preciso combater com todas as forças e tomar cuidado com a própria vida com temor e tremor¹⁰⁰⁹, sobretudo aqueles a quem foi concedido participar do Espírito de Cristo: que nada façam com negligência, de pequeno ou grande, para não afligir com isto o Espírito do Senhor¹⁰¹⁰. Com efeito, assim como existe alegria no céu, como diz a Verdade, por um só pecador que se arrepende¹⁰¹¹, existe tristeza por uma única alma que decai da vida eterna.

126. Quando uma alma é considerada digna da graça, Deus lhe concede aquilo que lhe será mais útil: o conhecimento, a inteligência e o discernimento. Tudo isto Deus concede se ela lhe pedir, para servi-lo e para agradá-lo, o Espírito que ela foi considerada digna de receber, sem se deixar perder pelo vício, sem se deixar enganar pela ignorância, sem se deixar desviar pela negligência e por uma vida

¹⁰⁰⁷ Cf. Êxodo 13: 21.

¹⁰⁰⁸ Cf. Êxodo 14: 21.

¹⁰⁰⁹ Cf. Filipenses 2: 12.

¹⁰¹⁰ Cf. Efésios 4: 30.

¹⁰¹¹ Cf. Lucas 15: 7.

estranha ao temor a Deus, e sem fazer nada que seja contra a vontade do Mestre.

127. Assim como a energia das paixões, ou seja, o espírito do mundo, o espírito do erro, das trevas, do pecado, vem habitar no homem que está imbuído do sentimento da carne, também a energia e o poder do Espírito luminoso vem habitar no homem santificado, segundo aquele que disse: “Se vocês buscarem uma prova de que Cristo fala em mim¹⁰¹²”, e também: “Já não sou eu quem vive, mas Cristo que vive em mim¹⁰¹³”, e ainda: “Vocês que foram batizados em Cristo, de Cristo se revestiram¹⁰¹⁴”. E o Senhor: “Nós viremos, eu e meu Pai, e nele faremos nossa morada¹⁰¹⁵”. Não é nem em segredo, nem sem revelar sua energia, mas em potência e verdade, que estas palavras são cumpridas nos que são considerados dignos. Com efeito, primeiro a lei converteu os homens por uma palavra sem realidade, impondo a eles um jugo pesado e difícil de carregar, sem lhes prestar nenhum socorro: é por que esta lei não era capaz de liberar o poder do Espírito. Está escrito: “Aquilo que era impossível à lei, por que a carne lhe retirava toda a força¹⁰¹⁶”, etc. Mas depois da vinda de Cristo, a porta se abriu para os que creram em verdade, e o poder de Deus e a energia do Espírito lhes foram concedidos.

128. Desde quando Cristo enviou aos discípulos divinos o dom da bondade primeira e natural, o dom do Espírito Santo¹⁰¹⁷, a partir daí o poder de Deus, recobrindo com sua sombra todos os que creram e habitando assim em suas almas, curou as paixões do pecado e

¹⁰¹² II Coríntios 13: 3.

¹⁰¹³ Gálatas 2: 20.

¹⁰¹⁴ Gálatas 3: 27.

¹⁰¹⁵ João 14: 23.

¹⁰¹⁶ Romanos 8: 3.

¹⁰¹⁷ Cf. Atos 2: 3.

libertou os homens das trevas e da morte. Até então a alma estava morta, havia sido aprisionada e retida pela escuridão do pecado. Ainda agora, a alma que ainda não foi considerada digna de habitar com o Senhor e com o poder do Espírito bom que vem com suas energias morar com ela em toda sua força e toda sua plenitude, está ainda no seio das trevas. Mas naqueles a quem a graça do divino Espírito visitou para permanecer no mais profundo de seu intelecto, o Senhor se encontra daí em diante como se fosse sua própria alma. “Quem se une ao Senhor, disse o Apóstolo divino, fará com ele um só Espírito¹⁰¹⁸”. E o próprio Senhor disse: “Como eu e você somos um, que todos também sejam um¹⁰¹⁹”. Oh, quanto benevolência e bondade pode experimentar a natureza humana tão humilhada pelo mal! Pois a alma presa ao fardo das paixões, que era como que uma só coisa com este, embora tendo vontade própria, não podia fazer o que lhe aprouvesse. É o que disse Paulo: “O que eu quero não é o que eu faço¹⁰²⁰”. Com mais razão, quando o poder de Deus se une à alma santificada e que se tornou digna dele, a alma se torna uma com a vontade divina. Tal como a própria alma do Senhor em verdade, ela deixará espontaneamente que reine em si o poder do Espírito bom, e deixará de caminhar segundo sua própria vontade. Pois “quem nos separará do amor de Cristo¹⁰²¹”, ou seja, da alma unida ao Espírito Santo?

129. Portanto, aos que querem imitar a Cristo para serem também chamados de filhos de Deus, nascidos do Espírito, convém antes de tudo suportar corajosa e pacientemente as aflições que podem acontecer, as enfermidades do corpo ou as injúrias e os ultrajes dos homens, bem como os assaltos dos inimigos invisíveis. É por uma

economia de Deus que as provas das diferentes aflições são concedidas às almas, a fim de que dentre elas sejam iluminadas as que verdadeiramente amam o Senhor. É o que em todos os tempos provaram os Patriarcas, os Profetas, os Apóstolos e os Mártires: eles não fizeram outra coisa do que passar pelo caminho estreito das tentações e das aflições, assim agradando a Deus. “Meu filho, diz a Escritura, se você pretende servir ao Senhor, prepare sua alma para a prova, torne reto seu coração e seja paciente¹⁰²²”. E em outra parte ela afirma que se deve receber como um bem tudo o que nos acontece, sabendo que nada se faz sem Deus. A alma que pretende agradar a Deus deve se ligar antes de tudo à paciência e à esperança. Pois o mal só possui um único recurso: fazer penetrar em nós a acídia nos tempos de aflição, a fim de nos cortar a esperança no Senhor. Jamais permitiu Deus que a alma que nele espera¹⁰²³ tenha sido oprimida pelas tentações a ponto de se desconsertar por completo. “Deus é fiel, disse o Apóstolo, ele não permitirá que vocês sejam tentados além de suas forças. Com as tentações, ele também fornecerá um meio de saída, para que vocês as possam suportar¹⁰²⁴”. O maligno não aflige a alma tanto quanto quer, mas na medida em que Deus o permite. Com efeito, se os homens sabem o peso que uma mula, um asno ou um camelo são capazes de carregar, eles colocarão em cada uma a carga que o animal pode suportar. Também o oleiro sabe muito bem quanto tempo deve deixar no fogo os vasos para que estes não se quebrem por aí permanecer demasiado, nem para que fiquem inutilizados por terem sido retirados antes que o cozimento tenha terminado. Se esta é a ciência do homem, quanto mais, e infinitamente, não saberá a ciência de Deus quanta tentação deverá suportar cada alma para se tornar provada e ser capaz de alcançar o Reino dos céus?

¹⁰¹⁸ I *Coríntios* 6: 17.

¹⁰¹⁹ *João* 17: 22.

¹⁰²⁰ *Romanos* 7: 15.

¹⁰²¹ *Romanos* 8: 35.

¹⁰²² *Eclesiastes* 2: 1-2.

¹⁰²³ Cf. II *Coríntios* 4: 8.

¹⁰²⁴ I *Coríntios* 10: 13.

130. Se a matéria do cânhamo não for quebrada longamente, não pode ser utilizada no trabalho das tramas mais delicadas. Quanto mais quebrada e cardada ela for, mais se torna pura e mais facilmente pode ser utilizada. Da mesma forma, o vaso moldado mas ainda não exposto ao fogo não pode ser utilizado pelo homem. O mesmo acontece com a criança: ela ainda não tem experiência das obras do mundo, é incapaz de construir, plantar, semear ou concluir com sucesso qualquer das tarefas do mundo. O mesmo acontece com as almas. Embora participem da graça divina e estejam cheias da doçura e do repouso do Espírito pela benevolência do Senhor devido ao seu estado de infância, ainda lhes falta a experiência, ainda não foram testadas pelos diferentes tormentos que os espíritos do mal infligem, ainda estão como que na infância e por assim dizer não são capazes de alcançar o Reino dos céus. Pois “se fossem forem isentos da correção da qual todos participam, disse o Apóstolo divino, vocês serão bastardos e não filhos¹⁰²⁵”. Assim é que o homem recebe para seu benefício as tentações e aflições, que tornam sua alma mais experiente e sólida. E, se perseverarmos até o fim esperando no Senhor, será impossível que tal esperança fique de lado na promessa do Espírito e na libertação das paixões do mal.

131. Os mártires enfrentaram inúmeros tormentos e perseveraram até a morte, e foram dignos das coroas e da glória. Quanto mais duros e numerosos seus sofrimentos, maiores eram sua glória e sua certeza diante de Deus. Do mesmo modo, quando as almas são atiradas a diferentes aflições, sejam estas provocadas pelos homens na ordem visível, ou que venham de pensamentos deslocados na ordem do intelecto, ou que nasçam de enfermidades do corpo, elas receberão as mesmas coroas e a mesma garantia dos mártires, caso mantenham a paciência até o fim. Pois o martírio que aqueles sofreram por causa

¹⁰²⁵ *Hebreus* 12: 8.

dos homens, os ascetas sofrem por causa dos espíritos do mal que agem por intermédio destes mesmos homens. E quanto mais numerosos forem os sofrimentos que lhes inflija o inimigo, maior será a glória que receberão de Deus, não apenas no século futuro, mas desde já, aqui em baixo, onde serão considerados dignos da consolação do Espírito bom.

132. É sabido que o caminho que conduz à vida do alto é muito estreito e fechado, e é por isso que são pouco numerosos os que o seguem. Ora, em vista da esperança que se fundamenta nos céus é preciso suportar firmemente todas as provações do maligno. De fato, quaisquer que sejam as aflições que tenhamos que sofrer, que poderemos oferecer que corresponda à promessa do século futuro, ou à consolação com que aqui em baixo o Espírito bom cumula nossas almas, ou à libertação das trevas das paixões do mal, ou à multidão de dívidas nas quais incorremos por nossos pecados? Com efeito, foi dito: “Os sofrimentos do tempo presente não são comparáveis à glória que deverá se manifestar em nós¹⁰²⁶”. Devemos então, como se diz, a tudo suportar pelo Senhor, como nobres combatentes prestes a morrer por nosso Rei. Por que, com efeito, quando estávamos ligados ao mundo e às coisas desta vida, caímos nós em tantas penas, e agora, depois que viemos servir a Deus, ainda temos que suportar tantas tentações? Mas você não percebe que é por Cristo que somos afligidos? Pois o adversário inveja a recompensa dos bens que esperamos, ele quer colocar a preguiça e o desleixo em nossas almas para que não sejamos considerados dignos destes bens que merecemos por termos vencido como agrada a Deus. Então o maligno se arma contra nós na mesma medida em que resistimos corajosamente aos seus ataques. Mas todas as armadilhas que ele nos coloca são desarmadas com a ajuda de Cristo. Pois temos em Jesus nosso protetor e defensor. Lembremo-nos de que foi assim

¹⁰²⁶ *Romanos* 8: 18.

mesma que ele próprio atravessou este século: ultrajado, perseguido, ridicularizado e finalmente assassinado por uma morte desonrosa sobre a cruz¹⁰²⁷.

133. Se quisermos suportar facilmente toda a aflição e as provas, queiramos morrer por Cristo, tenhamos continuamente esta morte diante de nossos olhos. Com efeito, recebemos esta ordem de segui-lo tomando nossa cruz¹⁰²⁸, ou seja, estando prontos e resolvidos a morrer. Se estivermos assim dispostos, como se diz, suportaremos com facilidade toda aflição, secreta ou visível. De fato, para quem deseja morrer por Cristo¹⁰²⁹, que mal haverá em suportar algumas penas e aflições? Ao contrário, para quem não deseja morrer por Cristo, para os que não ligam continuamente seus pensamentos a Cristo, as aflições são sempre pesadas. Mas quem deseja ser herdeiro de Cristo, que deseje igualmente imitar seus sofrimentos. Desta forma, os que dizem amar ao Senhor serão reconhecidos assim: pela esperança que depositam nele, carregam todas as aflições não apenas com coragem, mas ardentemente.

134. Quem avança na direção de Cristo deve antes violentar-se para atingir o bem, mesmo que seu coração não o queira. Pois “o Reino de Deus é tomado pela força, disse o Senhor que não mente, são os violentos que se apoderam dele¹⁰³⁰”. Ele disse também: “Esforcem-se para entrar pela porta estreita¹⁰³¹”. É preciso, como já foi dito, que, contra nossa própria vontade, forcemos um caminho para a virtude, que os que não possuem a caridade se esforcem por alcançá-la, que aqueles a quem falta mansidão se esforcem por adquiri-la,

que os que ainda não chegaram a este estado se esforcem por ter um coração compassivo e cheio de amor pelo homem, por suportar a desonra e a indiferença, por se manter firme sob a pecha do desprezo, enfim, que os que ainda não trazem em si a oração do Espírito se esforcem por recebê-la. Se Deus nos faz lutar assim e nos obriga a violentar-nos para alcançar o bem, ainda que nosso coração se oponha, ele nos concede a oração verdadeira, um coração compassivo, a paciência, a longanimidade, numa palavra, ele nos cumula de todos os frutos do Espírito¹⁰³². E se um homem a quem faltam também as demais virtudes se violenta para atingir, por exemplo, apenas a oração a ponto de receber não só o carisma da oração, mas ainda o da mansidão, da humildade, do amor, e mais toda a nobre raça das virtudes e até a certeza da fé e a confiança em Cristo, fora de toda negligência e de todo desleixo, este homem poderá receber também o Espírito bom, segundo seu pedido, e parcialmente, na alegria e no repouso, a prece fecundada pela graça. Mas ele permanecerá privado dos demais bens, por que não se violentou para adquiri-los também, como foi dito, e por que não os pediu a Cristo. Pois, ainda que ele não queira, precisará não somente forçar um caminho para os bens de que falamos, pedindo a Deus que lhe seja concedido recebê-los, mas ainda considerar indignas de serem pronunciadas palavras inúteis e ociosas. Ele deverá ter sempre na boca e no coração as palavras de Deus e renunciar, por outro lado, a se encolerizar e gritar. De fato, foi dito: “Que todo azedume, toda cólera e toda gritaria seja banida de entre vocês¹⁰³³”. Ele deverá se esforçar para não medir ninguém, não julgar, não se orgulhar¹⁰³⁴, a fim de que o Senhor, vendo assim este homem prender a si mesmo e se violentar, lhe permita cumprir sem esforço e facilmente aquilo que antes, mesmo como todo seu esforço, não lhe era possível obter, por

¹⁰²⁷ Cf. *Hebreus* 2: 10.

¹⁰²⁸ Cf. *Mateus* 16: 24.

¹⁰²⁹ Cf. *Filipenses* 1: 23.

¹⁰³⁰ *Mateus* 11: 12.

¹⁰³¹ *Lucas* 13: 24.

¹⁰³² Cf. *Gálatas* 5: 22.

¹⁰³³ *Efésios* 4: 31.

¹⁰³⁴ Cf. *I Coríntios* 4: 6.

causa da malícia que nele habitava. Toda esta prática da virtude se tornará para ele como que uma natureza. Pois daí em diante, conforme a promessa, o Senhor virá e habitará nele¹⁰³⁵, e ele no Senhor, que nele fará cumprir os mandamentos com a maior facilidade.

135. Aquele que se violenta apenas para alcançar a oração, como foi mostrado no capítulo anterior, mas que não se dedica nem se força para alcançar a humildade, o amor, a mansidão e as demais virtudes, fica reduzido a este extremo: às vezes a graça divina o visita enquanto ora. Pois Deus, em sua bondade, ama tanto o homem que ele concede aos que oram aquilo que pedem. Mas se este homem não está nem acostumado nem exercitado nas virtudes de que falamos, ou bem ele decai da graça recebida, se orgulha e tomba, ou se detém sem progredir nem crescer nesta graça. Pois a moradia e o repouso do Espírito bom são, ao que parece, a humildade, o amor, a mansidão e os demais santos mandamentos de Cristo. Portanto, quem quiser, por meio destes mandamentos, progredir em crescimento e perfeição, deve trazer em si antes de tudo o primeiro de todos, e que se esforce por amar, como foi dito, e que se dedique a tornar compassivo e dócil a Deus seu coração propenso à discussão e à disputa. Pois naquele que começou a se violentar, que de certa forma aprisionou toda resistência da alma, que, por um bom hábito, se fez obediente a Deus, que implora e pede em tal estado de alma, cresce e floresce o carisma da oração dada pelo Espírito, carisma que repousa na moderação dos sentimentos: aquilo que o homem buscava, além do amor e da afetuosa mansidão. Então o Espírito lhe concede também estas coisas e lhe ensina a verdadeira humildade, o amor verdadeiro e a doçura: é o que ele buscava ao se violentar. Assim crescendo até a perfeição exigida pelo Senhor, ele se mostra digno do Reino. Pois o humilde não tomba jamais. Onde cairá ele,

que está abaixo de todos, ao menos na medida em que isto depende dele? Assim é que o orgulho é um grande rebaixamento, e, ao contrário, a humildade é uma grande elevação e uma honra certa.

136. Aqueles que amaram a Deus verdadeiramente não se decidiram a servi-lo com vistas ao Reino, como se procurassem fazer disto um mercado ou um benefício próprio, nem para escapar do castigo reservado aos pecadores. Eles o amaram como o único Deus e como seu próprio Criador. Consequentemente, eles reconheceram que o servidor deve agradar ao Mestre que o criou. E deram prova de grande discernimento diante do que lhes aconteceu. Pois o desejo de agradar a Deus logo encontra muitos obstáculos, que não se resumem à indigência e ao descrédito, mas incluem ainda a riqueza e as horarias que constituem tentações para a alma. Num certo sentido, mesmo a consolação e o reconforto que a alma recebe da graça podem facilmente se transformar em prova e impedimento, se a alma que foi considerada digna não os percebe ou os utiliza sem medida e discernimento. Pois o mal, sob o disfarce desta graça, se empenha em relaxar a tensão dentro desta alma, e a fazê-la cair na preguiça e na negligência. É por isso que a própria graça precisa, para se comunicar, de uma alma piedosa e perspicaz que saiba honrá-la e trazer em si frutos dignos dela. Portanto, não são apenas as aflições, mas também o reconforto, que pode se transformar em provação para a alma. Pois por intermédio de uns e de outros as almas são testadas pelo Criador, a fim de que dentre elas se manifestem claramente aquelas que não o amam apenas para obter um benefício, mas que o consideram como o único digno de afeto e honra verdadeiramente grandes. Assim é que, para quem é negligente, para quem não tem fé, que pensa ainda como uma criança, as circunstâncias tristes e penosas, como a doença, a indigência, o descrédito, ou, ao contrário, a riqueza, a glória, o elogio dos homens, tudo isto constitui um obstáculo à vida eterna, além da guerra oculta

¹⁰³⁵ Cf. *João* 15: 5.

que o maligno faz contra nós. Inversamente, você verá que estas mesmas circunstâncias auxiliam o homem fiel, perspicaz e nobre, a alcançar o Reino de Deus. “Para os que amam a Deus, segundo o Apóstolo divino, tudo concorre para o bem¹⁰³⁶”. Prova-se assim que o homem que verdadeiramente ama a Deus, que rompeu, venceu e superou tudo o que é considerado obstáculo no mundo, se liga unicamente ao amor divino. “As armadilhas dos pecadores me cercaram, disse o Profeta, mas eu não esqueci a sua lei¹⁰³⁷”.

137. O divino apóstolo Paulo mostrou com precisão e clareza a todas as almas crentes que o mistério perfeito do cristianismo consiste em alcançar a experiência da energia divina, ou seja, a irradiação da luz celeste na revelação e no poder do Espírito. Assim não corremos o risco de, por ignorância ou negligência, deixar de lado o mistério perfeito da graça, considerando que tal iluminação do Espírito não provém senão de um conhecimento dos pensamentos. É por isso que Paulo também reportou o exemplo da glória do Espírito envolvendo o rosto de Moisés, a fim de expor o conhecimento em acordo com o mistério. Assim, disse ele: “Se o ministério da morte, gravado em letras sobre tábuas de pedra, foi glorioso a ponto de os filhos de Israel não poderem mirar o rosto de Moisés por causa da glória – passageira, é verdade – de sua face, quão maior não será a glória do ministério do Espírito? E se o ministério da condenação foi uma glória, quanto mais não abundará em glória o ministério da justiça? Assim, o que antes foi glória já não o é mais, por causa desta nova glória muito superior. Pois, se o que passa foi glória, quanto mais será aquilo que permanece¹⁰³⁸”. Ele disse “o que passa”, por que a glória da luz envolvia o corpo mortal de Moisés. Mas ele acrescenta:

¹⁰³⁶ Romanos 8: 28.

¹⁰³⁷ Salmo 118 (119): 61.

¹⁰³⁸ II Coríntios 3: 8-11.

“Tendo assim tal esperança, dispomos de uma grande liberdade¹⁰³⁹”, e mais adiante ele demonstra que esta glória indissolúvel, incorruptível, reveladora do Espírito, brilha agora para aqueles que dela são dignos, eterna e indefectivelmente, no ser imortal do homem interior. É por isso que ele diz: “Todos nós – ou seja, nós que, por uma fé perfeita, nascemos do Espírito – que, com o rosto sem véu, refletimos a glória do Senhor, somos transfigurados na mesma imagem, de glória em glória, como pelo Senhor, o Espírito¹⁰⁴⁰”. O rosto sem véu é evidentemente o rosto da alma. E: “Quando nos voltamos para o Senhor, o véu é retirado. Ora, o Senhor é o Espírito¹⁰⁴¹”. Com isto ele mostra claramente que um véu de trevas foi jogado sobre a alma. É o véu que, depois da transgressão de Adão, recebeu o poder de penetrar na humanidade. Mas agora, depois que resplandeceu o Espírito, acreditamos que este véu foi retirado das almas fiéis e verdadeiramente dignas. É por esta razão que aconteceu a vinda de Cristo. Quis Deus que aqueles que creem em verdade alcancem tais medidas de santidade.

138. Este flamejamento do Espírito não é somente uma revelação dos pensamentos e uma iluminação da graça, como foi dito, mas uma irradiação certa e contínua da luz hipostática nas almas. “Pois aquele que disse: a luz brilhará do seio das trevas, [a mesma luz] brilhou em nossos corações para iluminá-los com o conhecimento e a glória de Cristo¹⁰⁴²”. E: “Ilumine meus olhos, para que eu não adormeça no sono da morte¹⁰⁴³”, ou seja, para que a alma não seja entenebrecida pelo véu da morte da malícia, quando se dissolver a carne. Igualmente: “Abre ainda meus olhos, e eu contemplarei as

¹⁰³⁹ II Coríntios 3: 12.

¹⁰⁴⁰ II Coríntios 3: 18.

¹⁰⁴¹ II Coríntios 3: 16-17.

¹⁰⁴² II Coríntios 4: 6.

¹⁰⁴³ Salmo 12 (13): 4.

maravilhas de sua lei¹⁰⁴⁴”. E: “Envie a luz e sua verdade. Elas me conduzirão e me levarão até a montanha santa e às suas moradas¹⁰⁴⁵”. E também: “A luz de sua face se imprimiu em nós, Senhor¹⁰⁴⁶”. Estes versos, e muitos outros, conduzem todos ao mesmo fim.

139. A luz que brilhou sobre o caminho diante do bem-aventurado Paulo¹⁰⁴⁷, esta luz por meio da qual ele foi elevado ao terceiro céu e esteve diante de mistérios inefáveis¹⁰⁴⁸, não era uma iluminação dos pensamentos e do conhecimento, mas uma resplandência dentro da alma do poder pessoal do Espírito bom¹⁰⁴⁹. Os olhos da carne, incapazes de suportar a superabundância de tamanho esplendor, ficaram cegos¹⁰⁵⁰. É por meio desta luz que todo conhecimento é revelado, e que Deus se dá a conhecer em verdade à alma que é digna e bem-amada.

140. Toda alma que, por seu próprio esforço e sua fé, foi considerada digna de se revestir perfeitamente de Cristo desde aqui de baixo na potência e na plenitude da graça e que se uniu à luz celeste da imagem incorruptível, está desde já pessoalmente iniciada¹⁰⁵¹ no conhecimento de todos os mistérios do céu. E no dia da ressurreição, seu corpo glorificado com esta imagem celeste da glória¹⁰⁵², elevado

¹⁰⁴⁴ *Salmo* 118 (119): 18.

¹⁰⁴⁵ *Salmo* 42 (43): 3.

¹⁰⁴⁶ *Salmo* 4: 7.

¹⁰⁴⁷ Cf. *Atos* 9: 3.

¹⁰⁴⁸ Cf. *II Coríntios* 12: 14.

¹⁰⁴⁹ Ou: “uma resplandência do poder do Espírito bom na substância da alma”, conforme o sentido dado ao termo *hipóstase* e segundo a atribuição deste termo ao Espírito Santo ou à alma humana.

¹⁰⁵⁰ Cf. *Atos* 9: 8.

¹⁰⁵¹ Ou: “iniciada em seu ser profundo”.

¹⁰⁵² Cf. *Romanos* 8: 17.

aos céus pelo Espírito, conforme está escrito¹⁰⁵³, e tornado digno de ser conforme o corpo de sua glória¹⁰⁵⁴, terá também o Reino eterno que durará para sempre e que será o quinhão de Cristo.

141. Na mesma medida em que um homem, por seu próprio esforço e pela fé, comungar da glória celeste e do Espírito Santo e tiver adornado sua alma de boas obras, nesta medida naquele dia seu corpo também será digno de ser glorificado. Por que aquilo que até então foi guardado no interior, como um tesouro, sairá para o exterior. Acontece aqui o mesmo que sucede aos frutos das árvores: penetrando no interior durante o inverno, ele saem para fora na primavera. Entre os santos, a imagem do Espírito, esta imagem semelhante a Deus, que desde agora está como que impressa no seu interior, tornará igualmente semelhante a Deus e celeste o corpo exterior. Mas entre os impuros e os pecadores, o véu opaco do espírito do mundo envolverá a alma, tornando tenebroso e disforme o intelecto pelo peso das paixões: também o corpo se revelará então, exteriormente, tenebroso e coberto de vergonha.

142. Quando, depois da transgressão de Adão, a bondade de Deus se decidiu por sua morte¹⁰⁵⁵, a coisa aconteceu primeiro na alma, nos sentidos imortais, estes sentidos penetrados pelo intelecto, que se extinguíram nele pela privação da alegria celeste e espiritual e se tornaram como mortos; depois veio a morte do corpo, após novecentos e trinta anos¹⁰⁵⁶. Também agora, depois de se haver reconciliado com a humanidade pela cruz e a morte do Salvador, Deus restabeleceu na alegria das luzes e dos mistérios do céu a alma que acreditou em verdade, mesmo estando ela ainda na carne, e, pela

¹⁰⁵³ Cf. *Tessalonicenses* 4: 17.

¹⁰⁵⁴ Cf. *Filipenses* 3: 21.

¹⁰⁵⁵ Cf. *Gênesis* 3: 19.

¹⁰⁵⁶ Cf. *Gênesis* 5: 5.

luz divina da graça ele tornou novamente clarividentes os sentidos penetrados pelo intelecto; e a seguir ele revestirá também de glória imortal e incorruptível o próprio corpo.

143. Os que se afastaram deste mundo e levam uma vida nobre no amor pela virtude, mas que ainda estão sob o véu das paixões, ao qual fomos todos condenados pela transgressão do primeiro homem, vale dizer, o cuidado da carne – chamado pelo Apóstolo de “morte”, quando ele disse: “O cuidado com a carne é a morte¹⁰⁵⁷” – estes homens são como alguém que caminha à noite à luz das estrelas, que são os santos mandamentos de Deus. Eles ainda não estão totalmente desembaraçados das trevas. É impossível a eles discernir todas as coisas. Convém, portanto, que, dedicando-se à virtude, se esforçando e com muita fé, chamem por Cristo, o Sol de justiça, para que este brilhe em seus corações, a fim de que possam ver tudo com precisão: a agressão das feras inteligíveis contra nós, que varia e toma todas as formas, e as belezas do mundo incorruptível, cujo aspecto é impossível descrever e cuja alegria impossível expressar. Tudo isto então se tornará para eles visível e manifesto, como aos que atingirão o cume das virtudes, e como àqueles cuja luz intelectual, com toda sua energia, iluminou o coração. Pois o alimento sólido, como disse o bem-aventurado Paulo, é para os perfeitos que, por hábito, possuem os sentidos exercitados no discernimento do bem e do mal¹⁰⁵⁸. E o divino Pedro disse: “Também vocês dispõem da palavra profética à qual fazem bem em prestar atenção como a uma lâmpada que brilha num lugar escuro, até que o dia comece a nascer e a estrela da manhã se levante em seus corações¹⁰⁵⁹”. Ora, a maior parte não difere em nada dos que caminham na noite sem o auxílio de uma luz e sem dispor da menor claridade (ou seja, da palavra

divina que pode brilhar em nossas almas). Estes homens não estão longe de se assemelhar a cegos: eles estão inteiramente presos na trama dos afazeres materiais e nos laços desta vida. Eles não se mantêm no temor a Deus nem seguem nenhuma das boas obras. Mas aqueles que, dentre os homens do mundo, como foi dito, se iluminam com a luz dos santos mandamentos, como com a luz das estrelas, atentos à fé e ao temor Deus, estes não estão totalmente mergulhados nas trevas, e ainda podem ter uma esperança de salvação.

144. Eu afirmo, os homens adquirem a riqueza no mundo por diferentes meios e diferentes práticas. Um é rico por que possui o cargo de governador; outro, por que faz comércio; outro, por que trabalha com suas mãos e cultiva a terra; e outros, por outras vias. Considere, eu lhe peço, que a mesma ordem vale para os bens espirituais. Uns os adquirem por diversos carismas, como mostra a frase do Apóstolo: “Nós possuímos carismas diferentes, segundo nos conferiu a graça de Deus¹⁰⁶⁰”. Outros, por diferentes ascetes, diferentes ações justas e diferentes virtudes praticadas por amor ao Deus único, recolhem em si a riqueza do céu. Por isso lhes é proibido julgar o próximo, desprezá-lo ou condená-lo. E não são menos reconhecíveis os que buscam ouro na terra, vale dizer, os que correm com longanimidade e paciência e se enriquecem em parte, com grande regozijo, pela boa esperança. Igualmente reconhecíveis são os que, como mercenários, tolos e embrutecidos, devoram logo tudo o que recebem, não permitindo crescer com paciência aquilo que têm em mãos. Os vemos sempre nus e indigentes. Com efeito, estão sempre prontos e ardentes para receber a graça, mas são negligentes e desleixados quando é necessário agir para adquiri-la. Eles são inconstantes e se cansam quando postos a trabalhar, e a graça que receberam logo lhes é tirada. Pois a vontade negligente,

¹⁰⁵⁷ Romanos 8: 6.

¹⁰⁵⁸ Cf. Hebreus 5: 14.

¹⁰⁵⁹ II Pedro 1: 19.

¹⁰⁶⁰ Romanos 12: 6.

preguiçosa, fraca e desleixada, que não se conforma à graça e é desprovida de boas obras, que é sempre reprovada por Deus e desacreditada, é reconhecível desde já, e ficará a descoberto no século futuro.

145. Quando o homem transgrediu o mandamento de Deus e decaiu da vida que levava no Paraíso, logo foi preso a duas cadeias. Uma é a dos afazeres desta vida e dos prazeres da carne: a riqueza, a glória, a amizade, a mulher, as crianças, os parentes, a pátria, as posses, numa palavra, estas coisas visíveis das quais a palavra de Deus mandou que nos separássemos por nossa própria resolução. A outra é invisível e oculta. Com efeito, a alma foi amarrada pelos próprios espíritos do mal aos laços das trevas. Desta forma não lhe é possível amar a Deus, nem crer, nem orar como gostaria. Pois, nas coisas visíveis como nas ocultas, tudo se opõe a nós e nos persegue desde a transgressão do primeiro homem. Assim, quando alguém, dando ouvidos dóceis à palavra de Deus, se separa das coisas desta vida, se separará também de todos os prazeres da carne. Então, consagrando-se ao Deus e vivendo com ele, ele receberá a força para aprender que no secreto do coração está escondido um outro combate, outra guerra: a dos pensamentos. Assim perseverando e orando ao Cristo compassivo, desde que este lhe envie uma grande fé unida à paciência, e que o ligue ao socorro de Deus, ele poderá se libertar destes laços e destes entraves interiores e das trevas dos espíritos do mal, que são as energias das paixões secretas. Nós somos capazes de deter esta guerra pela graça e o poder de Cristo. Mas sem o socorro de Deus, por nós mesmos, é impossível nos libertarmos e nos livrarmos da luta contra os pensamentos. Somente nos é possível nos opor ao mal e não nos comprazermos nele.

146. Se alguém se vê retido pelos afazeres deste mundo e pelos laços de todo tipo, se se deixa desviar pelas paixões do mal, é muito

necessário, como já dissemos, que ele saiba que existe outro combate e outra guerra que se passam em segredo. Pois é bom que, desembaraçando-nos de todo o visível e nos afastando dos prazeres da carne para começar a nos consagrarmos a Deus, possamos conhecer o combate interior das paixões e discernir a guerra secreta que existe em nós. Se não agirmos assim com toda nossa alma, se não colocarmos todo nosso amor em nos consagrarmos a Deus, não saberemos reconhecer estas paixões secretas do mal e as ligações interiores. Enquanto somos feridos e permitimos que em nós queimem as paixões secretas, nos arriscamos a acreditar que estamos com boa saúde e não doentes. Ao contrário, a quem despreza a concupiscência e a vanglória, torna-se logo possível reconhecer estas paixões e combatê-las, desde que chame por Cristo com fé, que receba do céu as armas espirituais, a couraça da justiça, o capacete da salvação, o escudo da fé e a espada do Espírito¹⁰⁶¹.

147. O adversário, que se empenha em nos cortar de nossa esperança e de nosso amor em Cristo, inventa milhares de armadilhas. Por meio dos espíritos do mal ele traz à alma grandes aflições. Desenterrando a lembrança de antigos pecados, ele suscita na alma pensamentos sujos e desregrados. Pois ele quer fazê-la cair no desleixo mandando-lhe pensamentos de desespero, persuadindo-a de que é impossível alcançar a salvação. E quando é a própria alma que engendra estes pensamentos, e não um espírito estrangeiro que nelas os semeia maldosamente ao mesmo tempo em que permanece oculto, ou bem o adversário a leva ao desespero, ou bem suscita as penas do corpo, ou ainda projeta os ultrajes e as aflições que vêm dos homens. Mas, quanto mais o maligno atira sobre nós suas flechas envenenadas¹⁰⁶², mais devemos nos agarrar à esperança que temos em Deus, sabendo exatamente que esta é a sua vontade:

¹⁰⁶¹ Cf. *Efésios* 6: 14-17.

¹⁰⁶² Cf. *Efésios* 6: 16.

colocar à prova as almas presas de amor por ele, para que se revele se estas o amam verdadeiramente.

148. Mil anos deste mundo, comparados com a eternidade do mundo incorruptível, são como um grão de areia no mar. Eu lhe peço que considere o seguinte: suponha que você possa se tornar o único rei sobre a terra, que você seja o único mestre de todos os tesouros do mundo inteiro. Digamos que o começo da vinda dos homens ao ser seja para você o começo do seu reinado, e que o limite deste seja a transformação e a renovação de todas as coisas visíveis e do mundo inteiro. E então? Se lhe for dada escolha, você trocaria por este o Reino verdadeiro e certo que não tem em si absolutamente nada que passe e se dissolva? Não, posso afirmar, se seu juízo for sã e se você for prudente em tudo o que lhe diz respeito. “Qual é o ganho para o homem, está escrito, se para ganhar o mundo inteiro ele perder sua alma?¹⁰⁶³”, esta alma que aprendemos que não pode ser trocada por nada? Pois somente esta alma – sem falar do Reino dos céus – é por si só mais preciosa do que o mundo inteiro e mais o reinado sobre este mundo. A alma, como dissemos, é mais preciosa por que: a nenhum dos outros seres criados Deus quis conceder a união e a comunhão com sua própria natureza, a do Espírito, nem ao céu, nem ao sol, nem à lua, nem às estrelas, nem ao mar, nem à terra, nem a qualquer outra criatura do mundo visível, mas unicamente ao homem, a quem ele ama mais do que tudo. Assim, se estas grandes coisas do mundo, a riqueza e o reinado sobre toda a terra, na retidão de nosso julgamento não as trocamos pelo Reino eterno, qual a loucura da maior parte dos homens que o estimam comparável às coisas vis e comuns, como uma mera concupiscência, uma bajulação, um proveito medíocre e coisas do gênero? É que na verdade aquilo que o homem ama neste século, aquilo a que está ligado, é isto que ele troca pelo Reino dos céus. E o pior é que ele

¹⁰⁶³ *Mateus* 16: 26.

considera que isto é Deus. Como já foi dito: “Cada qual é escravo daquilo que triunfou sobre ele¹⁰⁶⁴”. É preciso pois lançar-se inteiramente para Deus, agarrar-se a ele e crucificar a si mesmo de alma e corpo, caminhando sobre a via de seus santos mandamentos.

149. Pois bem, parece-lhe justo que esta glória corruptível, este reino efêmero e tantas outras coisas perecíveis do gênero, pertençam aos que buscam obtê-las com enormes esforços e suores, enquanto que reinar indefinidamente com Cristo e descobrir seus bens inexprimíveis seja um prêmio pequeno e fácil, que qualquer um que o queira possa alcançar sem esforço e sem fadiga?

150. Qual é a economia da vinda de Cristo? O retorno de nossa natureza a si mesma e sua restauração. Pois Cristo devolveu à natureza humana a dignidade de Adão, o primeiro homem. E além disto, ó graça verdadeiramente divina e grande, ele deu também a herança celeste do Espírito bom, fazendo-a sair da prisão das trevas. Ele mostrou o caminho e a porta da vida: a quem passou por esta porta, a quem bateu nesta porta, se tornou possível entrar no Reino. Foi dito, com efeito: “Peçam e lhes será dado; batam, e serão atendidos¹⁰⁶⁵”. Por esta porta pode entrar qualquer um que deseje encontrar a liberdade de sua alma e que queira que esta recupere seus próprios pensamentos, se enriqueça no habitar com Cristo e o tenha por esposo na comunhão do Espírito bom. Você vê aqui o amor inefável do Mestre pelo homem que foi por ele criado à sua imagem¹⁰⁶⁶!

¹⁰⁶⁴ *II Pedro* 2: 19.

¹⁰⁶⁵ *Mateus* 7: 7.

¹⁰⁶⁶ Cf. *Gênesis* 1: 27.